



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

ALINE DA SILVA MEDEIROS

OS REMÉDIOS, OS LIVROS E OS TEMPOS.

**Consumo de remédios e experiência do tempo entre o *Lunário Perpétuo* e o
Diccionario do Dr. Chernoviz.**

FORTALEZA

2015

ALINE DA SILVA MEDEIROS

OS REMÉDIOS, OS LIVROS E OS TEMPOS.

Consumo de remédios e experiência do tempo entre o *Lunário Perpétuo* e o
Diccionario do Dr. Chernoviz.

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em História Social, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará (UFC), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Régis
Lopes Ramos.

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- M438r Medeiros, Aline da Silva.
Os remédios, os livros e os tempos : consumo de remédios e experiência do tempo entre o Lunário perpétuo e o Dicionário do Dr. Chernoviz / Aline da Silva Medeiros. – 2015.
318 f. : il., enc. ; 30 cm.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza, 2015.
Área de Concentração: História social.
Orientação: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos.
- 1.Cortes,Jeronimo,fl.1600.Lunario e prognostico perpetuo para todos os reinos e provincias – Crítica e interpretação. 2.Chernoviz,Pedro Luíz Napoleão,1812-1881.Diccionario de medicina popular – Crítica e interpretação. 3.Medicamentos – Ceará – Séc. XIX. 4.Almanaques portugueses – Ceará – Séc. XIX. 5.Medicina primitiva – Ceará – Séc. XIX. 6.Medicina popular – Ceará – Séc. XIX. 7.Cura – Ceará – Séc. XIX. 8.Doenças – Ceará – Séc. XIX. I. Título.

ALINE DA SILVA MEDEIROS

OS REMÉDIOS, OS LIVROS E OS TEMPOS.

Consumo de remédios e experiência do tempo entre o *Lunário Perpétuo* e o
Diccionario do Dr. Chernoviz.

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em História Social, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará (UFC), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em História.

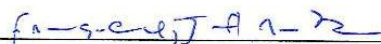
BANCA EXAMINADORA



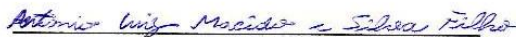
Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Prof.ª Dr.ª Denise Bernuzzi de Sant'Anna
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)



Prof. Dr. Francisco Carlos Jacinto Barbosa
Universidade Estadual do Ceará (UECE)



Prof. Dr. Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Prof.ª Dr.ª Kênia Sousa Rios
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

A Régis Lopes, porque nunca deu uma receita e nunca deixou de remediar.

À Kênia Rios, pelos remédios secretos.

A Antonio Luiz e Denise Sant'Anna, porque foram professores, leitores e leituras fundamentais.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História, em especial a Euripedes Funes, João Ernani Furtado Filho, Frederico de Castro Neves, Meize Lucas e Ana Rita Fonteles. À Luciana, um anjo!

À FUNCAP e à CAPES, pela concessão de bolsa de estudos no Brasil e na França.

Aos amigos de doutorado Ana Amélia, Paulo Cesar, Paula Virgínia, Ana Isabel, Ana Sara, Emy Falcão e os demais. Ao Elias, pela amizade franca e carinhosa.

Aos professores Patrice Bourdelais e Anne Rasmussen, pela acolhida na EHES.

A Rafael Mandressi, pelos diálogos cheios de bom humor sobre a *histoire de la médecine*.

A Maira, Jean-Baptiste, Anne, Jean-Pierre, Magno, Letícia, Sabrina, John, Leo, Igor; et Mattheus, parce que quand *le vent se lève, il faut tenter de vivre*.

À Caterina de Saboya, porque me receitou literatura quando cheguei aos 30.

À Afonsina Moreira, pelas coisas de *Coisinhas*.

Ao Kleiton de Moraes, porto mais que seguro, porque quando a memória dorme, o presente ri.

À Karuna de Paula, porque o futuro tem um coração antigo.

Ao Thiago Gomes Sales, no seja o que for.

À Carolina Mafra de Sá, que brilha mais do que milhões de sóis.

À Amora, porque, quando há tempo, não há distância.

Ao Ramon, porque amor que serena não termina.

A minha mãe, meu pai e Alice, o que eu tenho para hoje e, felizmente, para todo o sempre.

RESUMO

Esta tese se guiou pela seguinte pergunta: como se davam os consumos de remédios em relação com as experiências do tempo? Tomando como ponto de partida o estado do Ceará, interessava compreender como as práticas de saúde ocorriam ao longo dos séculos XIX e XX, pondo ênfase, a partir de movimentos do cotidiano, sobre suas espessuras temporais. Diante da natureza fragmentária das fontes coligidas (romances, memórias, anúncios, documentos oficiais), forjou-se uma estratégia metodológica: a consulta de livros de medicina autoinstrutivos. A leitura destes livros, sobretudo do *Lunário Perpétuo*, de Jerônimo Cortez, e do *Diccionario de Medicina Popular*, do Dr. Chernoviz, não apenas trouxe maiores elementos para a compreensão das lógicas de consumo, como também levou a uma ampliação semântica do conceito de remédio. A partir de então, a palavra remédio compreendia não essencialmente uma substância, mas uma multiplicidade de produtos, gestos e artefatos, entre os quais os próprios livros. Tratou-se de delinear algumas experiências do tempo manifestadas por essas práticas de remediar: a medicina humoral em suas associações com as rotas astrais; as relações entre saúde e salvação, pelos entrelaçamentos entre corpo e alma, solidárias a uma certa ideia de eternidade; o paradigma clínico que orienta terapêuticas num corpo individualizado a transformar-se potente para o trabalho e a construção do futuro etc. Estes três planos ou estratos temporais, assim como alguns outros que se esboçam nas práticas de remediar, apresentam procedências, durações, ritmos e velocidades particulares, reorganizando ademais as reciprocidades entre passado e futuro. Entretanto, são simultâneos e, nas diversas circunstâncias do cotidiano, se colocam em relações de conflitos e de consensos.

Palavras-chave: remédio, livro, experiência do tempo.

RÉSUMÉ

Ce travail a été stimulé par la question suivante : quelle est la relation entre l'usage de remèdes et l'expérience du temps ? En partant de l'état du Ceará, nous avons tâché d'éclairer les pratiques de santé, au long des XIX^e et XX^e siècles, en mettant en avant, à partir de certains actes du quotidien, leur épaisseur temporelle. Face au caractère fragmentaire des sources (romans, mémoires, réclames publicitaires, documents officiels) la stratégie méthodologique a consisté à se concentrer sur les livres destinés à apprendre les lecteurs à se soigner eux-mêmes. La lecture de ces livres – en premier lieu du *Lunário Perpétuo* de Jerônimo Cortez et du *Diccionario de Medicina Popular* du Dr. Chernoviz – a non seulement offert des clés pour comprendre les logiques de consommation des remèdes, mais a également mené à un élargissement sémantique du concept de remède. Celui-ci est apparu non plus essentiellement comme une substance curative spécifique, mais comme désignant une multiplicité de produits, de gestes, d'artefacts – et finalement ces livres eux-mêmes. Nous avons essayé d'identifier et de décrire quelques expériences du temps se manifestant à l'occasion de diverses pratiques médicales : la médecine humorale, liée aux mouvements des astres ; la mise en relation de la santé et du salut, par l'entrelacement du corps et de l'âme, solidaire d'une certaine idée de l'éternité ; le paradigme clinique qui oriente la thérapeutique vers un corps individualisé destiné à travailler et à construire un futur, etc. Ces trois expériences du temps, ainsi que quelques autres ébauchées dans les pratiques de médication, présentent des provenances, des durées, des rythmes et des vitesses particuliers, organisant d'une manière spécifique la relation réciproque entre passé et futur. Cependant, elles peuvent aussi être simultanées et, selon les circonstances, se trouver tantôt en conflit, tantôt en accord.

Mots-clés: remède, livre, expérience du temps.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mês de janeiro do calendário do <i>Lunário Perpétuo</i> , edição datada de 1857	43
Figura 2. Mês de janeiro do calendário do <i>Lunário Perpétuo</i> , edição datada de 1876	44
Figura 3. Mês de janeiro do calendário do <i>Lunário Perpétuo</i> , edição datada de 1927	45
Figura 4. Taboada que reúne os quatro elementos, as quatro partes do mundo, os quatros ventos etc. presente no <i>Lunário Perpétuo</i> , edição datada de 1857	54
Figura 5. <i>Taboa perpetua do Aureo numero</i> , presente no <i>Lunário Perpétuo</i> , edição datada de 1927	56
Figura 6. <i>Taboa perpetua das letras epactaes</i> (sic), presente no <i>Lunário Perpétuo</i> , edição datada de 1927	57
Figura 7. Capa do <i>Lunário Perpétuo</i> , edição datada de 1857	60
Figura 8. Capa do <i>Lunário Perpétuo</i> , edição datada de 1876	61
Figura 9. Capa do <i>Lunário Perpétuo</i> , edição datada de 1927	62
Figura 10. <i>Do numero, e natureza dos ventos</i> , presente no <i>Lunário Perpétuo</i> , edição datada de 1857	63
Figura 11. <i>Da qualidade, e prognosticação natural, e efeitos de Venus</i> , presente no <i>Lunário Perpétuo</i> , edição datada de 1857	64
Figura 12. <i>Por esta figura vereis sobre que membros, e entranhas tem dominio os sete Planetas, e os doze signos</i> , presente no <i>Lunário Perpétuo</i> , edição datada de 1857	65
Figura 13. <i>Dos proveitos de algumas sangrias em diversas partes do corpo, e das ventosas</i> , presente no <i>Lunário Perpétuo</i> , edição datada de 1857	66
Figura 14. <i>Regra para conhecer de noite que hora será pelo norte</i> , presente no <i>Lunário Perpétuo</i> , edição datada de 1927	67
Figura 15. Mês de janeiro do calendário, presente no <i>Lunário Perpétuo</i> , edição datada de 1857	79
Figura 16. <i>Obras de janeiro, conforme Plinio</i> , presente no <i>Lunário Perpétuo</i> , edição datada de 1857	80
Figura 17. Frontispício da segunda edição do <i>Diccionario de Medicina Popular</i> , 1851	120
Figura 18. Frontispício da sexta edição do <i>Diccionario de Medicina Popular</i> , 1890	121

Figura 19. Frontispício da sexta edição do <i>Formulario ou Guia Medica</i> , 1864	122
Figura 20. Frontispício da primeira edição do <i>Diccionario de Medicina Domestica e Popular</i> , 1865	132
Figura 21. Imagem do <i>Dracúnculo ou Bicho da ‘Costa’</i> , presente na segunda edição do <i>Diccionario de Medicina Popular</i> , 1851	164
Figura 22. Imagem do <i>Cão damnado em repouso, retratado do natural</i> , presente na sexta edição do <i>Diccionario de Medicina Popular</i> , 1890	166
Figura 23. Imagem do <i>Modo de cortar as tiras agglutinadas</i> , presente na sexta edição do <i>Diccionario de Medicina Popular</i> , 1890	168
Figura 24. Anúncio do remédio <i>Neuratol</i>	237
Figura 25. Anúncio do remédio <i>Cafiaspirina</i>	283
Figura 26. Anúncio da <i>Solução Antinervosa de Laroyenne</i>	295

SUMÁRIO

1.	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2.	LUNÁRIOS	
2.1	<i>O que é um remédio.....</i>	20
2.2	<i>Um livro eterno e mutante.....</i>	34
2.3	<i>Protocolos de leitura</i>	49
2.4	<i>Calendários</i>	72
2.5	<i>O tempo do santo.....</i>	85
2.6.	<i>Prognósticos</i>	98
3	O DICIONARIO DO DR. CHERNOVIZ	
3.1	<i>O livro e o médico.....</i>	116
3.2	<i>Circuitos.....</i>	139
3.3	<i>A lógica dos verbetes.....</i>	152
3.4	<i>Imagens.....</i>	162
3.5	<i>Progresso.....</i>	169
3.6	<i>Outros tempos.....</i>	179
4	RITMOS E RITUAIS	
4.1	<i>De fastios a acúmulos</i>	196
4.2	<i>Regimentos, dietas, resguardos e regimes.....</i>	212
4.3	<i>Almas, feitiços.....</i>	236
4.4	<i>Segredos.....</i>	256
4.5	<i>Excrementos.....</i>	260
4.6	<i>A presença da morte.....</i>	265
5	AS DORES DO MUNDO	
5.1	<i>O sofrimento do remédio.....</i>	272
5.2	<i>O remédio do sofrimento.....</i>	279
5.3	<i>De corpo e alma.....</i>	290
5.4	<i>As dores do indivíduo.....</i>	297
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	306
	FONTES.....	310
	BIBLIOGRAFIA.....	314

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Hume negou a existência de um espaço absoluto, em que cada coisa tem seu lugar; eu, a de um único tempo, em que todos os fatos se encadeiam. Negar a coexistência não é menos árduo que negar a sucessão.

Jorge Luis Borges¹

Esta tese se guiou pela seguinte pergunta: como se estabeleciam as relações entre o consumo de remédios e a experiência do tempo?

Tomando como ponto de partida o estado do Ceará, entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, interessava compreender como os expedientes de saúde ocorriam nos movimentos do cotidiano, aqui tomado como “área de improvisação de papéis informais, novos e de potencialidade de conflitos e confrontos”.² Uma vez que os remédios constituíam artefatos de cura de ampla circulação, com possibilidades de integrar-se a variadas formas de experienciar o tempo, veio sem demora a conclusão de que acompanhar suas produções e seus empregos poderia trazer indícios preciosos para alguns contornos das lógicas ou das “formalidades das práticas”³ que remediavam.

Num primeiro momento, as fontes privilegiadas reuniam periódicos, textos memorialísticos, romances e papéis oficiais da repartição de higiene. Em todas elas, os remédios eram mencionados de modo fragmentado, inventariados sem maiores detalhes, de modo que apreender as lógicas do consumo se apresentava uma tarefa muito difícil. Diante dessa dificuldade, forjou-se uma estratégia metodológica: o estudo de livros de medicina autoinstrutivos. A partir da análise de textos consagrados a ensinar às pessoas leigas como trilhar os caminhos da cura, pretendia-se colher maiores precisões sobre as crenças e os valores, as expectativas e os receios que norteavam os consumos dos remédios e as experiências temporais que manifestavam.

¹ BORGES, Jorge Luis. Outras inquisições. In: Idem. **Obras completas**. v. II. São Paulo: Globo, 1999, p. 155.

² DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 14.

³ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 42.

Dos vários livros que circularam no período em estudo, dois começaram a ganhar maior importância: o *Lunário Perpétuo*, de Jerônimo Cortez, e o *Diccionario de Medicina Popular*, do Dr. Chernoviz. Antes de mais, porque são amplamente evocados nos demais registros, donde se presume que circularam consideravelmente no período em estudo. Mas também pelo fato de, uma vez comparados, trazerem perspectivas de mudanças e variações nas lógicas de remediar, especialmente quanto a ênfases nas dimensões do passado e do futuro.

Gradativamente, as atenções dispensadas a estas duas obras foram crescendo. Nas instruções que oferecem sobre as práticas de saúde, estes livros insinuam uma ampliação semântica do conceito de remédio. Até certo momento, havia uma tendência algo velada de confundir remédio com uma substância curativa – seja na forma de pílula, de xarope, de unguento, de clister etc. Com a leitura dos dois livros e de alguns outros, a palavra passou a abarcar, além dos conteúdos medicamentosos, um leque amplo e variado de produtos, gestos e artefatos que participavam das curas, como aqueles que envolviam astros, plantas, santos, pedras, cores, orações, animais, resguardos, segredos etc. Afora estes, havia ainda os próprios livros, flagrados em franco enredamento com as práticas de saúde. Constituídos em remédios, o *Lunário Perpétuo* e o *Diccionario de Medicina Popular*, de fontes, integraram-se aos objetos da investigação.

Desse modo, a escrita da tese, consagrando-se a uma multiplicidade de remédios, entre os quais, os próprios livros, buscou analisá-los tendo por referência as lógicas de produção da saúde e de experienciar o tempo explanadas no livro perpétuo e no *Diccionario* do Dr. Chernoviz. O que não significou, evidentemente, enquadrar os remédios entre duas tipologias representadas respectivamente por estes dois livros. Assim, se foi possível constatar repercussões entre as recomendações das obras e alguns expedientes de saúde registrados em romances, memórias ou anúncios de jornais, flagraram-se também algumas linhas de fuga mediante as quais alguns remédios expressaram readaptações, reinvenções, encetavam distintas relações, insinuando outras lógicas e outros tempos que diversificavam aqueles apresentados pelos dois livros.

Pode-se dizer que, pela via dos remédios, intentou-se pensar sobre o tempo. Para Michel de Certeau, a condição para que o tempo seja abordado em suas dinamicidades reside na crítica a uma:

[...] épistémologie qui différenciait du sujet un objet et qui, par voie de conséquence, réduisait le temps à la fonction de classifier les objets. En historiographie, les deux causes, celle de l'objet et celle du temps, sont en effet liées, et sans doute l'objectivation du passé, depuis trois siècles, a-t-elle fait du temps l'impensé d'une discipline qui ne cesse de l'utiliser comme un instrument taxinomique.⁴

Assim, no âmbito dos estudos históricos, estabelecer as relações entre o objeto de estudo e o tempo por um simples enquadramento cronológico, normalmente localizado no passado (dimensão objetivada nos termos daquilo considerado ou desejado já superado), impede a reflexão mais consequente sobre as dinâmicas da dimensão temporal. A leitura taxonômica do tempo revela-se em condescendência com um imperativo monetário de produção e acumulação de dados ou informações que negligencia a experiência temporal em sua multiplicidade e ambivalência, em suas revelias e potencialidades.

Para dar conta da complexidade das experiências temporais, Reinhart Koselleck sugere a metáfora de *estratos do tempo*, que “remetem a diversos planos, com durações diferentes e origens distintas, mas que, apesar disso, estão presentes e atuam simultaneamente”.⁵ Marca-se uma divergência com as proposições de Fernand Braudel, para quem as três escalas temporais de “Longa-duração, conjuntura, acontecimento ajustam-se sem dificuldade, posto que todos têm a mesma escala de medida”.⁶ Koselleck não põe em xeque a importância dos marcos cronológicos; porém, diferente do pressuposto da existência de vários tempos que, pertencendo a escalas distintas, se medem por uma única régua, a imagem de estratos do tempo ganha relevância por “sua

⁴ “epistemologia que diferenciava do sujeito um objeto e que, por via de consequência, reduzia o tempo à função de classificar os objetos. Na historiografia, as duas causas, aquela do objeto e aquela do tempo, são com efeito ligadas, e talvez a objetivação do passado, desde três séculos, fez do tempo o impensado de uma disciplina que não cessa de utilizá-lo como um instrumento taxonômico” [Tradução minha]. CERTEAU, Michel de. **Histoire et psychanalyse: entre science et fiction**. Paris: Gallimard, 2002, p. 76.

⁵ KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Rio de Janeiro: Contraponto PUC-Rio, 2014, p. 9.

⁶ BRAUDEL, Fernand. **História e ciências sociais**. Lisboa: Presença, 1990, p. 34.

capacidade de medir diferentes velocidades, acelerações ou atrasos, tornando visíveis os diferentes modos de mudança, que exibem grande complexidade temporal”.⁷

A partir dessa perspectiva, no âmbito do consumo de remédios, é possível observar diversos planos temporais: a medicina humoral em suas associações com as rotas astrais; as relações entre saúde e salvação pelos entrelaçamentos entre corpo e alma, que sugerem, em alguma medida, o tempo eterno; o paradigma clínico que orienta terapêuticas num corpo individualizado a transformar-se potente para o trabalho e a construção do futuro etc. Estes três planos ou estratos temporais, assim como alguns outros que se esboçam nas práticas de remediar, apresentam, cada qual, procedências, durações, ritmos e velocidades particulares. Entretanto, são simultâneos e, nas diversas circunstâncias do cotidiano, se colocam em relações de conflitos e de consensos.

Fato importante, a perspectiva dos estratos do tempo põe em evidência possibilidades de mudança que reorganizam as reciprocidades entre “a experiência adquirida e a expectativa daquilo que virá”.⁸ Donde o destaque aos variáveis investimentos sobre o passado e o futuro, a partir dos quais os homens forjam experiências do tempo que dirigem suas ações concretas na elaboração das existências. Desse modo, o *Lunário Perpétuo* e o *Diccionario de Medicina Popular* do Dr. Chernoviz oscilam entre práticas de leitura e de remediar que ora se embasam no apreço à tradição, conciliando espaço de experiência e horizonte de expectativa, ora anunciam o valor positivo das rupturas, flertando com uma experiência moderna do tempo, na qual a temporalização e a aceleração qualificam o tempo histórico “como tempo específico produzido pelo ser humano”.⁹

⁷ KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto PUC-Rio, 2014, p. 22.

⁸ Ibidem, p. 23.

⁹ Ibidem, p. 314. Importante ressaltar que, na esteira de Reinhart Koselleck, François Hartog apresenta também estudos sobre experiências do tempo a partir das ênfases sobre as dimensões do passado, do presente e do futuro. Através do instrumento heurístico do *regime de historicidade*, o historiador francês propõe formas de entrosar as três dimensões temporais flagradas na escrita da história, demais produções intelectuais e no cotidiano da vida social. Se, para o caso da modernidade, Koselleck concluía pela assimetria crescente entre experiência e expectativa, com ênfase sobre esta última instância, para as últimas décadas do século passado Hartog insinua uma ruptura total entre passado e futuro, com progressiva proeminência da dimensão do presente. Denominou essa experiência do tempo de *presentismo*, sendo que aí “a produção do tempo histórico parece estar suspensa. Daí talvez essa experiência contemporânea de um presente perpétuo, inacessível e quase imóvel que busca, apesar de tudo, produzir para si mesmo o seu próprio tempo histórico”. HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 39.

A perspectiva dos estratos do tempo não recusa a importância da cronologia como importante instrumento que confere orientação para a escrita da história. Nessa tese, intentou-se estabelecer um recorte cronológico no interior do qual as diversas experiências temporais que envolviam os remédios pudessem ser analisadas, postas em relação ou confrontadas. Os marcos partiam das datas das edições consultadas do *Lunário Perpétuo* e do *Diccionario de Medicina Popular*, constituindo um intervalo que abarca os meados do século XIX e as primeiras décadas da centúria ulterior. Muito embora a data mais recuada dessas edições seja aquela de 1851, referente à segunda edição do *Diccionario* do Dr. Chernoviz, e a mais adiantada equivalha ao ano de 1927, do livro perpétuo editado pela casa Chardron, não raras vezes este estudo ultrapassou essas balizas. De fato, o empenho em dar conta de experiências da saúde e do tempo incrustadas nesse intervalo conduziu à consulta de fontes mais remotas e mais recentes que tornavam mais explícitas muitas das lógicas dos consumos dos remédios que, decorrentes do universo da crença, “só muito lentamente se modificam ao longo dos séculos e permanecem disponíveis, mesmo que nem todos os compartilhem”¹⁰. Assim é que se explica, por exemplo, a presença de livros de medicina autoinstrutivos setecentistas e ainda de obras memorialistas, folclóricas e literárias que avançam na primeira metade do século XX.

De forma semelhante ocorria com a delimitação das fronteiras espaciais. Inicialmente, optou-se pela prioridade dos consumos de remédios e experiências do tempo ocorridos no estado do Ceará. A inclusão dos livros enquanto fontes e, na sequência, como objetos dessa tese, demandando considerações sobre suas condições de produção, endossava um alargamento dessa geografia, já operado pelo acompanhamento da circulação de diversos gêneros de saúde cujas lógicas eram arredias a fronteiras muito bem definidas. Nesse sentido, compreendendo uma unidade administrativa como um “implante de divisórias que não se resume a um quebra-cabeças previamente definido, porque as subdivisões se reproduzem ao sabor da circunstância e se arrumam de modo igualmente circunstancial”,¹¹ essa tese partiu do estado do Ceará, porém não se furtou de trafegar por outras espacialidades. Prevalencia

¹⁰ KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto PUC-Rio, 2014, p. 25.

¹¹ RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O fato e a fábula**: o Ceará na escrita da história. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012, p. 180.

o entendimento segundo o qual, mais do que cenários em que se flagravam práticas de remediar e de experienciar do tempo, os espaços foram reciprocamente se constituindo a partir dessas vivências.

O estatuto de objeto que o livro veio a ocupar na escrita desta tese tornou ainda mais estreitas as proximidades travadas com certos debates historiográficos de maior visibilidade no cenário francês. A chamada Nova História Cultural colocava-se em contraposição a uma história das mentalidades, a qual se reputa o estudo serial ou quantitativo de práticas, tendo por referência sua presença entre grupos sociais ou profissionais minimamente definidos. Diferente disso, a Nova História Cultural propõe outros modos de abordar as práticas culturais, das quais a leitura figurava frequentemente em proeminência. A partir de então, as atenções se voltavam não apenas para a presença do livro em determinados meios, mas, sobretudo, para as relações de mutualidades e assimetrias entre o livro e a leitura, do que resultava uma compreensão desta última, e também das demais práticas da cultura impressa, enquanto produção que se realizava no livro, em seu texto, em seus caracteres tipográficos e em sua materialidade como um todo, e a partir das múltiplas referências, gestos e demais disposições dos leitores – “os textos, quaisquer que sejam, quando são interrogados não mais somente como textos, transmitem uma informação sobre o seu modo de usar”.¹²

Além dos livros de medicina autoinstrutivos, as demais fontes utilizadas nesta tese compreendem romances e poesia, livros de memória, obras de folcloristas, legislação e periódicos. Em todas elas, as atenções se voltaram para suas condições de possibilidade, de produção e de circulação, buscando minimamente situá-las quanto aos interesses, particularidades e valores que as atravessavam e que implícita ou explicitamente se manifestavam quando abordavam o assunto do consumo dos remédios em seus estratos temporais.

Para o caso da literatura, a intenção era flagrar a presença dos remédios e o desenrolar de seus consumos em suas facetas temporais no comezinho da vida das personagens. O relato ficcional não foi visto como uma ilustração de um real que ele dificilmente alcançaria, resignando-se em ilustrá-lo, mas como uma produção historicamente situada que levanta questões e toma partido em consonância com os

¹² CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009, p. 235.

debates contemporâneos, particularmente as discussões que envolviam as tensões e os entrelaçamentos entre o rural e o urbano.¹³

Por sua vez, versando sobre usos, costumes e causos cotidianos, os livros de memória exigiram uma análise atenta à triagem empreendida por seus autores quanto ao que deveria ser pauta de recordação. Em especial as obras memorialísticas da pena de farmacêuticos e práticos de farmácia traziam elementos da faina profissional sob a perspectiva das circunstâncias em que se punham a lembrar, tendo em vista suas trajetórias em sítios sertanejos, suas formações, seus interesses e as maneiras como se colocavam diante do universo dos remédios, sendo daí possível extrair elementos importantes para a composição das espessuras temporais da produção e do consumo.¹⁴

As obras folclóricas oferecem registros vastos e preciosos quanto às múltiplas práticas de remediar, empenhando-se, muitos delas, em resgatar dos caracteres do “povo” aqueles que poderiam constituir um campo autônomo: a “medicina popular”. Neste concerne, a crítica da fonte ocorria com atenção a este ato de poder que fundava em negativo uma cultura das elites e dos letrados e, sobretudo, uma medicina científica, intentando, veladamente ou não, extrair a densidade política e temporal das ditas coisas “populares”, alocando-as no cemitério inofensivo das coleções, dos museus e também dos livros.¹⁵

Os periódicos de ampla circulação e também alguns números de revistas especializadas, como as do Centro Médico Cearense, foram de importância na coleta de anúncios de remédios, e ainda de pequenos excertos textuais que tematizavam as práticas de saúde e algumas de suas lógicas. Aqui se observaram as manifestações nuançadas das formalidades das práticas melhor desenvolvidas nos livros de medicina autoinstrutivos, donde se pôde tomar nota não apenas das conivências entre produção e consumo, dos cruzamentos do rural e do urbano, das coexistências entre tradição e modernidade, mas também do alcance de receios e expectativas que envolviam os remédios que se usava localizar em períodos mais remotos. Nesse mesmo sentido, a legislação de higiene consultada, por meio de artigos proibitivos, dizia da pertinência de

¹³ Conferir lista de obras literárias na página 312.

¹⁴ Conferir lista de obras memorialísticas na página 311.

¹⁵ Conferir lista de obras folclóricas na página 311-312.

algumas práticas de remediar que, embora qualificadas de antigas, se afirmavam numa duração insistente.¹⁶

O primeiro capítulo desta tese, intitulado *Lunários*, inicia pela discussão a respeito da concepção de remédio, advertindo o leitor acerca do caráter polissêmico do vocábulo, que engloba uma série variada de produtos, gestos e artefatos. Na sequência, as análises sobre o *Lunário Perpétuo* buscam traçar as especificidades das edições, pondo ênfase sobre o estabelecimento de protocolos de leitura a partir da organização textual, do espaço da página e de recursos na forma de gráficos, cálculos e imagens. Espécime do gênero almanaque, o livro perpétuo caracterizou-se pela movência de diversas seções em torno de uma narrativa matriz – a saber, o calendário em seu atrelamento com a vida prática. Cotejado com outras fontes, o calendário lunariano, com suas referências astrais e religiosas, sinaliza o privilégio de experiências do tempo de caráter sagrado, reconhecidas na forma de uma tradição, que repercutem no consumo de remédios. Ao mesmo tempo, sua participação nas práticas prognósticas, também explanadas pelo impresso insinua duas expectativas quando ao futuro, especialmente naquilo que concernia aos encaminhamentos de saúde.

O segundo capítulo, *O Dicionário do Dr. Chernoviz*, propõe um debate sobre as relações entre livros, médicos e remédios que se manifestaram nos processos de construção da autoria do Dr. Chernoviz. Buscou-se também jogar luz sobre os procedimentos de confecção e as dinâmicas da circulação do *Diccionario de Medicina Popular*, apontando algumas variações ao longo das seis edições quanto aos trajetos desde a produção até as vendas, passando pelas ocasiões das leituras e pela composição dos leitores. Uma atenção especial foi dispensada sobre a lógica dos verbetes, no interior da qual, estratégias textuais e imagéticas indicavam protocolos de leitura. Além do mais, intentou-se traçar as relações entre a forma dicionário e a marcha acelerada do progresso, da qual o livro se queria produto e produtor. Concomitantemente, foi possível flagrar, em passagens concernentes ao consumo de remédios derivados de plantas, como também em algumas escolhas narrativas assumidas pelo *Diccionario* do Dr. Chernoviz, remissões a práticas de remediar que se pautavam por experiências do

¹⁶ Conferir lista de periódicos e outras fontes na página 312-313.

tempo de ordem sagrada e também de forte apreço à autoridade da tradição e do passado, muito à semelhança do que ocorria no livro perpétuo.

No terceiro capítulo, denominado *Ritmos e rituais*, alguns estratos temporais presentes no *Lunário Perpétuo* e no *Diccionario de Medicina Popular* são cotejados de modo mais constante entre si e com aqueles presentes em outros registros. Partindo dos problemas em torno da digestão e, na sequência, alargando-se para diversos outros males que põem em risco a saúde dos homens, forjam-se remédios que propõem experiências do tempo de fundo cósmico ou sagrado, manifestando tributos à astrologia e à religião católica; e também ao complicado universo das magias, dos feitiços e malefícios. Muito longe de indicar uma sistematização das práticas e dos tempos da cura, tratou-se de identificar, em diversos remédios, elementos atrelados a distintas tradições que se encontram, se enredam e se transformam ao sabor das circunstâncias. Se por um lado esses remédios urdidos nas dinâmicas do cotidiano manifestavam estruturas de repetição, constituindo assim rituais com velocidades e ritmos algo regulares, possibilitando comunicações e partilhas na vida social, por outro lado, alvos de criatividade e invenções, estiveram suscetíveis a modificações, improvisações e desvios. Koselleck lembra que “Estratos de tempo que sempre se repetem estão contidos em todas as ações singulares e em todas as constelações únicas, executadas ou suportadas por seres humanos singulares e únicos. Tais estratos permitem, condicionam e limitam as possibilidades de ação humana e, ao mesmo tempo, as geram”.¹⁷

No quarto capítulo, intitulado *As dores do mundo*, os cruzamentos entre algumas lógicas remediadoras que lidam com o sofrimento derivadas do *Lunário Perpétuo* e do *Diccionario de Medicina Popular* depõem pelo seguimento de certos ritmos e rituais, embora com algumas insinuações de temporalização. A emergência das intolerâncias diante da dor estimula uma experiência moderna do tempo marcada pela liberação dos homens em relação aos tempos cósmicos e pelo imperativo da aceleração. Nessas circunstâncias, as práticas de remediar adquirem uma maior complicação, trazendo responsabilidades individuais sobre o processo da cura, perspectiva que sugere um ponto de inflexão em relação às experiências sagradas do tempo.

¹⁷ KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto PUC-Rio, 2014, p. 13.

Jorge Luis Borges inferiu: “Negar a coexistência não é menos árduo do que negar a sucessão”. O leitor está diante de um texto que busca afirmar a coexistência. Tomando por referência as práticas de saúde, o intento foi o de jogar luz sobre diversos estratos de tempo, de vida e de morte, que, persistindo e transformando-se em simultâneo, constituem os remédios, os livros e os homens.

2. LUNÁRIOS

2.1. O que é um remédio?

Luzia era moça máscula. Realizava trabalho de homem forte, levantando e transportando pesos e mais pesos para edificar a cadeia pública de Sobral durante a seca de 1877. Perseguida por motivos de amor e de ódio, Luzia tinha por intento levantar fundos e retirar-se com a mãe para o litoral, longe da seca. Este é, em linhas bastante gerais, o enredo do romance de Domingos Olímpio, publicado em 1903 e que carrega no título o nome da protagonista, *Luzia-Homem*. Um dos maiores empecilhos para os desejos migratórios de Luzia era a condição física de sua mãe, frequentemente atacada de “implacável puxado”.¹⁸ A doença de Dona Zefina é o mote para um debate empreendido por Domingos Olímpio acerca de múltiplos expedientes de cura acionáveis tanto por ocasião da doença, como para mantê-la longe – o que aqui chamaremos de *remédios*.

Ao longo do romance, Luzia deixa muito clara sua posição. Boa parte de seu dinheiro é comprometida com o pagamento das consultas e dos remédios receitados pelo médico. Para a doença de Dona Zefina, o Doutor Helvécio aconselhou a poção de iodeto de potássio, “uma colher das de sopa antes de cada refeição”.¹⁹ Como o próprio nome sugere, trata-se de remédio à base de substâncias resultantes de beneficiamento químico, manipuladas no interior das oficinas das farmácias, em geral, sob encomenda. O remédio digno da confiança da protagonista parece ser, de todos os citados na obra, o mais familiar àqueles que hoje se usam e se compram nas farmácias das grandes cidades. Sua promessa é a de restituir a saúde mediante um componente que age de modo específico, palpável e localizável, embora muitas vezes da ordem do microscópico, sobre essa dita realidade preponderantemente física, suficientemente delimitada de tudo que está ao seu redor – o corpo.

A opinião da doente era diferente, donde os vários embates entre mãe e filha a respeito da doença e dos remédios. Dona Zefina era mais simpática aos remédios cuja

¹⁸ OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem* [1903]. Fortaleza: ABC, 2002, p. 17.

¹⁹ Ibidem, p. 34.

produção gozava de maior visibilidade e, talvez por isso mesmo, merecedores das suas maiores confianças: “vomitório de papaconha”,²⁰ “a purga de mel de abelha, emplastro de sabão da terra com um pinto pisado vivo; ou com o vomitório de cardo-santo, chá de erva-doce para desempachar o ventre, e raiz de pega-pinto por causa da retenção de urinas”.²¹ Remédios cujos ingredientes se colhiam das hortas, jardins ou quintais, provenientes da flora e também da fauna, aconselhados por alguns médicos, mas igualmente aprendidos com outros praticantes do ofício, parentes, vizinhos, conhecidos ou ainda a partir de livros dedicados integral ou parcialmente a ensinar a seus leitores formas de contornar a doença.

Um desses livros é, aliás, citado no próprio romance de Domingos Olímpio. Trata-se do *Lunário Perpétuo* do valenciano Jerônimo Cortez, que circula no Brasil desde pelo menos o século XVIII, quando se produzem suas primeiras edições portuguesas. Em seção intitulada *Memoria de remedios universaes para as enfermidades ordinárias, feita por Carlos Estevão, e João Lihaut, Medicos da Cidade de Pariz*, algumas das edições do *Lunário Perpétuo* ensinavam uma série de remédios cujas receitas, à semelhança dos expedientes de apreço de Dona Zefina, não dispensavam etapas de preparação que incluíam o manuseio direto de vegetais e animais. Veja-se um exemplo:

Para mal do coração

Bebei duas ou tres onças de agua de borragens, ou de herva cidreira, ou tomae dous corações de porco, tres pontas de veado, e duas nozes moscadas, e cravos, e sementes de alfavaca, tres drachmas de cada um, flores de todos os mezes, borragens, tanchagem e alecrim, de cada um um molho, tudo de infuso com Malvasia, ou vinho Hippocrás, deixae-o estar uma noite, e distillae-o depois, por alambique, e usae da agua, que é proveitosissima.²²

Um olhar evolucionista que se volta para uma receita considerada antiga, como esta para o mal do coração, tende a pôr em destaque apenas uma série de componentes,

²⁰ OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem** [1903]. Fortaleza: ABC, 2002, p. 33-34. Papaconha é nome corrente da planta Ipecacuanha ou Poaya, um pequeno arbusto desde há muito cultivado no Brasil, cuja raiz se usa para provocar o vômito.

²¹ Ibidem, p. 35-36.

²² **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO....** [1876]. Lisboa: Vega, 1978, p. 220. Água de borragem é a infusão das flores ou folhas da planta denominada Borragem, utilizada com sudorífico. Malvasia é uma espécie de vinho branco, feito da uva de mesmo nome; ao passo que o vinho hipocraz é uma espécie de vinho tinto a que se adicionam diversas especiarias, como cravo e canela.

aqueles de origem vegetal. A partir dessa seleção, identifica neste uso de plantas apenas uma etapa do progresso da ciência, em especial do segmento farmacêutico, que aprendeu a melhor purificar, beneficiar e industrializar um princípio ativo antes administrado de forma crua, bruta e artesanal. Entre esse tipo de remédio e aquele preferido por Luzia, deve-se, contudo, propor uma diferença que, mais do que relativa a um aperfeiçoamento de um saber linear, teria a ver com uma ruptura mais profunda. Dito de outro modo, no âmbito de um procedimento comparativo entre os remédios batizados pela dita química moderna e aqueles que ainda carregavam os nomes mais conhecidos de plantas, bichos e outros ingredientes, há que se pôr em relevo as distintas lógicas que governam as produções e consumos de uns e outros. Dessa maneira, torna-se possível uma compreensão historicamente situada daquilo a que se dava o nome de remédio em outros tempos que não os atuais.

Retomem-se alguns detalhes da receita acima transcrita. Há pelo menos dois indícios que levam a uma aproximação da produção desse remédio com práticas alquímicas: o alambique e o álcool, este último presente na Malvasia e no vinho Hipocraz. Dedicada a uma série de soluções da vida prática que iam do tingimento de tecidos à busca da eterna juventude, a alquimia encontrou no âmbito da produção de remédios terreno fértil para sua disseminação entre os mais diversos círculos sociais. Isso se deu especialmente a partir dos séculos XV e XVI, quando os livros que tratavam mais diretamente deste saber passaram a ser divulgados com a facilidade proporcionada pela invenção da prensa.²³ De um modo geral, pode-se afirmar que o princípio do saber alquímico residia na “destilação, operação que permitia separar o puro a partir do impuro, levando a matérias sutis a partir de substratos brutos e à extração das virtudes escondidas nos materiais”.²⁴ Essa operação, realizada predominantemente mediante instrumento de nome alambique, dependia da presença do álcool, antigamente chamado espírito do vinho, cujas destilações consecutivas levariam a um componente mais elevado, “a *quintessência*, material incorruptível, relacionado às quatro qualidades, assim como o céu está relacionado aos quatro elementos”.²⁵ Era a quintessência que, conforme se acreditava, possibilitava a dupla captação das virtudes celestes e das

²³ BELTRAN, Maria Helena Roxo. **Imagens de magia e de ciência: entre o simbolismo e os diagramas da razão**. São Paulo: EDUC, 2000, p. 25-35.

²⁴ Ibidem, p. 93.

²⁵ Ibidem, p. 23-24.

virtudes terrenas presentes nos demais ingredientes do remédio, por meio das quais a cura era encaminhada.

A presença de premissas astrológicas no curso da elaboração alquímica dos remédios não deve passar despercebida. Saber que remonta ao período conhecido por Antiguidade, a astrologia contou com uma abordagem mais sistemática a partir da obra de Ptolomeu, *Tetrabiblos*, datada do século II da era cristã. Em linhas gerais, a astrologia concebia uma diferença fundamental entre a terra, então considerada centro do universo, e o céu. Na primeira, imperavam os quatro elementos fundamentais – água, ar, fogo e terra; elementos que compunham toda a natureza terrestre, cuja principal característica era a contínua mudança: tudo nascia, crescia, deteriorava-se e morria. Essa propriedade instável da terra assim se explicava em função das diversas influências celestes, principalmente das rotas periódicas dos planetas ao longo do mapa zodiacal. Embora fornecendo emanções que induziam a formações e deformações terrestres, o céu era instância estável. Domínio do movimento circular ou perfeito, o céu dispunha de um só elemento, muitas vezes insinuado como a união perfeita e, portanto, insuperável dos quatro elementos terrestres – a *quintessência*. Em princípio inalcançável, a quintessência comparece de alguma forma nas lógicas dos remédios que se praticam sob orientação astral.

De uma maneira geral, no livro perpétuo, o saber astrológico direcionava fortemente boa quantidade de remédios. As sangrias, por exemplo, um expediente de cura que consistia na retirada de sangue de determinadas partes do corpo, entendendo que esse procedimento livraria o doente de eflúvios maléficos, eram remédios cuja utilização deveria ter em conta, entre outras coisas, a Lua e sua localização no mapa astral – “sendo perigosa cousa, e temeraria, sangrar estando a Lua no signo predominante na parte em que se ha de fazer a sangria”.²⁶ Os remédios purgativos, por sua vez, devem ser evitados “estando a Lua em conjuncção, e opposição com o Sol, e isto por hum dia antes, e outro depois”.²⁷

²⁶ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 193.

²⁷ *Ibidem*, p. 193.

O *Erário Mineral*, livro escrito por Luís Gomes Ferreira, cirurgião das Minas, e publicado por editora lisboeta em 1735, portanto, contemporâneo das primeiras edições portuguesas do *Lunário Perpétuo*, atesta a força dos remédios que devem ser produzidos a partir de excertos de plantas e bichos daqueles rincões sob a orientação das emanações que vêm do céu. Dos remédios que se denominavam bálsamos, dizia: “Licor, óleo ou goma aromático de propriedades medicinais. O bálsamo do Brasil, de grande estimação na Europa, saía de troncos de vegetais muito altos, cuja casca grossa era cortada, de preferência, na lua de março”.²⁸

Os remédios que se preparavam e se tomavam sob influência dos astros são os mais fáceis de identificar nos registros. Aqueles que, de algum modo, se nutriam da quintessência celeste, entrelaçando astrologia e alquimia, no entanto, só indiretamente podem ser notados. Nos vários livros de medicina autoinstrutivos, os remédios alquímicos são flagrados mediante a menção de determinados traços constitutivos de sua produção. Entre esses traços, estão a presença do alambique e do álcool, citados no *Lunário Perpétuo* na receita para o “mal do coração” e “para febre quartã e quotidiana”,²⁹ e nas instruções do “remedio para o olho que tem nevoas ou cataratas”,³⁰ e também no *Erário Mineral*, em “remédio para todas as ânsias do coração, para a pedra dos rins e bexiga e, principalmente, para os que forem mordidos de bichos venenosos”, para o qual se tinha como ingrediente “água destilada [...] por alambique”.³¹

Além do alambique e do álcool, aquilo que se poderia denominar de alquimia astrológica ou a astrologia alquímica manifesta-se em remédios que operam por forças ditas ocultas. Para a alquimia, as virtudes acionáveis nos elementos terrenos eram ocultas, cabendo ao praticante da arte decifrá-las e fazer seu uso tendo em vista que “Todas as coisas do universo estariam relacionadas por semelhanças e simpatias [...]”. Era a partir dessa concepção mágica que o alquimista operava sobre a matéria e, desse

²⁸ FERREIRA, Luís Gomes. *Erário Mineral* [1735]. Organização Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Oswaldo Cruz, 2002, p. 776.

²⁹ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO....** [1876]. Lisboa: Vega, 1978, p. 212.

³⁰ Ibidem, p. 229.

³¹ FERREIRA, Luís Gomes. *Erário Mineral* [1735]. Organização Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Oswaldo Cruz, 2002, p. 443.

modo, acreditava intervir na própria natureza”.³² A manipulação dessas forças ocultas na produção da quintessência realizava-se por meio de contatos. Não são raros a este respeito os remédios a serem carregados na forma de amuletos feitos de excertos de plantas e de animais, partes do corpo humano, pedras e objetos.

O *Lunário Perpétuo* aconselha para as doenças que decorrem do ar o seguinte remédio:

Segredo de grande maravilha para o ar

Uma herva, que se chama brinzo, a qual se acha junto a Santarem em uma serra visinha a Almoester, principalmente em uma quinta, que chamam do Alamo, indo para Santarem, pisada a raiz d’esta herva brinzo mui bem pisada, se lhe deitará depois uma pequena quantidade de mostarda, que será menos da terça parte da raiz do brinzo, e se tornará a pisar tudo junto, e encorporar muito bem; e logo se lançará em uma tigella vidrada azeite sem sal, e se lhe dará uma boa fervura, e com este oleo se irá fomentando a parte lesa do ar, e depois da fomentação tereis prompts pós da mesma herva pisada, e deitados no brazeiro, lhe perfumareis o que está fomentado, tudo em quente; e é aprovadissimo, trazendo algum defensivo quente sobre a parte. A raiz da dita herva trazida ao pescoço, junta á carne, se affirma preservar para sempre do ar.³³

Portar excertos de planta ao pescoço ou em outros lugares do corpo para que o contato propiciasse uma prevenção ou uma cura de determinada enfermidade significa acionar propriedades dos vegetais que dizem respeito àquilo que se não pode ver tão claramente, a uma virtude que é material, mas que não é exclusivamente física e sim da ordem do oculto. São emanções semelhantes a essas, muitas vezes manifestando analogias ou compensações, que sobrevêm de pedaços de animais ou objetos. Sobre os acidentes de gota-coral, o *Erário Mineral* assim dizia:

[...] também as pedras que se acham no ventre de algumas andorinhas que estão ainda no ninho, tiradas no minguante da Lua e trazidas ao pescoço ou atadas no bucho do braço, livra os ditos acidentes, certamente; o cascavel da cobra do Brasil trazido debaixo do sovaco livra dos tais acidentes, tudo por virtude oculta que Deus lhe deu.³⁴

³² BELTRAN, Maria Helena Roxo. **Imagens de magia e de ciência: entre o simbolismo e os diagramas da razão**. São Paulo: EDUC, 2000, p. 14.

³³ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO....** [1876]. Lisboa: Vega, 1978, p. 233-234.

³⁴ FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral** [1735]. Organização Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Oswaldo Cruz, 2002, p. 434. Gota-coral parece corresponder a uma série de morbididades com sintomas epiléticos.

No mesmo livro, aconselhava-se como remédio para o alívio das dores de dente:

[...] um dente de cão, arrancado dele estando o cão vivo; furado e pendurado ao pescoço preservará de dores de dentes por toda a vida. Em Lisboa havia um pai que, tanto que lhe nascia algum filho, lhe pendurava um dente de cão ao pescoço e, assim, os preservava de dores de dentes. Ou este, que também é certo: quem for atormentado de dores de dentes, ate no bucho do braço um bordão de harpa; trazendo-o sempre, se preservará, como eu conheço algumas pessoas.³⁵

Além do dente do cachorro e de um pedaço de um instrumento musical, o mesmo autor recomendava o porte de outros objetos, em especial da família dos metais. Assim, para erisipela, ensinava trazer “o doente ao pescoço azougue vivo em um canudo que toque na carne, mas bem tapado, ou seja de prata, que o tenho experimentado umas vezes por certo”,³⁶ e para pesadelos, “O melhor remédio que tem curado a algumas pessoas são os alambres brancos, trazidos em um fio ao pescoço”.³⁷ Também o *Lunário Perpétuo* de Jerônimo Cortez indicava um metal como remédio:

Para antes do tempo

A mulher que costuma parir antes do tempo, ha de usar comer os pós de nervo de boi, preparados como acima dissemos fallando do mal da pleuridade, ou trazer consigo diamante no dedo, porque esta pedra tem grande virtude para reter a creatura no ventre. Tambem dizem da pelle que a cobra larga, que, secca e feita em pó, e dada com um miollo de pão, é mui efficacissima para impedir o aborto.³⁸

Por obedecerem a lógicas ocultas, esses remédios feitos de plantas, animais, metais e outros objetos não se deixavam esclarecer completamente quanto às propriedades que intentavam absorver, fortalecer ou mesmo afastar. Não obstante, determinados detalhes de alguns desses remédios parecem ser de grande importância para o sucesso da cura, como, por exemplo, aqueles atinentes às cores. Nesse sentido, caberia perguntar se a virtude oculta do diamante para as mulheres grávidas, como aconselhado pelo *Lunário Perpétuo*, relaciona-se com a cor esverdeada do metal. Em

³⁵ FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral** [1735]. Organização Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Oswaldo Cruz, 2002, p. 327. Bordão é o nome dado às cordas da harpa.

³⁶ Ibidem, p. 413. Azougue é o nome dado comumente ao metal mercúrio.

³⁷ Ibidem, p. 414. Alambre ou âmbar amarelo é o nome que se dá a uma substância dura que se encontra correntemente à beira-mar.

³⁸ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO....** [1876]. Lisboa: Vega, 1978, p. 224.

diversas ocasiões, contudo, a predileção por objetos, plantas ou animais de cor vermelha parece dizer das propriedades salutareis deste pigmento que, do ponto de vista das experiências alquímicas, expressava a perfeição só “atingida com a reunião de todas as qualidades elementares”,³⁹ ou seja, a própria quintessência.

A cura pela cor é citada no livro intitulado *Compendio Narrativo do Peregrino da America*, escrito por Nuno Marquez Pereira, cuja publicação veio a lume em 1728, em edição lisboeta, contemporânea, portanto, do *Lunário Perpétuo* e também do *Erário Mineral*. Segundo Jerusa Pires Ferreira, trata-se de um livro com considerável circulação no Brasil que buscava contribuir para uma retificação das condutas e dos costumes considerados degradantes dos povos dos sertões da colônia lusitana.⁴⁰ Em um dos capítulos, o autor empreende uma dissertação acerca dos remédios que livrariam os homens de diversas enfermidades. Para um certo interlocutor da prosa (que era escrita na forma de diálogo), acometido de “flatos hipocondricos”, o narrador aconselhava: “Para esse vosso achaque são salutifero remedio os cordiaes, por serem os alentos do coração: e se nelle sentires algumas anciãs, e affrontamentos, ponde-lhe em cima um pedaço de seda vermelha, ou cochonilha escarlatada, em que se tenha borrifado agoa em flor, ou da Rainha da Hungria”.⁴¹

Ainda sobre os remédios que operariam pelo apreço à cor vermelha, o *Erário Mineral* aconselhava para o estancamento de fluxo sanguíneo no nariz a seguinte receita: “meta em uma bolsa escarlata pó de sapo e se meta no soto do braço da parte donde sair o sangue, ou se tenha na mão até que aqueça, e logo parará o sangue”.⁴² Já o *Lunário Perpétuo* ensinava remédio para gota à base de uma série de ingredientes que privilegiam aquele pigmento: “Fareis um emplastro de couves vermelhas e de engos,

³⁹ BELTRAN, Maria Helena Roxo. **Imagens de magia e de ciência**: entre o simbolismo e os diagramas da razão. São Paulo: EDUC, 2000, p. 75.

⁴⁰ FERREIRA, Jerusa Pires. Notas preliminares para uma leitura do *Compêndio Narrativo do Peregrino da América* de Nuno Marquez Pereira. **Revista USP**, São Paulo, n. 50, jun. ago. 2001, p. 20.

⁴¹ PEREIRA, Nuno Marquez. **Compendio Narrativo do Peregrino da America**. Em que se tratam vários discursos espirituais, e Moraes, com muitas advertencias, e documentos contra os abusos, que se achão introduzidos pela malicia diabólica no Estado do Brasil. Lisboa: Off. de Antonio Vicente da Silva, 1760, p. 355. Cochonilha é o nome dado a um corante de cor carmim, produzido a partir de um inseto de mesmo nome; água da rainha da Hungria é um preparado à base de alecrim e lavanda.

⁴² FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral** [1735]. Organização Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Oswaldo Cruz, 2002, p. 323.

com farinha de favas, flores de macella e de rosas, tudo em pó, e tudo misturado poreis sobre a dôr”.⁴³

Numa via astrológica mais ptolomaica ou aberta às quintessências alquímicas, as virtudes ocultas produziam um sem número de remédios e das mais diversas naturezas, das plantas às harpas, dos planetas às cores. Por meio do oculto, os céus encontravam a terra e participavam de uma intrincada rede de simpatias e compensações. Os remédios mencionados até o momento – exceção feita ao iodeto de potássio do Dr. Helvécio – lidam o tempo inteiro com essas manifestações em geral qualificadas como sobrenaturais. A via estava aberta, portanto, para as experiências de cura de aura mais religiosa, em que se destacavam especialmente os catolicismos há muito tempo resistentes a sucessivas tentativas de normatização da Igreja. Assim, por exemplo, as fronteiras não estavam bem definidas entre os amuletos que se faziam remédios por ação das virtudes ocultas e os objetos de devoção carregados ou não sobre o corpo. Em receita para gota-coral, citada anteriormente, o *Erário Mineral* explicava a respeito dos amuletos retirados de andorinhas no mingunte da lua, que estes agiam beneficentemente “por virtude oculta que Deus lhe deu”.⁴⁴

Retome-se a personagem de Dona Zefina, de Domingos Olímpio. Ao lado dos tantos remédios acionados ou apenas aventados por ocasião da doença da mãe de Luzia, apareciam “confundidos, entrelaçados, os rosários, bentinhos e medidas de santos, que lhe pendiam do pescoço”.⁴⁵ Também os livros que ensinavam a remediar evocavam essa estirpe de objetos curativos que propiciavam uma relação direta com Deus ou com seus intermediários, os santos e ainda os papas. O *Lunário Perpétuo* dedica toda uma seção para uma espécie desse remédio, denominado *Agnus Dei*: unidades “Feitas as formas grandes, ou pequenas, de cera branca, e muito limpa”⁴⁶ supostamente benzidas pelo

⁴³ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO....** [1876]. Lisboa: Vega, 1978, p. 226.

⁴⁴ FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral** [1735]. Organização Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Oswaldo Cruz, 2002, p. 434.

⁴⁵ OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem** [1903]. Fortaleza: ABC, 2002, p. 81-82.

⁴⁶ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 265.

Papa periodicamente e distribuídas entre os fiéis. Dos benefícios garantidos a quem porta esse pequeno pedaço de cera, diz-se:

Será também preservado de peste, de gota coral, e de morte subita, como o Summo Pontifice pede a Deos em huma das orações, que reza quando o sagra.

[...]

Tambem tem virtude muito grande para livrar as mulheres que estão de parto, de todo o perigo, dando-lhes esforço, e animo naquella aperto.

Notem huma grande excellencia, e virtude do *Agnus Dei*, e he que se a mulher, que anda de parto, estiver em perigo de não poder parir, lhe dareis tres pedacinhos pequeninos a beber em huma pouca de agua, e tendo fé parirá sem lezão, nem perigo: e he cousa maravilhosa que as mãis, que o tem tomado, parirão antes de chegar á terceira dôr; e se deve dar quando se vê que ha necessidade, e perigo.⁴⁷

Propiciando ampla proteção pelo contato, esses remédios usavam-se também em poções ingeridas em situações de perigo, como o parto. Os remédios que agiam em função de virtudes ocultas, religiosas ou não, pareciam possuir poucas particularidades nas formas de administração. Algo a indicar que, seja qual for o expediente de cura, o mais importante ingrediente era a fé; e a sua ausência, em geral considerada o mais grave dos pecados, era a fonte maior das doenças.

Em a certa altura da prosa de Domingos Olímpio, Dona Zefina assim esclarecia o modo como entendia seus incômodos: “São os meus pecados, que me encaranguejam as pernas. Já fiz uma promessa a São Francisco das Chagas de Canindé para que ele me pusesse em estado de caminhar com meus pés; e... nada... Cada vez mais me incham as juntas e se me entortam os ossos”.⁴⁸ Desde já, claro se faz que tal compreensão é atravessada por uma frágil distinção entre corpo e alma, donde uma espécie de solução de continuidade entre pecado e doença, condutas morais e castigos físicos – perspectiva compartilhada ou desenvolvida por alguns dos livros que ensinam a respeito dos remédios.

⁴⁷ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 267-268.

⁴⁸ OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem** [1903]. Fortaleza: ABC, 2002, p. 19.

Tal entendimento está presente, por exemplo, no *Compendio Narrativo do Peregrino da America*. No capítulo dedicado aos conselhos relativos aos remédios que livrariam os colonos dos males do corpo, o narrador andarilho explica:

Isto supposto, claro fica, que para Deos nos dar o seu Reino, he necessario que o mereçamos levando a nossa Cruz: isto he, fazendo penitencias, jejuando, disciplinando-nos, trazendo cilícios, exercitando todas as boas obras, mortificando-nos, e abstrahindo-nos de todos os gostos, e deleites do mundo. E quando Deos vê que o não fazemos, ou que não he o que basta para nos dar a salvação; por sua Divina misericordia costuma dar-nos trabalhos, pobreza, e doenças, para desconto das culpas, e para termos merecimentos; e finalmente outros muitos detrimientos, e molestias, que chamamos Cruz. E ficay entendendo, que sem passarmos por esta ponte, e subirmos por esta escada, não he possivel chegarmos ao Reino do Ceo.⁴⁹

Os remédios que garantem a proteção contra as enfermidades físicas são os mesmos que providenciam a vida eterna. Os males do corpo se confundem com os males da alma. A conduta de cristão regrado é a solução para evitarem-se os sofrimentos do corpo e a salvação da alma.

Algo muito próximo dessa equação estava no horizonte da mãe de Luzia quando atribuiu o restabelecimento da saúde, que apresentou em certo momento da prosa, não aos medicamentos de farmácia que hesitantemente tomava, mas a outro gênero de remédios. Remédios que se confundiam com práticas de devoção. Durante longo período absorva em promessas e orações dedicadas a santos, primeiro São Francisco de Canindé e depois a São Gonçalo da Serra dos Cocos, Dona Zefina concluiu que sua melhora foi resultado dessas práticas. Seu remédio mais efetivo derivava da religião, em especial dos gestos que evocavam os santos do panteão católico.

Em concordância com essa compreensão de remédio, o *Lunário Perpétuo*, além dos preparados com ingredientes provenientes de plantas, bichos e metais, e também do amuleto *Agnus Dei*, apresenta ao seu leitor uma oração dita igualmente eficiente para os trâmites da saúde. O livro fala das graças alcançadas por intermédio do

⁴⁹ PEREIRA, Nuno Marquez. **Compendio Narrativo do Peregrino da America**. Em que se tratam vários discursos espirituales, e Moraes, com muitas advertencias, e documentos contra os abusos, que se achão introduzidos pela malicia diabólica no Estado do Brasil. Lisboa: Off. de Antonio Vicente da Silva, 1760, p. 357-358.

[...] Bemaventurado Santo Antonio de Lisboa, da Ordem de S. Francisco, [por] todos aquelles que, com confiança lho pedirão por meio do verso seguinte, o qual reza a Igreja em honra do mesmo Santo. Diz assim:

*Si quaeris miracula,
Mors, error, calamitas,
Daemon, lepra fugiunt,
AEgri surgunt sani.
Cedunt maré, vincula,
Membra, resque perditas,
Petunt, & accipiunt
Juvenes, & cani.
Vers. Pereunt pericula,
Cessat & necessitas,
Narrent hi, qui sentiunt,
Dicant Paduani.
Gloria Patri & c. Cedunt &c.*⁵⁰

Este verso era indicado em numerosas situações:

[...] achareis nelle que não sómente para achar cousas perdidas, e futuras, senão tambem para se livrar de muitos, e grandes trabalhos, e miserias, tem virtude muito efficaz; assim como para afugentar o demonio, e para não cahir em erros, e calamidades, livrando-se muitos da morte, lèpra, e outros males, por cujo meio os enfermos cobrão saude e os necessitados remedio. A este verso obedecem o mar, ventos, e tempestades; e ainda os que estão fracos, e tolhidos de seus membros ficarão livres, e são pela devoção deste verso.⁵¹

Utilizada para encontrar objetos perdidos, obter antecipações do futuro, garantir proteção e cura diante de enfermidades, livrar-se de catástrofes, ter as condutas iluminadas e distanciar o anjo decaído, esta oração dá indícios de que a doença e o pecado andam muito próximos e, algumas vezes, guiados pelo demônio. No âmbito das doenças e dos remédios, aliás, a aparição do demônio poderia ocorrer. Além dessa oração que busca afrontar esse produtor de forças malignas, também o *Agnus Dei*, anteriormente citado, encarrega-se de livrar o portador “de fogo, de fantasmas, de

⁵⁰ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 208-209.

⁵¹ *Ibidem*, p. 210-211.

visões, e espantos, e também das ciladas do demonio”⁵² que podem ocasionar abatimentos corporais.

A dimensão demoníaca nas dinâmicas da saúde e da doença nunca aparece bastante clara. É bem possível, ainda assim, que guarde afinidades com um conjunto maior de forças maléficas de natureza pouco discernível, identificadas por diversos nomes: feitiços, malefícios, mau-olhados, quebrantos, mandingas, espíritos, assombrações etc. Para esses eflúvios malignos, os remédios são inumeráveis e não raramente se confundem com aqueles feitos de astros, de plantas e animais, de metais e objetos de porte, de orações e promessas, dos cuidados com a alma. Nesse sentido, tudo ainda permanece no universo das virtudes ocultas, da fé religiosa, do sagrado e do mistério, tudo isso um pouco reunido na noção de segredo, que torna a realidade mais animista do que predominantemente física, mais colorida e nuançada do que transparente.

Luís Gomes Ferreira, que escreveu o *Erário Mineral*, recorre a uma grande autoridade médica lusitana do século XVIII, o Dr. Curvo Semedo, para explicar como se produzem, como se caracterizam e como se combatem as doenças decorrentes de malefícios:

Diz o doutor Curvo que os feitiços se podem dar em diferentes iguarias e bebidas, já disfarçados em vários manjares, já em notáveis fervedouros, dos quais se seguiu ficarem uns tontos e mentecaptos enquanto viveram, outros ligados e incapazes dos atos matrimoniais, outros inchados como pipas, outros secos como paus, outros fugindo da gente, outros com tão grande aborrecimento às suas mulheres que nem as podiam ver, nem ouvir falar nelas; o que tudo viu e notou, e que seria impossível referir o que neste particular experimentou e observou, porque alguns viu enfeitizados ou endemoninhados, que se queixavam viam vários fantasmas em figuras de cavalos, elefantes, perus, serpentes e dragões; a alguns destes curou, fazendo-lhe trazer ao pescoço e nos pulsos dos braços alambres brancos, e a outros mandando-os defumar com a semente da erva antérico, trazendo-a também ao pescoço; assim o dizem Escrodero, Crolio e outros autores.⁵³

⁵² **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 267-268.

⁵³ FERREIRA, Luís Gomes. *Erário Mineral* [1735]. Organização Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Oswaldo Cruz, 2002, p. 423.

Os feitiços, durante longo tempo pertencentes à etiologia das autoridades médicas, são as entidades mórbidas que mobilizam ampla diversidade de remédios, indo dos amuletos de apelo religioso, à la *Agnus Dei*, a metais ou resinas como o alambre ou âmbar; das plantas a serem defumadas ou carregadas sobre o corpo àquelas que devem ser ingredientes de poções, como a raiz de mil-homens e a raiz chamada orelha-de-onça;⁵⁴ dos “dentes de uma caveira postos em brasa”⁵⁵ às palmilhas dos sapatos misturadas com esterco humano;⁵⁶ da ferrugem de chaminé às conchas marinhas ou corais ou ainda aos pés de esponja queimada.⁵⁷ Desse modo, os malefícios constituem os problemas de saúde que mais fazem dissolver a pretensa pureza e o monopólio das terapêuticas mais afeitas a especializações, como os medicamentos ou drogas de botica, que em geral acabam sendo cruzadas com lógicas de cura completamente diferentes. Nesse sentido, em certo momento da prosa de Domingos Olímpio, Terezinha tentava convencer a protagonista do romance da existência de doenças por certas razões:

Conheci um moço que foi enfeitado por uma rapariga, embelezada por ele. A criatura, de repente, ficou toda torta, como se lhe desse o ar... Ave-Maria; foi murchando, secando até ficar pele e osso. Parecia mais um defunto em pé, que gente viva. Desenganado de remédio de botica, foi se retirar ao padre João Crisóstomo, mandou fazer orações fortes... Foi bobage... A felicidade dele foi topar com uma cigana que lhe deu contrafeitiço, uns pozes para beber com leite de peito... Santo remédio, menina... Uma coisa é ver, outra é dizer, como ele se levantou, já tendo os pés na cova.⁵⁸

O medicamento comprado na botica ou na farmácia, o gênero de cura mais comum aos nossos tempos, respondia por apenas uma espécie destes expedientes de cura cuja vastidão ressignifica continuamente a palavra *remédio*. Os remédios aqui tratados acabam sendo um pouco de tudo que passa pelo mundo, um pouco de tudo cujo uso se faz no sentido de combater a doença, então compreendida num sentido que hoje parece amplo – ainda muito distante de uma disfunção física localizável. O corpo, aliás, ainda não se erguia como unidade física fronteira do derredor; no máximo confundia-

⁵⁴ FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral** [1735]. Organização Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Oswaldo Cruz, 2002, p. 674-675.

⁵⁵ Ibidem, p. 421.

⁵⁶ Ibidem, p. 422.

⁵⁷ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 291-292.

⁵⁸ OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem** [1903]. Fortaleza: ABC, 2002, p. 79.

se com uma frágil estabilidade, porosa e suscetível à ação de instâncias ou entidades relativas não somente ao bem e ao mal, à alma cristã ou ao demônio ardiloso. Espíritos diversos, malefícios, visagens, feitiços, fantasmas, quebrantos, mau olhados e mais uma multiplicidade de forças que agiam pelos caminhos ocultos e segredados atravessavam o corpo e os homens, religando-os ao mundo e a si mesmos.

É essa noção alargada de remédio que se faz presente em alguns dos livros que se dedicavam integral ou parcialmente a ensinar a remediar na saúde e na doença, em especial no *Lunário Perpétuo*. Partindo de forma privilegiada desse livro, mas também realizando cruzamentos com outros registros que abordam os expedientes de cura, buscou-se refletir sobre o consumo dos remédios em relação com as experiências do tempo de que tomam parte. Neste estudo, portanto, além das ditas drogas de farmácia, integraram-se plantas, orações, pedras, animais, estrelas, promessas, metais, regimentos, amuletos, feitiços, santos, objetos os mais inusitados aos nossos olhos, como sapatos, instrumentos musicais e especialmente os próprios livros que, a partir de diversos usos e de diversas espessuras temporais, também remediavam.

2.2. Um livro eterno e mutante

Para Luís da Câmara Cascudo, em seu *Dicionário de Folclore Brasileiro*, o livro intitulado *Lunário Perpétuo*

Foi durante dois séculos o livro mais lido nos sertões do Nordeste, informador de ciências complicadas de astrologia, dando informações sobre horóscopos, rudimentos de física, remédios estupefacientes e velhíssimos. Não existia autoridade maior para os olhos dos fazendeiros e os prognósticos meteorológicos, mesmo sem maiores exames pela diferença dos hemisférios, eram acatados como sentença. Foi um dos livros mestres para os cantadores populares, na parte que eles denominavam ‘ciência’ ou ‘cantar teoria’, gramática, história, doutrina cristã, países da Europa, capitais, mitologia. Decoravam letra por letra. É o volume responsável por muita frase curiosa, dita pelo sertanejo, e que provém de clássicos dos séculos XVI, ou XVIII. A primeira edição é de Lisboa, em 1703, na casa da Miguel Menescal. O título inteiro, depois amputado nos volumes editados na última década do século XIX, denuncia o plano da ‘ciência popular’: ‘O NON PLUS ULTRA DO LUNARIO E PROGNOSTICO PERPÉTUO, GERAL E PARTICULAR PARA TODOS OS REINOS E PROVÍNCIAS, COMPOSTO POR JERÔNIMO CORTEZ, valenciano, emendado

conforme o Expurgatório da Santa Inquisição, e traduzido em português'. Registra um pouco de tudo, incluindo astrologia, receitas médicas, calendários, vidas de santos, biografia de papas, conhecimentos agrícolas, ensinamentos gerais, processo para construir um relógio de sol, conhecer a hora pela posição das estrelas, conselhos de veterinária.⁵⁹

O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo..., de autoria do valenciano Jerônimo Cortez (1555-1615), veio a lume na Espanha no ano de 1582. Constituíam um livro que, como tantos outros que surgiram na Europa a partir da invenção da imprensa, trazia como assunto privilegiado a astrologia. Aliás, a predominância das publicações de pauta astrológica, ao lado de sermonários, peças moralizantes e outros impressos de caráter religioso, estava a indicar o prestígio daquele saber entre boa parte dos leitores a que se dedicava a nascente produção impressa europeia.⁶⁰

Tem-se notícia de que, nos séculos que se usa reconhecer como Idade Média, alguns textos astrológicos manuscritos (logo, de acesso restrito) circulavam pela Península Ibérica.⁶¹ Nesse período, precisamente a partir do século X, quando do empreendimento das Cruzadas, o saber astrológico sofreria considerável impulso com a introdução de elementos de tradição árabe, em especial aqueles advindos do chamado *Tetrabiblos*, livro do egípcio Cláudio Ptolomeu, que, “no século II da era cristã, sintetizou os conhecimentos astronômicos e as hipóteses astrológicas anteriores, codificando o saber astrológico”.⁶² Reconhecem-se facilmente traços desse saber nas diversas publicações impressas que ganharam o território ibérico e migraram para o Novo Mundo a partir do século XVI; em especial, os chamados almanaques anuais e as cronografias ou reportórios dos tempos.

⁵⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário de Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro / Ministério da Educação e Cultura, 1962, p. 434.

⁶⁰ “O mais notável, contudo, é que os interesses astrológicos não estavam limitados aos círculos cortesãos, ou aos que rodeavam os grandes, tal como fora o caso, em ampla medida, na Idade Média, mas estavam bem difundidos entre as pessoas. A responsabilidade por isso recai principalmente sobre a invenção da imprensa. Por meio dela, a astrologia foi posta ao alcance de um público infinitamente maior que o dos astrólogos cortesãos do mundo medieval. À frente dessa difusão estava a forma mais disseminada de literatura efêmera do início da era moderna na Inglaterra: o almanaque”. THOMAS, Keith. **Religião e o declínio da magia**: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 244.

⁶¹ CAROLINO, Luís Miguel. **A escrita celeste**: almanaques astrológicos em Portugal nos séculos XVII e XVIII. Rio de Janeiro: Access, 2002, p. 31.

⁶² *Ibidem*, p. 12-13.

No que concerne a esses impressos de natureza astrológica, Luís Miguel Carolino observa que os almanaques eram publicações

[...] editadas anualmente, em largas tiragens, com o título sugestivo de *Prognósticos e Lunários dos Tempos*. Como o próprio nome indica (a palavra almanaque deriva do substantivo árabe *almanakh*, significando calendário), estas pequenas obras impressas tinham como objeto a passagem do tempo, ou melhor, a previsão dos tempos futuros. Quem comprasse o almanaque astrológico para o ano que estava prestes a iniciar-se não apenas adquiria um calendário com informações sobre os dias e os meses do ano, os feriados, as festas religiosas, as fases da lua e, por vezes, as feiras mais famosas, como ficava conhecendo as previsões dos astrólogos para o ano futuro.⁶³

Também as cronografias ou reportórios dos tempos tinham a astrologia como pauta privilegiada. Diferiam dos almanaques anuais pois não eram periódicos e se erguiam como obras de referência nas quais “os autores expunham as regras básicas da ciência astrológica de Ptolomeu. Entre esses autores que também assinaram vários prognósticos, destacaram-se André do Avelar, Manuel de Figueiredo e Gaspar Cardoso de Sequeira, juntamente com autores de origem espanhola como Jerónimo Cortez e Antônio Najera”.⁶⁴

A periodicidade anual e, portanto, o caráter mais localizado no tempo e no espaço das chamadas folhinhas ou almanaques astrológicos expressavam sua diferença em relação às cronografias de referência, o que não impedia, entretanto, que as duas modalidades de impresso tivessem seus nomes confundidos, havendo nesse sentido reportórios anuais e mesmo lunários perpétuos. Especialmente esses últimos circularam amplamente na Península Ibérica, atravessando diversas vezes e sem grandes dificuldades as fronteiras ainda instáveis entre o que viria a ser Espanha e Portugal desde pelo menos o século XV.⁶⁵

⁶³ CAROLINO, Luís Miguel. **A escrita celeste**: almanaques astrológicos em Portugal nos séculos XVII e XVIII. Rio de Janeiro: Access, 2002, p. 7.

⁶⁴ Ibidem, p. 19.

⁶⁵ Rosa Maria Galvão indica, por exemplo, que o primeiro reportório que circulou em terras lusitanas, pelo menos o primeiro de que se tem notícia, datado de 1496, foi o *Almanach Perpetuum*, do judeu de Salamanca Abraão Zacuto. Na sequência, “No século XVI, um dos primeiros sucessos é a tradução (e adaptação para a realidade portuguesa), por Valentim Fernandes, do *Reportorio dos Tempos*, de Andrés Li, ‘cidadão de Saragoça’. Publicado em 1518, foi republicado por Germão Galhardo sucessivamente em 1521, 1528, 1543, 1552 e 1557”. In: GALVÃO, Rosa Maria (Coord.). **Os sucessores de Zacuto**. O Almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002, p. 14.

O *Lunário Perpétuo* de Jerônimo Cortez não demora a entrar nesse circuito, angariando considerável sucesso entre os leitores de terras lusitanas. Sua presença entre os índices de 1632, 1640 e 1707 da Inquisição em Portugal⁶⁶ mostra que a circulação de edições hispânicas antecedeu as primeiras edições portuguesas, iniciadas no alvorecer do século XVIII. Com efeito, foi no ano de 1703 que a casa editorial e/ou tipográfica de Miguel Menescal publicou sua primeira tradução para o português, realizada por Antonio da Silva de Brito. Dos três nomes próprios envolvidos nesse empreendimento editorial em Portugal, o do tradutor Antonio da Silva de Brito foi, ao que aparenta, o que recebeu maior destaque. No *Diccionario Biobibliographico Portuguez*, publicado em 1858 por Innocencio Francisco da Silva, obra dedicada aos homens célebres em Portugal, é no verbete consagrado a Antonio da Silva de Brito que se encontram as maiores informações sobre o *Lunário Perpétuo*:

ANTONIO DA SILVA DE BRITO, cujas circunstancias pessoais foram ignoradas de Barbosa, e também não vieram ainda ao meu conhecimento. – E.

1506) (C) *Fysionomia e varios segredos da Natureza; contém cinco tractados de diferentes materiaes etc. traduzidos de Jeronymo Cortez, Valenciano*. Lisboa, por Miguel Menescal 1699. 8.º - Esta obra, que se tornou popularissima em Portugal, foi no decurso do seculo passado repetidas vezes reimpressa. D'entre todas as edições que d'ella se fizeram mencionarei só, por tel-as agora á vista, a de Lisboa, na Off. de Domingos Gonçalves 1786, 8.º de VIII-232 pag., que é talvez das mais correctas, e outra, ibi, na Off. de Francisco Borges de Sousa 1792. 8.º - Ainda no seculo actual têm continuado as reimpressões, das quais a ultima que conheço é de Lisboa, na Typ. de Mathias José Marques da Silva 1844. 8.º

Bom fora que seu mérito correspondesse a tão extraordinario consumo; porém desgraçadamente não passa de ser um amontoado de frioleiras e erros grosseiros de toda a especie, apresentando a cada passo doutrinas, que a sciencia tem desde longo tempo desterrado para o paiz das chimeras.

1507) (C) *O Non plus ultra do Lunario e Prognostico perpetuo, geral e particular para todos os reinos e provincias, composto por Jeronymo Cortez, Valenciano, emendado conforme o expurgatorio da Santa Inquisição, e traduzido em portuguez*. Lisboa, por Miguel Menescal 1703. 8.º - Coimbra, por José Antunes da Silva 1730. 8.º - Lisboa, 1757. 8.º - Ibi, por Francisco Borges de Sousa 1768. 8.º de VIII-312 pag., que é a edição que possuo. – Ibi, por Joaquim Thomás de Aquino Bulhões 1805. 8.º - Ibi, na Imp. Regia 1820. 8.º - Ultimamente accrescentado, ibi, na Typ. de Mathias José Marques da Silva 1850. 8.º

⁶⁶ COSTA, Adalgisa Botelho da. **O 'Reportório dos Tempos' de André do Avelar e a Astrologia em Portugal no século XVI**. Rio de Janeiro: Booklink; São Paulo: FAPESP/GHTC/UNICAMP, 2007, p. 55.

Não creio que as sete edições indicadas sejam as únicas que d'este livro se tem feito. É provável que mais algumas existam, que ainda não viesse á minha noticia. Da obra pode com pouca diferença dizer-se o mesmo que da antecedente.⁶⁷

A seguir as indicações do verbete, o *Lunário Perpétuo* não foi a única obra de Jerônimo Cortez traduzida para o português; o livro foi antecedido em alguns poucos anos por outro, dedicado aos segredos da natureza. Não é um despropósito, pois, levantar a hipótese da fama do valenciano em Portugal, por onde suas obras já circulavam em línguas hispânicas, agradando possivelmente a um público considerável. Não fosse isso, difícil seria compreender a decisão da casa editorial e/ou uma tipografia de Miguel Menescal de mandar traduzir e imprimir num curto intervalo de tempo duas obras do mesmo autor, ambas (nessas primeiras edições, como de resto nas demais inventariadas no verbete) em in-8º, ou seja, em formato pequeno, com aproximadamente 18 cm de página, indiciando uma economia no uso do papel, certa redução dos custos de produção que, incidindo sobre o preço do impresso, tornava sua aquisição mais fácil por parte de um número maior de compradores.

Se a ausência de Jerônimo Cortez, nome do autor da obra, entre os verbetes da obra de Innocencio Francisco da Silva se explica pela predileção do dicionário pelos homens naturais de Portugal, ainda mais num período de nacionalismos exacerbados, como era o século XIX, o destaque conferido a Antonio da Silva de Brito não deve, no entanto, ser compreendido por este critério de exclusão. Talvez um pequeno detalhe na escrita do verbete possa oferecer elementos para pensar o relevo conferido ao tradutor: a presença da sigla “E.”. Nesse dicionário, a sigla informa que Antonio da Silva de Brito *escreveu* a obra. Compreende-se, portanto, que o texto português se constrói por uma operação de escrita do tradutor que inclui e extingue excertos, palavras, noções em obediência a várias exigências: a manutenção da matriz narrativa que fez o sucesso e o prestígio do livro, provocando sua fama para além das terras hispânicas, a necessidade de criar afinidades ou reconhecimentos entre o texto e o leitor lusitano naquele começo de século XVIII, as apostas editoriais com suas convicções de ter de inserir novos valores ou derruir tradições e, quem sabe, o anseio de implantar sua própria marca autoral de tradutor/escritor sobre o livro – embora, ao longo das edições que sucederam

⁶⁷ SILVA, Innocencio Francisco da. **Diccionario Bibliographico Portuguez**. Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858, p. 269-270.

essa tradução setecentista, tais marcas pudessem ter sofrido modificações das diversas casas editoriais ou tipográficas pelas quais o *Lunário Perpétuo* passou.

Em todo caso, é essa tradução/escrita setecentista de Antonio da Silva de Brito que passa a ser uma espécie de matriz para as demais edições portuguesas produzidas séculos a fio – aquelas citadas por Innocencio Francisco da Silva até meados do século XIX, mas também outras. Ainda no século XIX, por exemplo, em 1857, há uma edição de Lisboa, impressa na tipografia de José Baptista Morando. No século XX, além da edição fac-símile da Vega, cuja publicação original data de 1876, e daquela da Chardron, de Lello & Irmão, de 1927, Câmara Cascudo aponta, em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, nos anos 1960, a existência de uma edição de 1921.⁶⁸ Eduardo Campos, em estudo intitulado *Medicina Popular do Nordeste*, utiliza uma edição do impresso de 1945.⁶⁹ Em seu trabalho sobre almanaques populares, Rosilene Alves de Melo cita uma edição de 1955, de Lisboa pela Livraria Editora.⁷⁰ É possível verificar nessas edições, como havia indicado Câmara Cascudo, que, à medida que findava o século XIX e iniciava o século seguinte, o título do livro ia sendo retraído, firmando-se não mais como *O Non Plus Ultra...*, mas apenas como *Lunário Perpétuo*.

Dito isso, acompanhando alguns pontos da travessia do livro perpétuo que, desde o século XVI, mediante múltiplas edições, circula na Espanha, chega a Portugal, e de lá desembarca no Brasil, é hora de colocar uma importante questão: como foi possível que um mesmo livro pudesse ter servido e sobrevivido aos interesses de tantos leitores distanciados no tempo e no espaço?

Um primeiro passo para enfrentar essa questão consiste em entender o *Lunário Perpétuo* como pertencente a um gênero de impresso peculiar: os almanaques. Desde os séculos XV e XVI, explica Rosa Maria Galvão, “‘Calendário’, ‘diário’, ‘borda de água’, ‘repertório’, ‘prognóstico’, ‘lunário’, ‘sarrabal’, ‘efemérides’, ‘agenda’, ‘folhinha’, ‘guia’, ‘tesouro’, ‘perfeito lavrador’, e até ‘tratado’ e ‘dissertação’, muitos foram os nomes que identificaram, ao longo dos tempos, uma brochura a que, frequentemente, se

⁶⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário de Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro / Ministério da Educação e Cultura, 1962, p. 434.

⁶⁹ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 137.

⁷⁰ MELO, Rosilene Alves de. Almanques de cordel: do fascínio da leitura para a feitura da escritura, outro campo de pesquisas. **Revista IEB**, n. 52, set. mar. 2011, p. 107-122.

chama apenas ‘almanaque’”.⁷¹ Impressos que, em geral, encarregam-se de organizar o tempo, os almanaques podem falar de tudo. E falam. Na maioria das vezes, dessa forma: um tema, depois outro, mais outro e mais outro e, assim, sucessivamente. Os temas se sucedem, estão todos contíguos, mas nem sempre são, ao menos imediatamente, afins. É sobre esses recortes e colagens que muitas vezes se assenta a pecha negativa em torno do gênero. Argumenta-se que se fala de tudo, mas nunca o suficiente, sempre superficialmente: “conhecimento de almanaque”.

A despeito de suposto descrédito em relação aos almanaques, alguns estudiosos se dedicaram a compreender melhor esse fenômeno que comporta uma vivacidade impressionante, haja vista a longevidade do próprio *Lunário Perpétuo*. Jerusa Pires Ferreira, em especial, toca em uma questão central a ser enfrentada por aqueles que se interessam sobre o gênero, a saber:

[...] o desafio de pensar no texto dos almanaques como um grande fundo mais ou menos estável, ao longo dos séculos e, ao mesmo tempo, uma conexão sempre móvel e atualizável, a depender dos públicos leitores, das épocas e das direções que se impunha a este corpo diverso de saberes. Aparentemente estranha a conexão de códigos, linguagens, cifras. Jogo, divertimento, informação pragmática, articulação de antigas crenças e ritos, e ainda a inserção de novos dados que podem parecer corpos estranhos mas que são exatamente aquilo que faz a especificidade do almanaque, equilíbrio entre um conjunto estabilizado e a inserção do novo.⁷²

O que particulariza o almanaque é esse jogo entre aquilo que se mantém quase como uma espécie de núcleo-duro e aquilo que a esse núcleo vai-se integrando ou que nele vai-se mingando ao longo das edições, dos tempos, dos lugares, dos leitores etc. Esse jogo é móvel, com regras flexíveis. Paradoxalmente, tem limites: precisa ter uma matriz narrativa suficientemente forte e definida para que o livro não se perca, para que não se transforme em outro, não desapareça. É, portanto, a condição da diversidade que permite a existência de tantos almanaques e, já se pode adiantar, de tantos *Lunários Perpétuos* ao longo de séculos.

⁷¹ GALVÃO, Rosa Maria. Almanagues. In: GALVÃO, Rosa Maria (Coord.). **Os sucessores de Zacuto**. O Almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002, p. 11.

⁷² FERREIRA, Jerusa Pires. Almanaque. In: MEYER, Marlyse (Org.). **Do Almanak aos almanaques**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 19.

Ainda segundo Jerusa Ferreira, esse processo de alta complexidade que se expressa “segmentado em sua concepção, aparentemente uma mensagem heteróclita mas que forma a unidade de todo um antigo corpo”⁷³ traduz uma categoria textual por ela denominada de *composto*, cuja análise exige que se façam algumas perguntas:

De onde parte, de que texto preliminar, onde se fundamenta e enraíza, quais são os ‘contratextos’ que matriciam as novas versões? Que espécie de arcabouço forma os vários livros, em suas grandes diferenças, mas que se dirigem sempre a uma unidade [...]? O que se conserva sempre e quais as variáveis que, por mais que se dispersem, formam a matriz com uma unidade que requer um texto popular, com as características de um composto de narrativas, orações, previsões, exorcismos?

O que define estas escrituras todas que vão trazendo as marcas de novos tempos, que têm a interferência e o exercício de autores anônimos e fantasmáticos, existentes ou inventados e que se integram neste conjunto impressionantemente uno?⁷⁴

Todas essas perguntas estão a indicar que os livros *compostos*, muito longe de expressarem conjuntos desarrazoados e sem qualquer coerência interna, são constituídos, sobre a base de uma matriz narrativa, de trechos e seções em incessante fluxo, mas com suas razões de ser. Convém, portanto, buscar essas relações no interior do *Lunário Perpétuo*, para o que se impõe um trabalho de cotejamento de algumas edições.

Das três edições portuguesas de que dispomos, duas apresentam títulos idênticos: *O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO. Emendado conforme o Expurgatorio da Santa Inquisição, e traduzido em portuguez por ANTONIO DA SILVA DE BRITO. E no fim vae accrescentado com uma invenção curiosa de uns apontamentos e regras para que se saibam fazer prognosticos e discursos annuaes sobre a falta ou abundancia do anno, e um memorial de remedios universaes para varias enfermidades*, que figura no frontispício dos dois livros. Um deles é de 1857, impresso na tipografia de José Baptista Morando, de Lisboa, e outro de 1876, publicado em fac-símile no ano de 1978 pela editora Vega, também na mesma cidade. No último caso, a publicação constituía mais um item da coleção

⁷³ FERREIRA, Jerusa Pires. *O Livro de São Cipriano: uma legenda de massas*. São Paulo: Perspectiva S.A., 1992, p. XVIII.

⁷⁴ *Ibidem*, p. XXII-XXIII.

ALMANAQUE, cuja finalidade era “oferecer ao leitor uma colecção de deliciosas ‘velharias’”,⁷⁵ como indicado na apresentação da obra.⁷⁶ A terceira edição data de 1927,⁷⁷ quando a Livraria Chardron, de Lello & Irmão, localizada na cidade do Porto, publica sua versão do livro perpétuo – *Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO reformado e muito acrescentado* 1.º Na computação dos tempos 2.º Nas cousas agrícolas 3.º Com as virtudes medicinaes d’algumas plantas portuguezas 4.º Com os soccorros a dar aos envenenados 5.º Com a descripção e tratamento de muitas molestias 6.º Com numerosas receitas uteis e proveitosas 7.º Com o modo de descobrir as aguas 8.º Com varios jogos de cartas divertidos, etc.

Das comparações entre as três edições, constatou-se a permanência do calendário, no qual se sobressaem as referências religiosas e astrológicas, como se observa das imagens que seguem. A partir desse calendário, seria possível forjar uma série de marcos temporais que, em atenção aos dias das celebrações religiosas e às rotas astrais, participariam da organização da vida em sua dimensão mais prática. Parece ser esse o núcleo-duro dos *Lunários Perpétuos*: uma base cronológica à qual se vêm integrar, ao longo das distintas edições, múltiplas seções que abordam majoritariamente as questões do dia a dia.

⁷⁵ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** [1876]. Lisboa: Vega, 1978, p. 6.

⁷⁶ Não se indica a data da edição original. No entanto, em seção relativa à contagem dos anos, este *Lunário* informava que o tempo se dividia em três, sendo que “A terceira parte começou em tempo da Lei da Graça dada por JESUS CHRISTO, Deus e homem verdadeiro: o qual tempo ha que dura, correndo desde a morte do mesmo Christo, 1876 annos”. Ibidem, p. 11. Donde se conclui que a edição original data de 1876.

⁷⁷ Não há indicação de data na capa ou contracapa desta publicação. Chegamos à conclusão de que se tratava do ano de 1927, a partir da leitura da seção “DO TEMPO”. Dividindo o tempo em três partes, o *Lunário* afirma que “A terceira parte começou no anno do Nascimento de nosso Senhor Jesus Christo, o qual tempo ha que dura, correndo desde o Nascimento do mesmo Christo, 1:927 annos”, donde se presume que a publicação data desde ano. **Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão Ltda, 1927, p. 11.

Aur. N.	JANEIRO, tem 31 dias.	Aur. N.
	A. 1 ✠ Circumcisão do Senhor.	a. 13
17	b. 2 S. Isidoro Bispo, e M.	b. 2
	c. 3 S. Antero Papa M.	c. 10
6	d. 4 S. Eugenio e seus comp.	d. 7
	e. 5 S. Simeão Estylita.	e. 15
3.14	f. 6 ✠ Dia de Reis.	f. 18
	g. 7 S. Theodoro Monge.	g. 4
11	A. 8 S. Lourenço Justiniano.	h. 12
19	b. 9 * S. Julião Martyr.	i. 1
	c. 10 S. Paulo 1. ^o Eremita.	j. 9
	d. 11 S. Hygino Papa M.	k. 17
16.8	e. 12 S. Satyro Martyr.	l. 6
	f. 13 S. Hilario Bispo.	m. 3
	g. 14 * Os Martyres do Carmo.	n. 11
5	A. 15 * Santo Amaro.	o. 19
13	b. 16 Os Martyres de Marrocos.	p. 8
	c. 17 S. Antão Abbade.	q. 5
10.2	d. 18 A Cadeira de S. Pedro.	r. 13
	e. 19 S. Dionisio Carmelita.	s. 1
	f. 20 * S. Sebastião Martyr.	t. 9
	g. 21 Jgj. Santa Ignez V. M.	u. 17
7	A. 22 ✠ S. Vicente Martyr.	v. 3
15	b. 23 S. Ildefonso Bispo.	x. 11
18	c. 24 N. Senhora da Paz.	y. 19
	d. 25 Conversão de S. Paulo.	z. 8
4	e. 26 S. Policarpo B. M.	1. 5
12	f. 27 S. João Chrysostomo.	a. 13
1	g. 28 Santa Ignez, e S. Cyrillo.	b. 2
	A. 29 S. Francisco de Salles.	c. 10
9	b. 30 Santa Martinha V. M.	d. 7
	c. 31 S. Pedro Nolasco.	e. 15

Conjunções da Lua, ou Luas novas perpetuas, e geraes.

Luas cheias perpetuas, e geraes.

Figura 1. Mês de janeiro do calendário do *Lunário Perpétuo*, edição datada de 1857. (*O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO*. Emendado conforme o Expurgatorio da Santa Inquisição, e traduzido em portuguez por ANTONIO DA SILVA DE BRITO... Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 39).

Aureo numero		JANEIRO, tem 31 dias		Aureo numero	
Conjunções da lua ou luas novas perpetuas e geraes	A.	1	✠ Circumcissão do Senhor.	a.	13
	17 b.	2	S. Izidoro, B. e M.	b.	
	c.	3	S. Anthero, P. M.	c.	2
	6 d.	4	S. Eugenio e seus comp.	d.	10
	e.	5	S. Simeão Estyllta.	e.	
	3.14 f.	6	✠ Dia de Reis.	f.	
	g.	7	S. Theodoro, monge.	g.	7
	11 A.	8	S. Lourenço Justiniano.	h.	15
	19 b.	9	• S. Julião, M.	i.	18
	c.	10	S. Paulo, 1.º eremita.	k.	4
	d.	11	S. Hygino, P. M.	l.	
	16.8 e.	12	S. Satyro, M.	m.	12
	f.	13	S. Hilario, B.	n.	
	g.	14	• Os Martyres do Carmo,	o.	1
	5 A.	15	• Santo Amaro.	p.	
	13 b.	16	Os Martyres de Marrocos.	q.	9
	c.	17	Santo Antão, abbade	r.	17
	10.2 d.	18	A Cadeira de S. Pedro.	s.	6
	e.	19	S. Dyonsio, carmelita.	s.	
	f.	20	• S. Sebastião, M.	t.	
	g.	21	(Jef.) Santa Ignez, V. M.	v.	14
	7 A.	22	✠ S. Vicente, M.	u.	3
	15 b.	23	Santo Ildefonso, B.	x.	11
	18 c.	24	Nossa Senhora da Paz.	y.	
	4 d.	25	Conversão de S. Paulo.	z.	19
	e.	26	S. Polycarpo, B. M.	2.	8
	12 f.	27	S. João Chrysostomo.	5.	
	1 g.	28	Santa Ignez e S. Cyrillo.	a.	16
	A.	29	S. Francisco de Salles.	b.	5
	9 b.	30	Santa Martinha, V. M.	c.	
	d.	31	S. Pedro Nolasco.	d.	13
				Luas cheias perpetuas e geraes	

Figura 2. Mês de janeiro do calendário do *Lunário Perpétuo*, edição datada de 1876. (*O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO*. Emendado conforme o Expurgatorio da Santa Inquisição, e traduzido em portuguez por ANTONIO DA SILVA DE BRITO... [1876]. Lisboa: Vega, 1978, p. 34).

JANEIRO, tem 31 dias

Aureo num.		Aureo num.	
Conjunções das Luas, ou Luas novas perpetuas e geraes.	9 A.	1 ✠ Circumcisão do Senhor.	5
	b.	2 S. Isidoro, B. M.	13
	c.	3 S. Anthero, P. S. Genoveva.	
	17 d.	4 S. Gregorio, B. S. Tito.	
	6 e.	5 S. Simeão Estylita.	10,2
	f.	6 ✠ Dia de Reis.	
	14 g.	7 S. Theodoro, Monge.	
	A.	8 S. Lourenço Justiniano.	18
	3 h.	9 S. Julião, M.	7
	c.	10 S. Gonçalo d'Amarante.	
	19,11 d.	11 S. Hygino, P. S. Honorata.	4,15
	8 e.	12 S. Satyro e S. <u>Taciana</u> , MM.	
	f.	13 S. Hylario, B.	12
	g.	14 S. Felix, M.	
	16 A.	15 S. Amaro.	
	5 b.	16 Os Martyres de Marrocos.	1
	c.	17 Santo Antão, Ab.	9
	12 d.	18 A. Cad. de S. Pedro em Roma.	17
	2 e.	19 S. Canuto, Rei da Dinamarca.	
	10 f.	20 S. Sebastião, M.	6
	g.	21 <i>Jej.</i> S. Ignez, V. M.	14
	18 A.	22 ✠ (no patr.) S. Vicente, M.	
	b.	23 S. Ildefonso, B. S. Raymundo	3
	7 c.	24 Nossa Senhora da Paz.	
	d.	25 Conversão de S. Paulo.	11
	15 e.	26 S. Polycarpo, B. M.	19
	4 f.	27 S. João Chrysostomo.	
	12 g.	28 S. Ignez, S. Cyrillo.	8
	A.	29 S. Francisco de Salles.	16
	1 b.	30 S. Martinha, V. S. Jacintha.	5
	9 c.	31 S. Cyrillo, B.	

Luas chelas perpetuas e geraes

Figura 3. Mês de janeiro do calendário do *Lunário Perpétuo*, edição datada de 1927. (*Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO reformado e muito acrescentado...* Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, Ltda, 1927, p. 58).

O caráter empírico do livro já aparece sinalizado nos prólogos:

PROLOGO
AO DISCRETO LEITOR

Diz S. Gregorio Nazianzeno, que o bem não he bem se não usa delle; porque não he bastante fazer-se huma cousa boa, se se não obra conforme he. Pela qual razão, disse Seneca, que no fim se causa a gloria, querendo dizer que os effeitos, que se causão do bom, são bons; como tambem os do máo, são máos; alludindo ao que nos diz o Evangelho Santo: *Arbor bona bonos fructus facit & mala malos*. Neste Lunario (amigo Leitor) temos visto taes effeitos, pois com ser livrinho tão pequeno, até o presente se vem tão sublimes, e extraordinarios proveitos para todo genero de gente: assim te não pareça novidade a diversidade de tantas impressões, porque ainda mais se gastariam, se mais se fizerão, especialmente com esta ultima correcção.

[...] e pois a causa final he a causa das causas, bem se segue que a minha tem sido de caridade, e aproveitamento para todos: e semear não menos que boas obras, como disse Cicero, e granjear amigos, como Terencio, e tambem fazer de ignorantes e insipientes, Mestres, conforme Tito Livio.⁷⁸

A afirmação de que o bem só se realiza quando dele se faz *uso*, o jogo entre a pequenez do livro enquanto objeto e os consideráveis proveitos que proporciona, a extensão dessas serventias para um grande número de pessoas que, independente dos círculos que usam dividir os iniciados dos leigos, podem vir a tornarem-se mestres, tudo isso reitera o universo muito empírico no qual o livro perpétuo visa se inserir.

A essa dimensão primeira da existência, Geneviève Bollème denomina *essencial*. Em seu estudo sobre os almanaques franceses dos séculos XVII e XVIII, a autora chama a atenção para a existência nesses impressos de “une certaine représentation du monde dans laquelle se trouvent incluses et liées les préoccupations essentielles de l’humanité, des plus simples au plus complexes (manger, cultiver la terre, vivre ou survivre, prévoir, discerner, se conduire, se gouverner, s’informer, se distraire...)”.⁷⁹ É, pois, na medida em que os almanaques produzem, pela via do

⁷⁸ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** [1876]. Lisboa: Vega, 1978, p. 7-8. Importa ressaltar que uma das particularidades das edições portuguesas reside na permanência deste prólogo, que não recebe assinatura do autor Jerônimo Cortez, nem do tradutor Antonio da Silva de Brito, nem do editor pioneiro Miguel Menescal.

⁷⁹ “uma certa representação do mundo na qual se encontram incluídas e ligadas as preocupações essenciais da humanidade, das mais simples às mais complexas (comer, cultivar a terra, viver ou sobreviver, prever, discernir, se conduzir, se governar, se informar, se distrair...)” [Tradução minha]. BOLLÈME, Geneviève. **Les almanachs populaires aux XVIIe et XVIIIe siècles**. Essai d’histoire sociale. Paris: Mouton & Co; École Pratique des Hautes Études, 1969, p. 25, p. 7.

calendário, uma forma de organização do tempo bastante útil para o encadeamento dos afazeres do dia a dia, que se manifestaria seu objetivo mais nobre: “permettre aux hommes de vivre plus aisément”.⁸⁰

Ideia semelhante se encontra em famosa introdução do escritor Eça de Queiroz para o *Almanaque Enciclopédico* de 1896:

É que o almanaque contém essas verdades iniciais que a humanidade necessita saber, e constantemente rememorar, para que a sua existência, entre uma natureza que a não favorece e a não ensina, se mantenha, se regularize, e se perpetue. A essas verdades, chamam os Franceses, finos classificadores, *verdades de almanaque*. São as altas verdades vitais. O homem tudo poderia ignorar, sem risco de perecer, excepto o mês em que se semeia o trigo. E se os livros todos desaparecessem bruscamente, numa fogueira atizada pelo Senhor, restando apenas entre o montão de cinzas um almanaque inocente, a civilização, guiada pelas indicações genéricas que ele desse sobre a cronologia, a religião, o estado, a lavoura, o direito, poderia continuar, sem esplendor e requinte, mas com fartura e com ordem, a sua marcha de caravana para a sua ignorada Meca.⁸¹ (grifos no original)

Assim, essa chamada *verdade de almanaque*, essa verdade que “rompe pela [...] casa, arregaça as mangas, e imediatamente, cantarolando, esfrega os tachos, limpa os candeeiros, reaviva as pinturas antigas, revercede as flores murchas, emudece as portas que rangem, recola o verniz que lascou...”,⁸² é ela que parece vibrar no *Lunário Perpétuo* desde o prólogo até a última página, costurando continuamente as atividades mais básicas da existência, anunciadas nas sucessivas seções, às marcações temporais do calendário astrológico e religioso.⁸³ Dito de outro modo, é a tônica sobre o mundo da

⁸⁰ “permitir os homens viver mais facilmente” [Tradução minha]. BOLLÈME, Geneviève. **Les almanachs populaires aux XVIIe et XVIIIe siècles**. Essai d’histoire sociale. Paris: Mouton & Co; École Pratique des Hautes Études, 1969, p. 11.

⁸¹ QUEIROZ, Eça de. *Almanaques* (Introdução ao 1º volume do ‘Almanaque Enciclopédico’). In: Idem. **Notas Contemporâneas**. Porto: Lello & Irmão Editores, 1913, p. 512-513.

⁸² Ibidem, p. 539.

⁸³ Diga-se de passagem, o motivo d’*O Non Plus Ultra*, que persegue alguns títulos de edições oitocentistas portuguesas do *Lunário Perpétuo*, parece querer repercutir em alguma medida essa ideia de verdade, de universo essencial a ser conhecido. Significando “não mais além”, este motivo integrava uma iconografia associada às chamadas Colunas de Hércules, que perfazem o Estreito de Gibraltar, até pelo menos o início do século XVI. Jorge Araújo Souza explica que “O ‘non plus ultra’ era um alerta, um impedimento de se ir mais adiante a uma empreitada, aparecendo, juntamente com a coluna de Hércules na obra de Dante Alighieri. Após os descobrimentos, com a retirada da partícula ‘non’, a expressão passou a destacar a ousadia de um governante e de seu Império” In: SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Iconografia da ‘mundialização’ em frontispícios da Monarquia Católica. Notas de pesquisa. **Anais Eletrônicos do X Encontro Internacional da ANPHLAC**. São Paulo, 2012, p. 4. Este governante era Carlos V da Espanha, cujo reinado, conhecido por *Siglo de Oro*, durou de 1516 a 1555. Interessante tomar nota de que embora o motivo *Non Plus Ultra* tenha perdido o “non” quando da publicação da primeira

empíria que rege o estabelecimento de relações de sentido entre as distintas seções que compõem o livro. Assim, para nos determos nas edições portuguesas de que dispomos, no caso do *Lunário Perpétuo* impresso na tipografia de José Baptista Morando, de 1857, assim como naquele de 1876, ao calendário astrológico e religioso, vinham unir-se *Noticia de algumas cousas particulares que a Magestade de Deus nosso Senhor obrou nos sete dias da semana*, que propunha uma narrativa da criação divina do mundo em relação com as atividades que os homens faziam em cada um desses dias, o *Tratado e virtude do Agnus Dei*, que explicava as vantagens deste amuleto em diversas ocasiões, além de uma grande seção intitulada *Memoria de Remedios Universaes para as Enfermidades Ordinarias*, que expõe as medicinas para inúmeras doenças. Na edição da Vega, de 1876, constata-se a presença de um item, a saber, *Outro juizo das enfermidades*, que prognosticava a saúde e a doença mediante a análise da urina do enfermo, inexistente nas demais edições portuguesas do livro perpétuo. O *Lunário Perpétuo* editado por José Baptista Morando traz a seção *Avisos Astronomicos, e curiosos dos sete dias da semana*, que indica características físicas e morais dos homens a depender do dia da semana em que nasceram. A casa Chardron, por sua vez, expõe em seu *Lunário Perpétuo: o Trabalho dos agricultores nos doze meses do ano*, a respeito das atividades de colheita e plantio; os *Preceitos e maxims do agricultor sobre economia domestica e agrícola*, com indicações sobre questões financeiras, arrumações espaciais dos estabelecimentos de trabalho, cuidados com pessoas estranhas, formas de tratamento a serem dadas a pessoas pertencentes a distintos círculos sociais; as *Virtudes medicinaes de algumas plantas, fructos e sementes de Portugal*; o *Socorro a dar ás pessoas afogadas e asphyxiadas*; os *Remedios e tratamento de algumas molestias*, sobre os cuidados com a saúde em âmbito de preservação do bem-estar corporal e nas ocasiões de acidentes diversos; os *Modos de descobrir as aguas*, ensinando como achar fontes deste líquido precioso em diversos terrenos; finalizando com uma parte intitulada *Varios jogos de cartas*, alimentando os momentos de lazer de quem se aventura na leitura. Tudo isso ausente dos impressos da Vega e de José Baptista Morando. A força de adesão dessas distintas e moventes seções ao núcleo-duro do *Lunário Perpétuo*, não resta dúvida, expressava-se na primazia que ofereciam ao empírico e se encadeamento cotidiano propiciado pelo calendário.

edição do *Lunário Perpétuo*, em 1582, manteve-se suficientemente forte para continuar a ser acionado pelas ambições autorais e/ou editoriais que buscavam, mediante o livro, traçar os limites daquilo que pode ou deve ser conhecido, daquilo que se entende por essencial.

2.3. Protocolos de leitura

A escrita do *Lunário Perpétuo* a partir desse movimento contínuo, que, sobre uma mesma narrativa matriz, agregava e retirava seções, derivava das operações empreendidas por escritores, editores, tipógrafos e outros profissionais pelos quais o impresso passou.⁸⁴ Essas operações eram orquestradas pelas ideias que esses profissionais do livro tinham a respeito do público leitor. Essa imagem dos leitores parecia ser forjada mediante procedimentos complexos que envolviam trocas de informação ou acenos entre editores, livreiros e consumidores de livros. Uma vez chegando a algumas conclusões a respeito do que imaginavam ser a “sensibilité du public populaire [...] ses prédilections et ses refus”,⁸⁵ os produtores do livro sinalizavam no impresso como pensavam ou desejavam que as leituras ocorressem. Estabeleciam-se protocolos de leitura.

Que seja explicitamente afirmada pelo escritor ou produzida mecanicamente pela maquinaria do texto, inscrita na letra da obra como também nos dispositivos de sua impressão, o protocolo da leitura define quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo que esboça seu leitor ideal. Deste último, autores e editores têm sempre uma clara representação: são as competências que supõem nele que guiam seu trabalho de escrita e de edição; são os pensamentos e as condutas que desejam nele que fundam seus esforços e efeitos de persuasão.⁸⁶

No *Lunário Perpétuo*, os protocolos de leitura pareciam indicar uma tendência ao prestígio de um corpo de saberes, de estilos narrativos ou de imagens que, em alguma medida, se integravam a uma tradição. De modo que, neste impresso:

Pela recorrência de formas muito codificadas, pela repetição de temas semelhantes de um título a outro, pelo reemprego das mesmas imagens, o conhecimento do texto já visto é utilizado para a

⁸⁴ Sobre esse processo de produção, vale a inferência que Débora Dias faz em seu estudo sobre os almanaques no Ceará, “O ‘autor’ do Almanaque é o editor que faz a seleção dos temas, a compilação dos conteúdos. Pela natureza da publicação, é lícito extrair ideias, pensamentos, anedotas, notícias e fatos, sem por isso ser plagiário de outros impressos, já que cita a origem do reproduzido. Os méritos estariam no valor do conjunto dos escritos escolhidos, na qualidade do que é selecionado”. MACAMBIRA, Débora Dias. **Impressões do Tempo**. Os Almanques no Ceará (1870-1908). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará, 2010, p. 82-83.

⁸⁵ MANDROU, Robert. **De la Culture Populaire aux 17e et 18e siècles**. La Bibliothèque Bleue de Troyes. Paris: Imago, 1999, p. 24.

⁸⁶ CHARTIER, Roger. Prefácio. In: Idem (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009, p. 20.

compreensão de novas leituras. O catálogo azul, torna-se, assim, uma leitura que é mais reconhecimento do que verdadeira descoberta.⁸⁷

Essa afeição pelo já conhecido manifesta uma vivência particular com o tempo, na qual o passado e o futuro se conciliavam pelo apreço da tradição. A leitura do livro perpétuo expressaria em alguma medida uma situação em que

[...] as expectativas que eram ou que podiam ser alimentadas [...] eram inteiramente sustentadas pelas experiências dos antepassados, que passavam a ser também as dos descendentes. Quando alguma coisa mudava, tão lenta e vagarosa era a mudança que a ruptura entre a experiência adquirida até então e uma expectativa ainda por ser descoberta não chegava a romper o mundo da vida que transmitia.⁸⁸

Isto não significa dizer que o livro não trazia o diferente, mas a condição para que este aparecesse residia na sua integração ao já conhecido. Dito de outro modo, os editores do *Lunário Perpétuo*, preocupando-se em garantir uma leitura que se interessava por reconhecer, não se eximiram de cavar ocasiões para dar a conhecer outras coisas. Tome-se o exemplo da seção *Dos cometas e de suas naturezas e efeitos em geral*. No livro editado por José Baptista Morando, de 1857, lia-se:

Cometa não he outra cousa, (conforme o parecer de gravissimos Filósofos) que huma maxima quantidade de exhalções quentes, e seccas, attrahidas da terra, do alto, pela virtude, e força natural do Sol e das mais Estrellas; e levando as taes exhalções á suprema região do ar, onde, por estarem tão visinhas á esfera do fogo, pela ventilação do ar se accendem, e inflammão, e conforme a densidade que têm assim durão muito, ou pouco tempo, sem se desfazerem. Estes Cometas, e signaes (conforme affirmão todos os Filósofos, e a experiencia mostra) sempre, ou pela maior parte denotão infortunios, como são guerras, pendencias, fomes, carestias, e pestes, bem como mortes de Principes, e grandes Senhores.⁸⁹

A edição da casa Chardron, datada de 1927, assim apresentava a mesma seção:

Cometa não é outra cousa (conforme o parecer de gravissimos philosophos), que uma maxima quantidade de exhalções quentes e sêccas, que andam na suprema região do ar, onde, por estarem tão vizinhas á esfera do fogo se accendem e inflammam e conforme a

⁸⁷ CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UnB, 1999, p. 20-21.

⁸⁸ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto PUC-Rio, 2006, p. 315.

⁸⁹ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 141-143.

densidade que teem, assim duram muito, ou pouco tempo, sem se desfazerem.

Os antigos tinham grande medo do apparecimento dos cometas e acreditavam que eles vinham annunciar algumas vezes infortunio, como são guerras, pendencias, fomes, carestias, e pestes, bem como mortes de principaes e grandes senhores; modernamente, porém, já se não acredita n'essas influencias dos cometas, alguns dos quaes já teem o seu andamento calculado pelos astrônomos, de sorte que até se sabe o dia em que devem apparecer.⁹⁰ (grifos no original)

Percebe-se aqui que o jogo entre a narrativa matriz e as seções moventes podia ser não apenas aquele entre o conhecido e o desconhecido, mas traduzia-se mais especificamente naquele entre o antigo e o novo, ou entre a tradição e a modernidade. Na edição de 1927, a inserção da novidade na seção sobre os cometas, mas também em algumas outras, trazia a perspectiva da temporalização, ou seja, uma compreensão do tempo como fator das mudanças empreendidas pelos homens. A partir dessa perspectiva, ao apreço por aquilo que tende a permanecer por respeito à tradição, contrapõe-se a constituição de um “fosso entre a experiência anterior e a expectativa do que há de vir, cresce a diferença entre passado e futuro”.⁹¹

Em todo caso, nas páginas do livro perpétuo, mesmo em edições mais afeitas a uma vivência moderna do tempo, a inserção de inovações não consegue superar a pertinência do já conhecido e experimentado. Nesse sentido, na sequência do alerta negativo quanto aos saberes tradicionais a respeito dos cometas, o *Lunário Perpétuo* da editora Chardron não se desobriga de citar a longa lista dos infortúnios trazidos por esses fenômenos em função de suas cores e formas, assim como acreditavam os antigos, assim como estavam presentes em edições pouco modernas; por exemplo, “Se apparecer com diversas côres, ou de côr cerulea e de pequeno corpo e causa comprida, será de natureza de Mercurio; denota morte de algum principe, motins, fomes, guerras, carestias, muitos trovões e relampagos”.⁹²

No livro perpétuo, as confianças sobre o experimentado orientavam os conteúdos e ainda as formas textuais ou as escolhas tipográficas presentes no impresso.

⁹⁰ **Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão Ltda, 1927, p. 166.

⁹¹ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto PUC-Rio, 2006, p. 294.

⁹² **Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão Ltda, 1927, p. 167.

Nesse sentido, observa-se ao longo das edições uma tendência a frases e parágrafos curtos, a seções divididas em múltiplos itens e subitens, elementos que pertencem a uma fórmula tradicional, já reconhecida. Veja-se, por exemplo, a seção intitulada *Tratado da Astronomia Rustica, e Pastoril, importante a lavradores, pastores e navegantes*, presente de forma quase idêntica nas três edições em causa. Pulverizado em 30 divisões ao longo de 18 páginas, o excerto do livro apresenta o claro intuito de tornar a leitura menos densa, salpicando as informações em poucas palavras, constituindo-as em frases simples e diretas, como neste sub-item:

Signaes de terremotos por diversas causas.

Quando apparecer algum Cometa de côr negra, vermelha, ou verde, denota terremotos.

Quando o mar se engrossar, e alterar sem fazer vento, haverá terremoto, ou grandes tempestades.

Quando as aves se assustão espavoridas, denotão terremotos.

Quando a agua dos poços se fizer turva, e se sentir máo cheiro, sem causa exterior, denota terremoto, e mui brevemente.

Quando se vir que os animaes do campo andão espantados, denota terremotos.

Quando os terremotos vem de noute, são perto da manhã, e de dia são perto do meio dia, porque a taes horas o ar costuma estar mais quieto, e socegado.

Na Privamera, e o Outono costumão ser os terremotos mais do que em outro tempo e nos lugares mais visinhos do mar, e dos montes.⁹³

Não apenas nessa divisão, mas também nas demais que compõem a seção – *Signaes de peste por varias causas, Signaes de carestia por varias causas, Signaes de tempestade pelo Sol, Signaes de serenidade pelo Sol* etc. –, é possível afirmar aquilo que Roger Chartier concluíra sobre os livretos da *Bibliothèque Bleue*. Nuns e noutros, os editores vislumbravam “uma leitura que não é virtuosa nem contínua, mas que toma e deixa o livro, que apenas decifra facilmente seqüências breves e fechadas, que exige sinalizações explícitas”.⁹⁴

Também parece decorrer dessa suposta maneira de ler o *Lunário Perpétuo* a presença maciça de taboas, tabelas e esquemas gráficos. O caso exemplar parece ser a taboa que reúne e põe em relação de maneira sintética um grande número de

⁹³ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 233-234.

⁹⁴ CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: Idem (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 101.

informações elencadas em pelo menos cinco seções dispersas ao longo das páginas do livro. *Das idades do homem, Dos quatro tempos do anno e suas qualidades, Da Região Elementar e dos Elementos, Do numero e natureza dos ventos, Declaração dos 12 Signos suas qualidades e effeitos* são seções não necessariamente contíguas, remetendo-se umas a outras e, por fim, condensadas na taboada seguinte:

<i>As Qualidades.</i>	<i>Quente, e humido.</i>	<i>Quente, e secco.</i>	<i>Frio, e humido.</i>	<i>Frio, e secco.</i>
<i>Os 4 Element.</i>	Ar.	Fogo.	Agua.	Terra.
<i>As 4 partes do Mundo.</i>	Meio dia.	Occidente.	Oriente.	Septentrião.
<i>Os 4 Ventos.</i>	Sul.	Leste.	Oeste.	Norte.
<i>As 4 partes do Anno.</i>	Primavera.	Estio.	Inverno.	Outono.
<i>Os 4 humores.</i>	Sangue.	Colera.	Fleuma.	Melancolia.
<i>As 4 Idades.</i>	Infancia.	Juventude.	Velhice.	Decrepitude.
<i>As qualidades dos 12 Signos.</i>	Geminis. Libra. Aquarius.	Aries. Leo. Sagitar.	Cancer. Scorpio. Piscis.	Taurus. Virgo. Capric.

Figura 4. Taboada que reúne os quatro elementos, as quatro partes do mundo, os quatros ventos etc. presente no *Lunário Perpétuo*, edição datada de 1857. (*O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO*. Emendado conforme o Expurgatorio da Santa Inquisição, e traduzido em portuguez por ANTONIO DA SILVA DE BRITO... Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 17).

O intuito parece ser o de expressar de modo sintético algumas noções e suas relações, num exercício de repetição que acontece de forma mais esquemática, mais fácil de memorizar. O esquema gráfico, ademais, parece adequar-se de maneira eficiente ao conteúdo da mensagem, que explana um mundo de base astrológica formado pelo entrecruzamento e correspondência de “grupos de quatro elementos e de quatro qualidades, quatro estações do ano, quatro humores do corpo, quatro idades da vida, quatro temperamentos, quatro grupos de planetas, quatro grupos do zodíaco. A velhice, por exemplo, é considerada uma das quatro idades da vida que tende a ser fria, tal como o inverno e tal como Saturno”.⁹⁵

Muito embora tenham sido desenvolvidas na forma de textos, tem-se a impressão de que essas relações se tornam mais claras numa visão de conjunto fornecida pela leitura gráfica, que então parece beneficiar a compreensão e a formulação desses nexos.

Além dos esquemas gráficos, percebe-se nos *Lunários Perpétuos* uma considerável presença de números. O impresso da editora Chardron, de 1927, por exemplo, dedica inúmeras tabelas ao que se denomina de áureo número, que diz respeito à exata revolução da Lua em 19 anos solares – isto significa que a cada 19 anos, as conjunções da Lua se repetem nos mesmos dias. Além do áureo número, esta edição apresenta ainda a espacta e as letras dominicais, a que também correspondem algarismos. Áureo número, espacta e letras dominicais têm o intuito de contornar as possíveis imprecisões que os astros, gastando um dia a mais ou a menos, uma hora a mais ou a menos, em suas revoluções zodiacais, poderiam trazer para o estabelecimento do calendário lunariano.

⁹⁵ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpo e História. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v. 1, n. 1, 1993, p. 245.

Taboa perpetua do Aureo numero

Annos	Aureo numero				
	15	16	17	18	19
1800.....	15	16	17	18	19
1900.....	1	2	3	4	6
2000.....	6	7	8	9	10
2100.....	11	12	13	14	15
2200.....	16	17	18	19	1
2300.....	2	3	4	5	6
2400.....	7	8	9	10	11
2500.....	12	13	14	15	16
2600.....	17	18	19	1	2
2700.....	3	4	5	6	7
2800.....	8	9	10	11	12
2900.....	13	14	15	16	17
3000.....	18	19	1	2	3
3100.....	4	5	6	7	8
3200.....	9	10	11	12	13
3300.....	14	15	16	17	18
3400.....	19	1	2	3	4
3500.....	5	6	7	8	9
3600.....	10	11	12	13	14

Figura 5. *Taboa perpetua do Aureo numero*, presente no *Lunário Perpétuo*, edição datada de 1927. (*Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO reformado e muito acrescentado...* Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, Ltda, 1927, p. 34).

Taboa perpetua das lettras epactaes										
Annos	1600						D	C	C	B
2000	B	B	A	u	A	u	t	t	t	s
3000	s	r	r	r	q	p	q	p	n	n
4000	n	m	l	l	l	k	k	i	i	i
5000	h	g	h	g	f	f	f	e	d	d
6000	d	c	c	b	b	b	a	P	a	P
7000	N	N	N	M	M	H	H	H	G	F
8000	G	F	E	E	E	D	D	C	C	C
9000	B	A	B	A	u	u	u	t	s	s
10000	s	r	r	q	q	q	p	n	p	n
11000	m	m	m	l	l	k	k	k	i	h
12000	i	h	g	g	g	f	f	e	e	e
13000	d	c	d	c	b	b	b	a	P	P
14000	P	N	N	M	M	M	H	G	H	G
15000	F	F	F	E	D	D	Volta ao principio			

Figura 6. *Taboa perpetua das lettras epactaes* (sic), presente no *Lunário Perpétuo*, edição datada de 1927. (**Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO reformado e muito acrescentado...** Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, Ltda, 1927, p. 37).

Toda essa inquietação em torno das imprecisões e esse compromisso em torno das exatidões no calendário constituem um traço forte do programa editorial do *Lunário Perpétuo* da editora Chardron. Traço que se manifesta desde as primeiras páginas, numa *Advertencia aos Leitores*, assinada por Antonio Coutinho, possivelmente o editor:

O LUNARIO PERPETUO, impresso pela primeira vez ha mais de duzentos annos, estava sendo um livro quasi inutil para os desejosos de fazerem a computação dos tempos com acerto e exactidão.

Os calculos das Luas novas ou *conjuncções*, cheias ou opposições e quartos crescentes ou minguentes, contidos no *Aureo numero* ou *Cyclo lunar* do velho LUNARIO, andavam tão afastados da verdade, que viamos realisarem-se as phases do astro da noite em dias, horas, signos e graus diversos dos indicados por elle; resultava d'isto que as pessoas que se guiavam pelo seu computo, erravam a um tempo as Luas e as festas mudaveis, collocando-as muitos dias antes ou depois d'aquelles em que ellas deviam ter logar.

Além dos erros apontados notavam-se muitas faltas no velho LUNARIO, entre as quaes mencionarei a *Espacta*, que tanto ensina a idade da Lua, quando entra em cada um anno, e a quantos de cada mez ella deve ser nova, como indica os dias em que a Santa Madre Igreja estabelece as festas moveis; o *Cyclo solar*; as *Lettras do martyrologio*; a *Indicção romana*; e as *Festas fixas*, – cousas essenciaes e necessarias para esclarecer e facilitar a computação dos tempos, assim na ordem civil como na religiosa.⁹⁶ (grifos no original)

Flagra-se, pois, um desejo de rigor matemático que inculcaria maior eficiência às operações algébricas que embasavam a configuração do calendário. Esse desejo colocava em evidência o veio temporalizador dessa edição, que se contrapunha aos demais *Lunários*, então considerados velhos, por um coeficiente de aperfeiçoamento, especificamente no campo da matemática.

Ocorria, no entanto, que o apreço ao número não era exclusivo do impresso da Chardron. Também nas edições anteriores do livro perpétuo, a álgebra dava o ar da graça, embora se atrelando a outros sentidos. Aí o mais importante parecia ser, mais do que a exatidão, certas virtudes carregadas pelos números. Mikhail Bakhtin lembra que “A literatura da Antigüidade e da Idade Média conhecia a utilização simbólica, metafísica, mística dos números. Havia números sagrados: três, sete, nove, etc. [...]. No entanto, o número em si mesmo, isto é, qualquer número, era sagrado”.⁹⁷ Não seria um

⁹⁶ **Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão Ltda, 1927, p. 5-6.

⁹⁷ BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento.** O Contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 408.

despropósito alegar esse caráter sagrado e misterioso dos números como uma possível justificativa para sua presença nos livros perpétuos, participando das leituras que mais preocupadas em reconhecer valores e símbolos da tradição, nem sempre estariam muito interessadas nas precisões dos cálculos matemáticos. De modo que as exatidões propostas pela casa Chardon não seriam necessariamente recebidas como o desejado por seus editores. Era mais provável a existência de leitores para quem “a posse e o manuseio de um livro considerado como contendo um saber sobre os números tivessem mais importância do que sua eficácia prática”.⁹⁸

O *Lunário Perpétuo* era livro que intercalava ao texto algumas imagens. Observa-se a repetição das mesmas imagens em diversas edições, a começar por aquela presente na capa, na qual se identifica a mão do astrólogo manuseando um instrumento de trabalho necessário para os cálculos das rotas astrais, em especial da lua, aí representada, que embasavam o calendário lunariano. Ausente das edições hispânicas, essa imagem marca uma particularidade dos *Lunários Perpétuos* lusitanos, funcionando como índice primeiro de reconhecimento do livro.

⁹⁸ CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2004, p. 274.

Cortez, Jeronimo

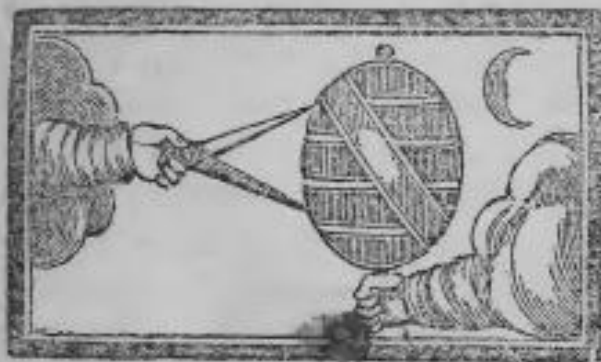
O NON PLUS ULTRA DO LUNÁRIO, E PRONOSTICO PERPETUO,

GERAL E PARTICULAR PARA TODOS OS REINOS
E PROVINCIAS.

COMPOSTO POR
JERONIMO CORTEZ, VALENCIANO.

EMENDADO CONFORME O EXPURGATORIO DA SANTA
INQUISIÇÃO, E TRADUZIDO EM PORTUGUEZ POR
ANTONIO DA SILVA DE BRITO.

E no fim vai accrescentado com huma invenção curiosa de
huns apontamentos, e regras para que se saibão fazer
pronosticos, e discursos annuaes sobre a falta, ou
abundancia do anno, e hum memorial de reme-
dios universaes para varias enfermidades.



LISBOA. — 1857.

NA TYP. DE JOSÉ BAPTISTA MORANDO,
Rua do Moinho de Vento n.º 59.

Figura 7. Capa do *Lunário Perpétuo*, edição datada de 1857. (*O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO. Emendado conforme o Expurgatorio da Santa Inquisição, e traduzido em portuguez por ANTONIO DA SILVA DE BRITO...* Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 17).

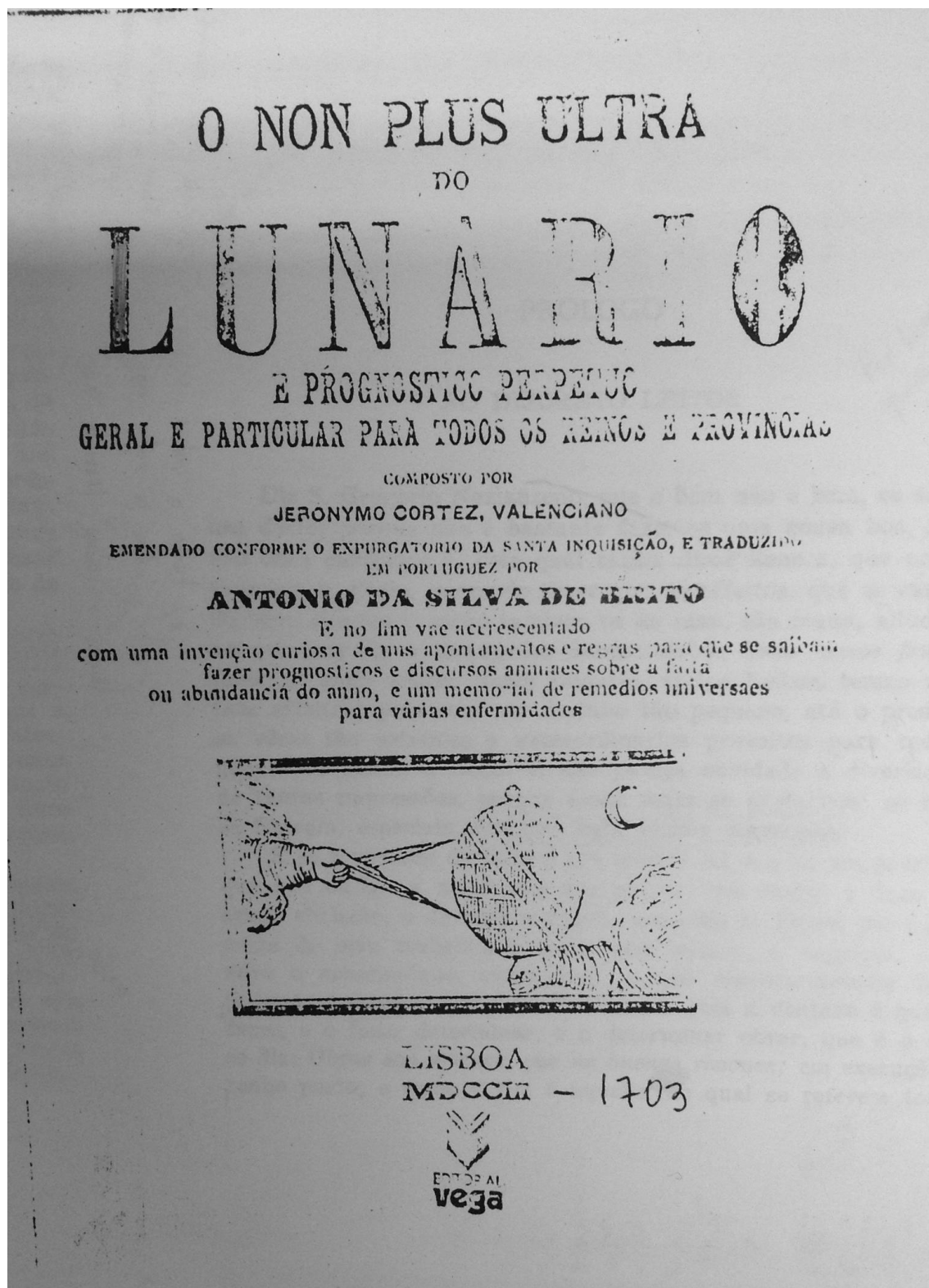


Figura 8. Capa do *Lunário Perpétuo*, edição datada de 1876. (**O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO.** Emendado conforme o Expurgatorio da Santa Inquisição, e traduzido em portuguez por ANTONIO DA SILVA DE BRITO... [1876] Lisboa: Vega, 1978).

LUNARIO
E
PROGNOSTICO PERPETUO

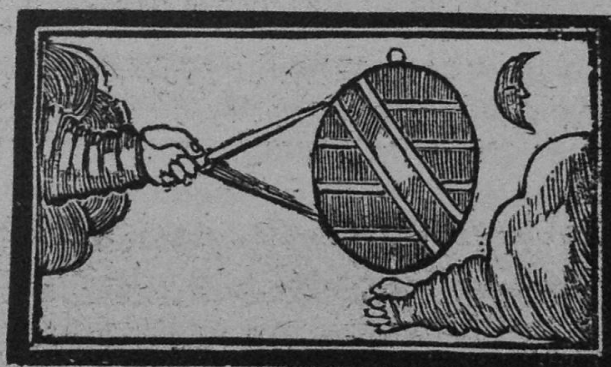
PARA TODOS OS REINOS E PROVINCIAS

POR

JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO

REFORMADO E MUITO ACRESCENTADO

- 1.º Na computação dos tempos
- 2.º Nas cousas agricolas
- 3.º Com as virtudes medicinaes d'algumas plantas portuguezas
- 4.º Com os soccorros a dar aos envenenados
- 5.º Com a descripção e tratamento de muitas molestias
- 6.º Com numerosas receitas uteis e proveitosas
- 7.º Com o modo de descobrir as aguas
- 8.º Com varios jogos de cartas divertidos, etc



PORTO

Livraria Chardron, de Lello & Irmão, L.^{da}
editores — Rua das Carmelitas, 144

Figura 9. Capa do *Lunário Perpétuo*, edição datada de 1927. (*Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO reformado e muito acrescentado...* Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, Ltda, 1927).

Logo depois da capa, a primeira imagem que aparece se insere na seção *Do numero e natureza dos ventos*. Trata-se de uma figura de quatro faces humanas em movimento de sopro, situadas nos quatro lados de um quadrado, como a indicar especialmente os pontos cardeais.



Figura 10. *Do numero, e natureza dos ventos*, presente no *Lunário Perpétuo*, edição datada de 1857. (**Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO.** Emendado conforme o Expurgatorio da Santa Inquisição, e traduzido em portuguez por ANTONIO DA SILVA DE BRITO... Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 13).

Figuras humanas estão igualmente presentes nas ilustrações que acompanham o item *Da qualidade, e prognosticação natural, e efeitos* de cada um dos planetas, uma vez o ano se inicie sob sua influência.



Figura 11. *Da qualidade, e prognosticação natural, e efeitos de Venus*, presente no *Lunário Perpétuo*, edição datada de 1857. (**Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO.** Emendado conforme o Expurgatorio da Santa Inquisição, e traduzido em portuguez por ANTONIO DA SILVA DE BRITO... Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 78).

A tendência a personificar o vento e os planetas indicia uma compreensão dos homens como pouco diferenciados daquilo que existe ao seu redor, ideia várias vezes insinuada no corpo dos textos. Os elementos antropomórficos seguem predominantes também nas ilustrações existentes no calendário, expressando neste caso os signos que se iniciam em cada um dos doze meses do ano.

Há ainda as imagens do corpo humano que seguem as seções relativas aos cuidados com a saúde – aquela que relaciona os signos e planetas a partes do corpo sob sua ingerência, e aquelas que indicam as partes do corpo que se devem sangrar a depender dos males que eclodem.

*Por esta figura vereis sobre que membros,
e entranhas tem dominio os sete Pla-
netas, e os doze Signos.*

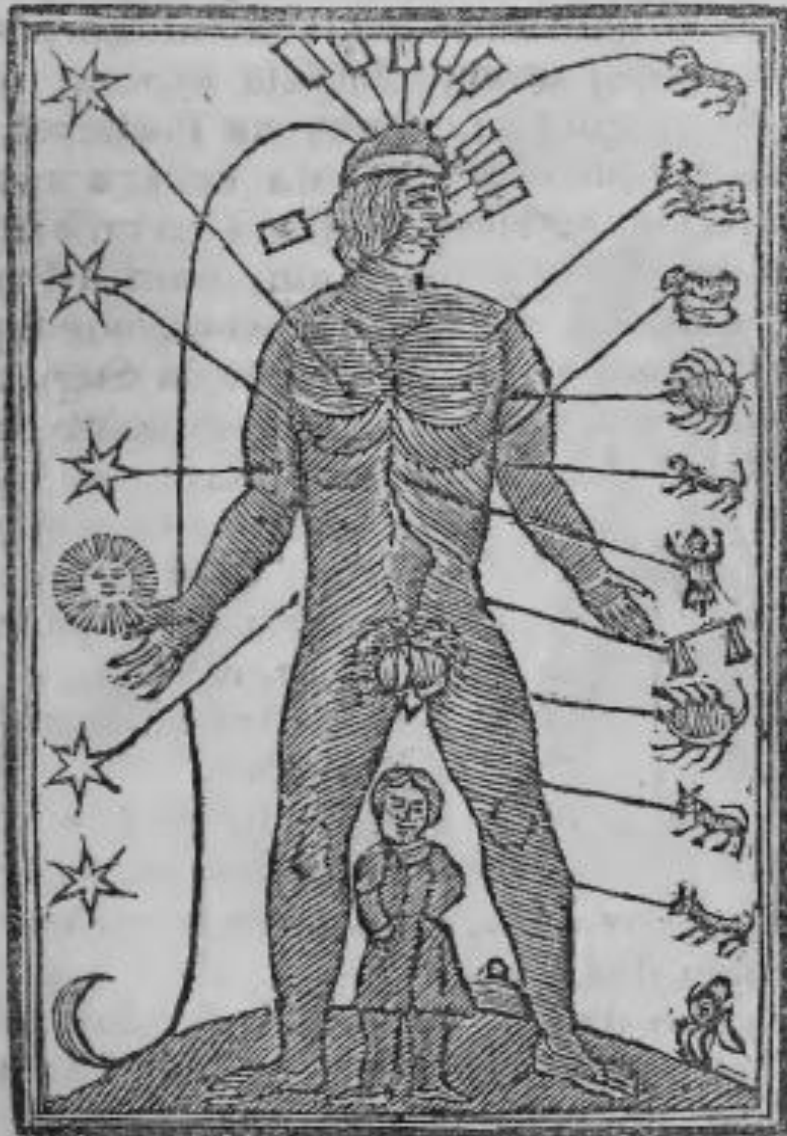


Figura 12. *Por esta figura vereis sobre que membros, e entranhas tem dominio os sete Planetas, e os doze signos, presente no Lunário Perpetuo, edição datada de 1857. (Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO. Emendado conforme o Expurgatorio da Santa Inquisição, e traduzido em portuguez por ANTONIO DA SILVA DE BRITO... Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 203).*

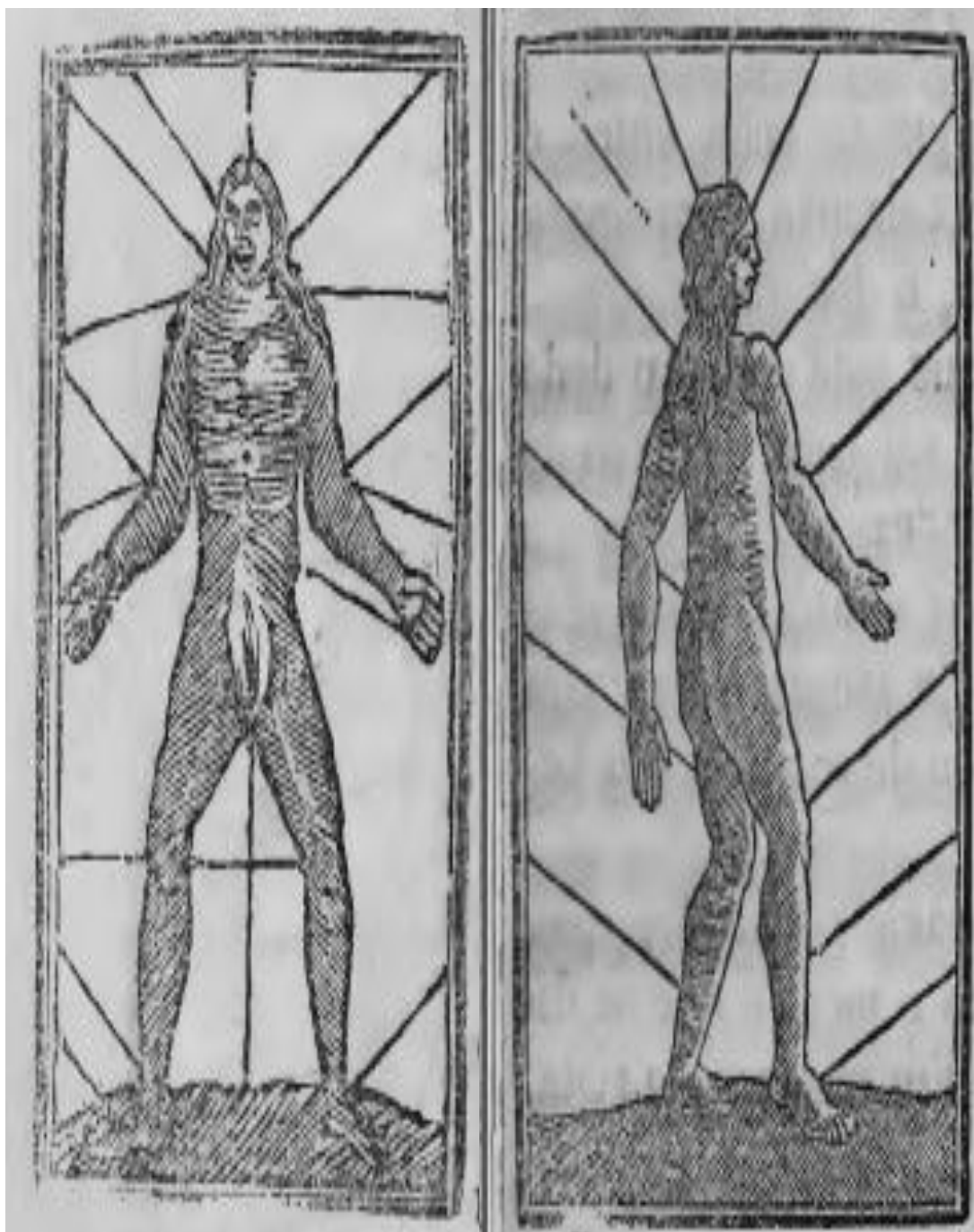


Figura 13. *Dos proveitos de algumas sangrias em diversas partes do corpo, e das ventosas,* presente no *Lunário Perpétuo*, edição datada de 1857. (**Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO.** Emendado conforme o Expurgatorio da Santa Inquisição, e traduzido em portuguez por ANTONIO DA SILVA DE BRITO... Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 204-205).

É igualmente o corpo que está em pauta em seção intitulada *Regra para conhecer de noite que hora será pelo norte*, porém não sob a forma de objeto sobre o qual se realiza uma atividade, mas como próprio instrumento a partir do qual se produz certo saber.

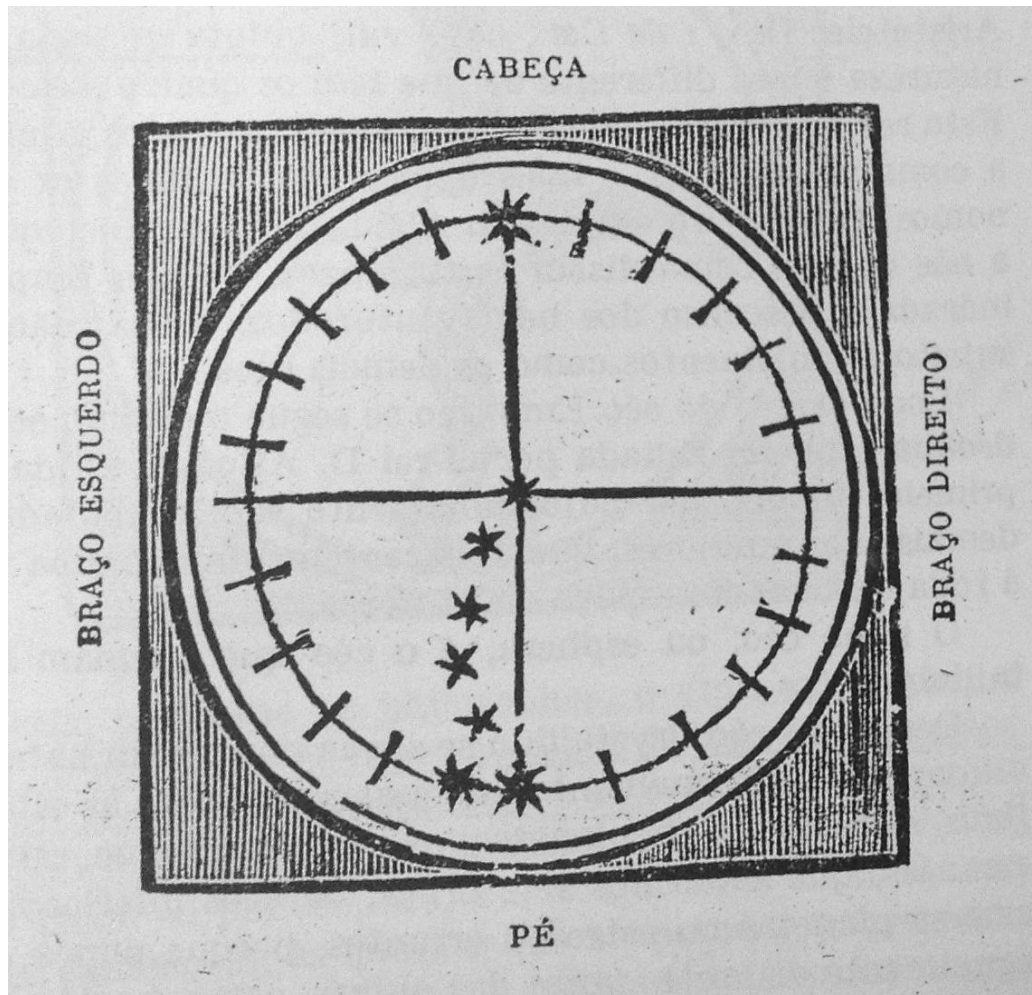


Figura 14. *Regra para conhecer de noite que hora será pelo norte*, presente no *Lunário Perpétuo*, edição datada de 1927. (*Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO reformado e muito acrescentado...* Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, Ltda, 1927, p. 28).

Em todas as imagens, sobressai a representação do corpo humano. Nelas, trata-se de fazer uso da realidade corporal, dessa materialidade com a qual se tem o contato mais frequente, para conferir ensinamentos de ordem prática. A consulta aos calendários, as informações sobre os ventos, a leitura dos prognósticos, as partes do

corpo onde realizar sangrias e as técnicas para saber as horas induzem a um universo profundamente empírico no qual o *Lunário Perpétuo* busca se inserir, reforçando-o. Neste caso, as diversas práticas cotidianas são uma extensão das leituras, “Entre textos e gestos, as relações são, portanto, estreitas e múltiplas, obrigando a considerar em toda a sua diversidade as práticas do escrito”.⁹⁹

Da presença de todo esse repertório de ilustrações, pode-se inferir que o *Lunário Perpétuo* “est un livre que l’on peut interpréter et déchiffrer en sachant peu lire”,¹⁰⁰ aqui entendendo a leitura como prática comprometida com a minuciosa decodificação das letras e palavras que compõem os textos. Com efeito, as imagens parecem ter forte participação na produção do sentido do texto, mormente quando se trata de leitores que não se acomodavam muito consistentemente na cultura escrita. Jean Hébrard oferece pistas importantes sobre essa questão:

Se uma imagem acompanha um texto e continua a mostrar-se nessa apreensão global que implica toda mensagem icônica, ela pode se tornar a garantia da permanência de um sentido ao nível das unidades semânticas amplas (tema principal, temas secundários, episódios da narração, etc.). Ela representa, portanto, a coerência textual no próprio momento em que o trabalho de segmentação necessário à aprendizagem tende a destruí-la.¹⁰¹

Produzindo coerências textuais, as imagens o fazem ao remeterem àquilo que se desdobra fora do texto e que possivelmente faz parte do conhecimento dos leitores. Integrando o livro ao repertório da memória e da tradição, as ilustrações contribuem para o jogo paradoxal e complexo que explica o sucesso de um livro em searas de cultura oral. Nesse sentido, não parece exagero afirmar que as tradições orais foram elemento mais referenciado e, em certo sentido, reverenciado pelo trabalho dos editores do *Lunário Perpétuo*, explicando as escolhas textuais, formais e de imagens. Mesmo o impresso da editora Chardron, de 1927, em suas tentativas de modernização do livro, inserindo a precisão dos números, empreendendo um rareamento das imagens, fazendo do espaço da página quase sempre completamente habitado por letras, levantando um

⁹⁹ CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2004, p. 12.

¹⁰⁰ “um livro que se pode interpretar e decifrar pouco sabendo ler” [Tradução minha]. BOLLÈME, Geneviève. **Les almanachs populaires aux XVIIe et XVIIIe siècles**. Essai d’histoire sociale. Paris: Mouton & Co; École Pratique des Hautes Études, 1969, p. 11-12.

¹⁰¹ HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009, p. 62.

tímido elogio à cultura escrita, mesmo aí a força da oralidade impunha os limites e freava abruptas inovações.

Pela variedade de temas, supõe-se serem múltiplas as ocasiões que solicitavam a leitura do *Lunário Perpétuo*. Entre elas, estavam as circunstâncias que colocavam questões sobre a saúde e a doença. Eduardo Campos conta em livro de memórias alguns episódios de sua infância passada na capital cearense, pelos anos de 1930, nos quais os interesses terapêuticos constituíam mote para evocações do livro perpétuo:

Na verdade, reatualizando o que anotei antes, possível entender que a pouco e pouco já se tornassem raros esses livros de medicina antigos, embora na Rua do Imperador [antiga residência do escritor] ainda prevalecesse a terapia copiada ao ‘Lunário Perpétuo’, espécie de almanaque que além de informações de interesse da saúde das pessoas informava igualmente o comportamento do tempo, da hora de plantar, de colher, e vaticínios etc.¹⁰²

Assim, tratava-se de livro presente nas residências, nas quais podia ser frequentemente consultado. Haveria também a possibilidade de ter sido objeto de empréstimos, circulando entre as mãos de vizinhos, parentes e conhecidos. Não é descabido pensar que tivesse alcançado audiências pouco aventadas por seus produtores, embora estes tivessem apresentado preocupações em manter o livro disponível para uma amplidão de leitores.

Embora transitando entre homens e mulheres de forma indiscriminada, o *Lunário Perpétuo* parece ter sido especialmente caro para aqueles que se encarregavam de maneira mais específica das artes de curar. Em *Medicina Rústica*, Alceu Maynard Araújo, escreve:

Certa ‘bezinheira’ que também é ‘assistente’, parteira das mais experientes da cidade, disse ter aprendido muitos remédios na leitura do ‘Lunário Perpétuo’, onde há astrologia, medicina, história e pelo que pudemos ler em seu usado e amarelecido volume provérbios e outros ensinamentos. É por isso que alguns matutos repetem frases inteiras numa linguagem clássica, há os que até decoram o ‘Lunário Perpétuo’. A ‘benzinheira’ D. Dindinha o considera livro de muita sabedoria.¹⁰³

¹⁰² CAMPOS, Eduardo. **O inquilino do passado** (Memória urbana e artigos de afeição). Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa editorial, 1998, p. 22.

¹⁰³ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 158.

E ainda:

Os benzedores recebem os ensinamentos, em geral, de um seu antepassado, aprendeu com os ‘mais velhos’. O cego pedinte da feira reputado como o melhor benzedor de crianças de braço, disse ter aprendido com seu finado pai as rezas para benzer. Não sabendo ler, mesmo quando enxergava, nunca teve oportunidade de ler o ‘Lunário Perpétuo’, mas citava alguma coisa que aprendera de outiva, coisas lidas pelo ‘finado framacete’.¹⁰⁴

Portanto, o livro perpétuo participava das formações dos homens e mulheres que praticavam curas. Nos dois excertos, esse processo é registrado a partir de leituras em articulação com a cultura oral, na qual a voz ganha destaque face ao escrito quando traduz o texto do livro para os ouvintes, e quando exprime, mesmo sem intimidades com a cultura escrita, esse mesmo texto de cor, integrando-o aos “engenhos da memória”.

Nessas relações com o livro que ensina a remediar, parecem sobressair alguns elementos. O primeiro deles é o da ancianidade, cuja positividade repercute no prestígio conferido aos saberes que vêm longe. Assim, no *Lunário Perpétuo*, o apreço pelo antigo manifesta-se pelos textos que permanecem séculos a fio, pelas formas e imagens quase sempre semelhantes e reconhecíveis e especialmente pelas referências às *auctoritas* – nomes próprios que inspiram credibilidade por remontarem a tempos muito recuados, como Plínio, Hipócrates, Avicena, Cícero etc. O livro, falando de coisas antigas, tanto mais valioso seria se materialmente fosse igualmente envelhecido, sucedendo-se nas gerações, manuseado pelos homens mais velhos, inserido nas correntes da herança. Em todos os casos, flagrava-se “o passado como fonte de autoridade, promotor e produtor de autoridades (a autoridade dos fundadores, dos ancestrais...)”.¹⁰⁵

Envolto no *Lunário Perpétuo* e seus usos com fins terapêuticos, não muito distante do elemento de ancianidade, estaria o elemento do sagrado, dimensão que dificilmente perdia pertinência com o passar dos anos. Pela via do livro, o sagrado e a saúde se imbricam a começar pelas próprias denominações que recebiam aqueles que se dedicavam à cura – benzinheiro ou benzinheira, benzedor ou benzedora: referência

¹⁰⁴ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 158-159.

¹⁰⁵ HARTOG, François. Tempos do Mundo, História, Escrita da História. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (Org.). **Estudos sobre a Escrita da História**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 24.

direta ao ato de benzer, que em geral significa invocar a proteção divina pelo sinal da cruz. A inserção do *Lunário Perpétuo* nesses caminhos do sagrado e da saúde aparentava fazer dele próprio um objeto sagrado, cultivando afinidades com uma figura da leitura dita *intensiva*, na qual:

[...] a leitura é reverência e respeito pelo livro porque ele é raro, porque está carregado de sacralidade mesmo quando é profano, porque ensina o essencial. Essa leitura intensa produz a eficácia do livro, cujo texto torna-se uma referência familiar, cujas fórmulas dão forma às maneiras de pensar e de contar. Uma relação atenta e deferente liga o leitor àquilo que lê, incorporando em seu ser mais íntimo a letra do que leu.¹⁰⁶

Convém salientar que essas leituras do livro perpétuo, ocorridas num “trabalho de apropriação lento, atento e repetido”,¹⁰⁷ não significam uma vitória do mesmo sobre o múltiplo, do sempre igual sobre os desvios. Integrando-se à tradição oral, ao repertório já compartilhado pelos leitores, as práticas envoltas do livro perpétuo desembocam em novos caminhos, compreensões originais e improváveis. Nesse sentido, Roger Chartier chama a atenção para o fato de que “cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria”.¹⁰⁸ Desses cruzamentos e dessas encruzilhadas, passam a decorrer distintas formas de entender o mundo e os homens, narrativas a partir das quais a existência, o dia a dia e os usos das coisas mais corriqueiras, das quais os remédios ganham sentido. Veja-se o que Alceu Maynard Araújo registrou sobre uma leitura do *Lunário Perpétuo*:

A influência de algumas leituras, as suas muitas observações levaram-na a ser considerada a mais entendida em curas. Sendo muito procurada, sempre aconselha. A influência do ‘Lunário Perpétuo’, às vezes traz estas confusões. Dona Olinda ao explicar os males da “conjunção do sol”, assim definiu o que seja tal conjunção: “a conjunção do Sol com a Lua apareceu pela vez primeira quando Jesus nasceu, não sabe? Jesus foi gerado pela conjunção do Sol. Do Divino Espírito Santo rodando pela cabeça da Virgem Nossa Senhora. O Sol sobre o Espírito Santo e o Espírito Santo sobre Nossa Senhora. Foi a conjunção do Sol com a Lua sobre a cabeça de Nossa Senhora que deu Jesus, não sabe? Foi uma grande guerra, não sabe? Nunca mais nós tiramos a conjunção do Sol com a Lua”.¹⁰⁹

¹⁰⁶ CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 86.

¹⁰⁷ Ibidem, p. 88.

¹⁰⁸ Ibidem, p. 20.

¹⁰⁹ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 253.

O filtro preconceituoso do folclorista qualifica de confusa a narrativa de Dona Olinda, que, em suas leituras, porém, parece ter entendido e estendido certa lógica lunariana de conferir sentido ao mundo pelo entrecruzamento dos eventos astrológicos e religiosos. Unindo num mesmo sentido as rotas astrais e os acontecimentos bíblicos, como usava acontecer nas páginas do *Lunário Perpétuo*, a benzinheira promovia ademais correlações entre essas explicações com os assuntos da saúde e da doença – ressalte-se que a conjunção do sol com a lua era um dos fenômenos celestes de consequências mais consideráveis, pois eram devastadoras para os doentes.

De uma maneira geral, portanto, o texto, o livro e as leituras reuniam o sagrado e o empírico, a ancianidade e a circunstância, seguindo fiéis ao apreço pela tradição particularmente nos momentos da cura. Na esteira do *Lunário Perpétuo*, nas ocasiões do consumo dos remédios, as experiências, as tradições e os antigos recomendariam especialmente a atenção aos calendários.

2.4. Calendários

Retome-se uma vez mais o que aqui se considerou a narrativa matriz do *Lunário Perpétuo* – a apresentação de um calendário com vistas a organizar os diversos encaminhamentos da vida prática tendo por base dois aportes, a astrologia e a religião católica. Pode-se dizer então que, neste livro, entre as múltiplas possibilidades de experiência do tempo, aquelas que dizem respeito à cronologia, cujo instrumento mais importante talvez seja o calendário, são as de mais fácil reconhecimento.

Para Paul Ricoeur, os calendários exercem a importante função de articular o tempo vivido e o tempo cósmico. Mas só o fazem mediante a pressuposição de um terceiro tempo – o tempo mítico. Para esse autor, faz-se necessário

[...] evocar com o mito um ‘grande tempo’ que *envolve*, segundo a palavra preservada por Aristóteles em sua *Física*, toda realidade. A principal função desse ‘grande tempo’ é regular o tempo das sociedades – e dos homens que vivem em sociedade – em função do tempo cósmico. Com efeito, longe de mergulhar o pensamento na noite onde todos os gatos são pardos, o tempo mítico instaura uma *escansão* única e global do tempo, ordenando uns em relação aos outros, ciclos de duração diferente, os grandes ciclos celestes, as

recorrências biológicas e os ritmos da vida social. Foi assim que as representações míticas concorreram para a instituição do tempo do calendário.¹¹⁰ (grifos no original)

Apenas a crença em um tempo único, aos moldes de um tempo mítico, capaz de abarcar tudo aquilo que existe no mundo, confere sentido para as operações que visam conciliar um conjunto de tempos que habitam seu congênere maior. Essas operações, imprescindíveis para a vida em sociedade, realizam-se a partir do calendário, instrumento cronológico que se dedica, pois, ao complexo trabalho de articular muitos tempos. Ricoeur lembra, a propósito, que, a depender da eficiência dessa necessária empreitada de “objetivar o tempo”, pode restar a impressão de que há apenas um só tempo, um *tempo crônico* que coincide com o tempo do calendário.¹¹¹

Na abordagem do calendário do *Lunário Perpétuo*, não se nega a indispensável objetivação do tempo propiciada por esse instrumento, no entanto, interessa prioritariamente analisá-lo como uma espécie de feixe no qual se podem sacar diversos outros tempos cujas experiências, embora irreduzíveis à métrica generalizante do calendário, eclodem de suas unidades básicas – o ano, o mês, a semana e o dia. Esses outros tempos decorrem predominantemente da astrologia e da religião católica.

Começamos pelos astros. Em geral, a leitura astrológica do tempo se realiza tendo por referência as rotas dos astros, planetas ou ainda estrelas – todas, palavras sinônimas – no chamado mapa zodiacal. A depender da casa zodiacal ou signo em que se encontram e das relações espaciais que estabelecem entre si e com a Terra, os astros originam fenômenos de luz e temperatura que repercutem mais diretamente sobre o clima; e também produzem emanções na forma de “virtudes ocultas” que influenciam a vida terrestre. Por estar à mercê das dinâmicas oriundas dos céus, onde reina a eternidade das órbitas astrais cíclicas e ditas perfeitas, o mundo terrestre ou sublunar configura território do movimento, onde “tudo era mortalidade e mudança”.¹¹²

As vulnerabilidades da Terra diante dos astros se expressavam, por exemplo, a partir das predominâncias de alguns dos quatro elementos, dos quatro humores, ou de

¹¹⁰ RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. 1. A intriga e a narrativa histórica. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 178.

¹¹¹ Ibidem, p. 180.

¹¹² THOMAS, Keith. **Religião e o declínio da magia**: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 238.

algumas das quatro qualidades, das quatro idades etc. em determinados períodos nos quais as conformações celestes apresentavam características peculiares. Presentes no calendário lunariano, alguns desses períodos eram exemplificados pelas estações do ano, pelos dias caniculares, os equinócios e os solstícios, além de outros, cada qual recebendo marcação cronológica, mas também se abrindo a outras marcações temporais em geral típicas de uma realidade predominantemente rural – o plantio e a colheita, o trabalho e o lazer, as festas e celebrações religiosas, períodos de saúde e de doença. Desse modo, o *Lunário Perpétuo* ensinava, por exemplo, que ao verão ou estio, que se inicia no dia 22 de junho, correspondem o elemento fogo, a juventude e o humor colérico, de qualidade quente e seca. Acrescenta que “se o Estio for muito humido, seus fructos apodrecerão, e denota pouco trigo, menos cevada, e muitas enfermidades. Se for muito secco, seus fructos serão bons, e são, porém as enfermidades serão mui agudas”.¹¹³

No texto do livro perpétuo, a astrologia não reinava sozinha; deveria partilhar o tempo, mas antes dele, também o espaço, com a religião, em especial com um catolicismo que, embora reformado, ainda guardava muitas heranças de uma vivência mágica. Essa partilha significava o estabelecimento de relações de correspondência, de adequação ou, ao menos, de “não contradição” entre os astros e o Deus católico. Do ponto de vista espacial, por exemplo, o *Lunário* considerava que havia onze céus, sendo que é no oitavo céu (contado de forma decrescente em relação à Terra) ou Firmamento que vagam em órbitas perfeitas os astros influentes sobre a região sublunar. Antes de chegar até o Firmamento, passa-se pelo décimo primeiro céu, o mais próximo aos seres terrenos, que “como dizem os Theologos, he o Ceo Empireo, morada, e descanso dos Bemaventurados”.¹¹⁴ Trata-se, pois, do céu bíblico, onde estão Deus, os anjos e os santos, e para onde irão aqueles que, uma vez merecedores, lá desfrutarão da eternidade que poderia suceder a vida terrena.

Se a partilha do espaço se resolvia com a distribuição dos céus, a partilha do tempo era mais complicada. No calendário lunariano, o tempo astrológico e o tempo católico só a muito custo se conciliam. As operações empreendidas para tornar possíveis

¹¹³ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 11.

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 23.

enlaces razoavelmente estáveis entre essas duas forças são múltiplas e já se manifestam em sua primeira seção:

Do mundo e sua divisão

Pelo mundo se entende todo o Universo, no qual se contêm os Ceos, Estrellas, e Elementos, com as mais cousas creadas. Os Gregos chamarão a esta universal machina *Cosmos*, e os Latinos *Mundus*, que quer dizer ornamento, e adorno, pela formosura, e perfeição, que em si contém; o qual foi creado (conforme graves Authores) no Outono, que he pelo mez de Setembro, fundando-se em que as nações antiquissimas começavam a contar o anno desde Setembro, como forão os Egypcios, Persas, Gregos, e todos os Orientaes, e porque nossos primeiros Pais logo que forão creados comêrão do fructo prohibido; e o tempo natural, e perfeito das fructas maduras he no Equinoccio Autumnal. Porém o mais certo, e conforme a razão, he que o mundo teve principio no Equinoccio Vernal, que he no mez de Março entrando o Sol no primeiro gráo de Aries, que agora succede a 21 do dito mez; e convinha que fosse creado o mundo no dito tempo, por ser mais temperado, mais apto para a geração, e augmento das cousas, do que o Outono: no qual tempo antes se diminuem as cousas, do que se augmentam, por lhe estar tão visinho o Inverno. Outra razão ha muito mais efficaz para provar que o mundo teve principio, e foi creado no Equinoccio Vernal, e he que Christo nosso Redemptor quiz morrer no Verão, e em sexta feira, e quiz que o puzessem na Cruz á hora de Sexta, no qual tempo, dia, e hora nossos primeiros pais quebrarão o preceito de Deos: com o que fica concluido que o mundo teve principio no Equinoccio Vernal, e não no Autumnal; pois Christo não quiz morrer no Outono, senão no Verão, na decima quinta Lua de Março em sexta-feira, que foi antes de Abril, aos trinta e tres annos de sua idade não cumpridos.¹¹⁵ (grifos no original)

Como se vê, a correspondência do tempo astrológico com o tempo religioso – no caso acima, mais especificamente o tempo bíblico – precisou de mais de uma tentativa para se efetuar com algum sucesso. Estava em jogo se dois dos períodos bíblicos, o do Gênesis e o do Novo Testamento – que deveriam guardar semelhanças, pois, como se sugeria, identificavam-se a ciclos de mesma natureza –, estavam em acordo com as influências astrais atribuídas a determinados meses do ano, para então se confirmar nestes últimos a localização dos acontecimentos sagrados. A dificuldade era patente. As variáveis eram tão numerosas que exigiam um trabalho enorme quanto à montagem do cenário temporal que unia astros, temperaturas, casas zodiacais, amadurecimento das frutas, escolhas e inclinações morais em uma unidade do calendário; e só vinham a reforçar a preocupação em conferir uma fundamentação astrológica a acontecimentos

¹¹⁵ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 1-2.

religiosos, mormente quando se trata de evento que constitui o momento axial, a marcação do início de uma nova era do calendário católico que vigora até hoje.¹¹⁶

Outro problema de ordem cronológica que criou tensões entre a astrologia e a religião é apresentado com maiores detalhes pelo *Lunário Perpétuo* da editora Chardron. Trata-se da reforma do calendário empreendida pelo papa Gregório XIII.

Tendo-se observado, que desde a celebração do concílio de Nicêa, em 325, até o anno de 1582, se haviam antecipado os equinoccios dez dias do assento fixo em que os collocára Dionysio Romano; o que procedia da differença do anno lunar synodal ao anno civil, por se compor este de 354 dias sómente, tendo aquelle 354 dias, 8 horas, 48 minutos e 10 segundos; e que quando o *Aureo numero* marcava a Lua nova, já esta se via crescida de quatro e cinco dias, pela desigualdade do *Aureo numero* com os 19 annos communs, em que a Lua faz a sua revolução, o que obstava á celebração da Paschoa no devido tempo, isto é, no terceiro domingo depois da Lua nova seguinte ao 7 de março, como se havia determinado no mencionado concilio; mandou o papa Gregorio XIII proceder á reforma do Calendario, em virtude da qual se determinou: 1.º que no mez de outubro de 1582 se supprimissem dez dias, contando 4 no dia de S. Francisco, e 15 no seguinte; 2.º que em cada quatrocentos annos se supprimissem tres dias, principiando de 1700, 1800, 1900, 2100, 2200, 2300, 2500, etc. (que por isto são bissextos), para diminuir o excesso do anno synodal ao civil, e os equinoccios ficarem immoveis a 21 de março e 23 de setembro: finalmente, que se mudasse a lettra dominical G d'aquelle anno em C, saltando dez letras em conformidade com os dez dias supprimidos, para que a Paschoa e todas as mais festas moveis se celebrem nos proprios dias e luas, determinados pelo mencionado concilio.¹¹⁷ (grifos no original)

A conciliação entre os astros e Deus, restrita, nas primeiras páginas do *Lunário*, à fundamentação astrológica do surgimento do universo e da vinda de Jesus Cristo ao mundo dos homens, ganha a partir das páginas subsequentes uma extensão maior, posto que mais prática. Tratava-se de adequar o tempo dos astros, mormente as rotas do Sol e da Lua, com o tempo das celebrações católicas e ainda com o tempo civil, no qual tais celebrações estavam imbricadas.

¹¹⁶ Jacques Le Goff informa que foi no ano de 232, por iniciativa de um monge conhecido por Dionísio, o Pequeno, que se instaurou o início da “era cristã com o nascimento de Cristo, que ele situava no ano 753 de Roma” In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990, p. 523. Embora estudiosos da Igreja chegassem a conclusões diferentes quanto a esse ano, o fato foi que o nascimento de Cristo permanece até hoje como evento axial do calendário mais adotado no mundo ocidental.

¹¹⁷ **Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão Ltda, 1927, p. 31-32.

Embora importante para a determinação da duração do ano e para o estabelecimento das datas em que os dias tinham a mesma duração das noites (equinócios) e daquelas em que os dias são mais longos em relações às noites e vice-versa (solstícios), as rotas solares não ultrapassaram em importância as rotas lunares na composição do calendário católico. Segundo Jacques Le Goff, foi o Concílio de Nicéia, ocorrido no ano de 325, que instituiu com mais vigor o caráter lunar do calendário católico. Além de fazer do domingo um dia feriado, tal concílio “fixa a Páscoa no primeiro domingo sucessivo ao primeiro plenilúnio da primavera”.¹¹⁸ A partir de então, instaura-se entre as autoridades da Igreja uma série de reflexões em torno da determinação das fases da Lua para que a celebração pascal tenha seu dia correto resguardado. Tais reflexões deram origem, inclusive, a nova área do saber no domínio teológico: o chamado “cômputo eclesiástico”. No interior dessas discussões a respeito das rotas e/ou fases da Lua, ganharam destaque crescente as determinações dos “áureos números”, instrumentos por meio dos quais se procedem aos cálculos que indicam as conjunções e oposições das Luas, ou as luas novas e cheias ao longo de cada ano.¹¹⁹

O fato parece ter sido que, do Concílio de Nicéia até o século XVI, observou-se uma série de incongruências entre o ano sinodal ou astral e o ano religioso e civil, do que resultou a iniciativa do papa Gregório XIII de realizar mudanças no calendário com o intuito maior de inscrever a comemoração pascal, como de resto as demais festas móveis da Igreja (Septuagésima, Cinzas, Ladainhas ou Rogações, Ascensão, Espírito Santo, Trindade, Corpo de Deus e Santíssimo Coração de Jesus), no dia correto em relação às Luas.¹²⁰ Não se pretende estender ainda mais a explanação acerca dessas

¹¹⁸ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990, p. 489.

¹¹⁹ Segundo o Lunário da Chardon, o áureo número diz respeito “a exacta revolução da Lua em 19 annos solares, ou 235 lunações, havendo apenas um dia de differença no espaço de 312 annos. Foi tão importante este descobrimento, que os Gregos lhe chamaram *Aureo numero*, ao qual também se chama *Cyclo lunar*, porque no fim dos 19 annos se repetem as conjuncções da Lua nos mesmos dias do anno civil” In: **Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Porto: Livraria Chardon, de Lello & Irmão Ltda, 1927, p. 32-33. Assim, se contam os áureos números de 1 a 19, sendo que os anos que tiverem o mesmo número de áureo número são aqueles em que as luas novas ou conjunções ocorrem nos mesmos dias.

¹²⁰ Segundo Le Goff, a reforma do papa Gregório XIII, que também foi responsável pela adoção da data de 1º de janeiro como início do ano, “deparou com uma viva resistência, até nos meios católicos, porque, ao sacrificar dez dias, parecia romper a continuidade do tempo e cometer um sacrilégio. No entanto, esta foi adotada a partir de 1582 na Itália, Espanha, Portugal, nos Países Baixos, na França. Mas na Polônia a adesão deu-se apenas em 1586, depois de uma série de desordens, e na Hungria em 1587. A resistência evidentemente veio sobretudo dos países protestantes, em conformidade com o dito de Kepler: ‘Os protestantes preferem estar em desacordo com o sol do que em acordo com o papa’. Os protestantes dos Países Baixos, da Alemanha e da Suíça não adotaram o calendário juliano senão em 1700, e quando a

modificações no calendário católico cujas complexidades são da maior monta. Importa colocar em relevo a série de operações encabeçadas pelo alto escalão da Igreja para fazer acordar o tempo astrológico, mormente o tempo da Lua, com o tempo dos ritos religiosos.

Informando a respeito dessas operações, sua importância e sua complexidade, o *Lunário Perpétuo* propõe, então, um calendário igualmente perpétuo com todos os meses e dias, e ainda com os rudimentos matemáticos, equações e constantes necessários à determinação das variáveis astrais a cada ano, especificamente das Luas – astro essencial para as celebrações católicas, mas também para os trabalhos com a terra, para os cuidados com o corpo e mais um sem número de atividades que pareciam interessar os leitores do livro perpétuo.

Tome-se um mês do calendário lunariano, o mês de janeiro. O *Lunário* o apresenta numa tabela com cada linha correspondendo a um dia. Para cada dia, há um santo do panteão católico ou uma comemoração religiosa, sendo que aquelas que são iniciadas pelo símbolo em cruz se inserem entre as “festas de guarda”, nas quais se aconselha a assistir a missas e se abster do trabalho tanto quanto possível. Nesses dias, realizam-se festas, ritos e demais práticas que buscam um canal mais estreito com a dimensão do sagrado. As laterais do quadro do mês informam, pela direita de quem lê, os dias de luas cheias e, pela esquerda, os dias de conjunções ou luas novas. Para chegar ao dia exato dessas configurações lunares, há que se saber o número áureo de cada ano. Nesse sentido, o mês de janeiro de um ano com número áureo 17 conhecerá conjunção da lua no dia 2 e plenilúnio no dia 17. A partir dessas indicações, uma série de medidas poderia ser tomada no sentido de encaminhar, em consonância com as *influências* dos crescentes e minguantes da Lua, diversas questões da vida prática, a começar pelo trabalho na terra – como indica o próprio livro perpétuo na sequência do quadro de cada mês.

Inglaterra (seguida pela Suécia) adotou finalmente a reforma, em 1762, cortejos de manifestantes desfilarão gritando: ‘Devolvam-nos os nossos onze dias!’”. LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990, p. 491.

Conjunções da Lua, ou Luas novas perpetuas, e geraes.		JANEIRO, tem 31 dias.		Luas cheias perpetuas, e geraes.	
Aur. N.					Aur. N.
	A.	1 ✕ Circumcisão do Senhor.	a.	13	
17	b.	2 S. Isidoro Bispo, e M.	b.		
	c.	3 S. Antero Papa M.	c.	2	
6	d.	4 S. Eugenio e seus comp.	d.	10	
	e.	5 S. Simeão Estylita.	e.		
3.14	f.	6 ✕ Dia de Reis.	f.		
	g.	7 S. Theodoro Monge.	g.	7	
11	A.	8 S. Lourenço Justiniano.	h.	15	
19	b.	9 * S. Julião Martyr.	i.	18	
	c.	10 S. Paulo 1.º Eremita.	k.	4	
	d.	11 S. Hygino Papa M.	l.		
16.8	e.	12 S. Satyro Martyr.	m.	12	
	f.	13 S. Hilario Bispo.	n.		
	g.	14 * Os Martyres do Carmo.	o.	1	
5	A.	15 * Santo Amaro.	p.		
13	b.	16 Os Martyres de Marrocos.	q.	9	
	c.	17 S. Antão Abbade.	r.	17	
10.2	d.	18 A Cadeira de S. Pedro.	s.	6	
	e.	19 S. Dionisio Carmelita.	s.		
	f.	20 * S. Sebastião Martyr.	t.		
	g.	21 Jej. Santa Ignez V. M.	v.	14	
7	A.	22 ✕ S. Vicente Martyr.	u.	3	
15	b.	23 S. Ildefonso Bispo.	x.	11	
18	c.	24 N. Senhora da Paz.	y.		
4	d.	25 Conversão de S. Paulo.	z.	19	
	e.	26 S. Policarpo B. M.	2.	8	
12	f.	27 S. João Chrysostomo.	3.		
1	g.	28 Santa Ignez, e S. Cyrillo.	a.	16	
	A.	29 S. Francisco de Salles.	b.	5	
9	b.	30 Santa Martinha V. M.	c.		
	c.	31 S. Pedro Nolasco.	d.	13	

Figura 15. Mês de janeiro do calendário, presente no *Lunário Perpétuo*, edição datada de 1857. (O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO... Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 39).



Obras de Janeiro, conforme Plinio.

No crescente da Lua de Janeiro devem os Agricultores enxertar as arvores, que dão flor temporã, como são amendoeiras, pecegueiros, ameixieiras, e outras semelhantes. Devem semear em terras quentes as pevides azedas de laranjas, limas, e cidras. Deitar gallinhas, e plantar rozeiras, pôr bacellos, e fazer mergulhias.

E no mingunte convém cortar madeira para edificios, de arvores que perdem a folha, e estacas para vinhas; podá-las, porém só aquellas que estiverem em terras quentes, alimpar as arvores, mondar os trigos, ester-car as vinhas, e hortas, semear alhos, e cebolas. Diz Plinio, liv. 18, que toda a cousa, que se houver de colher para guardar, ou castrar, cortar, podar, ou roçar se deve fazer no mingunte da Lua.

Se neste mez se ouvirem os primeiros trovões, significa fertilidade de fructos, e esterilidade de bosques, campos, abundancias de agoas, ventos doentios, alterações de povos, mortes de homens, e de gado, no Reino em que se ouvirem.

Figura 16. *Obras de janeiro, conforme Plinio*, presente no *Lunário Perpétuo*, edição datada de 1857. (O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO... Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 40).

Outros registros corroboram a atenção dispensada à Lua no que concerne à prática agrícola. Em seu *Usos e Superstições Cearenses*, publicado na *Revista da Academia Cearense de Letras*, em 1910, Barão de Studart colige, entre os costumes relativos às lides da terra, aquele segundo o qual “As arvores cujo fructo é raiz plantam-se do crescente à lua cheia, e as que dão fructo nas hastes ou ramos plantam-se do mingunte à lua nova (escuro)”.¹²¹ O mesmo escritor recolhe mais dois hábitos que dizem respeito à Lua; o primeiro deles relativo a práticas do corpo, “Deve-se cortar o cabelo só na lua nova pois com a lua vae o cabelo crescendo”.¹²² O segundo atinente ao acúmulo de riquezas:

Para fazer crescer fortuna toma-se de uma sedula (sic) ou de uma moeda e mostrando-a á lua diz-se tres vezes:
Deus te salve, lua nova
Clara e resplandescente,
Quando vieres de outra vez
Traze-me desta semente.¹²³

Desde já se faz claro que para essas práticas do dia a dia, as atenções dispensadas à Lua dizem respeito a eflúvios de natureza pouco discernível. Não se trata, como é evidente, de fenômenos de caráter eminentemente físico, ligados a temperatura ou iluminação, como usa acontecer com as emanações solares. A Lua manifesta-se como um astro capaz de produzir *influentias* ocultas sobre a Terra, influências que não se apreciam direta, mas apenas indiretamente, pelos resultados que findam por produzir.

Nos dois últimos registros do Barão de Studart, é possível observar que os usos que se fazem da Lua dizem respeito ao aproveitamento da qualidade de seu movimento crescente e/ou decrescente por meio de uma sua extensão a fenômenos terrenos. É nada mais do que um efeito de simpatia, uma espécie de lógica da semelhança que está em jogo nessas operações que querem fazer crescer algo, o cabelo ou as posses, assim como cresce a Lua. Parece ser também esse entendimento, segundo o qual se estimula o crescimento ou a potência de uma prática pelo seu início coincidente com o crescente do astro lunar, que se vislumbra nesta receita publicada no jornal *O Sol*, em 23 de fevereiro de 1862: “Vagos, e accidentes de gotta – A pedra chamada – *celidonium* – que se acha

¹²¹ STUDART, Barão de. Usos e superstições cearenses. Primeira parte. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza, t. 15, 1910, p. 47.

¹²² Ibidem, p. 37.

¹²³ Ibidem, p. 51.

no ventre de algumas andorinhas novas, que estão ainda no ninho, tiradas ao crescente da lua, e atadas no bucho do braço, ou trazidas ao pescoço tem presentanea virtude para curar estas molestias”.¹²⁴

As atenções à Lua nas práticas que visam a remediar não são raras. Esse astro constituía mesmo uma espécie de remédio, a depender do seu bom uso ou do seu *não uso* em determinadas circunstâncias. Como se pôde observar, a lógica da semelhança, da simpatia ou ainda da analogia era de fácil reconhecimento e aplicação nos casos em que se buscava a saúde ou mesmo outros objetivos. Parecia haver ainda uma outra lógica, que se operava pelos receios aos extremos do ciclo lunar, a Lua cheia ou em oposição ao Sol e a Lua nova ou em conjunção com o Sol. O *Diccionario de Medicina Popular* do Dr. Chernoviz afirmava, por exemplo, que “Em alguns individuos esta molestia [asma] é periodica, tendo lugar seu apparecimento de dez em dez ou de quinze em quinze dias; ás vezes vem com a lua cheia”.¹²⁵ Alguns remédios eram perigosos nesses momentos, sendo seus efeitos mais benéficos quando o astro lunar estava em momento de trânsito entre um estado “acabado” e outro. Assim, de acordo com o *Lunário Perpétuo*, “He mui perigosa a purga, e ainda a sangria, como já está dito, estando a Lua em conjuncção, e opposição com o Sol, e isto por um dia antes e outro depois”.¹²⁶ Eduardo Campos, em estudos de populações sertanejas do Nordeste do Brasil, registra semelhante advertência: “não se devendo dar a beber purgativos a enfermos em igual época [lua cheia] por não surtirem o desejado efeito”.¹²⁷

Há ainda outro conjunto de práticas a envolver os eflúvios ocultos da Lua com lógicas que remetem a uma personalização desse astro. É o que se pode perceber a partir da seguinte nota do Barão de Studart: “Quando um coco dentro da casca é encontrado incompleto diz o povo que foi comido pela lua”.¹²⁸ Entendimentos dessa natureza não são raros e corroboram o fato de que a astrologia agregava atributos que iam muito além

¹²⁴ *O Sol*, 23 fev. 1862, p. 4.

¹²⁵ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 163.

¹²⁶ *O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...* Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 193.

¹²⁷ CAMPOS, Eduardo. *Medicina Popular do Nordeste*. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 21.

¹²⁸ STUDART, Barão de. Usos e superstições cearenses. Primeira parte. *Revista da Academia Cearense de Letras*. Fortaleza, t. 15, 1910, p. 42.

de uma “lei geral da natureza”. Levando em conta as *Disputationes*, de Gionanni Pico della Mirandola, autor polêmico do século XV, o historiador Paolo Rossi defende uma compreensão mais extensa da astrologia. Sob seu ponto de vista:

[...] a astrologia não consistiu apenas, nem predominantemente, numa visão ‘física’ do Universo: nasceu no terreno de uma mistura híbrida de ‘religião’ e de ‘ciência’, de uma total ‘humanização’ do cosmos, de uma extensão a todo o universo dos comportamentos e das emoções do homem. Para a visão que a astrologia tem do mundo, as estrelas não são apenas ‘corpos’ movidos por ‘forças’, mas seres animados e vivos, dotados de sexo e de caráter, capazes de risos e de lágrimas, de ódio e de amor. Os nomes dos planetas não são meros ‘signos’; as ‘figuras’ não são símbolos convencionalmente aceitos: têm poder evocativo, seduzem e aprisionam a mente, ‘representam’ o objeto no sentido pleno da palavra, isto é, tornam real sua presença, revelam as qualidades essenciais dos seres que se identificam com as estrelas e nelas se incorporam.¹²⁹

É somente tendo em conta esse caráter animista das estrelas que se compreendem não apenas o fato de a Lua comer uma parte do coco, mas também um conjunto de gestos que remédiam mediante evocações do astro lunar que visam convencê-lo a agir favoravelmente sobre a saúde dos homens. O folclorista Rodrigues de Carvalho, em sua obra *Cancioneiro do Norte*, publicada originalmente em 1903, fornece um exemplo concernente aos cuidados com a primeira infância:

Assim é que a mãe de família roceira mostra o recém-nascido à lua nova porque, se não o fizer, o belo astro da noite pode levar o filhinho, ou concorrer para que ele sofra dor de barriga e outros achaques.
‘Dê cá pão com farinha
Para dar a minha galinha
Que está presa na cozinha
Xô galinha
Vai pra tua camarinha’
É uma espécie de oração das crianças no novilúnio.¹³⁰

À espécie de oferenda que as mães fazem para a Lua cheia como forma de proteger seus pequenos de alguns achaques que se acreditavam oriundos de indisposições emocionais lunares, mormente nesse período de ápice, soma-se outro gesto, desta feita para curar inflamações na garganta. Eduardo Campos explica que “Quem sofre de linfatite nas noites de lua corta a íngua simbolicamente com uma faca

¹²⁹ ROSSI, Paolo. *A Ciência e a filosofia dos modernos*: aspectos da Revolução Científica. São Paulo: UNESP, 1992, p. 36.

¹³⁰ RODRIGUES DE CARVALHO, José. *Cancioneiro do Norte*. Fortaleza: Militão Bivar & Cia., 1903, p. 27.

virgem. Rodrigues de Carvalho [...] recenseou: ‘O adulto que sofre de linfatite e tem os ganglios enfartados, em vez de usar tonicos, corta a íngua à lua’”.¹³¹ O gesto de cortar a íngua à lua se estende a outras estrelas de forma mais indiscriminada e parece tentar favorecer-se de uma situação de conflito entre o astro e a doença; em outras palavras, desafiavam-se os astros, levando-os a medir forças com a entidade mórbida como forma de angariar benefícios na forma da cura. No texto de Barão de Studart, por exemplo, inscreve-se: “Para curar ingua não ha como o doente deitar-se ao chão e com a pena apontar os caibros da casa, dizendo 3 vezes: Um, dois, tres, quatro, cinco, ingua nenhuma; ou então olhar para a mesma estrella tres dias seguidos e dizer: Estrella luzente, a ingua diz que reina mais que tu, reine tu e seque-se ella”.¹³² E Eduardo Campos colige:

Para curar ínguas, receita-se a seguinte oração, fitando uma estrella do céu e repetindo três vezes:
Minha estrela rica e bela,
esta íngua diz que morra vós e viva ela.
Mas eu digo que viva vós e morra ela.¹³³

Contudo, muitas vezes as emanções lunares faziam chegar suas virtudes ou mesmo malefícios por via oculta em obediência a esquemas raramente inteligíveis, embora de eficácia suficientemente experimentada para ganhar força nos registros. Eduardo Campos continua: “A lua e as marés, principalmente as de janeiro, é crença generalizada, agravam o mal aqueles que estão enfermos”,¹³⁴ e também “Na fôrça da lua e da maré, o parto é ligeiro e sem complicações”.¹³⁵ Já Barão de Studart compilou: “Quem aponta para as estrellas cria verruga”¹³⁶; e ainda “Mulher barriguda (grávida) não olha para a lua criz (eclipse) sob pena do filho sair preto”.¹³⁷

Seja por uma travessia mais afeita a paixões, ou por uma produção de eflúvios que agem por força de similitudes ou por questões de compensação, os astros se fazem

¹³¹ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 114.

¹³² STUDART, Barão de. Usos e superstições cearenses. Primeira parte. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza, t. 15, 1910, p. 49.

¹³³ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 132.

¹³⁴ Ibidem, p. 21.

¹³⁵ Ibidem, p. 49.

¹³⁶ STUDART, Barão de. Usos e superstições cearenses. Primeira parte. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza, t. 15, 1910, p. 31.

¹³⁷ Ibidem, p. 43.

remédios, em especial em determinados dias do calendário. Tal constatação se torna mais clara em se tratando da Lua, cujos efeitos ganham uma marcação cronológica muito definida, a saber, o dia do mês em que se flagram as conjunções e os plenilúnios. O calendário informa esses momentos, inscrevendo-os numa linha cronológica, mas também abrindo no meio da sequência numérica uma fresta para outras experiências do tempo, mais afeitas ao caráter oculto e anímico que se vivenciava a partir de uma relação com os astros que se desenrolava numa horizontalidade e mesmo hibridez inusitada para os dias de hoje, e apresentava ritmos e qualidades difíceis de serem descritos, embora de importância fundamental para as práticas de cura.

2.5. O tempo do santo

Outras experiências do tempo que eclodem do interior do calendário lunariano são aquelas advindas das celebrações religiosas e dos dias de santos. As preocupações do *Lunário Perpétuo* em fazer conciliar as Luas com as chamadas festas móveis da Igreja católica colocam em evidência uma importante celebração dessa fé religiosa – a Páscoa ou Semana Santa, que remete à passagem de Deus feito homem na dimensão terrena.

Essa celebração religiosa ganha expressão eivada de austeridade neste trecho do romance *A Afilhada*, de Oliveira Paiva, publicado no alvorecer do século passado:

Chegou a Semana Santa.
Sexta-feira da Paixão e Fabiana, de braço dado com o Osório, no rigor do traje preto, seguia para os atos da Sé. Uma com o manual, outro com o binóculo. Em toda cidade havia o extraordinário formigar do povaréu pedindo *esmola para o jejum d'hoje*, como é costume naquele grande dia. A ausência de sinos, de cornetas, de chocalhos nas cavalgaduras, de tráfico, de toques de piano, punha a cidade como edificada em cortiça.¹³⁸ (grifos no original)

A aura de constrição emanada pela lembrança do sofrimento do Cristo crucificado levava a uma vivência grave desta data católica. Os trajes, o silêncio e as atitudes de seriedade que vigoravam entre alguns grupos da capital cearense não eram,

¹³⁸ PAIVA, Oliveira. *A Afilhada* [1889]. In: Idem. **Obra Completa**; introdução e pesquisa bibliográfica, Rolando Morel Pinto. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993, p. 321.

no entanto, regra geral. A mesma celebração poderia ser conduzida mediante outras práticas, desta feita, espacialmente distantes do perímetro em que se inscrevia a Igreja da Sé, em localidades citadinas geralmente denominadas de “arrabaldes”. É o que indica o mesmo romancista:

A tradição e o costume populares iam cumprir-se na rua, como no templo, a rubrica. Aos devotos estavam suspensos os gozos da carne, parado o riso, fazia-se treva na alma. No ripaço anônimo da plebe e rapazio ia entrar o diabolismo, os tumultos, a orgia, a inferneira da grande pândega do Judas. O arrabalde não dormia. O sítio do Bispo, os quintais da Rua de Baixo, as chácaras dos arredores, eram assaltados pela troça em grupos, de calça arregaçada, facão em punho, e chapéu nos olhos.¹³⁹

Convém salientar que a constituição de uma Fortaleza a partir de diversos ângulos é uma das características mais notáveis da prosa de Oliveira Paiva. Rolando Morel Pinto explica que “Todas as vezes que o narrador tem oportunidade, cede o foco de visão às personagens, e então se descortinam panoramas coloridos [...]. E não se trata de paisagem morta; por toda a parte circula o povo, de dia ou de noite, e marca, com a sua presença e atividades típicas, a fisionomia peculiar aos vários ambientes”.¹⁴⁰ Nesse exercício realizado pelo romancista, o calendário religioso obtém importante destaque. A partir das novenas, da Semana Santa, do sábado de Aleluia, por exemplo, vislumbram-se as inúmeras formas de viver o tempo na cidade, sendo as particularidades dessas vivências não raras vezes grifadas pelo próprio narrador em itálico, como se observa do primeiro trecho citado.

Em todo caso, uma dupla vivência, ora grave, ora festiva, não é exclusividade da narrativa da celebração católica empreendida por Oliveira Paiva. Outras datas do calendário religioso, em especial aquelas que se designam dias de santo, também guardavam essa ambivalência. Em livro de memórias dedicado à sua vida na cidade interiorana de Boa Viagem entre os anos 1920 e 1950, o prático de farmácia Antenor de Barros Leal destaca duas comemorações que, embora tenham despertado hábitos austeros da fé, dão vazão a experiências mais atreladas ao lazer:

¹³⁹ PAIVA, Oliveira. A Afilhada [1889]. In: Idem. **Obra Completa**; introdução e pesquisa bibliográfica, Rolando Morel Pinto. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993, p. 326.

¹⁴⁰ PINTO, Rolando Morel. A Província e as fronteiras do tempo. In: Ibidem, p. XXII.

Junho e dezembro eram os meses desejados e aguardados com ansiedade.

As festas do Coração de Jesus e da Santa Padroeira tinham seus noiteiros escolhidos pelo Vigário. Praças com lindas barracas enfeitadas com palhas de coqueiros e bandeiras multicores, partidos encarnado e azul, prisões, jogos diversos, vendas de adivinhações e sortes e, no final do novenário, o sarau dançante na Casa da Câmara.¹⁴¹

A festa do Coração de Jesus é uma das celebrações móveis da Igreja Católica, ocorrendo na sexta-feira da semana seguinte ao dia de Corpus Christi ou Corpo de Deus; logo, aproximadamente em junho. Já as comemorações que homenageiam Nossa Senhora de Boa Viagem, padroeira da cidade de mesmo nome, iniciam-se em 22 de dezembro e chegam ao fim no dia da santa, a saber, primeiro de janeiro, coincidindo, assim, com os festejos de Ano Novo. De forma semelhante ao que ocorre com a Semana Santa, essas duas últimas celebrações revezam momentos de norma com aqueles de lazer, constrição com extravasamento.

O polo festivo merece destaque, já que encaminhava mais diretamente uma experiência do tempo que transbordava a sequência cronológica do calendário. A festa remete ao relampejar das virtudes que constituem os textos das chamadas Vidas de Santos. Para Michel de Certeau, esse regime de escrita, que se inclui no gênero das hagiografias, dedica-se à edificação dos atores do sagrado. Reunindo seus predicados e seus milagres, organiza um texto que agrega aspectos da tradição de um grupo que se faz devoto. A Vida dos Santos deve ser exemplar, no entanto seu caráter virtuoso encontra força maior não num elogio moral, mas principalmente numa proximidade com relação ao extraordinário e ao maravilhoso. Daí uma intimidade maior entre o santo e a folia, entre o sagrado e o festejo.

A vida dos santos traz à comunidade um elemento *festivo*. Ela se situa do lado do descanso e do lazer. Corresponde a um ‘tempo livre’, lugar posto à parte, abertura ‘espiritual’ e contemplativa. Não se encontra do lado da instrução, da norma pedagógica, do dogma. Ela ‘diverte’. Diferentemente dos textos nos quais é necessário acreditar ou praticar, ela oscila entre o crível e o incrível, propõe o que é *lícito* pensar ou fazer. Sob estes dois aspectos cria, fora do tempo e da regra, um espaço de ‘vacância’ e de possibilidades novas.¹⁴² (grifos no original)

¹⁴¹ LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 21.

¹⁴² CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 270.

Neste espaço de vacância proposto pelas festas religiosas, sejam de santos, sejam em tributo a outros agentes ou acontecimentos do sagrado, instaura-se uma experiência do tempo particular, cuja característica maior reside no fato de unir, sem maiores constrangimentos, a imutabilidade do sagrado com a irrupção miraculosa. Um tempo que diz respeito a um *mesmo* e a um *outro*. Michel de Certeau explica melhor:

Mostrando como, através de um santo (uma exceção), a história está aberta ao ‘poder de Deus’, [a Vida do Santo] cria um lugar onde o *mesmo* e o *lazer* se encontram. Este lugar excepcional abre, para cada leitor, a possibilidade de um sentido que é ao mesmo tempo o alhures e o imutável. O *extraordinário* e o *possível* se apoiam um no outro para construir uma ficção posta aqui a serviço do exemplar. [...] Sob as aparências de uma exceção e de um desvio (quer dizer, pela metáfora de um caso particular), o discurso cria uma liberdade com relação ao tempo cotidiano, coletivo ou individual, mas constitui um não-lugar.¹⁴³ (grifos no original)

Trata-se de uma experiência do tempo que, embora datada no calendário, abre-se a uma “poética do sentido” que alia o tempo divino e eterno a um tempo completamente outro, disponível a possibilidades atinentes ao extraordinário, ao afetivo, ao maravilhoso. Importante salientar que essa experiência do tempo desponta num terreno consideravelmente conflituoso, no seio do qual a Igreja buscava coibir essas relações mais estreitas ou diretas com o sagrado, atenuando a força da exceção diante da regra que deseja impor.

De todo modo, essa articulação entre o tempo do calendário e o tempo sagrado, inserindo numa data a eclosão de uma experiência temporal que integra o eterno e o circunstancial, faz-se presente em algumas práticas de saúde, a começar por aquelas que tomam lugar na Semana Santa. Barão de Studart coletou, em seus *Usos e Superstições Cearenses*, que “Cachorro ao qual se corta a orelha em sexta-feira da Paixão fica immune de hydrophobia”.¹⁴⁴ As sextas-feiras, aliás, parecem carregar sempre um pouco da força da Paixão de Cristo, cujo momento ápice ocorre nesse dia da semana. Isso explica, talvez, o fato de tantas receitas e tantos remédios exigirem práticas neste dia, supostamente mais atrelado a uma produção miraculosa da cura. Nesse sentido, no inventário do folclorista estão presentes as seguintes notas: “A creança que custa a

¹⁴³ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 270-271.

¹⁴⁴ STUDART, Barão de. Usos e superstições cearenses. Primeira parte. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza, t. 15, 1910, p. 43.

andar (a) mettem-se-lhe os pés dentro de um pilão e finge-se que se está a bater com a mão de pilão; ou (b) se a faz rodear a casa em 3 sexta-feiras seguidas”.¹⁴⁵ Também Eduardo Campos apresenta diversas práticas de saúde da sexta-feira: “Como preventivo das febres, aconselham a ingestão de um chá das folhas e flores do sabugueiro, durante três meses, cada sexta-feira, e comer à noite, antes de deitar, pelo menos por uma semana, a fruta do sabugueiro”;¹⁴⁶ “Quem se sentar na bôca de um pilão, numa sexta-feira, fica de corpo-aberto, isto é, sujeito a malefícios de terceiros”;¹⁴⁷ e ainda para os casos de quebranto, “deve-se dependurar, no pescoço do menino ou menina que sofre, a chave da mala de guardar roupa, só tirando-a quando completar três sexta-feiras”.¹⁴⁸

Também outros dias do calendário, os dias de santo, desdobram experiências do tempo que guardam algumas similitudes com o que se discutiu até o momento. Nesse caso, tais experiências envolvem questões que remontam às lendas desses atores do sagrado. Barão de Studart coleta dois desses casos. O primeiro informa que “Não se deve emprender viagem dia de S. Bartholomeu (24 de agosto) porque nesse dia o demonio anda solto”.¹⁴⁹ São Bartolomeu foi o apóstolo que, segundo a *Legenda Áurea*, encarregou-se de pregar a palavra de Deus num lugar longínquo, a “Índia, que está no extremo do mundo”.¹⁵⁰ Sua legenda está, portanto, associada a longos deslocamentos, grandes viagens, nas quais o santo peregrino encontrava demônios contra quem lutava e vencida. A nota do folclorista parece indicar que, do ponto de vista de uma tradição que circulava no Ceará e além, a realização de empreendimento semelhante por parte dos fiéis, mormente no dia do santo, poderia acarretar iguais perigos demoníacos. Mas como a maior parte dos homens não eram santos, talvez melhor fosse evitar.

¹⁴⁵ STUDART, Barão de. Usos e superstições cearenses. Primeira parte. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza, t. 15, 1910, p. 29.

¹⁴⁶ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 59.

¹⁴⁷ Ibidem, p. 99.

¹⁴⁸ Ibidem, p. 124. Diversas outras práticas incluem a sexta-feira da Semana Santa ou de outras semanas, além daquelas mais associadas à saúde e à doença. Barão de Studart inventaria diversas dentre elas: “Para se ser sempre rico tem-se em casa uma moeda tirada das esmolas do Santo Sepulchro na Semana Santa”. Ainda: “Em dia de Sexta-feira não se varre casa, nem se penteia cabelo”; “Pinto sahido de ovo deitado em sexta-feira não tem fel”. Outro dia da semana parece concentrar possibilidades de uma experiência do tempo da ordem do eterno e do incrível: a segunda-feira. Mas a respeito das práticas deste dia da semana, apenas Barão de Studart comentou alguma coisa: “Não se devem cortar as unhas das crianças às segundas-feiras, pois as mesmas não crescerão mais. Segunda-feira é dia consagrado às almas pelo sertanejo”. STUDART, Barão de. Usos e superstições cearenses. Primeira parte. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza, t. 15, 1910, p. 42, 30, 43 e 76.

¹⁴⁹ Ibidem, p. 38.

¹⁵⁰ VAREZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea**: vidas de santos. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 697.

O segundo caso coletado pelo mesmo autor é assim anotado: “Quem casa no dia de S.ta Anna morre de parto”.¹⁵¹ Santa Ana, que no calendário lunariano tem seu dia estabelecido em 26 de julho, data de sua morte, foi a mãe da Virgem Maria. Segundo Enzo Lodi, autor de *Os Santos do Calendário Romano*, “As notícias sobre os pais da Virgem nos foram transmitidas somente pelo *Proto-evangelho de Tiago*, apócrifo do século II, o qual narra o nascimento miraculoso de Maria de pais estéreis”.¹⁵² A legenda de Santa Ana a associa a questões reprodutivas, esterilidade, gestação e parto. Assim como ocorria com o dia de São Bartolomeu, também aqui se punha o destaque sobre aspectos temerosos que envolviam a data. Num e noutro caso, importa perceber que o dia do santo era envolto em constrições, mas desencorajavam determinados atos do que propriamente lhes concediam proteção. A experiência do tempo vinculada às celebrações religiosas, pois, não significavam necessariamente bênçãos, emanações benfazejas. Também o demônio e sua corja feita de espíritos e outras entidades podiam fazer parte desse ‘não-lugar’, no qual os homens entravam em contato com o tempo eterno do Criador em seus enlaces com um tempo desviante – extraordinário, miraculoso e fabuloso.

Os dias dos santos também entravam no enredamento dos tempos da saúde e da doença, sendo muitas vezes utilizados como se fossem remédios. Em muitas dessas circunstâncias, os dias do santo ou da celebração religiosa presentes no calendário lunariano podiam desempenhar papéis importantes, por exemplo, na realização e pagamento de promessas que envolviam as curas. Contudo, em boa parte das vezes, não eram referências fundamentais ou indispensáveis, afinal, a doença não escolhia dia; mas, por outro lado, não dispensava o tempo sagrado. Daí realizar-se uma série de práticas ou orações remediadoras que evocavam esses atores do sagrado em referência constante a seus milagres e virtudes contados em suas legendas.

São Francisco talvez seja um dos santos mais convocados nas práticas de cura de que se tem registro. No romance *Luzia-Homem*, escrito por Domingos Olímpio, a mãe da protagonista, acometida de moléstia que impedia seu deslocamento, lamentava: “Já fiz uma promessa a São Francisco das Chagas de Canindé para que ele me pusesse em

¹⁵¹ STUDART, Barão de. Usos e superstições cearenses. Primeira parte. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza, t. 15, 1910, p. 39.

¹⁵² LODI, Enzo. **Os santos do calendário romano**. Rezar com os santos na liturgia. São Paulo: Paulus, 2001, p. 274.

estado de caminhar com os meus pés, e... nada. Cada vez mais me incham as juntas e se me entortam os ossos”.¹⁵³ A despeito dos diversos expedientes de cura a que se entregava – dos remédios de botica, passando pelas mezinhas e feitiços, até as promessas a santos e demais práticas devotas –, quando conheceu alguma melhora, a doente não teve dúvidas sobre sua origem:

– É a minha promessa a São Francisco das Chagas de Canindé – observou a enferma que restituiu a saúde... Eu tinha uma fé... [...]

– Olhem – continuou caqueando no seio do cabeção, bordado de cacundês, onde imergiam confundidos, entrelaçados, os rosários, bentinhos e medidas de santos, que lhe pendiam do pescoço; e mostrando uma caçoula com a imagem do milagroso padroeiro em péssima gravura, cujos milagres admiráveis atraíam os fiéis, vindos de longínquas paragens, em contínua romaria à sua bela igreja cheia de ex-votos, pernas, braços, mãos e cabeças, modelados em cera, ou toscamente esculpidos em madeira, vistosamente coloridos e marcados de chagas hediondas, muito sarapintadas de sangue arroxeadado de esquimoses e alguns verdadeiros aleijões, monstruosidades repugnantes, muletas e ligaduras de pano velho, duras de sãnie embebida; todas essas relíquias de piedade, penduradas, em simetria, às paredes da nave, rememorando curas obtidas pela intercessão do santo, a quem Jesus Cristo concedera a graça de marcar com o estigma das cinco chagas.¹⁵⁴

A edificação de um grande santuário em homenagem a São Francisco das Chagas na localidade de Canindé, para onde afluíam e ainda hoje afluem grupos e mais grupos de romeiros em especial na festa do santo, dia 4 de outubro, pode dar uma ideia de sua importância para as comunidades sertanejas não somente do Ceará, já que os peregrinos de outras localidades também são muito numerosos. Grandes estoques de ex-votos neste santuário, desde pelo menos o século XIX, expressam as confianças depositadas neste santo nas ocasiões da doença, revelando o papel que desempenhava na conformação de uma experiência do tempo sagrada que alcançava a cura pela via do milagre.

São Francisco era santo a quem se recorria por circunstâncias de doenças as mais diversas, como o comprovam as inúmeras espécies de ex-votos simbolizando afecções que iam das cabeças aos pés que se lhe ofereciam na capela de Canindé. A força curativa deste santo poderia inclusive superar as tradições que envolviam outros agentes

¹⁵³ OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem** [1903]. Fortaleza: ABC, 2002, p. 19.

¹⁵⁴ Ibidem, p. 81-82.

do sagrado, algo que se flagra nas variações de uma oração que, embora muitas vezes parecesse pertencer a um dado santo, era tomada pelo santo marcado de chagas. Eduardo Campos registra um caso que pode ser entendido nestes termos:

Os benzedores têm interessante oração, bastante conhecida no sertão, para quando se torce um pé. Apanham um novêlo de fio e com uma agulha, fazendo os movimentos naturais de quem está cosendo, proferem as palavras que se seguem, fitando atentamente o enfermo:
Carne trilhada, nervo retorcido...
Osso e veia, até cordoveia
Tudo isto coso, com a graça e o louvor
de meu São Frutuoso.
Lourenço Filho [...] registrou uma variante, sem apreciáveis modificações:
Carne trilhada,
Nervo torcido,
Ossos e veias,
E cordoveias
Tudo isso eu coso
Com louvor
De São Francisco.¹⁵⁵

A impressionante força de São Francisco nas práticas de cura, como de resto nas demais práticas atravessadas por devoção, possivelmente advém do encontro feliz entre as tradições das populações devotas e aspectos fundantes da legenda deste santo, em especial, presume-se, sua vida humilde. Pertencente a uma família de negociantes da cidade de Assis, Francisco passou sua juventude vivendo da vaidade. Após ser acometido por uma doença, passou a professar a fé cristã e a entregar-se a uma vida de pobreza. Segundo a *Legenda Áurea*, “Em uma visão, o escravo de Deus [São Francisco] viu acima dele um serafim crucificado que lhe imprimiu as marcas de sua crucificação. Suas mãos, seus pés e seu flanco foram marcados com as feridas da cruz”.¹⁵⁶ Depois de morto, realizou diversos milagres de cura mediante aparições nos leitos de moribundos, neles empreendendo o restabelecimento da saúde com suas próprias mãos.¹⁵⁷ Milagres

¹⁵⁵ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 113-114.

¹⁵⁶ VAREZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea**: vidas de santos. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p 841.

¹⁵⁷ De acordo com a *Legenda Áurea*, por exemplo, um devoto de São Francisco, uma vez atacado por engano, teve a garganta atravessada por uma espada que aí se fixou sem que houvesse quem pudesse retirá-la, a não ser o próprio Santo: ““O bem-aventurado Francisco veio a mim e, colocando seus estigmas sobre minhas feridas, encheu cada uma delas de um bálsamo suave que as curou maravilhosamente. Como ele queria se retirar, eu lhe fazia sinal para arrancar a espada, porque não podia falar. Ele a tirou e jogou com força, e logo curou completamente minha garganta passando suavemente seus estigmas sobre ela””. Ibidem, p 842.

que continuou a realizar entre muitos de seus devotos, que repetiam os relatos de curas mediante sua aparição e seu manuseio sobre o corpo enfermo. É o que se observa do relato de memória do prático de farmácia Antenor de Barros Leal, quando foi chamado para atender um caso de parto complicado em distrito de cidade interiorana do Ceará:

Eram três da manhã [quando cheguei ao sítio].

Estava insensível, todo duro. Mal tive ânimo de desmontar e apertar as mãos dos meus amigos. Aparece D. Mundinha, a parteira: – ‘Seu Antenor, o caso é perdido. O menino está morto desde ontem. A mulher está dormindo’. Dei graças a Deus por este sono. Tomei uma boa dose de vinho, caindo numa enorme prostração e acordando às 5 da manhã por um grito: ‘Valha-me Deus’. Era D. Maria, a mãe da parturiente que gritava alto para se fazer ouvir. Fomos todos para o quarto. Uma surpresa agradável nos esperava. Nunca nos alegramos tanto! A mulher estava sorridente, embora com febre. Não tinha mais a barriga volumosa. O parto estava feito e completo. Acerquei-me do bangüê e perguntei:

– Como aconteceu isto?

Ela com tranquilidade me respondeu:

– Eu estava a dormir. Lembrei então de S. Francisco e pedi a ele para vir fazer o meu parto. Dormi e sonhei que ele estava fazendo o que com tanta fé implorei. Eu vi de verdade e tudo foi feito por ele...

Fiquei impressionado!

Mandei fazer um asseio. Apliquei uma injeção de Eletracol, dei uns comprimidos para baixar a febre. Deixei ainda 5 ampolas da mesma injeção e uma garrafa de Água Inglesa. A mulher ficou curada. Teve ainda 3 filhos, fortes e sabidos.¹⁵⁸

O tempo sagrado que realiza a cura, fazendo uso do poder da narrativa da legenda do santo não foi apanágio exclusivo de São Francisco, embora este último se destacasse entre os mais evocados. Vejamos mais um exemplo: São Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, dedicou-se a difundir a fé cristã e com os auxílios de Paulo agiu no combate a feitiçarias empreendidas pelos diabos. Foi perseguido pelas autoridades e acabou preso. Segundo Jacopo de Varazze,

Tendo Pedro saído da cadeia, seus irmãos de fé exortaram-no a fugir, o que ele só aceitou fazer depois de muita insistência, dirigindo-se então, pelo que contam Leão e Lino, à porta da cidade que hoje é conhecida por Santa Maria ad passus, onde Pedro viu Cristo e perguntou-lhe: ‘Senhor, aonde vai?’. Ele respondeu: ‘Vou a Roma para ser crucificado mais uma vez’. Pedro: ‘Ser crucificado de novo?’. O Senhor: ‘Sim’. Pedro então disse: ‘Nesse caso, Senhor, voltarei para ser crucificado com você’. Depois dessas palavras, o Senhor subiu ao Céu ante os olhos de Pedro, que chorava. Compreendendo depois que

¹⁵⁸ LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 57-58.

era de seu próprio martírio que se falara, voltou e contou aos irmãos o que acabara de acontecer.¹⁵⁹

É a essa circunstância da legenda do santo que se refere a seguinte prática de cura compilada por Eduardo Campos:

Se a criança continua a definhar, com quebranto, de ventre caído e pálida, só poderá restabelecer-se se alguém recitar esta oração:
Jesus Cristo foi à Roma.
E lá se encontrou com São Pedro.
– Para onde vai você, Pedro?
– Ia atrás do Senhor, para aprender a curar quebranto, ventre caído e mau-olhado.
(Contemprar o doente bem nos olhos, dizendo em seguida)
Fulano, se você tiver quebranto, ventre caído,
ou mau olhado, com um te botaram,
com dois eu tiro!
E vá o mal para a casa de quem come e não reza, para a casa do mal casado e para as ondas do mar sagrado.
(Repetir três vêzes, acrescentando mais uma unidade com dois e três te botaram e com três e quatro eu tiro!).¹⁶⁰

Variações da legenda, como a troca do personagem que pergunta por aquele que responde ou a substituição dos motivos que levaram Pedro a seguir novamente Jesus, apenas indicam as diversas adaptações que a legenda sofreu ao circular e ao ganhar usos na cura.

Há santos cujas legendas concentram atenções sobre seus poderes especiais diante de determinados males. Dessa forma, assim como há um santo para cada dia, e também um santo para cada lugar, parecia haver sentido em fazer corresponder um santo para cada mal ou parte do corpo. Este raciocínio era conduzido por Fabiana, personagem do romance *A Afilhada*, depois de ter sido atacada por um pequeno animal, que se instalou no canto de sua unha do dedo do pé. Após o incidente, a matrona “[...] saiu pensando se não haveria um santo advogado para o mal de bichos, visto como os há para de garganta, o de madre, o de olhos, espinhela caída, quebranto, etc. etc.”.¹⁶¹

¹⁵⁹ VAREZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea**: vidas de santos. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 506.

¹⁶⁰ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 123-124.

¹⁶¹ PAIVA, Oliveira. *A Afilhada* [1889]. In: Idem. **Obra Completa**; introdução e pesquisa bibliográfica, Rolando Morel Pinto. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993, p. 266.

Santa Sofia, por exemplo, que viu suas três filhas serem torturadas como forma de castigá-la e fazê-la renunciar à fé cristã, continuou firme e, depois de morta, por conta dos milagres que realizou em doentes com problemas de pele, logo foi associada à cura das afecções desta natureza. Eduardo Campos indica uma prática que remedia essas doenças por evocação desta santa:

[...] com indicação para herpes-zoster, em Pernambuco, segundo Getúlio César, os curandeiros recitam outra oração não menos interessante, como esta:

Estava Santa Sofia detrás de uma pedra fria, chegou Santa Pelonha (Apolônia) e perguntou: – Sofia, com que se cura empinge, cobrêro-brabo, ardor, fogo-selvage, queimadura, sarna, comichão e queimô? – Com água da fonte e ramo do monte, assim curou a sagrada e sempre Virgem Maria. Amém.

E entre os sertanejos cearenses reza-se a oração com um padre-nosso e uma ave-maria oferecidos a Santa Sofia. Ao proferir as palavras cabalísticas, o curandeiro, com um ramo embebido em água, vai aspergindo-a em cruz sobre a parte vermelha do corpo enfêrmo.¹⁶²

Assim como a oração curativa para São Pedro, também a de Santa Sofia se constitui na forma do diálogo. Numa conversa que se desdobra entre os santos e num tempo que não se constitui cronologicamente, mas que acontece numa dimensão sagrada.

Outras santas especialistas que aparecem com frequência nos registros são Santa Margarida e Santa Luzia. Margarida foi uma jovem que, uma vez tendo decidido professar a fé cristã, foi renegada pela família e sofreu perseguições de autoridades. Foi presa, castigada, enfrentou armadilhas do Diabo, foi queimada e em seguida afogada. Por fim, foi decapitada. Levas de homens se penalizaram com seu sofrimento e, por isso, converteram-se à crença em Jesus Cristo. Antes de ser decapitada, a *Legenda Áurea* conta que Margarida “pediu um instante para orar por si mesma, por seus perseguidores e para que as pessoas se lembrassem dela e a invocassem com devoção, especialmente toda parturiente em perigo para ter um parto feliz”.¹⁶³ Esse seu último pedido findou por associá-la às complicações da gestação e do parto, circunstâncias que exigiam a evocação da santa como forma de garantir ou produzir a saúde das mulheres e das crianças recém-nascidas. No romance *Luzia-Homem*, a personagem Rosa Veado,

¹⁶² CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 118-119.

¹⁶³ VAREZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea**: vidas de santos. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p 537.

parteira reconhecida e apreciada em localidades do norte do Ceará no período dos oitocentos, contava que certa vez, ao acudir uma parturiente, evocou a força de Santa Margarida: “E como as párias [placenta] não se despregassem, chamei o marido, mandei que botasse o pé em cruz na barriga da mulher, enquanto esta rezava comigo: ‘Minha Santa Margarida, não estou prenha nem parida, mas de vós oferecida’. Ao cabo da terceira vez, estava tudo acabado. Arre”.¹⁶⁴

Eduardo Campos também escreve a respeito dos usos das preces à Santa Margarida nos momentos da parturição. Parece tratar de variação da oração mencionada por Domingos Olímpio. Veja-se:

Quase tôdas as comadres que vão ‘pegar’ a criança sabem interessantes orações, às quais atribuem poder excepcional. Para expelir a placenta, por exemplo, recitam o seguinte ensalmo: Com todos os poderes de Deus-Padre e do Espírito Santo, ficai de tôda livre... ficai de tôda livre... Enquanto isso, a parturiente, muitas vêzes soluçando de dor, há de rezar em voz alta: ‘Oh, minha Santa, minha Santa Margarida. Não estou prenha nem parida. Tirai de vez o que está na minha barriga. Oh, valei-me, Santa Margarida. Não estou prenha nem parida... não estou prenha nem parida. Livrai-me tu com os podêres de Deus e também da poderosa Virgem Maria.’¹⁶⁵

Situações específicas demandavam igualmente a evocação de Santa Luzia, a saber, os males dos olhos. A *Legenda Áurea* conta que a jovem Luzia ou Lúcia dirigiu-se junto com sua mãe ao túmulo de Santa Ágata, de quem era devota, com a finalidade de curar as hemorragias que acometiam a mãe. Santa Ágata apareceu à Luzia e disse que ela própria poderia conseguir o restabelecimento de sua mãe, o que veio a ocorrer. A jovem dá início a uma vida de santa, abrindo mão de seu casamento e de seu dote, distribuído entre os pobres. Foi penalizada e torturada por professar a fé cristã, mas, quando os carrascos intentaram amarrar seus pés e mãos, nem mil homens conseguiram movê-la. Como se vê, nenhum episódio da vida de Luzia a associava à cura dos males de olhos, a não ser o próprio nome da santa, que remetia à luz, à claridade, à visão.¹⁶⁶ Talvez tenha sido este o fato suficiente para que Santa Luzia fosse considerada a santa

¹⁶⁴ OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem** [1903]. Fortaleza: ABC, 2002, p. 60.

¹⁶⁵ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 131.

¹⁶⁶ VAREZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea**: vidas de santos. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 77.

curadora dos problemas que envolvem os olhos. Eduardo Campos cita algumas práticas que remédiam os olhos por evocação desta intercessora. A primeira:

O argueiro sai do ôlho, quando se diz:
Corre, corre, cavaleiro
Pela porta de São Pedro,
Vai dizer à Santa Luzia
Que me mande um lenço branco
Pra tirar esse argueiro.¹⁶⁷

Além das orações isoladas, há ainda as receitas com remissões à Santa Luzia cujos ingredientes vão além da voz: “Combatem-se as afecções da vista colocando-se três pedrinhas de sal no sereno e, de manhã, diluindo-as em água, que deverá ser levada aos olhos enfermos, enquanto o paciente invoca, três vezes consecutivas, o nome de Santa Luzia (colhido na Barra do Ceará)”.¹⁶⁸ Como se vê, os remédios à base dos santos e seus tempos não dispensavam outros componentes, como água, sal e mesmo o sereno. Em realidade, tais gêneros de remédio conheceram muitas receitas diferentes, inclusive aquelas que se aviavam nas oficinas de farmácias como, por exemplo, a *Água de Santa Luzia*, muito procurada na botica do prático Antenor de Barros Leal, nas primeiras décadas do século XX, na localidade de Boa Viagem.¹⁶⁹

Inserir um nome de santo ou religioso aos remédios, tal como a *Água de Santa Luzia* ou ainda o *Bálsamo Católico*,¹⁷⁰ parecia declarar a força do tempo do santo na composição da cura. Um tempo em princípio sem lugar, morando lá onde se instalava “o verbo ser no passado, no presente e no futuro”.¹⁷¹ Mas um tempo que, não obstante, podia cintilar nos calendários com seus dias religiosos e dias de luas. De modo que o calendário restava esse instrumento que, pela via cronológica, podia reunir o tempo do santo ou das celebrações religiosas com o tempo dos astros, tornando possível suas mobilizações nas ocasiões de doenças.

¹⁶⁷ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 132.

¹⁶⁸ Ibidem, p. 66.

¹⁶⁹ LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 148.

¹⁷⁰ Ibidem, p. 148.

¹⁷¹ RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Papel Passado**: cartas entre os devotos e o Padre Cícero. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011, p. 94.

Para cada um desses tempos, alguns encaminhamentos eram previstos. Trabalhos na terra, afazeres domésticos, decisões quanto a viagens ou casamentos, cuidados com o corpo e um conjunto vasto de expedientes de saúde além de outros. Pode-se dizer que cada uma dessas práticas apresentava certo teor ritualístico, cada uma conduzia a espécies de liturgias que articulam o tempo de todos os dias com os tempos sagrados, a repetição e a singularidade. Volta-se ao *tempo mítico*. Paul Ricoeur explica:

Com efeito, é pela mediação do rito que o tempo mítico mostra ser a raiz comum do tempo do mundo e do tempo dos homens. Por sua periodicidade, o rito exprime um tempo cujos ritmos são mais vastos que os da ação corriqueira. Ao escandir desse modo a ação, enquadra o tempo corriqueiro e cada breve vida humana em um tempo de grande amplitude.¹⁷²

O mesmo autor conclui que “o mito alarga o tempo corriqueiro (bem como o espaço), ao passo que o rito aproxima o tempo mítico da esfera profana da vida e da ação”.¹⁷³ Ressalte-se que a compreensão da elaboração e da operacionalização dos ritos a partir de distintas experiências do tempo não corrobora uma separação tão acabada entre o sagrado e o profano. Como se vê, diversos tempos sagrados e ocultos, tempos eternos e secretos estão em jogo nos ritos cotidianos. É bem verdade que o calendário os enfeixa em prol de um tempo uno maior, mas, mais importante do que isso, participa da produção dos expedientes de cura que se organizam em torno destes vários tempos, constituindo ele próprio, materializado no *Lunário Perpétuo*, um remédio.

2.6. Prognósticos

Outras experiências do tempo afeitas a essas forças de ordem oculta e sagrada são também mobilizadas a partir do calendário lunariano. É o caso dos *prognósticos*, práticas que põem em causa a anunciação de um tempo que virá mediante a leitura de algumas variáveis celestes e terrenas; também os prognósticos findam por produzir implicações sobre os cuidados com a saúde, sugerindo modos de remediar a partir dos tempos.

¹⁷² RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. 1. A intriga e a narrativa histórica. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 179.

¹⁷³ Ibidem, p. 179-180.

Afirmar que os dias do calendário astrológico e/ou religioso do *Lunário Perpétuo* dão vazão a facetas prognósticas significa dizer que esse quadro cronológico está na base da produção de experiências do tempo que lidam com uma dimensão ainda não vivida, contudo razoavelmente anunciável. Diversos prognósticos são apresentados em *Luzia-Homem*. Logo no início da prosa, a seca de 1877 é proclamada como praticamente irremediável, e isso antes mesmo de se realizar como fato consumado:

Não havia mais esperança. Os horóscopos populares aceitos pela credence, como infalíveis: a experiência de Santa Luzia, as indicações do Lunário Perpétuo e a tradição conservada pelos velhos mais atilados, eram negativas, e afirmavam uma seca pior que a de 1825, de sinistra impressão na memória dos sertanejos, pois olhos-d'água, mananciais que nunca haviam estancado, já não marejavam.¹⁷⁴

O fragmento indica que diversas operações foram empreendidas no sentido de tomar nota dos contornos do tempo que viria. Todas elas, em alguma medida, estão presentes no *Lunário Perpétuo*, de alguma forma conectadas ao seu calendário. Ora mais próximas dos comportamentos astrais, ora comunicadas mais diretamente com a experiência religiosa, essas operações se realizavam também pela observação do mundo natural ao redor, que repercute as virtudes ocultas e sagradas provenientes de dinâmicas celestes. Trata-se de um grande encadeamento que une planetas, agentes do sagrado e elementos da paisagem natural; mas um encadeamento que pode ser recortado em excertos disponíveis a experiências prognósticas. As experiências com cada um desses conjuntos podem cruzar-se umas com as outras na busca de uma confirmação ou mesmo de uma esperança que possa vir a contornar os pesares vislumbrados em tempos vindouros, tal como indicado no caso acima.

Essas operações ou experiências prognósticas conferem sentidos muito particulares para o calendário lunariano. Geneviève Bollème ajuda a compreendê-los em seu estudo sobre os almanaques populares franceses dos séculos XVII e XVIII. Mais atenta à astrologia, a autora observa uma dupla função dessa leitura do mundo a partir do gênero “almanaque”. De um lado, considera sua importância na elaboração dos calendários, propiciando a partir desse instrumento cronológico a emergência de um horizonte temporal alargado, duradouro e, em certa medida, conhecido:

¹⁷⁴ OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem* [1903]. Fortaleza: ABC, 2002, p. 32.

Si l'astrologie occupe dans l'almanach une place longtemps prépondérante, c'est d'abord parce qu'elle prétend offrir une vue d'ensemble de l'avenir, parce qu'elle veut considérer l'année comme une totalité et permettre aux hommes de profiter au mieux de leurs besoins, de conditions qui ne dépendent d'abord pas tout à fait d'eux. L'année astrologique est ainsi présentée par l'almanach comme une année propice, faste, c'est-à-dire vivable. Bien sûr les maux et malheurs y trouvent place, mais ce discours qui les prévoit et les englobe dans un ensemble harmonieux et finalement apaisant, laisse croire qu'il sera possible de les dominer, d'y faire face; car il propose précisément, par sa manière d'envisager les choses et de les dire, de substituer au temps, qui n'est au fond jamais que le temps du caprice, un autre temps qui serait celui du bonheur.¹⁷⁵

Por apresentar uma dimensão temporal razoavelmente conhecida, linear, mas também circular – já que se reinicia a cada ano –, o calendário astrológico produz a impressão de um tempo possível, ou vivível, posto que já previamente experimentado, ao menos em alguma medida. Esse tempo, no entanto, está suscetível a percalços ou desvios, em geral devidos a características ocultas dos planetas – eclode o que Bollème chamaria de “tempo do capricho”. É este tempo o abordado pelas operações ou experiências dos prognósticos. Bollème explica:

Le rôle de l'astrologie est primordial dans le découpage et l'aménagement du temps. Les astres influent sur les saisons, les plantations, les animaux, l'homme... Mais ce n'est peut-être pas là, malgré les apparences et la continuité de ce rôle à travers les siècles (cinq siècles durant), son aspect essentiel. L'astrologie est celui qui prédit l'avenir, qui pronostique, prophétise, c'est celui qui enseigne, apprend, mais c'est aussi, et plus encore, celui qui, nourrissant les imaginations, abuse de la curiosité, ou plutôt la laisse dériver vers ce merveilleux dont les hommes sont avides et auquel ils aspirent et inclinent tout naturellement.¹⁷⁶

¹⁷⁵ “Se a astrologia ocupa no almanaque um lugar desde muito tempo preponderante, isto se dá, em primeiro lugar, porque ela pretende oferecer uma visão de conjunto do devir, porque ela deseja considerar o ano como uma totalidade e permite aos homens melhor realizar suas necessidades em condições que não dependem completamente deles. Dessa forma, o ano astrológico é apresentado pelo almanaque como um ano propício, fasto, ou seja, vivível. Certamente, os males e infelicidades têm aí seu lugar, mas o discurso que os prevê e os engloba num conjunto harmonioso e finalmente pacífico deixa crer que será possível dominá-los, enfrentá-los; pois ele propõe precisamente, por sua maneira de encarar e de dizer as coisas, a substituição do tempo, que não é no fundo outra coisa que o tempo do capricho, por um outro tempo, que seria aquele da bonança” [Tradução minha]. BOLLÈME, Geneviève. **Les almanachs populaires aux XVIIe et XVIIIe siècles**. Essai d'histoire sociale. Paris: Mouton & Co; École Pratique des Hautes Études, 1969, p. 49.

¹⁷⁶ “O papel da astrologia é primordial na marcação e organização do tempo. Os astros influem sobre as estações, as plantações, os animais, o homem... Mas, talvez, não se encontra aqui, malgrado as aparências e a continuidade desse papel ao longo de séculos (cinco séculos inteiros), seu aspecto essencial. A astrologia é o saber que prevê o futuro, que prognostica, profetisa, é o saber que ensina, instrui, mas é também, e mais do que tudo, o saber que, alimentando as imaginações, abusa da curiosidade ou, de preferência, a deixa derivar em direção ao maravilhoso de que os homens são ávidos e ao qual eles aspiram e se inclinam muito naturalmente” [Tradução minha]. Ibidem, p. 17.

A autora observa, pois, que a faceta prognóstica dos almanaques e de seus calendários constitui uma via por meio da qual os homens vivem a experiência temporal do maravilhoso, cultivando a curiosidade de um devir de combinações inesperadas. A astrologia, nesse caso, propõe um convite à fabulação, igualmente partilhado, no caso do *Lunário Perpétuo*, por um catolicismo reformado, contudo ainda muito mal sucedido em sufocar crenças mágicas que se alimentavam de milagres corriqueiros, forças ocultas, palavras mágicas, feitiços e sortilégios, atravessados, todos eles, pelas faculdades de adivinhar, pressagiar, agourar, predizer etc. Nesse sentido, ainda seguindo Bollème,

Autrement dit, le temps n'est pas seulement le temps qui passe, le temps qu'il fait ou celui qu'il fera, c'est aussi et surtout le temps de l'étonnement : il est la dimension de ce qui peut survenir de curieux, d'étrange, d'admirable (et accessoirement, d'horrible...), dans un monde où il introduit précisément l'imprévu, la nouveauté. Ce temps imprévu est d'abord celui qui force la curiosité parce qu'il étonne. Les almanachs offrent 'aux curieux le théâtre universel pour faire admirer les effets de la nature et les *étranges merveilles* qui sont inconnues à la plupart des hommes'. Le résultat du découpage temporel (ou plutôt de la manière dont il est présenté) est finalement de donner aux événements, aux faits, un caractère curieux, étrange, admirable, remarquable.¹⁷⁷ (grifos no original)

Assim como nos almanaques franceses estudados por Bollème, também no livro perpétuo uma dimensão de estranheza, daquilo que se qualifica por surpreendente associada ao tempo vindouro emergia por ocasião das operações prognósticas. Essas operações conheciam modos de produção particulares a depender das variáveis que estavam em jogo – astrológicas, religiosas, fossem ou não diretamente atinentes ao mundo da fauna e da flora etc.

O *Lunário Perpétuo* apresenta uma lista longa de operações prognósticas a partir dos astros. A atenção sobre o horóscopo ou mapa zodiacal era das providências mais

¹⁷⁷ “Dito de outro modo, o tempo não é somente o tempo que passa, o tempo que faz ou aquele que vai fazer, é também, e sobretudo, o tempo do maravilhoso: ele traduz a dimensão daquilo que pode sobrevir de curioso, de estranho, de admirável (e, acessoriamente, de horrível...), num mundo onde ele introduz precisamente o imprevisto, a novidade. Esse tempo imprevisto é primeiramente aquele que força a curiosidade porque surpreende. Os almanaques oferecem ‘aos curiosos o teatro universal para fazer admirar os efeitos da natureza e as *estranhas maravilhas* que são desconhecidas para a maior parte dos homens’. Resulta, finalmente, dessa marcação temporal (ou melhor, da maneira como ela é apresentada) dar-se aos eventos, aos fatos, um caráter curioso, estranho, admirável, notável” (grifos no original) [Tradução minha]. BOLLÈME, Geneviève. **Les almanachs populaires aux XVIIe et XVIIIe siècles**. Essai d'histoire sociale. Paris: Mouton & Co; École Pratique des Hautes Études, 1969, p. 28.

importantes para aqueles que buscavam traçar os contornos do que estava por vir. A *Prognosticação natural, e geral dos tempos, pelo dia primeiro em que entrar o anno* tomava páginas e mais páginas do livro. Entendendo que a cada dia da semana corresponde um planeta, a depender do dia da semana em que se iniciava um ano, este último seria dominado pelos atributos do astro concernente. Assim, por exemplo, nos anos que começam por um sábado, será o planeta Saturno quem ditará as tendências: “Se o anno entrar em Sabbado será sêcco, e esteril de mantimentos, o Inverno comprido, e algum tanto frio com poucas aguas”.¹⁷⁸ Além dos dias da semana, as nuances da Lua quando adentra as casas zodiacais em determinados meses conduzem também alguns prognósticos. Em seção denominada *Effeitos maravilhosos da Lua pelos Signos, tocante aos mantimentos*, o *Lunário Perpétuo* indica, por exemplo, que “Se a Lua de Outubro entrar crescendo no Signo de Escorpião, que domina no Reino de Valença, denota invejas, e contendias entre Letrados. Porém se entrar mingando, denota bom anno, prospero, e abundante no mesmo Reino”.¹⁷⁹

A despeito de versar sobre distintas temáticas, os prognósticos astrais parecem ter tomado maior importância quando relacionados a configurações climáticas, talvez porque aí se aproximassem mais das experiências rurais a que os leitores do *Lunário Perpétuo* eram mais sensíveis – já que, particularmente nos sertões do Brasil, os estios ou secas e os invernos constituíam circunstâncias da mais alta gravidade para o encaminhamento da vida em suas diversas instâncias. Dessa forma, não se deve estranhar, por exemplo, que os registros literários a respeito dos prognósticos astrais pusessem igualmente maior ênfase sobre as características que indicavam um inverno benfazejo ou uma seca inclemente – sendo este último caso o mais anotado pelos romances. Além de *Luzia-Homem*, o livro *Os Retirantes*, publicado em 1889 por José do Patrocínio, também anunciava práticas prognósticas atinentes ao clima pela observação dos astros, em especial a Lua: “a superstição abriu logo as longas asas de corvo e pairou sobre os espíritos acovardados. Um círculo alourado em torno da lua, a queda de um meteoro, as cores do crepúsculo, tudo foi considerado prenúncio da

¹⁷⁸ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 67.

¹⁷⁹ *Ibidem*, p. 108.

esperada desgraça”.¹⁸⁰ Em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, romance datado de 1938, o protagonista Fabiano também olhava para a Lua e tirava conclusões sobre o tempo que viria: “Uma, duas, três, havia mais de cinco estrelas no céu. A lua estava cercada de um halo cor de leite. Ia chover. Bem. A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta”.¹⁸¹ Os contornos da Lua também mereceram atenção de Conceição, personagem de *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, publicado em 1930: “Colocou a luz sobre uma mesinha, bem junto da cama – a velha cama de casal da fazenda – e pôs-se um tempo à janela, olhando o céu. E ao fechá-la, porque soprava um vento frio que lhe arrepiava os braços, ia dizendo: - Eh! a lua limpa, sem lagoa!... Chove não!...”.¹⁸²

Era também uma tônica sobre as configurações atmosféricas que sobressaía dos prognósticos que mobilizavam os santos. No *Lunário Perpétuo*, essas práticas se davam em atenção aos dias do calendário. A primeira diz respeito à experiência de Santa Luzia:

Supposto que para conhecimento dos tempos he necessario levantar-se figura de revolução do anno, da verdadeira entrada do Sol em Aries, e porque todos não podem ser Mathematicos, daremos satisfação pelas regras seguintes, para que por ellas todos venhão em conhecimento dos tempos.

Pelo que, se ha de notar que os experimentados vierão em conhecimento do anno pelos doze dias, que ha de Santa Luzia a dia de Natal, tomando por cada dia hum mez; e por cada quarto de dia hum quarto de mez; e assim em dia de Santa Luzia á meia noite até ás seis de pela manhã tomarão pelos primeiros oito dias de Janeiro: tal qual o tempo fosse nestas seis horas, taes serão os primeiros oito de Janeiro; das seis de pela manhã até ao meio dia tomarão pelo tempo de oito até quinze dias do dito mez; e do meio dia até ás seis da tarde tomarão do quinze até vinte e tres de Janeiro; e das seis da tarde até à meia noite seguinte tomarão do vinte e tres até o fim de Janeiro, e assim o dia seguinte, medido pela dita ordem, tomado pelo mez de Fevereiro, e o terceiro dia por Março, e assim cada hum dos mais, até se acabarem os mezes todos; entende-se isto agora em vinte e dois de Dezembro.¹⁸³

A experiência prognóstica do tempo que atravessa o dia de Santa Luzia não evoca a legenda desta santa a não ser pela etimologia de seu nome. Segundo a *Legenda*

¹⁸⁰ PATROCÍNIO, José do. *Os Retirantes* [1889]. [Disponível em <<http://www.dominionpublico.gov.br>> Acesso em: 30 de setembro de 2014].

¹⁸¹ RAMOS, Graciliano. *Vidas secas* [1938]. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2010, p. 14.

¹⁸² QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze* [1930]. São Paulo: Siciliano, 2000, p. 8.

¹⁸³ *O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...* Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 190-191.

Áurea, Luzia ou “Lúcia vem de *lux*. A luz é bonita de se ver, porque segundo Ambrósio ela está por natureza destinada a ser graciosa para a visão”.¹⁸⁴ As relações com a luz, portanto, justificam tanto os remédios para a *visão* que fazem uso das remissões dessa santa, quanto sua evocação nas práticas prognósticas que *visualizam* ou *veem* em alguma medida algo que ainda não aconteceu. Diversos registros indicam que a experiência de Santa Luzia foi ou ainda é bastante difundida pelos sertões, embora tenha sofrido algumas modificações – indícios, portanto, de zonas de ressonância com o *Lunário Perpétuo*. Barão de Studart cita duas variantes dessa experiência entre os *Usos e Superstições Cearenses*, no alvorecer do século XX: “Mudança de tempo em dia de Santa Luzia (13 de dezembro) é signal de inverno. O mesmo significam seis pedras de sal si apparecem humidas, e conforme o numero de pedras humedecidas, tantos se contarão os mezes de inverno a contar de Janeiro”.¹⁸⁵ Essa segunda variante da experiência coletada pelo escritor é igualmente expressa em um depoimento de um sertanejo trazido por Kênia Rios em tempos bem mais recentes:

Certa vez, conversei com um senhor que morava no Vale do Acaraú. Chamava-se Raimundo e nunca quis morar em Fortaleza: ‘nunca vi vantagem em ir pra lá’, ressaltou. Quando lhe perguntei se era possível saber antecipadamente sobre seca ou chuva, disse-me que ‘basta seguir o que diz as experiência’. Pedi para me contar a ‘experiência’ em que mais confiava e ele lembrou das pedras de Santa Luzia. Assim como outras, essa ‘experiência’ evoca os ensinamentos do livro perpétuo, mesmo para quem nunca o leu: ‘Tinha as pedra de Santa Luzia, no dia 12 de dezembro. Botava seis pedra de sal. A que amanhecesse brejadinha era um mês bom. Uma pedrazinha seca, era um mês seco. A que tinha um choroim bem poquim, era pouca chuva nesse mês. Os seis mês de inverno de janeiro a junho pois era seis pedrinha, tudo separadinha uma da outra, em cima da tábua, em riba da casa. Se a pedra do mês de março fosse brejada, então o mês de março era chuveador’.¹⁸⁶

Além de Santa Luzia, outros santos participavam das experiências prognósticas de preocupações climáticas ao longo das páginas do *Lunário Perpétuo*:

Assim também vierão em conhecimento do tempo que seguirá pelo decurso de todo o anno, e pelos quatro ventos principais, tendo

¹⁸⁴ VAREZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea**: vidas de santos. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p 77.

¹⁸⁵ STUDART, Barão de. Usos e superstições cearenses. Primeira parte. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza, t. 15, 1910, p. 51-52.

¹⁸⁶ RIOS, Kênia Sousa. O tempo por escrito: sobre lunários e almanaques. In: CARVALHO, Gilmar de (Org.). **Bonito pra chover**. Ensaio sobre a cultura cearense. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003, p. 80-81.

respeito ao curso delles de dia de S. João Baptista até dia de S. Pedro, e qual delles mais cursar, convém a saber em vinte e quatro de Junho, que he dia de S. João, até vinte e nove, que he dia de S. Pedro, este vento cursará a maior parte do anno.¹⁸⁷

Tanto a experiência de Santa Luzia quanto a de São João se operam pela observação direta do clima ou de um de seus componentes, como os ventos, no dia do santo e naqueles que o sucedem. Se, no caso de Santa Luzia, a prática prognóstica se justifica na etimologia do nome da santa, que remete a luz, visões e previsões, a experiência prognóstica a partir de São João se ampara possivelmente em certa qualidade profética que marca a legenda do santo, segundo a qual seria ele o encarregado de anunciar a vinda de Jesus, o Messias, no mundo dos homens.¹⁸⁸

Embora os santos que participam das seções prognósticas do *Lunário Perpétuo* tenham sido ou ainda sejam correntemente evocados quando surgem a oportunidade ou a necessidade de vislumbrar os contornos climáticos vindouros, há um santo ausente dessas seções cuja menção nessas ocasiões nunca é dispensada em grande parte dos demais registros. Trata-se de São José.

O dia de São José está alocado no calendário lunariano em 19 de março. De acordo com a tradição, a chuva que cai nesse dia anuncia a chegada do inverno; sua ausência, uma irremediável seca, donde sua importância para a prosperidade econômica e de outras ordens em paragens sertanejas. A legenda de São José não aparenta ser atravessada por quaisquer menções a atributos proféticos ou temas climáticos. O forte veio trabalhador do carpinteiro pai de Jesus Cristo parece constituir, contudo, fator

¹⁸⁷ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 191.

¹⁸⁸ VAREZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea**: vidas de santos. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 489. São João Batista era conjurado numa ampla variedade de prognósticos além daqueles que buscavam traçar os contornos climáticos vindouros. Barão de Studart colige uma série numerosa de experiências prognósticas que, preocupadas em saber algo acerca da vida amorosa ou conjugal, envolvia o dia de São João Batista: “55. Em noite de S. João passa-se um ramo de mangericão na fogueira e atira-se ao telhado; si na manhã seguinte o mangericão ainda está verde, o casamento é com moço, si murcho, é com velho. 56. Em noite de S. João faz-se pirão com um pouco de farinha e põe-se-lhe dentro um caroço de milho; com os olhos fechados divide-se o pirão em 3 porções e se colloca uma na porta da rua, outra sob o leito e a 3.^a na porta do quintal; si fôr encontrado o caroço de milho na porta da rua, é signal de proximo casamento, si sob o leito, o casamento é demorado, si na porta do quintal, não ha possibilidade de casamento. 57. Em noite de S. João introduz-se numa bananeira uma faca que ainda não tenha servido, no dia seguinte apparecerá na faca a inicial da noiva ou do noivo”. STUDART, Barão de. Usos e superstições cearenses. Primeira parte. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza, t. 15, 1910, p. 32-33.

suficiente para fazer dele protetor das labutas e dos ofícios. A importância do santo, aliás, o fez padroeiro do Ceará, sendo seu dia inscrito entre os feriados estaduais. O dia de São José, ademais, não apenas se inscreve na linha cronológica do calendário religioso. A escrita do memorialista Antenor de Barros Leal anota uma outra qualidade desta data: “o dia de S. José, 19 de março, [é também] aquele que pela passagem do sol cortando o Equador torna os dias iguais às noites. Como sempre, a passagem do Equinócio chega com descargas elétricas no nascente e algumas chuvas”.¹⁸⁹ Segundo o *Lunário Perpétuo*, os equinócios são os tempos “nos quaes os dias são iguaes com as noites”,¹⁹⁰ havendo um em 21 de março e outro em 23 de setembro. Não há dúvidas sobre a confluência do tempo astrológico com o tempo religioso, um agregando pertinência ao outro, e ambos assentados na cronologia do calendário lunariano. Algo que não se deve estranhar, afinal de contas, as relações entre os astros e a religião católica, já se viu anteriormente, são mais estreitas e imbricadas do que geralmente se supõe.¹⁹¹

Muito embora as práticas prognósticas estivessem abertas a todos aqueles que se dispusessem a realizar leituras do tempo a partir dos astros e dos santos, a existência de homens ou mulheres com mais intimidade e, portanto, mais sapiência diante dessas questões temporais parecia ser um consenso. Muitos deles se celebrizaram, ademais, pela atenção dispensada aos sinais da natureza ao redor, que em alguma medida pareciam repercutir as configurações, virtudes e atributos ocultos sejam estelares ou sagrados. Recebiam, e ainda recebem, a alcunha de *profetas das chuvas*. De acordo com Kênia Rios,

O *Lunário Perpétuo* seria uma espécie de bíblia para os chamados ‘profetas da chuva’. Tais indivíduos, em geral, moram no sertão e

¹⁸⁹ LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 44.

¹⁹⁰ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 12.

¹⁹¹ Em algumas legendas de santos, aliás, o fundo astrológico pode reafirmar atributos sagrados, como parece ser o caso de São João Batista, cujo dia, 24 de junho, se inscreve numa configuração astral que se embute no traço mais importante da trajetória do santo: “Pode-se mencionar a tese da contagem segundo a qual, já no século III, alguns teólogos, fundando-se no simbolismo de Cristo-sol, deram atenção especial aos solstícios na história da salvação. Assim chegou-se à opinião de que o Batista teria sido concebido no equinócio de outono e teria nascido no solstício de verão europeu, porque no solstício de verão os dias começam a aumentar depois do inverno. Agostinho vê nisso uma confirmação cósmica da palavra de João (3,30): ‘É necessário que ele cresça e eu diminua’”. LODI, Enzo. **Os santos do calendário romano**. Rezar com os santos na liturgia. São Paulo: Paulus, 2001, p. 222.

conhecem com profundidade as ‘astúcias’ da natureza semi-árida e fazem delas um bom material para as previsões que desafiam os outros ‘cientistas’. Nessa leitura do mundo, a água que cai do céu pode ser anunciada em formas encontradas por homens que olham, antes de tudo, para a terra.¹⁹²

A relação dos chamados *profetas da chuva* com as leituras do livro perpétuo torna-se patente quando se aprecia, ao longo das páginas deste livro, a seção intitulada *Tratado de Astronomia Rústica e Pastoril*, que ensina a ler os sinais da natureza, em especial o comportamento dos animais, no sentido de anunciar determinadas conformações climáticas que estavam por vir: *signaes de frio pela lua e aves, signaes de serenidade pelas aves e peixes, signaes de chuvas pelas aves e animais terrestres, signaes de tempestade pelas aves e peixes, signaes de tempestade pelos animaes terrestres*¹⁹³ etc. Para o *Lunário Perpétuo*, e também para seus leitores, a exemplo dos *profetas da chuva* ou demais homens que se arvoravam pelos meandros prognósticos pela via da paisagem ao redor, valia a compreensão de que “a ordem do tempo é apresentada pelo desenrolar da fauna e da flora. É um saber que vem do enganchamento entre natureza e cultura”.¹⁹⁴

A menção a homens alcunhados de profetas realizando operações ou experiências ditas prognósticas põe em causa uma suposta correspondência entre profecia e prognóstico. A despeito da larga utilização de sinonímia desses termos, importa aqui fazer alguns comentários sobre as distâncias que guardam um em relação ao outro.

Reinhart Koselleck traz importantes reflexões para um entendimento da noção de profecia. Para esse autor, durante boa parte do período que antecedeu o que chamamos de modernidade, vigoravam experiências do tempo nas quais a dimensão de um tempo futuro de caráter desconhecido ou indiscernível, porque ainda a ser

¹⁹² RIOS, Kênia Sousa. O tempo por escrito: sobre lunários e almanaques. In: CARVALHO, Gilmar de (Org.). **Bonito pra chover**. Ensaios sobre a cultura cearense. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003, p. 80. Alberto Galeno apresentou uma vasta série desses sinais da natureza, em especial da fauna e da flora, levados em consideração por aqueles que se celebrizavam na realização de prognósticos climáticos. Conferir: GALENO, Alberto. *Seca e inverno nas ‘experiências’ dos matutos cearenses*. Fortaleza: Edição do autor, 1998, s/p. Apud Ibidem, p. 80.

¹⁹³ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** [1876]. Lisboa: Vega, 1978, p. 179-190.

¹⁹⁴ RIOS, Kênia Sousa. O tempo por escrito: sobre lunários e almanaques. In: CARVALHO, Gilmar de (Org.). **Bonito pra chover**. Ensaios sobre a cultura cearense. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003, p. 81.

construído pelos homens, não apresentava contornos definidos. Em sua leitura da Cristandade até o século XVI, Koselleck destaca um exemplo dessa vivência temporal: as profecias relativas ao fim do mundo ou Juízo Final. Julgando habitar o intervalo entre o começo e o fim dos tempos, os homens desse período só conseguiriam visualizar uma possibilidade de tempo que estava por vir: aquela que coincidia com o fim do mundo. Contudo, tratava-se de um fim desde sempre sabido, já anunciado e, por isso mesmo, continuamente profetizado. A profecia pertencia, portanto, ao território do esperado. Nas palavras de Koselleck, “as figuras essenciais do fim do mundo já estavam definidas”,¹⁹⁵ ainda que pudessem ser alocadas mais próximas ou mais distantes por diferentes profetas.

Para o autor, a partir do século XVIII, esse regime temporal passou a ser paulatinamente substituído por uma experiência dita moderna do tempo que vislumbrava uma dimensão de posteridade enquanto figura de contornos imprevisíveis, aberta à elaboração humana – o futuro. Entre as forças que haviam contribuído para essa transição, Koselleck aponta o chamado prognóstico racional. Nascido do cálculo político, o prognóstico racional anuncia “um campo de possibilidades finitas, organizadas segundo o maior ou menor grau de probabilidade”.¹⁹⁶ Embora não completamente indiscernível, visto que atrelado a “possibilidades finitas”, o tempo vindouro acenado pelo prognóstico racional marca um ponto de inflexão diante da profecia, que opera com uma única possibilidade de tempo ainda não vivido. Dito de outro modo:

O prognóstico produz o tempo que o engendra e em direção ao qual ele se projeta, ao passo que a profecia apocalíptica destrói o tempo, de cujo fim ela se alimenta. Os eventos, vistos da perspectiva da profecia, são apenas símbolos daquilo que já é conhecido. Se os vaticínios de um profeta não foram cumpridos, isso não significa que ele tenha se enganado. Por seu caráter variável, as profecias podem ser prolongadas a qualquer momento. Mais ainda: a cada previsão falhada, aumenta a certeza de sua realização vindoura. Um prognóstico falho, por outro lado, não pode ser repetido nem mesmo como erro, pois permanece preso a seus pressupostos iniciais.¹⁹⁷

¹⁹⁵ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto PUC-Rio, 2006, p. 24.

¹⁹⁶ Ibidem, p. 31-32.

¹⁹⁷ Ibidem, p. 32.

Koselleck parece propor três modelos de regimes temporais que supostamente se teriam sucedido, embora pudessem conviver simultaneamente. Inicia com a profecia, passa pelo prognóstico racional, uma espécie de transição, até chegar finalmente à noção de futuro, tal como a vivenciáramos atualmente. Assim como o prognóstico racional, também os prognósticos lunarianos e seus congêneres guardam distância tanto da profecia quanto da noção de futuro. Distam da profecia naquilo que concerne à configuração unitária e apocalíptica com a qual esta última opera; assim, a não confirmação de um prognóstico significa um erro realizado pelo seu emissor que, diante de algumas combinatórias, empreendeu um raciocínio viciado, um cálculo errado. Nesses casos, não havia piedade, o prognosticador era alvo de descrédito. Antenor de Barros Leal confere um exemplo:

O luar de dezembro, com seu céu sem nuvens, era claro e deslumbrante, recamado de fulgentes estrelas que já tinham servido para as predições astrológicas do nosso querido profeta Manoel Batista de Souza, conhecido como Manuel Padeiro, que na noite anterior falara na posição das 7 Estrelas como talismã para a predição do futuro inverno. Aliás, acertou 2 anos seguidos e seus presságios foram aos jornais, tendo recebido muitas cartas de parabéns. Como não acertou porém no 3.º ano, foi insultado e desmoralizado. Resultado: não fez mais profecias.¹⁹⁸

Se por um lado não era profecia, também não seria de todo adequado entender os prognósticos lunarianos enquanto operações que lidam com a noção de futuro indiscernível, a ser produzido eminentemente pelas decisões e labores humanos. Senão por outros motivos, pelo fato de que as atenções dos prognosticadores estavam voltadas para a observação de forças em grande medida sobrenaturais. Tais forças, se por um lado marcavam a diferença dos prognósticos lunarianos em relação aos prognósticos racionais, estes últimos alicerçados “no âmbito dos acontecimentos temporais e mundanos”,¹⁹⁹ por outro, impunham uma ordem do devir com certa tendência à repetição: “O prognóstico implica um diagnóstico capaz de inscrever o passado no futuro”.²⁰⁰ Nessa conformação, os encaminhamentos práticos incitados pelas práticas prognósticas, aqueles nos quais os homens tinham de lidar com as forças ocultas e

¹⁹⁸ LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 42.

¹⁹⁹ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto PUC-Rio, 2006, p. 33.

²⁰⁰ Ibidem, p. 36.

sagradas, faziam já parte de um repertório compartilhado. Pareciam obedecer a duas lógicas.

A primeira buscava interferir nas vontades de agentes do sagrado, como ocorria por ocasião do dia de São José. Com efeito, a proximidade do 19 de março era correntemente vivida com alguma ansiedade por aqueles que, em alguma medida, dependiam das chuvas para prosperar. No romance *O Quinze*, Rachel de Queiroz assim escreve a respeito da avó da protagonista: “Depois de se benzer e de beijar duas vezes a medalhinha de S. José, Dona Inácia concluiu: ‘Dignai-vos ouvir nossas súplicas, ó castíssimo esposo da Virgem Maria, e alcançai o que rogamos. Amém’”.²⁰¹ As práticas de devoção direcionadas a São José no sentido de obter um tempo bom para o trabalho foram largamente difundidas nos sertões e conheceram uma diversidade que ia além das orações e promessas. Antenor de Barros Leal inventaria, em seu livro de memórias, algumas dessas práticas que tiveram lugar nas primeiras décadas do século passado em região sertaneja do Ceará:

Cresta-se o campo com o sol do meio dia, prenunciando uma tremenda e terrível seca. A estiagem já denuncia do mês de fevereiro para entrada de março. Foram chuvinhas passageiras e repetidas que modificaram por alguns dias o semblante desconfiado e triste dos fortes sertanejos. O céu está limpo, não aparece relâmpago no nascente. Agora, as primeiras esperanças estão perdidas. Fala-se em roubar santos e aguardar o dia de S. José [...].

O povo exalta-se, grita, reza, bebe, ri, solta, corre mandando para o ar, pagando promessas, foguetes com varinhas curtas, para não irem longe evitando o atear fogo no cercado que já está seco e preparado para o alimento do rebanho.

Nas manhãs seguintes os entendidos vão ver a barra do levante, ao nascer do astro rei. Voltam alegres ou tristes.²⁰²

Sendo o dia de São José uma espécie de marco definidor do inverno ou da seca, a partir do qual um grau de reversibilidade é pouco provável, as práticas de devoção se concentram nos dias que antecedem a celebração do santo. Tais práticas são múltiplas, inscrevendo-se num vasto leque que compreende, de um lado, os castigos ou espécies de maus tratos impostos ao santo, a exemplo do roubo das imagens, e de outro os agrados dedicados ao protetor do trabalho – as festas, alegrias, bebedeiras, foguetes, promessas etc. Como se observa, as intimidades com os agentes do sagrado são

²⁰¹ QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze* [1930]. São Paulo: Siciliano, 2000, p. 7.

²⁰² LEAL, Antenor Gomes de Barros. *Recordações de um boticário*. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 44.

patentes, indiciando uma das características mais marcantes do catolicismo reinante nos sertões. Seja como for, a gravidade das preces e das promessas solicitando um tempo bom para o trabalho misturava-se com as bebedeiras e exaltações festivas em homenagem ao santo; num e noutro caso, era, uma vez mais, um tempo sagrado, aquele que abre uma fresta nas ocorrências constantes, conhecidas e esperadas para fazer sobressair o desvio milagroso, o capricho da ordem eterna. Era, pois, para saber se o acionamento deste tempo de exceção empreendeu, de fato, uma influência benfazeja nas vontades do santo que, à véspera de seu dia, entendidos ou não iam tomar nota dos sinais dos céus acerca do tempo vindouro.

A segunda modalidade de encaminhamentos práticos derivada das experiências prognósticas pode ser observada numa outra seara, não mais relativa ao clima, mas aos assuntos da saúde e da doença. Em seção permanente no *Lunário Perpétuo* intitulada *Juizo das enfermidades pela idade da Lua*, inscreve-se:

Não se póde negar, dizem alguns escriptores antigos, que as estrellas e corpos celestes causam nos corpos humanos muitos e variados effeitos e a estrellas, ou planeta que mais e maiores os causa, é a Lua, assim pela visinhança que comnosco tem, como também pela variedade de suas mudanças. Diz pois Nicoláo Florentino que para julgar o successo da enfermidade se hão de saber duas cousas. A primeira, o proprio dia, que começou a enfermidade, ou se sentio mal disposto, e a segunda o dia da conjuncção perpassada. Sabidas estas duas cousas bem, e fielmente, se verão os dias, que houver, desde o dia da conjuncção até o dia que começou a enfermidade, *inclusivè*. Sabido pois este numero de dias, se buscará pela Taboada seguinte, e defronte do numero se achará o successo da enfermidade.²⁰³ (grifos no original)

E na sequência, apresenta a lista com as 30 possibilidades:

- 1 Se algum enfermar no proprio dia da conjuncção da Lua, se hade temer até o 14, 21, e 28 dias de sua enfermidade, porém depois melhorará de saude.
- 2 Mostra haver perigo até os 14 dias; depois melhora.
- 3 Denota que com pouco trabalho brevemente melhorará.
- 4 Haverá grande perigo até o 31, do qual, se escapar, sarará.
- 5 Mostra trabalhosa enfermidade, porém não de morte.
- 6 Denota que se logo não estiver bom, terá trabalhosa enfermidade; mas a cinco da Lua do outro mez cobrará saude.
- 7 Mostra que brevemente melhorará.
- 8 Se dentro de doze, ou quatorze dias não estiver bom, perigará.

²⁰³ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 198.

- 9 Terá enfermidade grave, porém não morrerá.
- 10 Denota perigo de morte antes de quinze dias.
- 11 Mostra que brevemente sarará, ou que logo morrerá.
- 12 Denota que se dentro de quinze dias não estiver bom, se irá.
- 13 Que terá trabalhosa enfermidade até os dezoito dias, da qual, se se livrar, sarará.
- 14 Mostra que estará enfermo até os quinze dias, porém dalli em diante convalescerá.
- 15 Se dentro de quinze dias não estiver bom, chegará a perigo de morte, ou como quer outro Author, chegará a grandissimo extremo.
- 16 Padecerá até 28 dias, e se os passar, sarará.
- 17 Denota saude, se passar de dezoito dias.
- 18 Se logo não sarar, a enfermidade será larga, com perigo de vida.
- 19 Denota ter brevemente saude, se tiver bom regimento.
- 20 Denota perigo de morte até o nono, ou setimo dia, do qual, se se livrar, sarará.
- 21 Se dentro de seis dias não morrer, para a Lua do mez seguinte denota saude.
- 22 Dentro de dez, ou doze dias cobrará saude.
- 23 Ainda que com molestia, no mez seguinte estará bom.
- 24 Se dentro de vinte e dous dias não estiver bom, na Lua do mez seguinte terá perigo de morte.
- 25 Se dentro de seis dias não morrer, (ainda que com trabalho) ficará livre.
- 26 Grave enfermidade, e perigosa.
- 27 Denota que de huma enfermidade cahirá em outra.
- 28 Haverá perigo de morte antes dos vinte e hum dias.
- 29 Pouco a pouco irá cobrando saude.
- 30 Trabalhosa enfermidade; porém com cuidado, e diligencia, cobrará brevemente saude.²⁰⁴

Para melhor compreender esse papel crucial da Lua na vivência das moléstias, mencionem-se as relações desse astro com a chamada medicina dos humores. Luís Miguel Carolino explica:

No processo de tratamento, sobretudo das doenças agudas, havia um momento especialmente delicado, os *dias críticos*, quando ocorria uma espécie de ‘batalha [...] entre a natureza e o humor’ que terminava ou com a evacuação dos humores maléficos, ocorrendo a cura, ou, em situação contrária, com uma difusão dos humores pelo corpo, resultando na morte do paciente. A causa destes dias decisivos para o processo terapêutico encontrava-se [...] na Lua, que através de *virtude oculta* provocava estas crises geralmente no sétimo, décimo quarto, vigésimo primeiro e, por último, no vigésimo oitavo dia.²⁰⁵ (grifos no original)

²⁰⁴ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 199-201.

²⁰⁵ CAROLINO, Luís Miguel. **Ciência, Astrologia e Sociedade**. A Teoria da Influência Celeste em Portugal (1593-1755). Porto: Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003, p. 133.

Na leitura astrológica do mundo, os humores podiam tomar a forma de viscosidades, substâncias ou temperamentos; eram em número de quatro e entravam particularmente na composição do corpo. Cada um deles estava em relação de correspondência ou de incompatibilidade com os planetas, os elementos, as estações do ano, as idades, etc. Em geral, a saúde era compreendida como um equilíbrio dos humores no corpo e do corpo em relação à ambiência em que os homens se encontravam, donde se infere que o desequilíbrio ocasionava o estado enfermo. O excesso de um humor entrava em combate com a tendência ao equilíbrio, e enquanto esse processo não chegasse ao fim, seja pela cura, seja pela morte, a moléstia se mantinha. As propriedades ocultas da Lua poderiam, no entanto, interferir nesse combate, provocando maiores tensões ou tendências a calmarias, e isso a depender das nuances apresentadas pelo astro quando da irrupção do mal – sendo que nos momentos em que mudava de fase, em geral de 7 em 7 dias, os combates se inflamavam.

Tendo em vista toda essa dinâmica astral, em cuja leitura o calendário lunariano, ao indicar os cheios e as conjunções da Lua, desempenhava um papel fundamental, realizavam-se prognósticos e, na sequência, podiam-se determinar empreendimentos práticos. Nesse caso, não mais no sentido de dissuadir a instância sobrenatural a produzir malefícios no corpo, mas de agir junto com ela, jogando com suas regras. Assim, por exemplo, para aquele que adoeceu no próprio dia da conjunção da Lua, caso primeiro do prognóstico, tendo-se que temer até o 14º, 21º e 28º dias, serão esses intervalos aqueles que demandariam maiores cuidados para que sejam superados e se chegue ao restabelecimento. A mesma lógica se aplica a quase todos os demais casos, a maioria indicando os dias críticos, outros até fornecendo certo detalhamento sobre o que fazer – exemplo do dia 19, que aconselha um regimento. Há exceções, casos em que o astro produz configurações peremptórias, a exemplo do dia 27: “Denota que de huma enfermidade cairá em outra”. Era um alerta de que há ocasiões inegociáveis, de que a produção do tempo vindouro não estava determinantemente nas mãos dos homens.

Esse prognóstico das doenças pelo intervalo da última conjunção da lua vem a reforçar que o tempo da saúde, o tempo da doença e, sobretudo, o tempo dos remédios se imbricavam profundamente nas dinâmicas ocultas e sagradas. Ainda era tempo de olhar para os céus, e não ainda para o corpo – como vai querer o prognóstico médico em desenvolvimento desde o século XVIII. Aliás, conviria uma comparação entre essas

duas espécies de prognóstico para compreender um pouco melhor algumas experiências do tempo que podem derivar do calendário.

Diferentemente do prognóstico lunar, que leva os homens a virar o rosto para os céus, no prognóstico médico, os sinais do tempo vindouro são colhidos pelo olho que percorre o corpo. É o que se depreende do verbete PROGNOSTICO, do *Diccionario de Medicina Domestica e Popular*, de Theodoro J. H. Langgaard, datado de 1865:

PROGNOSTICO. É o juizo que o medico fórma a respeito das mudanças que devem sobrevir durante o decurso de uma molestia, sua duração e terminação. Tem certos signaes. São considerados como signaes *prognosticos favoraveis*, quando a molestia existe em pequeno grão, diminue ou cessa subitamente debaixo de secreções manifestas com a reaparição das forças, appetite, somno e pulso normal. São *mãos prognósticos* a ausencia dos que acabamos de mencionar: suspensão das secreções salutareas que já tinham principiado, a localização da molestia em órgãos importantes, acompanhado de symptomas e accidentes violentos e complicações com outras molestias, muito principalmente havendo uma disposição hereditaria para estas no respectivo individuo; nas mulheres grávidas, e logo depois do parto, emquanto ainda existe a evacuação lochial, circumstancias desfavoraveis hygienicas, e influencias epidemicas e endemicas, grande duração da molestia, ficando os remedios sem effeito, embora pareçam ser bem applicados, e segundo as indicações proprias da molestia. Uma grande ancia, desassocego, respiração curta, frequente, difficil e estertosa, mudança da côr e expressão do rosto, pulso pequeno e innumeravel, suor frio e viscoso, a face hippocratica com o natiz pontudo e olhos escovados, são signaes que annunciação uma morte proxima.²⁰⁶ (grifos no original)

Tanto o prognóstico lunariano quanto o prognóstico do dicionário médico, embora indiquem a sapiência de alguns quanto aos sinais do tempo que viria, reconhecem que a leitura do devir estava aberta a todos. O primeiro entende que as conexões dos homens com o mundo são de tal maneira imbricadas que o que ocorre nos céus determina o que ocorre no corpo; os humores, as doenças, as *influentia* fazendo, todos eles, parte de uma mesma dimensão. Aqui, o tempo da saúde e, portanto, o tempo dos remédios se organiza em função do tempo dos astros, seja a duração de suas rotas, seja a experiência temporal de ordem oculta que suscitam. Já o prognóstico médico compreende o corpo em um maior grau de autonomia em relação às forças sobrenaturais; para ele as fronteiras entre os homens e o mundo são mais nítidas, sendo

²⁰⁶ LANGGAARD, Theodoro J. H. *Diccionario de Medicina Domestica e Popular*. v. 3. 1. ed. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1865, p. 326.

que “o espaço de configuração da doença e o espaço de localização do mal no corpo [...] foram superpostos”.²⁰⁷ É por isso que, na leitura do tempo vindouro, sustenta o olhar sobre o corpo e não mais em direção aos astros. O tempo da saúde não é mais inteiramente uma atribuição astral, senão do próprio corpo, transformado em organismo que manifesta uma entidade mórbida bem localizada e decifrável pelo olhar que percorre a espessura dos órgãos. Os doentes e os remédios conhecem então regimes temporais próprios, medidos pela sequência das semanas, dos dias, das horas. Nessa conformação, o calendário não se atrelaria mais à serventia de apontar cada ciclo astral e suas derivações ocultas sobre as terapêuticas, mas se aproximaria cada vez mais de um instrumento de mensuração de um tempo predominantemente físico.

Marcar essa diferença nos usos do calendário faz-se fundamental para a compreensão de sua função nas experiências do tempo acionadas no consumo dos remédios que se conectam em grande medida com o universo do *Lunário Perpétuo*. O calendário lunariano parecia se instituir reunindo caracteres cíclicos e singulares. Dava a impressão de ser cíclico porque, se dizendo perpétuo, narrava os tempos já conhecidos que poderiam sobrevir em todos os anos, ressoando um pouco a ideia de uma “*éternelle validité du même calendrier, objet à utiliser indéfiniment, image d’un temps [presque] toujours égal*”.²⁰⁸ No entanto, não era eminentemente o reino da repetição, pois prognosticava. Admitia a produção de um tempo distinto que se edificava pelo misto da decisão dos homens e das experiências do tempo ocultas e sagradas que derivavam da astrologia e de vivências da religião católica.

Essas experiências do tempo advindas dos céus seriam combatidas por um outro livro de medicina autoinstrutivo que, assim como o *Lunário Perpétuo*, gozou de significativo prestígio em território brasileiro sobretudo a partir do século XIX – o *Diccionario de Medicina Popular* do Dr. Chernoviz.

²⁰⁷ FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987, p. 1-2.

²⁰⁸ “eterna validade do mesmo calendário, objeto a ser utilizado indefinidamente, imagem de um tempo [quase] sempre igual” [Tradução minha]. MAIELLO, Francesco. **Histoire du Calendrier**. De la liturgie à l’agenda. Paris: Seuil, 1996, p. 250.

3. O DICIONÁRIO DO DR. CHERNOVIZ

3.1. O livro e o médico

O personagem Luciano do romance *Sinhazinha*, publicado em 1929, por Afrânio Peixoto, vivendo no final do século XIX, no interior da Bahia, asseverava haver “mais *Chernoviz* no Brasil do que Bíblia”.²⁰⁹ Com efeito, uma série numerosa de folcloristas, literatos e memorialistas registra a presença desse título – denominação de dois livros, ora um formulário, ora um dicionário. Anunciados em jornais de ampla circulação, mencionados pelos papéis oficiais das repartições de higiene, aludidos pela imprensa médica, os *Chernoviz* souberam repercutir.

Chernoviz é nome próprio que designa dois livros, mas também e, inicialmente, o autor. Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, nome adaptado de Piotr Ludwik Napoleon Czerniewicz, nasceu em Lukov, na Polônia, em 1812. Estudante de medicina da Universidade de Varsóvia, foi obrigado a deixar seu país por ter tomado parte em um levante contra a dominação russa, em 1830. Refugiou-se na França, onde concluiu sua formação na Faculdade de Medicina de Montpellier, no ano de 1837. Aportou no Rio de Janeiro em 1840. Nessa mesma década, casou-se com Julie Bernard, brasileira de ascendência francesa, com quem teve seis filhos. Mudou-se com toda a família para Paris no ano de 1855. Morreu em Passy, França, em 1881.

De suas atividades em solo brasileiro, aquela pela qual o Dr. Chernoviz viria a se celebrar diz respeito à publicação do *Formulario ou Guia Medica* e do *Diccionario de Medicina Popular*, cujas primeiras edições datam, respectivamente, de 1841 e 1842. Publicar livros de medicina parecia já estar no horizonte do Dr. Chernoviz desde sua chegada ao Rio de Janeiro. Em carta para um correspondente polonês, o médico escrevia que “Chegando aqui, percebi que este trabalho [não especifica a obra, se um formulário ou um dicionário], aplicado ao Brasil, poderia ser de grande utilidade,

²⁰⁹ PEIXOTO, Afrânio. *Sinhazinha* [1929]. Apud GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. Os manuais de medicina popular de Chernoviz na sociedade imperial. *Cantareira*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, abr. ago. 2004, p. 12.

porque preencheria a falta que existe do assunto na língua portuguesa”.²¹⁰ Assim, já com o intuito de aventurar-se no empreendimento livresco, o Dr. Chernoviz, ao mesmo tempo em que se instalava como médico clínico (com consultório na Rua da Alfândega, 34, e, a partir de 1847, na Rua do Sabão, 35), começava a tomar nota do funcionamento do universo da publicação de livros de ciência, particularmente das possibilidades que contavam para se constituir *autor*.

Para Michel Foucault, a *função autor* concerne “ao modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade”,²¹¹ a partir da associação historicamente produzida entre esses discursos e um nome próprio. Distinta do estudo sobre a realidade fenomenológica do escritor de um texto, a função autor “é o resultado de procedimentos precisos e complexos, que posicionam a unidade e a coerência de uma obra (ou conjunto de obras) em relação à identidade de um sujeito construído”.²¹²

Nesse sentido, interessado em constituir-se como autor de livros de medicina, o Dr. Chernoviz via como necessário qualificar e fazer sobressair seu nome próprio como expressão de prestígio e autoridade científica no Rio de Janeiro oitocentista. Inserir-se nas instituições imperiais de saber foi uma de suas primeiras providências; seu alvo primeiro não poderia ser outro senão a Academia Imperial de Medicina. Fundada Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1829, a Academia Imperial de Medicina assim se nomeia em 1835, por força de um decreto imperial. Doravante, a instituição passava a ser regulada diretamente pelo Ministério dos Negócios do Império, de quem recebia subvenção na realização de suas atividades – a saber, contribuir com debates e orientações nas questões de saúde pública, elaborar anais e/ou revista para divulgação de seus trabalhos, controlar o exercício da medicina e a venda de medicamentos.²¹³

²¹⁰ GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. **Civilizando as artes de curar:** Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2003, p. 61.

²¹¹ FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens/Vega, 2002, p. 45-46.

²¹² CHARTIER, Roger; FAULHABER, Priscila; LOPES, José Sérgio Leite (Org.). **Autoria e história cultural da ciência.** Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012, p. 38.

²¹³ **SOCIEDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO.** Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Disponível na Internet: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/pdf/socmedrj.pdf>>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2015.

As relações do governo imperial com as instituições de saber constituíram uma tônica, sobretudo, durante o reinado de D. Pedro II (1831-1889). Envolvendo questões de ordem financeira, a presença do braço imperial nessas academias corroborou também para uma extensão da sociabilidade de corte, que passava a imiscuir-se nas dinâmicas de funcionamento das ciências e das letras. Nesse sentido, aquilo que Manoel Salgado Guimarães escreveu para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado em 1838, pode valer também para as demais instituições de saber do chamado Segundo Reinado, inclusive para a Academia Imperial de Medicina: tratava-se de um “espaço da academia de escolhidos e eleitos a partir de relações sociais, nos moldes das academias ilustradas que conheceram seu auge na Europa nos fins do século XVII e no século XVIII”.²¹⁴

Nesse sentido, não é de se estranhar que, no mesmo ano de sua chegada ao Brasil, 1840, o Dr. Chernoviz já tivesse começado a aproximar-se de personalidades que circulavam na Academia Imperial de Medicina. Primeiro, o Dr. Sigaud, de nacionalidade francesa, membro fundador da instituição, médico do Paço Imperial. E na sequência, Dr. J. M. Faivre, médico francês que publicou uma pequena biografia do Dr. Chernoviz na *Revista Medica Fluminense*, periódico da instituição, em setembro de 1840, por ocasião da aparição do *Formulario ou Guia Medica*, e que dá parecer positivo à sua entrada na Academia Imperial de Medicina como membro titular, após apresentação de memória intitulada “O uso do nitrato de prata nas doenças das vias urinárias”. Nesse primeiro momento, como mostra de seu compromisso diante das atividades da instituição, o Dr. Chernoviz publicou diversos artigos na *Revista Medica Fluminense* e também na *Gazeta Medica da Bahia*.²¹⁵ Além de fazê-lo conhecido dos pares, a inserção na Academia Imperial de Medicina parece ter colaborado igualmente para uma aproximação mais direta com o Imperador D. Pedro II, que acompanhava muito de perto as atividades da instituição médica, e a quem o Dr. Chernoviz dedica a primeira edição do *Formulario ou Guia Medica*, em 1841, e de quem recebe a medalha de condecoração de *Cavaleiro da Ordem de Cristo*.

²¹⁴ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p. 5.

²¹⁵ GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. **Civilizando as artes de curar: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2003, p. 58.

Adentrando, pois, nessa sociabilidade a um só tempo de ciência e de corte, o Dr. Chernoviz fez disso um componente importante de sua construção autoral. Fato que se observa, por exemplo, nos frontispícios das edições do *Formulario ou Guia Medica* e também do *Diccionario de Medicina Popular*, nas quais o nome do autor vem seguido pela sua formação e pela condecoração concedida diretamente por D. Pedro II: “PEDRO LUIZ NAPOLEÃO CHERNOVIZ. Doutor em Medicina, Cavalleiro da Ordem de Christo”; tendo-se acrescido, a partir da segunda metade dos anos 1870, o título de “Official da Rosa do Brasil”, que normalmente era também concedido pelo Imperador em virtude dos serviços prestados às letras nacionais.

DICCIONARIO

DE

MEDICINA POPULAR

EM QUE SE DESCREVEM , EM LINGUAGEM
ACCOMMODADA Á INTELLIGENCIA DAS PESSOAS
ESTRANHAS Á ARTE DE CURAR :

Os signaes, as causas e o tratamento das molestias; os soccorros que se devem prestar nos accidentes graves e subitos, como aos afogados, asphyxiados, fulminados de raio, ás pessoas mordidas por cobras venenosas, nas perdas de sangue, nas convulsões das crianças; os caracteres das cobras venenosas e das que são innocentes; os contravenenos de todos os venenos conhecidos; os conselhos para preservar das molestias e prolongar a vida; as precauções que deve tomar quem muda de clima; os preceitos sobre a educação dos meninos; os cuidados que reclama a prenhez, o parto, as suas consequencias, a criança recém-nascida, a escolha de uma boa ama de leite, a dentição, a desmamação, &c.; os perigos a que expõem as differentes profissões e os meios de evitá-los; os erros populares nocivos á saúde; a preparação dos remedios caseiros; as plantas uteis e venenosas, &c., &c.

SEGUNDA EDIÇÃO

Correcta e consideravelmente augmentada

POR

PEDRO LUIZ NAPOLEÃO CHERNOVIZ

Doutor em Medicina, Cavalleiro da Ordem de Christo.

Devem todos os homens ter algum conhecimento da Medicina.
HIPPOCRATES.

(COM CINCO ESTAMPAS)

VOLUME PRIMEIRO

A—C

RIO DE JANEIRO

EM CASA DOS EDITORES PROPRIETARIOS

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda, N.º 77

1851

Figura 17. Frontispício da segunda edição do *Diccionario de Medicina Popular*, 1851. (CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851).

DICCIONARIO
DE
MEDICINA POPULAR

E DAS
SCIENCIAS ACCESSARIOS

PARA USO DAS FAMILIAS

CONTENDO A DESCRIPÇÃO

DAS

Causas, symptoms e tratamento das molestias;
As receitas para cada molestia;
As plantas medicinaes e as alimenticias;
As aguas mineraes do Brazil, de Portugal e de outros paizes.
E muitos conhecimentos uteis.

SEXTA EDIÇÃO

CONSIDERAVELMENTE AUGMENTADA, POSTA A PAR DA SCIENCIA,
E ACOMPANHADA DE

913 Figuras intercaladas no texto

POR

PEDRO LUIZ NAPOLEÃO CHERNOVIZ

DOCTOR EM MEDICINA, CAVALLEIRO DA ORDEN DE CHRISTO,
OFFICIAL DA ORDEN DA ROSA DO BRAZIL

VOLUME PRIMEIRO

A — F

PARIZ

A. ROGER & F. CHERNOVIZ

7, RUE DES GRANDS-AUGUSTINS, 7

1890

Dircteur responsable. | Dircteur responsable.

Figura 18. Frontispício da sexta edição do *Diccionario de Medicina Popular*, 1890. (CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 1. 6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890).

FORMULARIO
OU
GUIA MEDICA

QUE CONTÉM

**A DESCRIÇÃO DOS MEDICAMENTOS,
SUAS DÓSES, AS MOLESTIAS EM QUE ELLES SE EMPREGÃO,
AS AGUAS MINERAES MAIS USADAS,
O BREVE TRATAMENTO DAS MOLESTIAS,
A ESCOLHA DAS MELHORES FORMULAS, ETC.,**

POR

PEDRO LUIZ NAPOLEÃO CHERNOVIZ

DOUTOR EM MEDICINA, CAVALLEIRO DA ORDEM DE CRISTO.

SEXTA EDIÇÃO

**Augmentada pelo autor, e acompanhada
de 121 figuras intercaladas no texto,
que representam as plantas medicinaes.**

PARIZ

EM CASA DO AUTOR

RUA BASSE DE PASSY.

1864

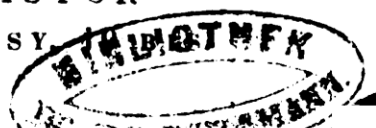


Figura 19. Frontispício da sexta edição do *Formulario ou Guia Medica*, 1864. (CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Formulario ou Guia Medica*. 6. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1864).

Além do destaque emitido pelos títulos de condecoração, o Dr. Chernoviz também alcançava notoriedade ao atrelar-se a outros nomes próprios que igualmente participavam dessa sociabilidade de ciência e de corte. Fato que se evidencia numa dedicatória presente na segunda edição do *Diccionario de Medicina Popular*, de 1851:

Ao III.mo Sr. Doutor
JOAQUIM CAETANO DA SILVA
Reitor do Imperial Collegio de Pedro Segundo,
Official da Imperial Ordem da Rosa,
Cavalleiro da Ordem de Christo,
Membro de muitos sociedades scientificas,
Nacionaes e estrangeiras, etc., etc.,

Offerece como uma prova de grande estima.
Seu muito obrigado Amigo
Pedro Luiz Napoleão Chernoviz.²¹⁶

Joaquim Caetano da Silva (1810-1873) foi contemporâneo do Dr. Chernoviz na Faculdade de Medicina de Montpellier, formando-se exatamente no mesmo ano que o médico polonês, em 1837, donde é possível aventar a existência entre eles de alguma relação pessoal que remonta aos tempos de faculdade e que pôde também ter contribuído para a inserção do médico polonês na sociedade de corte carioca. Joaquim Caetano da Silva não segue carreira médica, celebrizando-se por seus trabalhos de ensino de línguas clássicas no Colégio Pedro II e de pesquisa histórica no IHGB, no qual angariou prestígio pelos estudos relativos aos limites do Brasil com a Guiana Francesa, sobre o que escreve uma memória lida diretamente para o Imperador D. Pedro II, em 1851 – ano da publicação da segunda edição do *Diccionario* do Dr. Chernoviz, a ele dedicado. Tornava-se grande vulto no domínio da ciência e da política num momento crucial, como era aquele em que as fronteiras da nação deveriam se tornar mais precisas.²¹⁷

Acoplando em torno de seu nome próprio aquele de Joaquim Caetano da Silva e também os títulos que direta ou indiretamente conduziam a um reconhecimento por parte do Imperador D. Pedro II, o Dr. Chernoviz inseria-se nessa dinâmica de autoria que mesclava corte, ciências e letras; seu objetivo era muito claro: conquistar

²¹⁶ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, s/p.

²¹⁷ Conferir GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p. 5-27.

notoriedade, fazendo transferir “‘autoridade’ ao conhecimento, num tempo em que a distribuição de credibilidade refletia a hierarquia da sociedade”.²¹⁸ Dito de outro modo, tratava-se de um regime de autoria científica no qual o nome próprio do autor, “por razões de credibilidade ou de proteção social”,²¹⁹ deveria dividir espaço na obra com outros nomes próprios considerados habilitados a atestar a verdade.

Parece ter sido no interior dessa rede de sociabilidade científica regida pelas obrigações cortesãs de reverência que se iniciou a organização de um campo de ciência. Os médicos da corte passavam a considerar a medicina como uma esfera social estruturada e minimamente diferenciada, consagrada a um objeto específico, possuindo regras de funcionamento próprias e agentes que ocupavam posições mais ou menos definidas.²²⁰ A partir de então, as produções discursivas começavam a ser sensíveis a um regime de verdade distinto, encontrando sua pertinência, antes de mais, pela “compatibilidade com um corpo de conhecimentos previamente constituído”,²²¹ e não mais no respeito a hierarquias aristocráticas. Ciente dessa conformação, aliás, já estabelecida na França, de onde acabava de chegar, o Dr. Chernoviz parece ter se sentido à vontade para acionar mecanismos que fizessem sobressair seu nome próprio em aura de exclusividade na produção do valor e da verdade da obra. Nesse sentido, seja nos prefácios do *Formulario ou Guia Medica*, seja naqueles do *Diccionario de Medicina Popular*, os apelos à sua competência pessoal, diretamente proporcional aos anos dedicados à prática médica e aos estudos que acompanhavam aos ditos avanços do campo científico, entravam nessa dinâmica que buscava individualizar sua autoria. Assim, para a quarta edição do *Diccionario*, de 1870, o Dr. Chernoviz desenvolve:

Desde 1842, anno em que dei á luz no Rio de Janeiro a primeira edição d’esta obra, a medicina tem feito muitos progressos; novos medicamentos forão introduzidos na pratica medica, o tratamento de muitas molestias foi modificado, eu mesmo adquiri maior experiência n’este longo espaço de tempo.
[...]

²¹⁸ CHARTIER, Roger; FAULHABER, Priscila; LOPES, José Sérgio Leite (Org.). **Autoria e história cultural da ciência**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012, p. 54.

²¹⁹ Ibidem, p. 108.

²²⁰ Sobre a noção de “campo”, conferir BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 57-68.

²²¹ CHARTIER, Roger; FAULHABER, Priscila; LOPES, José Sérgio Leite (Org.). **Autoria e história cultural da ciência**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012, p. 53.

Espero que a presente edição será ainda mais apreciada, por ser mais completa. É o fructo dos meus continuos estudos e de 35 annos de pratica medica.²²²

Constituindo-se na figura de um sujeito dedicado anos a fio aos estudos teóricos e às experiências clínicas fiéis ao funcionamento de um corpo de saber que progressivamente se tornava autônomo e diferenciado, o Dr. Chernoviz buscava concentrar em seu nome próprio a garantia do livro, fazendo-se um autor individualizado e exclusivo. Um autor, ademais, que realizava um duplo trabalho. Se por um lado se empenhava, como resultado de seus estudos teóricos, a coligir, transcrever e organizar um saber em contínua evolução, tal o caso da medicina, por outro lado, não deixava de integrar suas próprias opiniões, ressalvas e conclusões, fruto de suas experiências diante dos pacientes, revestindo a obra de um valor de originalidade, incutindo uma dose de ineditismo muito semelhante àquela que emergia dos inumeráveis casos clínicos publicados às pencas na imprensa médica do período. Essa dupla incumbência do Dr. Chernoviz pode ser observada, por exemplo, em um trecho do verbete SOLITARIA, na segunda edição, de 1851, do *Diccionario de Medicina Popular*:

Além dos accidentes que acabamos de enumerar, manifestão-se, debaixo da única influencia destes vermes, convulsões, catalepsia, hysterismo, epilepsia, e até o tetano. Observámos, n'uma casa do largo de Santa Rita desta côrte, um preto que apresentava accessos de hydrophobia e foi julgado damnado, e que no emtanto, depois da expulsão da solitaria, curou-se com o remedio que lhe administramos. [...]

O Dr. Brera cita o caso singular de um homem que apresentava todos os symptomas proprios da solitaria, e que não tinha senão uma colica flatulenta, que desapareceu depois do uso de bebidas aromaticas. É preciso concordar que o unico signal verdadeiramente certo da presença da solitaria na cavidade intestinal é a evacuação de alguns pedaços della. Deve-se tambem notar que, bem que mais commummente só se encontre uma especie de verme de cada vez no corpo do homem, certos medicos tem visto expulsar simultaneamente muitas especies delle. O Dr. Rosen, entre outros, cita uma criança de quatro annos, mui fraca, que, depois de ter tomado uma pouca de aguardente, expulsou uma innumeravel quantidade de pequenas ascaridas, quattros varas de solitaria, e dez lombrigas.²²³

²²² CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 4. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1870, p. V.

²²³ Idem. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 3. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 451-452.

Se entre capas, frontispícios e dedicatórias o Dr. Chernoviz acionava um regime de autoria no qual transferia a garantia e a verdade da obra para nomes próprios bem alocados na hierarquia social de uma corte científica ou de uma ciência cortesã localizada no Rio de Janeiro oitocentista, ao longo do texto era uma outra conformação que se desenhava. Assim, incorporando enunciados próprios com enunciados de terceiros, continuava a mesclar seu nome próprio com outros nomes próprios – Dr. Brera, Dr. Roses, por exemplo; no entanto, aqui, a relação era distinta, não mais uma obra de apelo “mais social, na qual ela era a atestação dada por aqueles cujo lugar social assegurava que diziam a verdade”, mas um discurso com “uma prova fundada sobre a medida”,²²⁴ medida instituída pelos agentes do campo científico.

Dessa forma, foi jogando com esse regime misto de autoria que o Dr. Chernoviz estabelecia suas relações com seus pares, de quem dependia para ser reconhecido e se manter como autor. Se o *Formulario ou Guia Medica*, livro “destinado só aos medicos e pharmaceuticos”,²²⁵ expressava um projeto no qual as relações do Dr. Chernoviz e o campo científico eram mais fechadas, o mesmo não se dava com o *Diccionario de Medicina Popular*.

Obra privilegiada neste estudo por conta do diálogo direto que o autor buscava empreender com um leitor não iniciado, o *Diccionario de Medicina Popular* insere-se no gênero *divulgação científica* – gênero, aliás, muito comum na cena editorial brasileira a partir do século XIX, e cujos representantes não raras vezes eram distinguidos pelo epíteto “popular”.²²⁶ À semelhança do que acontecia ao conjunto das obras desse gênero, no livro do Dr. Chernoviz, “Em que se descrevem, em linguagem accommodada á intelligencia das pessoas estranhas á arte de curar: Os signaes, as causas e o tratamento das molestias; os soccorros que se devem prestar nos accidentes graves e subitos [...]”,²²⁷ o qualificativo “popular” parecia apontar em duas direções. De

²²⁴ CHARTIER, Roger; FAULHABER, Priscila; LOPES, José Sérgio Leite (Org.). **Autoria e história cultural da ciência**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012, p. 85.

²²⁵ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Formulario ou Guia Medica**. 6. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1865, p. VII.

²²⁶ “É a Biblioteca do Povo e das Escolas, com mais de duzentos livros editados; a História Natural Popular, a Enciclopédia do Povo, as Obras populares de Júlio Verne, em reedições que demonstram a boa aceitação dessas obras durante décadas”. MACAMBIRA, Débora Dias. **Impressões do Tempo**. Os Almanques no Ceará (1870-1908). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará, 2010, p. 198.

²²⁷ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 3. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, s/p.

um lado, apontava para o público a quem se endereçava, vagamente definido como as “pessoas estranhas á arte de curar”, e de outro, para a exclusão desse público do domínio do saber médico, ao qual só acessaria parcialmente por meio de uma estratégia de redução, adaptação, acomodação da linguagem e/ou do conteúdo.

Seguindo as reflexões de Michel de Certeau, o “popular”, resultado de uma negação, diz antes de mais daqueles que negam do que daquilo ou daqueles que são negados; em geral fruto de um gesto que a “reserva aos letrados”,²²⁸ a noção implica necessariamente algo que visa se constituir em seu oposto, um corpo de práticas que deveria vencer. Portanto, para o Dr. Chernoviz, o projeto de divulgação científica partia já do princípio, estampado no epíteto “popular” do título de seu dicionário, de que havia um grupo de homens de ciência em superioridade com relação aos homens que não participavam do funcionamento daquele campo do saber.

Não obstante, se esse princípio básico acenava para a distinção do campo científico sob a forma de diferenciação e prestígio, ao mesmo tempo realizava sua abertura para além dos agentes autorizados. Abertura um tanto ameaçadora para o caso particular do embrionário campo médico do Rio de Janeiro oitocentista, cuja principal bandeira de afirmação dizia respeito ao controle do exercício da medicina. A crescente caça ao dito charlatanismo, definido como a prática médica realizada por não profissionais, em prol da defesa da exclusividade dos médicos no encaminhamento dos expedientes de cura e prevenção, colocava numa situação delicada os projetos editoriais de representantes do campo médico comprometidos com a difusão de conselhos de saúde, receitas e remédios entre não iniciados. Publicando seu *Diccionario de Medicina Popular* em meio a essa situação, o Dr. Chernoviz punha uma lenha a mais na fogueira que acalorava as discussões no meio médico a respeito das relações entre médicos, remédios e livros.

Fazer relevante seu *Diccionario de Medicina Popular*, conquistando o público não iniciado, mas mantendo-se em concordância com o campo médico em formação, foi o grande desafio que o Dr. Chernoviz assumiu, em especial nos prefácios das edições do livro; e o fez a partir de dois argumentos que se interrelacionavam.

²²⁸ CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papirus, 1995, p. 56.

O primeiro deles referia-se à necessidade do livro como veículo das noções básicas da ciência médica que deveriam ser compartilhadas por todos os homens. Assim, no prefácio da primeira edição do *Diccionario*, de 1842, escrevia:

Bem que o pleno exercicio da medicina exija estudos profundos e atilado criterio, não é menos verdade que existem muitas cousas relativas á arte de curar, cujo conhecimento póde ser facilmente adquirido por todos os homens, e em que podem noções muito simples pô-los em estado de serem uteis á sociedade.

[...]

É certo, portanto, que ha cousas que deverião ser conhecidas de todos os homens, e que toda a obra que tiver por objecto popularisar a medicina fará sempre um verdadeiro serviço á humanidade. Tal é o motivo que me levou a emprehender o trabalho que apresento hoje ao Publico. A utilidade de semelhantes obras foi reconhecida em todos os tempos, e até nas terras mais bem abastecidas de medicos tem homens distinctos publicado, com geral approvação, escriptos de medicina para o commum dos leitores.²²⁹

Realizando a dita popularização da medicina, o livro contribuiria para que seus leitores pudessem não apenas estar preparados para acudir em casos de “accidentes subitos e imprevistos, que necessítão dos mais promptos soccorros”, mas também para que tomassem nota de “conselhos para conservar a saúde e prevenir as molestias”.²³⁰ O livro unia, ademais, o direito de informação universal, que remonta à causa iluminista, e o dever de ser útil à nação num momento em que essa ideia começava a desenhar-se e a vincular-se com questões demográficas – para o que a vida e a morte necessitariam de uma gestão mais científica.

Ademais, o livro tornava-se mais importante em virtude da parca quantidade de médicos no Brasil naquele momento. Compensar, pois, minimamente essa dificuldade constituía o segundo argumento para a serventia da obra:

Porém muitas povoações e fazendas do interior do Brasil se achão a grande distancia das moradas dos medicos; muitas embarcações andão inteiramente privadas do seu ministerio: pelo que me pareceu indispensável dar maior desenvolvimento a este livro, indicando ás pessoas estranhas á arte de curar, que se podem achar nestes casos, o tratamento das molestias, em linguagem accommodada á sua

²²⁹ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. Prologo da Primeira Edição [1842]. In: Idem. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. X-XII.

²³⁰ Ibidem, p. IX-X.

inteligencia, e ministrando-lhes as luzes que lhes podem ser uteis [...].²³¹

Em pouca quantidade e concentrados principalmente no Rio de Janeiro e em Salvador, onde estavam instaladas as duas únicas Faculdades de Medicina do Brasil, os médicos levariam muito tempo para fazerem-se presentes nos demais núcleos urbanos, e principalmente nas regiões rurais. A distância dos médicos, portanto, reforçava a necessidade do livro; mas simultaneamente jogava, embora algo implicitamente, a possibilidade de que esse artefato substituísse o médico. Ciente de que esse entendimento poderia emergir, o Dr. Chernoviz trata de esclarecer que seu *Diccionario* não ameaçava o campo científico e sua exclusividade no domínio da saúde, pois realizava uma instrução controlada do saber médico, separando o que poderia ser da alçada de todos e o que seria da jurisdição de poucos:

É preciso sómente saber fazer a distincção entre o que as pessoas estranhas á arte de curar devem conhecer e o que é inutil e até perigoso querer ensinar-lhes. Estes limites forão por mim religiosamente observados, de sorte que julgo haver evitado os inconvenientes a que póde expôr a leitura dos livros de medicina, e espero que os mais escrupulosos medicos, que o titulo desta obra poderia sobressaltar, não acharão nella cousa alguma com que a sua consciencia se possa assombrar.²³²

De todo modo, o *Diccionario de Medicina Popular* colocava os termos das discussões no interior do campo científico em torno das relações entre os livros e os médicos nas práticas de remediar: se, por uma exigência do campo, não se podia “pretender inicia-las [as pessoas estranhas à arte curar] em todos os dogmas de uma sciencia difficillima”,²³³ reservando a integralidade dos expedientes da saúde e da doença à gerência do médico, por outro lado, o imperativo iluminista de fazer chegar as luzes da ciência a todos, agudizado ademais pela ausência em território brasileiro do profissional credenciado no domínio da medicina, instaurava o livro como imprescindível.

Apresentando a questão, o Dr. Chernoviz propunha também sua solução: o livro seria uma espécie de ponte para o contato com o médico, preparando o terreno para a

²³¹ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. Prologo da Primeira Edição [1842]. In: Idem. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. XI.

²³² Ibidem, p. XI.

²³³ Ibidem, p. XI.

chegada do profissional, demorasse ele algumas horas ou mesmo um tempo mais dilatado. O importante era que o *Diccionario*, ao familiarizar o leitor não iniciado com a existência e com algumas princípios básicos do campo médico, pudesse “combater os erros nocivos á saúde que reinão nas differentes classes da sociedade, e acautelar o publico contra o charlatanismo”.²³⁴ Portanto, mais do que concorrentes, o livro e o médico deveriam ser aliados.²³⁵

Essa ideia-chave que sustenta o empreendimento de divulgação científica do Dr. Chernoviz repete-se ao longo dos prólogos das edições seguintes. Naquele da segunda edição, de 1851, por exemplo, escreve:

Todos sabem que o medico, n’uma simples visita, não póde dar todos os conselhos sobre mil particularidades que os doentes devem saber: este livro lhes servirá de guia em varias circumstancias da vida; nelle achárão preceitos e consolações. Esta obra é util, portanto, não só para os habitantes da roça que morão longe dos medicos, como tambem para os moradores das grandes cidades.²³⁶

Complementando o trabalho do médico que, em geral, pontual que era, se resumia ao espaço de uma consulta, o livro auxiliá-lo-ia a espalhar as luzes dos conselhos da saúde e da doença – que normalmente tomavam a forma de instruções alimentares, receitas de remédios mais simples, interdições de algumas práticas – de forma mais constante, pois que o artefato estaria ao alcance direto do leitor.

Esse certo caráter de superficialidade, de ameno auxílio ao trabalho do médico, seja preparando seu terreno no domínio das preferências e confianças, seja informando recomendações mais simples quando da saúde e da doença, não tardaria a ser criticado. O emissor da crítica foi o Dr. Theodoro Langgaard (1813-1883), médico dinamarquês

²³⁴ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. Prologo da Primeira Edição [1842]. In: Idem. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. X.

²³⁵ Natalie Zemon Davis, tecendo considerações sobre o impacto da palavra impressa em regiões francesas do século XVI, infere que “Mas a palavra impressa também tornou possível o estabelecimento de novas formas de controle sobre o pensamento popular. Citando mais uma vez o médico e tradutor Pierre Tolet: ‘Se você deseja que um empregado siga suas ordens, você não as pode dar numa língua desconhecida’. O objetivo de Joubert, e de outros vulgarizadores [da medicina], não era eliminar a distinção entre quem sabia e quem não sabia, nem enfraquecer a profissão médica. Era tirar os cirurgiões de sua ‘prática rotineira iletrada’, ao mesmo tempo que definiam seu campo, mantendo mesmo o mais habilidoso dentre eles sob a autoridade do médico. Era levar as pessoas a uma melhor compreensão de como cuidar de si mesmas, ao mesmo tempo que as convenciam de maneira mais eficaz a obedecerem às ordens médicas”. DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 184.

²³⁶ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. VII-VIII.

que chegou ao Brasil no ano de 1842 com o intuito de estudar as moléstias tropicais. Entre idas e vindas, instalou-se em Campinas, São Paulo. Com a mudança do Dr. Chernoviz para Paris, no ano de 1855, cidade na qual ergueu casa editorial própria, deixando assim de publicar pela editora dos irmãos Laemmert, estes convidaram o Dr. Langgaard para produzir obra semelhante e concorrente àquela do médico polonês. Assim, o *Diccionario de Medicina Domestica e Popular* vinha a lume em 1865, com segunda edição em 1873, e o *Novo Formulario Medico e Pharmaceutico ou Vademecum Medico* aparecia em 1868, com mais duas edições na sequência.²³⁷

²³⁷ Além dessas obras, o Dr. Theodoro Langgaard escreveu “*Sucintos Conselhos às Jovens Mães para o Tratamento Racional de seus Filhos e Arte Obstetrica, ou Tratado Completo dos Partos*; aventurou-se até mesmo no domínio da literatura, com *Maria, a Bela Paulista: Comédia, com Parte em Verso, com Musica por José Sant’Anna Gomes* (irmão mais velho de Carlos Gomes)” HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012, p. 264-265.

DICCIONARIO

DE

MEDICINA DOMESTICA E POPULAR

CONTENDO

UMA THERAPEUTICA COMPLETA OU EXACTA DESCRIPÇÃO
DE TODAS AS MOLESTIAS INTERNAS E SEU TRATAMENTO ;
A CIRURGIA OU TRATAMENTO DAS MOLESTIAS EXTERNAS ;
E UMA MINUCIOSA INSTRUCCÃO PARA AS DIFFERENTES OPERAÇÕES
QUE REPENTINAMENTE SE POSSÃO TORNAR NECESSARIAS ;
CONSELHOS PRATICOS ÀS MULHERES NO ESTADO DE GRAVIDEZ ;
DIRECTORIO PARA O PARTO E SEUS ACCIDENTES ;
CUIDADOS AOS RECEM-NASCIDOS ;
SOCCORROS AOS ASPHYXIADOS, ENVENENADOS, ETC. ;
PRINCIPAES MOLESTIAS DA INFANCIA ; AS SCIENCIAS ACCESSORIAS ;
A ANATOMIA, PHYSIOLOGIA, HYGIENE, MATERIA MEDICA,
DESCRIPÇÃO E APPLICAÇÃO MEDICINAL
DAS PLANTAS INDIGENAS ATÉ HOJE CONHECIDAS,
NOÇÕES A RESPEITO DO USO DAS AGUAS MINERAES, ETC.

POR

• THEODORO J. H. LANGGAARD

Doutor em Medicina pelas Universidades de Copenhague e de Kiel,
approvado com distincção pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro,
Cavalleiro da Imperial Ordem da Rosa, da de Christo,
da Real Ordem Dinamarqueza do Danebrog, da Ordem Sueca da Estrella Polar,
e condecorado com a medalha de ouro do Merito, da Dinamarca,
Membro de varias Associações Scientificas, etc.

Com 236 figuras intercaladas no texto

TOMO SEGUNDO

E—L

RIO DE JANEIRO

Em casa dos Editores-Proprietarios

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

77, Rua da Quitanda, 77

1865

Figura 20. Frontispício da primeira edição do *Diccionario de Medicina Domestica e Popular*, 1865. (LANGGAARD, Theodoro J. H. *Diccionario de Medicina Domestica e Popular*. v. 2. 1. ed. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1865).

O Dr. Theodoro Langgaard trilhou trajetória autoral não muito distanciada daquela do Dr. Chernoviz. Assim, recebeu condecorações com os títulos imperiais Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa e de Cristo, travou relações pessoais com nomes eminentes dos círculos médicos, tais como o Dr. Cruz Jobim – dentre outras coisas, fundador da Academia Imperial de Medicina e diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro entre 1842 e 1872 –,²³⁸ mas também não deixou de intentar uma aura de autor individualizado, com um nome próprio suficientemente forte para provocar sozinho, pelo acúmulo de estudos e de experiências, um efeito de verdade – “tive sempre em toda a consideração as lições e as regras prescriptas pelos melhores autores e práticos, aproveitando e aconselhando todavia em primeiro lugar o que na minha longa vida medica hei colhido, praticado e reconhecido como melhor, mais conveniente e que mais felizes resultados me tem dado”.²³⁹

No entanto, diferente do Dr. Chernoviz, o Dr. Langgaard não pareceu ter, quando da publicação de seu *Diccionario de Medicina Domestica e Popular*, tanta atenção a certas reservas apreciadas pelo campo médico. Nesse sentido, não apenas não cuidou em manter as fronteiras do campo protegidas aos seus representantes, como atacou com certa veemência que determinadas obras pudessem ter tido tal precaução. No prólogo da primeira edição de seu *Diccionario*, de 1868, assim escreve:

Algumas obras de medicina popular em portuguez e de reconhecido merito conheço eu; mas quer me parecer que essas obras não correspondem a todos os respeitos talvez ao fim que têm em vista. Seus autores, esquecendo-se da carencia absoluta que ha de medicos nas vastissimas regiões do interior, limitão-se a prescrever e dictar os conselhos de mais urgencia, recommendando para a continuação do tratamento a presença do medico, muitas vezes impossivel de encontrar-se n’uma zona de 20, 50 e mais leguas.

Tendo em vista o preenchimento desta lacuna, intentei a publicação da presente obra, a que dei a fôrma de diccionario, por me parecer a mais propria para o homem não profissional se orientar no vasto arsenal da medicina, e persuadido estou de haver conseguido o fim a que me propuz.²⁴⁰

²³⁸ **JOBIM, JOSÉ MARTINS DA CRUZ.** Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Disponível na Internet: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/jobimjmcr.htm>>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2015.

²³⁹ **LANGGAARD, Theodoro J. H.** *Diccionario de Medicina Domestica e Popular*. v. 1. 1. ed. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1865, p. VII-VIII.

²⁴⁰ *Ibidem*, p. VI.

Para o Dr. Langgaard, o livro não ocuparia o tempo entre uma visita e outra do médico, com ele estabelecendo uma relação de auxílio ou cooperação na forma de suaves conselhos e recomendações. Convencido de que essas visitas médicas não se realizariam, ou não se realizariam na frequência desejada, defende a ideia de que não caberia ao livro uma tarefa de colaboração com a figura inexistente do médico, senão a assunção de seu papel; um livro que tomando o lugar do médico, tornasse acessível a seu leitor o máximo possível do arsenal da moderna ciência médica.

Ainda no trecho citado, é possível perceber que o ataque ao Dr. Chernoviz é direto e certo; e se repete *ipsis litteris* na edição seguinte no *Diccionario de Medicina Domestica e Popular* do Dr. Langgaard, de 1873, fato que atestaria que as críticas tiveram alguma audiência. É então a partir desse momento que o médico polonês se preocupa em dar uma resposta, que viria no prólogo da quinta edição do seu *Diccionario*, em 1878:

A primeira edição d'esta obra, que publiquei no Rio de Janeiro em 1843 [sic], quando era mui joven e apenas formado doutor em medicina, constava de dois volumes, formando um total de 948 paginas. Compunha-se dos preceitos hygienicos, do tratamento das molestias mais leves, e da indicação dos primeiros socorros que se devem applicar nos casos urgentes, antes da chegada do medico.

A obra foi immediatamente bem aceita; comtudo muitas pessoas queixavão-se de que não era completa; e um distincto medico publicou, que limitando-me eu aos conselhos de mais urgência, e recommendando para a continuação do tratamento a presença do medico, não me lembrei da impossibilidade de encontrar um facultativo no interior do Brasil, n'uma zona de 10, 20 ou mais legoas; e que, por conseguinte, o meu diccionario apresentava lacunas que convinha preencher.

Fui, pois, obrigado a dar maior desenvolvimento á minha primeira obra.²⁴¹

A resposta em aquiescência do Dr. Chernoviz às críticas do Dr. Langgaard parece se justificar por certo receio em perder um público que poderia vir a melhor apreciar um livro assumidamente comprometido em oferecer mais detalhes sobre as teorias e as práticas da medicina, visto que a presença do médico não se verificava na realidade. No entanto, na sequência desse texto, quando informa que havia dado maior desenvolvimento ao seu *Diccionario de Medicina Popular*, sinalizando uma mudança

²⁴¹ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 5. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1878, p. V.

de opinião quanto às relações entre o livro e o médico, de uma lógica da complementaridade para uma lógica da substituição, o Dr. Chernoviz parece voltar atrás: “Não é meu intento persuadir de que por meio de um livro se possa prescindir do medico: a medicina é uma sciencia tão extensa, exige uma pratica tão longa, que não se póde substituir o homem instruido que se consagra ao seu exercicio”.²⁴²

O paradoxo estava instalado; e certa incompreensão pode rondar esse desvio de última hora. Ora, àquele momento, o Dr. Chernoviz já não vivia no Brasil. Instalado em Paris e publicando por editora própria, o médico polonês já havia alcançado cinco edições do *Diccionario de Medicina Popular* e nove edições do *Formulario ou Guia Medica* num intervalo pouco maior do que 35 anos; estava longe, portanto, de uma situação de suscetibilidade no mercado livreiro do Brasil. Diferente disso, já planejava expandir seus livros para mercados outros, realizando as primeiras edições em espanhol nos anos seguintes: a do *Diccionario*, em 1879, e a do *Formulario*, em 1880. Autor consagrado, já não se via igualmente numa relação de dependência com o campo médico do Rio de Janeiro, de cuja instituição maior, a Academia Imperial de Medicina, havia se desvinculado desde 1848. Diante desse quadro, não seria descabido presumir que, em nome do interesse comercial, o médico polonês aventaria não mais demonstrar algum apreço ao campo científico, assumindo que seu livro substituiria o médico, fazendo frente à concorrência da obra do Dr. Langgaard nas disputas pelas preferências do grande público. Por que, então, o médico polonês agiria de outra forma, insistindo que o livro não substituiria o médico?

Há, sem dúvidas, alguma pertinência na hipótese de que, a despeito de suas preocupações comerciais, fazia parte dos interesses do Dr. Chernoviz, como de resto de todos os médicos do período, assegurar o prestígio do campo ao qual pertencia. No entanto, para melhor clarificar a contradição de seu prólogo, talvez valha jogar atenção sobre um certo detalhe referente ao público leitor do *Diccionario de Medicina Popular*; detalhe que começa a aparecer no prefácio da quarta edição, de 1870. Aí, o médico polonês escreve: “Bem que esta obra seja destinada ao uso das familias, não será tambem sem utilidade para os medicos: poderá servir-lhes de compendio de medicina

²⁴² CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 5. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1878, p. VII.

prática”.²⁴³ Na quinta edição, de 1878, continua: “Esta obra é destinada a diffundir noções exactas sobre a sciencia medica, entre as pessoas estranhas á medicina; mas será tambem util aos medicos e sobretudo aos medicos novos; os estudantes de medicina, acharão n’ella noções elementares”.²⁴⁴ A ideia persiste até a sexta e última edição, de 1890, em cujo prólogo afirma-se que a obra poderia ser “consultada com proveito não só por todos aquelles que desejam se instruir, e, em caso de necessidade urgente poder soccorrer seo semelhante, como também pelos homens da sciencia, pelos medicos”.²⁴⁵

Não se sabe ao certo se a ideia de se endereçar aos médicos partiu do Dr. Chernoviz, ou se se tratou de uma constatação de que estes profissionais faziam uso da obra e, por conta disso, o autor passou a melhor contemplá-los em seus prólogos e mesmo ao longo das páginas do dicionário. O fato é que a formação dos médicos brasileiros começava a aparecer nos meados dos oitocentos como uma questão importante, sobretudo com a fundação das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, nos anos 1830. Diante das exigências do paradigma clínico, embasado no aprendizado do médico supervisionado pelo professor ao lado do leito do paciente, pode-se dizer que as primeiras décadas do ensino médico brasileiro foram marcadas por um caráter precário, sobretudo porque não havia hospitais suficientes e/ou disponíveis para o acompanhamento dos pacientes e suas doenças.²⁴⁶ O aprendizado permaneceu em grande medida teórico. Nesse sentido, poder contar com livros de medicina escritos em língua portuguesa e que dessem conta minimamente da realidade médica do país ou ao menos do Rio de Janeiro – as doenças mais comuns, os tratamentos mais adequados etc. –, como era o caso do *Diccionario de Medicina Popular*, parecia ser de grande valia para os médicos em formação. Nas palavras de Betânia Figueiredo:

Há uma relação conflituosa entre as estruturas formais de saber médico e a prática de homens como o Dr. Chernoviz e a circulação de seus manuais. Se por um lado os espaços formais de ensino e credenciamento profissional desqualificavam o movimento de popularização do conhecimento médico, a partir da circulação de manuais direcionados ao público leigo, na tentativa de se fortalecer o

²⁴³ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 4. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1870, p. VII.

²⁴⁴ Idem. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 5. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1878, p. VII.

²⁴⁵ Idem. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. V.

²⁴⁶ Conferir: **ESCOLA ANATÔMICA, CIRÚRGICA E MÉDICA DO RIO DE JANEIRO**. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Disponível na Internet: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/escancimerj.htm#estrutura>>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2015.

campo de atuação dos médicos formados nas academias; por outro lado, há uma cultura ainda sendo forjada na área, o que possibilitava que muitos médicos e farmacêuticos utilizassem esses textos, e em certa medida tais textos cumpriam o papel de fornecer algumas informações desejadas.²⁴⁷

O *Diccionario de Medicina Popular* do Dr. Chernoviz continuava a endereçar-se aos grupos designados pelo qualificativo do título, cuja impossível demarcação fazia com que o autor fizesse uso de termos como “o povo”, “as famílias”, “todos os homens”, “as pessoas estranhas á arte de curar”, “as pessoas estranhas á medicina” “o commum dos leitores”, “as diferentes classes da sociedade” etc. – leitores que, embora considerados em seu não pertencimento ao campo científico, recebiam mediante o livro preceitos da moderna ciência médica. Doravante, no entanto, a assunção do público iniciado, imprimindo uma distinção à obra e também ao seu autor, requalificando-os no âmbito da produção que visava a formação e atualização profissional, traria novas exigências a serem harmonizadas com o escopo original do *Diccionario de Medicina Popular*.

Tencionando tomar proveito de todos os lados dessa situação, o Dr. Chernoviz armou alguns estratagemas para tentar regradar esse imbróglio. Do lado dos leitores iniciados, buscou contemplá-los de duas formas: oferecendo condições para que apreciassem um livro de divulgação da ciência que prezava pela proteção ao campo científico, afirmando, desde os prólogos, a figura do médico como único detentor da integralidade do saber médico; por outro lado, proporcionando a esse mesmo leitor, ao longo das páginas do manual, essa mesma integralidade que a ele deveria ser exclusiva. E assim, agraciando os representantes do campo médico, o Dr. Chernoviz também acabava por cativar os demais leitores, mormente aqueles que estimavam a ideia de um livro, tal como acontecia com o *Lunário Perpétuo*, que contivesse um saber total e essencial, manifestando alguma satisfação de não depender da longínqua presença do médico e, sobretudo, de dar continuidade a uma tradição de reconhecer no impresso, na palavra escrita, as verdades do corpo e do mundo.

Rompendo a lógica dominadora do popular e do científico, o *Diccionario de Medicina Popular* seguia trajetórias não previstas, das quais o Dr. Chernoviz não

²⁴⁷ FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Os manuais de medicina e a circulação do saber no século XIX no Brasil: mediação entre o saber acadêmico e o saber popular. *Educar*. Curitiba, n. 25, 2005, p. 72.

somente tomou conhecimento, como se empenhou, quando assim julgou necessário e proveitoso, de alguma forma gerenciá-las. Assim, ao contrário de um posicionamento peremptório do lado do livro ou do lado do médico, o médico polonês preferiu o caminho do meio, numa complexa tentativa de fazer coincidir um e outro. Coincidência expressa pelo poeta Carlos Drummond de Andrade, que, rememorando sua infância nas Minas no início do século XX, assim escrevia na forma de versos:

DOUTOR MÁGICO
Dr. Pedro Luís Napoleão Chernoviz
tem a maior clientela da cidade.
Não atende a domicílio
nem tem consultório.
Ninguém lhe vê a cara.
Misterioso doutor de capa preta
ou invisível,
esse que cura todas as moléstias
(de preferência as incuráveis)
socorre presto os afogados
asfixiados
assombrados de raio
sem desprezar defluxo, catapora,
sapinho, parariz, cobreiro,
bicho-de-pé, andaço, carnegão,
e não cobra nada
e não cobra nada,
nem no fim do ano?
É só abrir o livro, achar a página.²⁴⁸

A despeito do tom de crítica inscrito no título e no entre parênteses da poesia, sinais já de um tempo, os anos 1960, em que a obra já não desfrutava de prestígio especialmente nos meios profissionais, como era o meio do farmacêutico Drummond, sobressai a ideia de que o livro era o médico. De fato, o livro era médico que, na prática, e em nome da prática, remediava o doente; atendia pelo nome de *Chernoviz*, nome de livro e nome de médico, estava sempre disponível, não cobrava caro e, para ficar bom, bastava abrir e encontrar a página.

Assim era com o *Diccionario de Medicina Popular* e também com o *Lunário Perpétuo*, livros que ensinavam e participavam da cura, por isso, podendo ser considerados médicos e também remédios. Manifestavam, destarte, um investimento sobre o impresso que não se reduzia à emissão de uma mensagem, mas mobilizava

²⁴⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo I**. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 27-28.

práticas que vislumbravam o livro como um artefato que deveria aliar a totalidade e o essencial, a reverência e a vida prática.

3.2. Circuitos

O Dr. Pedro Luiz Napoleão Chernoviz estreou na cena editorial brasileira com o *Formulario ou Guia Medica*. Impresso na Typografia Nacional, sob as expensas próprias de seu autor, o livro veio a lume no ano de 1841. Após o lançamento, o Dr. Chernoviz contava para um seu correspondente na Polônia que “em três dias vendera trezentos exemplares e que estava, naqueles dias, enviando muitos outros para a Bahia, Pernambuco e outras localidades do Brasil”.²⁴⁹ Sucesso de vendas, o *Formulario* rapidamente desbancou a *Pharmacopeia geral para o Reino e Dominio de Portugal*. Segundo Laurence Hallewell, da pena de Francisco Tavares, publicada em 1794, a *Pharmacopeia* era o livro oficial português para as artes de manipular medicamentos, então fartamente utilizado no Brasil.²⁵⁰

Uma ou duas décadas antes da aparição do *Formulario ou Guia Medica*, o gradual processo de valorização da cultura impressa no Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro, começava a assumir um desenho interessante. Acompanhando o crescimento do gosto pelos livros entre diversos setores da sociedade carioca, muitos livreiros locais e estrangeiros tomavam a iniciativa de expandir os negócios da edição e da venda nestas paragens. Foi nestas circunstâncias que vieram a se estabelecer Eduardo Laemmert, Baptiste Louis Garnier, Paula Brito, Pedro Quaresma, dentre outros. O primeiro deles, Eduardo Laemmert, nascido no grão-ducado de Baden, chegou ao Rio de Janeiro em 1828. Veio de Paris para codirigir a filial brasileira dos editores franceses Boussage e Aillaud, atribuição da qual se desvincularia dentro de poucos anos. Findou por abrir seu próprio negócio, a Livraria Universal, para o qual contou com a colaboração de seu irmão Henrique, chegado ao Rio de Janeiro em 1838. No ano seguinte, os dois irmãos dariam início ao empreendimento editorial, cujo primeiro resultado foi a *Folhinha*, mais

²⁴⁹ GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. **Civilizando as artes de curar:** Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2003, p. 34.

²⁵⁰ HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil:** sua história. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012, p. 265.

tarde denominada *Almanak Laemmert*, almanaque literário e comercial que teve ampla circulação no Brasil até a aurora do século XX. Os bons frutos desse primeiro projeto vieram a prover os irmãos Laemmert da visibilidade e da estabilidade financeira necessárias para se lançarem em iniciativas mais ousadas. Assim, nas palavras de Alessandra El Far, “Com o tempo, a Livraria Laemmert, que privilegiou a confecção de volumes bem encadernados e ilustrados com primor e requinte, especializou-se em obras de referência. Publicou dicionários, tratados científicos, obras didáticas e, somente no fim do século XIX, romances e novelas de aventura”.²⁵¹

Diante desse quadro, compreende-se o interesse que os irmãos Laemmert apresentariam em relação ao *Formulario ou Guia Medica*, que, além de se inserir no ramo de atuação da editora, já aparecia como um fenômeno de vendas. Não demoraria muito, pois, para que a casa Laemmert reunisse confiança em torno do conjunto da obra do Dr. Chernoviz, publicando seus livros durante todo o período em que o médico polonês esteve no Brasil, até o ano de 1855. Desse modo, vieram a lume as três edições seguintes do *Formulario*, nos anos de 1846, 1852 e 1856, e as duas primeiras edições do *Diccionario de Medicina Popular*, em 1842 e 1851. Uma vez instalado em Paris, o Dr. Chernoviz ergue casa editorial própria, a partir da qual publica, até inícios do século XX, seus próprios livros. Além de lançar *Historia Natural para meninos e meninas de 7 a 15 anos*, em 1862, e *Modo de conhecer a idade do cavallo, do burro, das bestas muares, do boi, do carneiro, da cabra e do porco*, em 1866, dá continuidade às demais edições das obras que fizeram sua reputação no Brasil. Do *Formulario*, chega-se até à 19ª edição em língua portuguesa e também a três edições em espanhol, e do *Diccionario*, produzem-se mais quatro edições em português, respectivamente nos anos de 1862, 1870, 1878 e 1890, além de uma edição em espanhol, no ano de 1879.

A respeito das edições do *Diccionario de Medicina Popular* realizadas em solo brasileiro, Laurence Hallewell afirma que:

Os Laemmert confiavam a tal ponto no interesse que o livro despertaria que imprimiram três mil exemplares, uma tiragem quase sem precedentes na época, principalmente para uma obra em dois volumes que deve ter custado cerca de 9\$000, mesmo em brochura. Por volta de 1851, lançavam nova edição, ampliada para três volumes

²⁵¹ EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 20.

in-quarto (com 1620 páginas e cinco pranchas com ilustrações, por 12\$000, ou 15\$000 encadernados).²⁵²

O *Diccionario* do Dr. Chernoviz sofreu consideráveis modificações ao longo de suas edições. Encadernado, tinha a capa em cor verde escura, quase preta. Tornou-se vermelha ao longo das últimas edições. Surgiu, em 1842, em dois volumes in-4º (aproximadamente 26 centímetros de comprimento), perfazendo 948 páginas ao todo. Na segunda edição, de 1851, continuava in-4º, embora com um volume a mais, alcançando em totalidade 1.608 páginas. A edição subsequente, de 1862, constava igualmente de três volumes, perfazendo 1.827 páginas, mas em formato in-8º (aproximadamente 18 centímetros de comprimento), o mesmo do *Lunário Perpétuo*. Este formato subsiste nas três últimas edições, de 1870, 1878 e 1890, mas aqui o livro volta a comportar apenas dois volumes, contendo, respectivamente, 2.284, 2.465 e 2506 páginas. As transformações atingiram também a impressão das palavras. A partir da terceira edição, a inclusão das abreviaturas, diminuindo o tamanho de um vocábulo (“Gram. – Gramma”), ou substituindo uma expressão por um símbolo (“= - Igual a”),²⁵³ depunha pela necessidade de melhor aproveitar o espaço da página. A mesma linha de raciocínio esteve na base da troca dos tipos, na sexta e última edição: “Está impressa esta 6ª edição com typos novos e em papel de maior formato, o que fizemos com o fito de conservar, mais ou menos, o mesmo numero de paginas da 5ª edição, contendo, no entanto, esta nova edição cerca de um quarto de matéria a mais do que a edição precedente”.²⁵⁴

Com efeito, essas sucessivas mutações da materialidade do livro, que ora aumentava ou diminuía em tomos, em páginas, mudava em formato, ora abreviava palavras, trocava de tipos, etc., decorriam do grande dilema que rondava as obras de referência, tais como dicionários e enciclopédias; gêneros que se comprometiam, assim como as bibliotecas, em harmonizar “o exaustivo e o essencial”.²⁵⁵ Assim, de um lado, buscava-se contemplar a exigência de fazer um saber em constante expansão caber num livro. E, por outro lado, intentava-se ter como resultado dessa concentração um volume

²⁵² HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012, p. 264.

²⁵³ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 3. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1862, p. XII.

²⁵⁴ Idem. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. VI.

²⁵⁵ CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UnB, 1999, p. 73.

razoavelmente manuseável, evitando, nas palavras do Dr. Chernoviz, o “incommodo [de] andar revolvendo muitos tomos de um dicionário”.²⁵⁶ Mais de dois calhamaços, aliás, poderiam expressar também um alto custo de produção, trazendo consequências sobre o preço do livro. Numa só palavra, todas essas operações sobre o texto, sobre a página e sobre o livro buscavam considerar o senso de praticidade com o qual a obra se engajava – à semelhança do *Lunário Perpétuo*, que fosse fácil de consultar, fácil de guardar e, além do mais, não muito cara.

Quanto aos preços das duas primeiras edições do *Diccionario de Medicina Popular*, Maria Regina Cotrim Guimarães traz alguns elementos para se fazer uma ideia do poder de consumo demandado pelo livro:

Compará-los a preços de outros livros e manuais, de 1851, da mesma editora talvez ajude na avaliação. O *Novo Curso Prático, Analítico, Teórico e Sintético de Língua Inglesa*, de T. Robertson, 2ª ed., com 300 páginas, valia Rs. 4\$000; um manual, chamado *Doceira Brasileira*, de Constança de Oliva Lima, custava Rs. 2\$000, encadernado, e um outro manual provavelmente da mesma linha do DMP [*Diccionario de Medicina Popular*], mas da área de Direito, *Guia Prático do Povo no Foro Civil e Crime Brasileiro, 'ao alcance de subdelegados, juizes de paz, advogados, (...) e quaisquer pessoas do povo'*, em 2 volumes, poderia ser comprado por Rs. 3\$000, em brochura, ou Rs. 3\$500, encadernado – e esse autor deveria ser conhecido, pois é anunciado como ‘*autor do Conselheiro do Povo*’. Com o preço entre 4 e 5 vezes maior que o do citado manual prático de Direito, nitidamente o DMP [*Diccionario de Medicina Popular*] foi uma obra cara.²⁵⁷

Mesmo em brochura, que, diminuindo sensivelmente o valor do livro, constituiu uma alternativa largamente aproveitada pelo universo da edição brasileira oitocentista, o *Diccionario de Medicina Popular* restava uma obra cara. Se quando era editado pelos irmãos Laemmert, no Brasil, o livro já não era módico, pode-se imaginar que, uma vez confeccionado em Paris, para onde o Dr. Chernoviz se mudara a partir de 1855, tendo de imbuir no preço algo dos custos com a travessia oceânica, o *Diccionario* não tenha alcançado preços competitivos. No entanto, a despeito do valor, e mesmo que não se

²⁵⁶ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 4. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1870, p. VIII.

²⁵⁷ GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. **Civilizando as artes de curar: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2003, p. 70-71.

saiba informações sobre as tiragens, o fato de ter conhecido seis edições num intervalo de quase 50 anos depõe pelo sucesso de vendas do livro.

Ao erguer casa editorial própria em Paris, o Dr. Chernoviz aumenta consideravelmente sua ingerência sobre os processos de produção, distribuição e venda do livro. Assume por completo as decisões quanto ao processo da transformação do texto em livro. Como indicado no frontispício do *Diccionario de Medicina Popular* do ano de 1862, a edição ocorria “EM CASA DO AUTOR”, inicialmente na Rua Basse de Passy, 10 BIS, e, a partir da quarta edição, de 1870, em seu novo endereço, Rua Raynouard, 24. Apenas a impressão era realizada por terceiros, contratada da Typografia de Julio Clave, Rua St. Benoit, n. 7. Uma vez o livro pronto, o médico polonês se encarregava também de sua distribuição, e anunciava ao seu leitor da terceira edição do *Diccionario* que:

Todas as obras do D^r Chernoviz vendem-se no Rio de Janeiro, na livraria de Eduardo e Henrique Laemmert, rua da Quitanda, 77; e na de Antonio Gonçalves Guimarães e C^{ia}, rua do Sabão, 26.

Na Bahia, na livraria de Catilina e C^{ia}.

Em Lisboa, Porto e Pernambuco, nas principaes lojas de livros.²⁵⁸

De editores, os irmãos Laemmert passam exclusivamente a vendedores. Não controlam mais a distribuição do livro no Brasil, como parecia acontecer antes. Assumindo ele mesmo essa atribuição, o Dr. Chernoviz aproveita a rota transatlântica entre Paris e as cidades brasileiras para adentrar no mercado português, cujos consumidores a obra vai intentar gradualmente contemplar. Ao mesmo tempo em que conquista um público europeu, o médico polonês aumenta a distribuição direta em províncias brasileiras. Nas primeiras páginas da quarta edição, de 1870, anuncia pontos de venda do *Diccionario de Medicina Popular* no “Pará, Maranhão, Ceará, Porto-Alegre, Rio Grande do Sul, em casa dos principaes livreiros”.²⁵⁹ Parece ter sido essa expansão da rota comercial do livro, empreendida diretamente pelo Dr. Chernoviz, o grande fator contribuidor para sua enorme venda, compensando, dessa forma, os preços elevados da obra.

²⁵⁸ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 3. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1862, s/p.

²⁵⁹ Idem. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 4. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1870, s/p.

Com produção que partia ora do Rio de Janeiro, ora de Paris, o livro passava por diversos endereços, quantas fossem as etapas que faziam elaborar o texto, editá-lo e levá-lo para impressão. Uma vez pronto, entrava nas rotas de distribuição e venda; retirado dos navios ou dos trens, encontrava algum pouso em livrarias ou demais estabelecimentos comerciais nos principais núcleos urbanos brasileiros e portugueses. Embora, ao longo desse circuito, as páginas do *Diccionario* pudessem ter encontrado olhos a percorrê-las, acontecia mais frequentemente que os espaços em que se davam as leituras eram aqueles para onde os compradores, saindo das casas de venda, iam de posse do livro.

Convém aqui repetir que o *Formulario ou Guia Medica* e o *Diccionario de Medicina Popular* responderam a propostas diferentes. Com suas dezenove edições, sua conformação em um único volume, portanto, mais barato – custou, na segunda edição, 6\$000 encadernado –, e de mais fácil guarda e manuseio, o *Formulario*, que se endereçava a leitores iniciados, pareceu ter ganhado alguma vantagem em termos de venda e circulação para além do que foi pensado pelo seu autor; isso, claro, em comparando-o ao *Diccionario de Medicina Popular*. De fato, os registros com a precisão *formulário*, bem como as indicações de um *Chernoviz* em sétima, oitava, nona... edição dizem de de uma circulação ampla que ultrapassaria o público profissional, rompendo pelo caminho inverso ao do *Diccionario* a lógica do popular e do científico. Assim, dada a revelia dos dois livros em relação aos circuitos para os quais eles foram previstos, o que culminaria na coincidência das designações, ambos denominados *Chernoviz*, não é descabido esboçar conclusões sobre a circulação de um, em partindo do registro do outro. Mesmo porque, no mais das vezes, não se precisa muito claramente de qual dos dois se tratava. Entre eles, algumas características materiais e textuais se cruzavam, os objetivos de leitura poderiam coincidir e, assim, para boa parte dos leitores, um poderia ser tomado pelo outro.

Um destino possível da circulação do *Formulario* e/ou do *Diccionario* poderiam ser os domicílios. Eduardo Campos, em suas memórias de juventude, passada na capital cearense, pelos anos 1930, escrevia:

Cópia valiosa [de um Chernoviz] adquiri a um já desaparecido sebo, Livraria Gurgel. Valiosa 13ª edição, e que antes de ser meu integrou a biblioteca do ‘bacharel em direito’ (como firmava à margem das

páginas em caprichado carimbo), ilustre desembargador, Alvaro Gurgel de Alencar.

Às páginas do livro o meu antecessor chegou, em colação, velhas receitas e uns tantos avisos de sua conveniência.²⁶⁰

No trecho, um mesmo *Chernoviz* – no caso, em sua versão formulário – fez parte de duas bibliotecas de homens de letras em Fortaleza. Se findou por compor aquela de um folclorista, interessado em colher do livro material que, já pelos anos 1930, era enquadrado no rol de uma “medicina popular”, uma vez alojado na biblioteca de um bacharel que viveu entre fins dos oitocentos e início dos novecentos, os interesses e os usos que veio a despertar pareciam ter sido outros. Na residência de Álvaro Gurgel de Alencar, o *Formulario* provavelmente avizinhava códigos do Direito, obras de filosofia e ciência, além de romances. Embora pudesse constituir uma via para cultivar o espírito científico, informando a seu leitor os desenvolvimentos atuais da medicina moderna e também de outras ciências, sobretudo seus princípios e suas descobertas, em certas circunstâncias o *Chernoviz* do ano de 1888 não era alvo da mesma dinâmica de leitura que o desembargador empreenderia diante de suas demais obras de ciências e de letras. Ao integrar nas páginas do livro outras prescrições, lembretes e informações que a ele chegavam por outras leituras, por conversas, por aquilo que testemunhara ele mesmo, era aos entraves do cotidiano que o bacharel Álvaro Gurgel de Alencar buscava fazer frente, reunindo receitas e remédios de dentro e de fora do *Formulario* que pudessem dar conta das doenças, dos problemas domésticos e mesmo de outras ordens.

Também nesse momento entre séculos, os calhamaços figuraram em residências de alguns personagens de Monteiro Lobato e de Cora Coralina, dando mostras de sua circulação em regiões do centro e do sudeste do Brasil. No livro *Urupês*, o primeiro de Lobato, datado de 1919, o *Chernoviz* aparece em dois enredos. Um deles, o conto *Bocatorta*, no qual, após ter visto uma grande assombração, Cristina é acometida de um irresistível achaque:

Cristina sentiu pelo corpo inteiro um calafrio, como se a sacudisse a corrente elétrica.

No dia seguinte amanheceu febril, com ardores no peito e tremuras amudadas. Tinha as faces vermelhas e a respiração opressa.

O rebuliço foi grande na casa.

²⁶⁰ CAMPOS, Eduardo. **A volta do inquilino do passado** (Memória urbana e artigos de afeição). Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa editorial, 1998, p. 17.

Eduardo, mordido de remorsos, compulsava com a mão nervosa um velho Chernoviz, tentando atinar com a doença de Cristina; mas perdia-se sem bússola no bátrio das moléstias. Nesse em meio Don'Ana esgotava o arsenal da medicina anódina dos simplices caseiros.

O mal, entretanto, recalcitrava às chasadas e sudoríficos. Chamou-se o boticário da vila. Veio a galope o Eusebio Macario e diagnosticou pneumonia.

[...]

Ao oitavo dia, Cristina foi desenganada; no décimo o sino do arraial anunciou o seu prematuro fim.²⁶¹

Como se observa, as consultas ao *Chernoviz* se inseriam no rol dos procedimentos de cura acionados por ocasião das necessidades do momento. Entre as medicinas das plantas, com seus chás e suadores, os conselhos do farmacêutico, o livro encontrava seu lugar, embora não sem alguma dificuldade, pois as dimensões e as formas de funcionar que caracterizavam um dicionário podiam ainda não ser bem familiares aos leitores, mesmo aqueles que viviam em searas mais urbanas, mais afeitas uma cultura escrita, como era o caso de Eduardo. Talvez as consultas fossem mais eficientes quando a necessidade não vinha acompanhada das maiores urgências, como parecia acontecer no conto *O engraçado arrependido*. Aí, Francisco Teixeira de Souza Pontes tinha interesses escusos ao recorrer ao livro, a saber, informar-se acerca das formas que poderiam dar cabo de um doente de aneurisma, cujo posto de trabalho intentava roubar:

Como desembaraçar o caminho daquela travanca? Leu no Chernoviz o capítulo dos aneurismas, decorou-o; andou em indagações de tudo quanto se dizia ou se escreveu a respeito; chegou a entender da matéria mais que o doutor Iodureto, médico da terra, o qual, seja dito aqui à pureza, não entendia de coisa nenhuma desta vida.

O pomo da ciência, assim comido, induziu-o à tentação de matar o homem, forçando-o a estourar. Um esforço o mataria? Pois bem, Souza Pontes o levaria a esse esforço.²⁶²

Afirmando confiança maior no livro do que no médico, Pontes despende bons bocados de tempo no aprendizado dos aneurismas seguindo o texto do verbete presente no *Diccionario de Medicina Popular*, cujo acesso parece ter sido minimamente fácil, e alcança a meta da morte de sua vítima. Aliás, a chegada ou não da morte é o mote para as evocações do calhamaço do Dr. Chernoviz no conto *O lampião da Rua do Fogo*, de Cora Coralina. A autora o publica na obra *Estórias da casa velha da ponte*, no ano de

²⁶¹ LOBATO, Monteiro. *Urupês* [1919]. São Paulo: Brasiliense, 1978, p. 108.

²⁶² *Ibidem*, p. 30.

1985, consagrada a causos, memórias, histórias e lendas que rondaram sua infância na Cidade de Goiás, entre fins do século XIX e início do século seguinte. No conto em apreço, Cora Coralina narra a falsa morte de Maia que, de dentro do caixão, leva um tombo e renasce. O diagnóstico dado a esse fenômeno foi o da catalepsia. A pequena cidade fica em polvorosa e recorre aos livros:

A cidade comentou o caso por muito tempo. Seu Maia foi entrevistado por todos os sensacionalistas da terra – gente insuportável daquele tempo. Muita língua desocupada levantou a suspeita de que vários fulanos e sincranos daquele tempo tivessem sido enterrados vivos e toda a gente ficou se pelando de catalepsia. Os letrados foram até Chernoviz e Langard. Conferiram-se diploma no assunto e discurriam de doutor e com muita prosódia, sobre catalepsia ou morte aparente.²⁶³

Assim como aconteceu com o mote do aneurisma, também o da catalepsia levava a consultas ao *Diccionario de Medicina Popular* por razões de esclarecimentos ou instruções de fenômenos da ordem da saúde. Em todos os casos, sobressai a vitória da credibilidade do livro sobre os médicos. Além disso, observa-se também um acesso minimamente descomplicado, possivelmente não pela presença arraigada do calhamaço em todas as residências, mas talvez pelos movimentos do empréstimo, pelas visitas a bibliotecas e outros estabelecimentos onde o livro estivesse disponível. Poderia ser o caso de uma igreja ou paróquia.

Na revista *Ceara Medico*, órgão da associação dos médicos do Ceará, publicava-se, em setembro de 1930, na coluna satírica intitulada *Sedativos*, crônica com a seguinte passagem:

O Padre X fôra despachado de Vigario para a Freguezia de M., no albôr do anno de 1875, em substituição ao seu collega que, por sua vez, seguira para a vizinha Parochia, em obediencia às determinações do Ordinario.

[...]

Imagine-se que, não obstante a relatividade do tempo, não havia alli, dentre outros, nem medico e nem pharmacia, entidades essas só encontradas distante muitas legoas e quiça na Capital do Estado, da qual a cidade sertaneja estava a cerca de oitenta legoas!

Morria-se quase sempre a mingua!

[...]

Concebera por isso o bom Padre a idéa de estudar alguma cousa de medicina, dando expansão ao seu espirito piedoso e altamente

²⁶³ CORALINA, Cora. *Estórias da casa velha da ponte*. São Paulo: Globo, 2001, p. 63.

caridoso, pois cuidaria também dos males físicos de seu rebanho, com alguma eficiência.

E, de regresso de Fortaleza, onde fôra assistir os trabalhos da Assembléa Legislativa, da qual era membro, viera munido de um formulário de ‘Chernoviz’ – o magnum-lexicum, o leader, por assim dizer, da medicina indígena daquelle tempo, trazendo igualmente em sua bagagem, alguns remédios caseiros.²⁶⁴

O trecho da crônica dá testemunho dos novos sentidos que a obra do Dr. Chernoviz ganhava particularmente entre os círculos letrados das primeiras décadas do século passado. O tom de piada, pelo fato de um padre se arvorar em domínios que iam além da alma e, para tanto, fazer uso do *Formulario*, também aqui visto como depositário da “medicina popular”, não esconde, todavia, o alcance do livro. Neste episódio, tratava-se de um leitor que, assim como o desembargador Álvaro Gurgel de Alencar, pertencia a um meio distinto entre fins dos oitocentos e início do século XX. Padre, portanto com uma formação algo letrada, e também político, o dono do *Chernoviz* o faria figurar em sua paróquia de cidade do interior, ao lado da Bíblia e dos demais apetrechos de que fazia uso na condução da vida religiosa dos fiéis. Cuidando do corpo e da alma, recorria ao *Formulario* como fonte de resolução dos achaques de seu rebanho, num espírito prático muito semelhante àquele do bacharel Álvaro de Alencar.

Também os *Chernoviz* chegariam às farmácias, espaços em que se receitavam, se produziam e se vendiam remédios. Lá, participariam da formação de muitos farmacêuticos e práticos de farmácia, mantendo-se constantemente a postos para a consulta de ordem profissional. No livro *Meu mundo é uma farmácia*, publicado em 1948, o farmacêutico José de Figueiredo Filho narra os inícios do estabelecimento de seu pai, cenário de suas memórias de infância. A Farmácia Central do Cariri, fundada em 1885, foi projetada por seu tio-avô, Cel. José Antonio de Figueiredo, para ser assumida pelo filho doutor. Por alguma razão, o futuro dono desistiu da empreitada. Não querendo se desfazer de tudo o que já havia construído, o Cel. Figueiredo considerou deixá-la aos cuidados de Dario Guerra, o marceneiro que havia feito a armação das estantes do estabelecimento. Segundo o memorialista,

Com sua perspicácia, [o Cel. Figueiredo] compreendeu que aquêlê marceneiro, de espírito arguto, hábil artista, daria também ótimo

²⁶⁴ Ceará Médico, set. 1930, p. 8-9.

fabricante de mezinhas e também seria bom curandeiro para a matutada daquela época. Palpite acertado. Não só se transformou em perfeito boticário, como entrou também, galhardamente pela seara da medicina. Aviava receitas dos poucos esculápios que apareciam naqueles tempos. Munido do *Chernoviz*, curava doenças e embrenhava-se afoitamente pelos terrenos difíceis da cirurgia.²⁶⁵

Utilizado por Dario Guerra para, entre outras coisas, tomar nota da realização de cirurgias, tudo indica que o livro em apreço era o *Diccionario de Medicina Popular*, que dedicava numerosos verbetes a esse tema, por sua vez, inexistente no *Formulario*. De todo modo, o marceneiro fazia uso do calhamaço na via de uma formação profissional que parecia ocorrer no revezamento de sua leitura com o acompanhamento dos enfermos que o procuravam. Entre o livro e o paciente, testava as receitas, os remédios e os diversos expedientes de saúde ensinados nas páginas do *Chernoviz* e também de outros livros. Seu auxiliar na farmácia, o então adolescente José Alves de Figueiredo, apelidado Zuza, sobrinho do coronel proprietário, também aproveitava o ensejo para aprender algo da arte mediante o livro. Não foi por outro motivo que, dada a morte prematura de Dario Guerra, foi Zuza, o pai do memorialista, o encarregado de levar o negócio para frente:

Meu pai começou a praticar em 1888. Sua licença foi concedida em 1896. Cresceu entre balanças, graus e copos graduados. Só alguns anos mais tarde conseguiu comprar, ao seu tio, o pequeno depósito de medicamentos que constituía, na realidade, a Farmácia Central.

[...]

Tornou-se o único proprietário. Desde que ingressou na profissão, trabalhava com afinco, das 6 da manhã às 9 da noite. [...] Nos raros momentos de folga, agarrava-se com os livros na ânsia de aprender alguma coisa que a escassez de escola lhe negara. Não manuseava unicamente formulário, terapêuticas e o inseparável companheiro do boticário – o *Chernoviz*.²⁶⁶

Também Zuza constituiu carreira profissional com o auxílio do *Chernoviz*, provavelmente o mesmo exemplar de que fez uso Dario Guerra. Inseridos no gênero de obras de referência, confeccionados para durarem, o *Formulario* e também o *Diccionario* eram calhamaços que se adequavam às correntes da herança. Dispostos na mesa de trabalho dos farmacêuticos ou práticos de farmácia, passavam sem dificuldades ao longo de gerações, sobretudo num meio profissional em que se aprendia o ofício

²⁶⁵ FIGUEIREDO FILHO, J. **Meu mundo é uma farmácia**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S.A., 1948, p. 23.

²⁶⁶ Ibidem, p. 24.

observando o outro exercer – o ajudante observando o patrão, o filho acompanhando o pai, um parente ou amigo espiando o outro. Aqueles que estavam na condição de aprendizes não raras vezes herdavam a obra que, sempre a mesma a ser acionada por diversos leitores, se acomodava, à semelhança do que ocorria com o *Lunário Perpétuo*, numa modalidade de leitura dita *intensiva*. Assim, a despeito das várias edições atualizadas dos *Chernoviz*, parecia ser o mais comum que os leitores não estivessem tão sensibilizados com o que havia de novo; ao contrário, apreciariam os livros que, em certo sentido, “perpetuam os mesmo textos e as mesmas formas, que fornecem às gerações sucessivas referências idênticas”.²⁶⁷

Nessas circunstâncias, os *Chernoviz* formaram muitos farmacêuticos e práticos de farmácia não apenas de fato, mas também de direito. Como conta José de Figueiredo Filho, seu pai foi bem sucedido num exame junto à repartição de higiene do Ceará com vistas a avaliar sua habilidade de manipular – condição para usufruir de licença para praticar num momento em que as preocupações em torno do exercício profissional de médicos, farmacêuticos e dentistas recrudesciam. Pode-se inferir que a avaliação positiva de Zuza devia-se em alguma medida aos ensinamentos que colheu no livro.

Esse reconhecimento dos *Chernoviz* por parte das instâncias oficiais não era apenas indireto, como no caso de Zuza, e também de tantos outros práticos de farmácia de biografia profissional semelhante. Maria Regina Cotrim Guimarães informa que até o ano de 1929, quando se criou finalmente uma farmacopeia nacional, as sucessivas repartições de higiene imperiais e republicanas recomendavam que as farmácias e os farmacêuticos seguissem, dentre uma seleta lista de livros, o *Formulario ou Guia Medica* do Dr. Chernoviz.²⁶⁸ Betânia Figueiredo notifica que as legislações de higiene de Minas Gerais da segunda metade do século XIX, “ao definir os critérios para o bom funcionamento da farmácia, incluíam entre os livros imprescindíveis o *Formulario ou Guia Medica* do doutor Chernoviz”.²⁶⁹ No Ceará, a Diretoria Geral de Higiene publica em 1919 seu novo regulamento em cujo texto destaca-se o artigo 101: “Emquanto não estiver organizada uma pharmacopéa brasileira, os pharmaceuticos são obrigados a

²⁶⁷ CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009, p. 86.

²⁶⁸ GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. **Civilizando as artes de curar: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2003, p. 34.

²⁶⁹ FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Os manuais de medicina e a circulação do saber no século XIX no Brasil: mediação entre o saber acadêmico e o saber popular. **Educar**. Curitiba, n. 25, 2005, p. 69.

seguir, na confecção dos preparados officinaes, o Codigo Francez”,²⁷⁰ do qual os *Chernoviz* eram os maiores seguidores e, por tabela, divulgadores.

Logo, seja pelas exigências advindas de um controle do exercício da profissão, que reconhecia direta e indiretamente, na obra do Dr. Chernoviz, o mérito de reunir os princípios básicos da moderna ciência médica e farmacêutica, seja por razões que remontam ao apreço por livros em profunda comunhão com a vida prática, o fato é que os *Chernoviz* habitaram intensamente o espaço das farmácias. Em suas memórias de prático de farmácia na cidade sertaneja de Boa Viagem, onde viveu ao longo das primeiras décadas do século XX, Antenor de Barros Leal assim descreve o interior de um estabelecimento farmacêutico:

Na entrada do laboratório, ficava o nome da farmácia, acompanhado por duas bonitas e enormes botelhas de vidro branco, cheias de álcool, com as cores azul e vermelho. Logo depois encontrava-se a mesa de trabalho do laboratorista, tendo ao lado os livros indispensáveis: farmacopeia, dicionário de sinônimos, de incompatibilidades e o conhecido ‘Chernoviz’, de autoria do grande mestre Pedro Luiz Napoleão Chernoviz; balança milesimal, mais duas balanças pequena e média, copos graduados, bastões, graus de louça completos, pedra e espátulas para o fabrico de pomadas, pilulador, prateador, capsulador, papel e estopa finíssima para filtrar líquidos, capsulas e capselas de porcelana resistente ou de metal para o preparo de remédios ao fogo, funis de vidro de diversos tamanhos. Escrivaninha com todos os seus aprestos, papel, tinteiro, caneta com pena de metal, lápis preto e vermelho, etiquetas etc.²⁷¹

Fazendo parte da paisagem da farmácia, os *Chernoviz* imiscuíam-se nas oficinas de manipulação, junto a toda a parafernália, aos móveis, aos pequenos objetos e aos adereços caros ao ofício da produção de remédios. A capa preta ou vermelha do livro ornava com o colorido dos vidros, garrafas e líquidos, gerando um pouco voluntariamente uma atmosfera alquímica com sua aura de magia e segredos. Cientes, inclusive, dos efeitos decorativos da farmácia, efeitos que possivelmente faziam apelo junto aos clientes, os *Chernoviz* para eles colaboravam não apenas em seu volume grosso e imponente, mas igualmente a partir de instruções em suas páginas. Nelas, podiam ser lidas diversas recomendações sobre a confecção, a arrumação e a manutenção de frascos, lacres, rótulos, vidros, alabastros, objetos de flandres etc.;

²⁷⁰ CEARÁ. Leis do Estado. **Regulamento da Directoria Geral de Hygiene**. Aprovado pelo decreto legislativo nº 1643 de 8 de Novembro de 1918. Fortaleza: Est. Graphico A. C. Mendes, 1919, p. 32.

²⁷¹ LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 119.

também traziam dicas para as “AGUAS DE CÔR. Para vasos que na França e em alguns outros paizes se costuma pôr na entrada das boticas, como enfeites”,²⁷² e explicavam o que eram as afamadas Árvores de Saturno: “Deposito de chumbo metalico cristalisado, que se produz sob a forma de vegetações, deixando-se uma lamina de zinco numa solução de acetato de chumbo. Vê-se ás vezes esta preparação exposta em algumas boticas como enfeite”.²⁷³

Compondo e ensinando a compor a paisagem das farmácias, ocupando as bagagens dos médicos e farmacêuticos em rota pelos sertões em busca de doentes e de dinheiros, recebendo um recanto nos domicílios, usufruindo de lugar cativo nas bibliotecas de letrados, os *Chernoviz* circularam amplamente. Os leitores que puderam comprar os calhamaços certamente impulsionaram diversos circuitos pautados, sobretudo, pelas questões da saúde e da doença, mas não apenas. Projetado para contemplar as coisas da vida prática, o *Diccionario de Medicina Popular*, em especial, agregou também as ditas Ciências Acessórias, “noções sobre os animaes domesticos, e sobre muitos outros assumptos de historia natural, de physica, chimica, mineralogia, sob o ponto de vista de suas relações com a medicina. Estes conhecimentos uteis achão frequentemente sua applicação no curso quotidiano da vida”.²⁷⁴ O apelo à empiria, tal como ocorria no *Lunário Perpétuo*, exigia uma maior amplitude de assuntos que, no caso dos Chernoviz, incluíam o trato com os animais, as receitas para fabricar tintas, os modos de preparar alimentos etc. Fato que diversificava os espaços e as ocasiões de leitura.

3.3. A lógica dos verbetes

A obra de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz esteve muito longe de iniciar uma tradição de livros de medicina autoinstrutivos em território brasileiro. A partir do século XVIII, além do *Lunário Perpétuo*, do *Compêndio Narrativo do Peregrino da América* e do *Erário Mineral*, começaram a ganhar destaque os livros escritos por médicos

²⁷² CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Formulario ou Guia Medica**. 6. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1865, p. 548.

²⁷³ Ibidem, p. 556.

²⁷⁴ Idem. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 4. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1870, p. VIII.

europeus cujas traduções portuguesas os levaram a razoável difusão por aqui. Maria Regina Cotrim Guimarães elenca o *Aviso ao povo a respeito de sua saúde*, do francês Samuel Tissot, de 1769, com primeira tradução para o português em 1773; o *Medicina Pratica*, do escocês William Cullen, de 1777, com edição portuguesa datada de 1788; e o *Manual de medicina domestica*, de William Buchan, também escocês, com primeira edição de 1789. Esse último livro foi um imenso sucesso editorial, alvo de múltiplas traduções e edições em quase todas as línguas europeias; sabe-se que uma segunda edição em português data de 1788.²⁷⁵

No século XIX, os livros setecentistas originalmente em português ou para esta língua traduzidos continuaram a circular. Junto a eles, vieram outros, desta feita, confeccionados em língua portuguesa e assinados por médicos que, embora estrangeiros, estavam instalados no Brasil. Assim, lançaram-se as obras de Jean-Baptiste Alban Imbert, *Manual do fazendeiro ou tratado doméstico sobre as doenças dos negros*, com duas edições, sendo a primeira de 1834, e *Guia medico das mães de família*, de 1837; os livros de Louis-François Bonjean, *O medico e o cirurgião da roça*, de 1857, que teve uma segunda edição, e *Pequenos socorros ou a medicina e a cirurgia simplificadas*, de 1866; e também o *Diccionario de Medicina Popular*, de 1842, do Dr. Chernoviz, seguido, na década de 1860, pelo *Diccionario de Medicina Domestica e Popular*, da pena do médico dinamarquês Theodoro Langgaard. Diante desse quadro, a obra do Dr. Chernoviz viria a se destacar pela opção por uma disposição textual até então inédita para os livros de medicina autoinstrutivos no Brasil – a forma *dicionário*.²⁷⁶

²⁷⁵ GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. **Civilizando as artes de curar:** Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2003, p. 38-48.

²⁷⁶ Para Maria Regina Cotrim Guimarães, a escolha do Dr. Chernoviz por um texto na forma dicionário se inspira em uma obra francesa congênere que se celebrou sob o nome de Littré. Conferir: Ibidem, p. 68. Trata-se, em verdade, do *Dictionnaire de médecine, de chirurgie, de pharmacie, des sciences accessoires et de l'art vétérinaire*, publicado pela primeira vez em 1806 pelo Dr. Capuron, membro da Academia de Paris. Sua segunda edição, de 1810, conta com a participação de P. H. Nysten, médico que figura sozinho na autoria e edição subsequente, de 1814. Émile Littré, que também se dedicara a outros empreendimentos na forma de dicionário, sobretudo um afamado dicionário de língua francesa, só viria a participar da 11ª edição da obra, no ano de 1855, com a colaboração de Charles-Philippe Robin. Littré é responsabilizado pela completa reformulação da obra, realizando uma transição entre uma ciência médica vitalista de inspiração religiosa para uma medicina moderna, organizada segundo o paradigma clínico. Embora, ao longo das múltiplas edições do século XIX, o *Dictionnaire* mantivesse sempre o nome de P. H. Nysten, celebrou-se, assim como aconteceu aos *Chernoviz*, pela alcunha de Littré. Conferir: GIRAUD, Leopold. L'Histoire d'un livre ["Dictionnaire de médecine", de P. –H. Nysten, revu par E.

Pierre Rétat escreve que o crescimento da publicação de dicionários, com múltiplos formatos, volumes e temas, constituiu um fenômeno que marcou consideravelmente a edição europeia, sobretudo na França, entre o final do século XVII e início do século XVIII. A afamada *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, considerada o texto supremo do Iluminismo, organizada por Diderot e D'Alembert, publicada entre os anos de 1751 e 1772, constituiu o exemplo maior desse fenômeno e, ao mesmo tempo, seu ponto de inflexão:

La mutation qu'opère l'*Encyclopédie* comme 'dictionnaire raisonné' consiste à passer de l'étalement de la nomenclature, et des 'curiosités', à la postulation d'un ordre, d'une structure des sciences et de l'esprit humain dans sa perception du monde, que le dictionnaire doit refléter. [...]

L'ordre alphabétique ne répondra plus qu'à une contrainte de la présentation ; il sera doublé par l'ordre 'méthodique' qui permettra de reconstituer la connexion entre les articles d'une même science, et de rétablir à volonté l'architecture de l'ensemble. On connaît l'importance que Diderot et d'Alembert donnaient aux 'renvois', et aux mentions qui accompagnent chaque terme et réfèrent le lecteur à l'arbre encyclopédique. *Tantum series juncturaque pollet*, annonce l'épigraphe de l'*Encyclopédie*. À la lecture errante du dictionnaire doit se substituer une lecture restructurante.²⁷⁷

Após a *Encyclopédie*, portanto, a tendência era que a forma dicionário comportasse implicações muito além de um simples formato textual. Ao contrário de uma compilação de curiosidades dispostas em ordem alfabética, o dicionário passa a exprimir uma totalidade que se apresenta em obediência a um raciocínio, a uma arquitetura teórica vislumbrada a partir do seguimento dos reenvios sugeridos em cada verbete. Dito de outro modo, mediante os reenvios de um artigo a outro, o leitor empreenderia uma leitura metódica do livro que promovia a conexão das partes entre si e com um todo.

Litré et C. Robin]. **Journal des villes et des campagnes**. Paris: impr. De Pillet aîné, 1er novembre 1861 s/p.

²⁷⁷ “A mutação que opera a *Encyclopédie* como ‘dicionário raciocinado’ consiste a passar do escalonamento da nomenclatura e das ‘curiosidades’, para a postulação de uma ordem, de uma estrutura das ciências e do espírito humano em sua percepção do mundo, que o dicionário deve refletir. [...] A ordem alfabética não responderá mais a uma simples exigência da apresentação; ela será desbancada pela ordem ‘metódica’ que permitirá reconstituir a conexão entre os artigos de uma mesma ciência e estabelecer facilmente a arquitetura do conjunto. Conhece-se a importância que Diderot e D'Alembert davam aos ‘reenvios’ e às menções que acompanhavam cada termo e remetem o leitor à árvore enciclopédica. *Tantum series juncturaque pollet*, anuncia a epígrafe da *Encyclopédie*. A uma leitura errante do dicionário deve substituir uma leitura reestruturante” [Tradução minha]. RÉTAT, Pierre. L'âge des dictionnaires. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (Org.). **Histoire de l'édition française**. 2. Le livre triomphant 1660-1830. Paris: PROMODIS, 1984, p. 191-192.

Essa operação não era inocente. Ao contrário, poderia trazer as consequências mais graves, como de fato trouxe para o caso dos enciclopedistas. Para Robert Darnton, os 17 volumes in-fólio com informações de A a Z que formavam a *Encyclopédie* podem ser considerados revolucionários não pelo simples inventário das várias técnicas de moagem de cereal, das informações sobre a fabricação de alfinetes e das regras de declinação dos verbos, mas, antes disso, por “desmancharem a antiga ordem do conhecimento e traçarem novas linhas entre o conhecido e o desconhecido”. Era o próprio Diderot quem lembrava, no *Prospectus* que acompanhava a obra, que a palavra enciclopédia “provinha do termo grego correspondente a círculo, significando ‘concatenação (enchaînement) das ciências’”,²⁷⁸ e, em termos bastante gerais, essa concatenação não mais obedeceria aos preceitos tradicionais que viam o conhecimento como fruto da revelação divina, mas se atrelava à marcha da razão humana, em especial, na forma das realizações, descobertas e pensamentos dos grandes homens de letras e de ciências.

Bem mais modesto do que a *Encyclopédie*, já que sua totalidade tende a um domínio específico do conhecimento, a medicina, o *Diccionario de Medicina Popular* do Dr. Chernoviz guardava a ambição de ser um “‘traité’ complet susceptible d’une lecture ordonnée”.²⁷⁹ Essa leitura ordenada parece ter sido consideravelmente tributária do paradigma clínico. Em *O Nascimento da clínica*, Michel Foucault localiza em fins do século XVIII um decisivo ponto de inflexão no interior da ciência médica. Entre muitas coisas, o paradigma clínico levou a uma estabilização da natureza da doença, cuja nova compreensão se deve aos parâmetros da história natural. Assim como as plantas, os animais e demais coisas do mundo, as doenças se encontrariam numa unidade de espécie, e como tal constituiriam “um todo indivisível, desde seu início até o seu término”.²⁸⁰ Nesses termos, a doença expressaria a unidade básica da ciência médica, organizando os demais componentes desse saber ao redor de si – as causas, os sintomas, os prognósticos e os tratamentos.

²⁷⁸ DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos**. E outros episódios da História Cultural Francesa. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 250-251.

²⁷⁹ “tratado completo suscetível de uma leitura ordenada” [Tradução minha]. RÉTAT, Pierre. *L’âge des dictionnaires*. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (Org.). **Histoire de l’édition française**. 2. Le livre triomphant 1660-1830. Paris: PROMODIS, 1984, p. 192.

²⁸⁰ FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987, p. 107.

Dentro dessa disposição, o mais complicado parecia ser distinguir o que era um sintoma daquilo que era a doença, ou o que era essa parte que facilmente poderia se confundir com o todo. No *Diccionario de Medicina Popular*, os esforços quanto a essa diferenciação aparecem na criação do verbete SINTOMA: “Chamão-se symptomas os diversos phenomenos que sobrevém n’uma molestia. Pela reunião e successão dos symptomas é que se conhece a molestia”;²⁸¹ ao passo que os verbetes DOENÇA ou MOLÉSTIA inexistem, ou só existem na forma de suas numerosas espécies. Esse empenho de distinção se manifesta também nos recorrentes reenvios dos verbetes de sintomas, frequentemente lacônicos, para aqueles de doenças, normalmente extensos. Como exemplos de verbetes de sintomas, tinham-se: “PERNAS TORTAS. *Veja-se RACHITISMO*”;²⁸² “COLICA DE INDIGESTÃO. *Veja-se o artigo INDIGESTÃO*”;²⁸³ “CONDYLOMA [...] *Veja-se o artigo SYPHILIS*”;²⁸⁴ “PUXOS. Vontade continua, dolorosa e quasi inutil de ir á banca, acompanhada de calor no anus; observa-se na *dysenteria*. *Veja-se Vol. II, pag. 67*”;²⁸⁵ “REMÉLA [...] *Veja-se OPHTALMIA DO OLHO*”;²⁸⁶ “TRISMO OU CERRAÇÃO DOS QUEIXOS, *Veja-se TETANO, Vol. III, p. 552*”;²⁸⁷ “TOSSE CONVULSIVA. *Veja-se COQUELUCHE, Vol. I, p. 438*”.²⁸⁸

Seguindo as instruções dos verbetes acima, depara-se com aqueles de doenças, consideravelmente desenvolvidos. Tome-se o artigo TETANO, que ocupa mais de três páginas do *Diccionario*, como exemplo:

TETANO. Molestia caracterizada pela rijeza e contracção convulsiva permanente de uma parte ou da totalidade dos musculos. Esta molestia chama-se tambem *ar de espasmo*.

Causas. Todas as impressões dolorosas são susceptíveis de determinar o tetano. Os grandes pezares tem ás vezes provocado esta molestia. Diremos o mesmo das fadigas excessivas, da subita supressão da transpiração, da presença dos vermes nos intestinos, das indigestões. Mas de todas as causas desta molestia, as feridas graves são as que a produzem mais frequentemente. Ás vezes desenvolve-se sem causa conhecida.

²⁸¹ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 3. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 480.

²⁸² Ibidem, p. 213.

²⁸³ Ibidem. v. 1, p. 404.

²⁸⁴ Ibidem, p. 412.

²⁸⁵ Ibidem. v. 3, p. 301.

²⁸⁶ Ibidem, p. 349.

²⁸⁷ Ibidem, p. 561.

²⁸⁸ Ibidem, p. 535.

Symptomas. O tetano principia ás vezes subitamente; mas de ordinario é precedido de tristeza profunda, anxiedade, insomnia e cansaço geral; em seguida sobrevem difficuldade de engulir, rijeza no pescoço; depois o doente não póde abrir a bocca, e a constricção aumenta de tal maneira, que os mais violentos esforços seriam impotentes para abrir os queixos. [...] O rosto torna-se animado, apresenta um caracter particular de soffrimento; os olhos ficam luzidios e fitos, um suor abundante e viscoso cobre o corpo, a sede é excessiva, a deglutição difficil, e ás vezes impossivel, a respiração penosa, as dôres crueis, o pulso frequente.

Prognostico. O tetano é sempre uma molestia mui grave. Aquelle que sobrevem espontaneamente offerece maiores probabilidades de cura. Se é sómente caracterizado pela contracção dos musculos do rosto (trismo), é o menos grave de todos. Se a molestia se prolonga além do setimo ou oitavo dia, raras vezes tem consequencias funestas.

Tratamento. De todos os medicamentos que são aconselhados contra o tetano, parece-me que merece a preferencia o ether sulfurico administrado internamente em forte dóse. Tenho já obtido com este medicamento algumas curas, e eis-aqui a formula em que o emprego:

Ether sulfurico	meia onça
Agua commum	7 onças
Xarope de gomma	1 onça.

Misture. Sendo o doente uma pessoa adulta, bebe, no primeiro dia, uma colher de sopa desta poção, de hora em hora.²⁸⁹ (grifos no original)

Vê-se claramente que são aos verbetes de doenças que o *Diccionario de Medicina Popular* concede o privilégio de sentido, desenvolvendo o texto quase sempre em três, quatro ou mais páginas. Estrutura central do domínio de saber ao qual se dedica majoritariamente o livro, a doença expressava o verbete por excelência. Daí que outros reenvios, além daqueles presentes nos artigos de sintomas, também se operariam em sua direção; como, por exemplo, aqueles de remédios, como em VERMIFUGO, na sequência do qual se lê: “Veja-se [...] o artigo VERMES”;²⁹⁰ aqueles de órgãos do corpo, como em ESTOMAGO, ao fim do qual se escreve “Embaraço no estomago. Veja-se Vol. II, p. 83”;²⁹¹ UTERO, seguido de “Veja-se CANCRO DO UTERO, Vol. III, p. 552”;²⁹² CEREBRO, ao fim do qual se inscreve “A inflammação do cerebro chama-se tambem FEBRE CEREBRAL (Veja-se esta palavra). As outras affecções do

²⁸⁹ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 3. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 512-514.

²⁹⁰ Ibidem, p. 599.

²⁹¹ Ibidem, v. 2, p. 203.

²⁹² Ibidem, v. 3, p. 561.

cerebro vão descriptas nos artigos APOPLEXIA, COMMOÇÃO CEREBRAL, CONGESTÃO CEREBRAL” etc.²⁹³

Em verbetes próprios, anunciados em maiúsculas e negrito, a doença é o centro em torno do qual orbitam, em subseções delimitadas pelos tipos itálicos, as causas, os sintomas, os prognósticos, os tratamentos. De fato, pode-se inferir que “les éléments non verbaux qui constituent les signes typographiques et la disposition même de l’espace de la page ont une fonction expressive et contribuent à la production du sens”.²⁹⁴ E assim, o texto e os caracteres tipográficos se entranham, participando a concatenação do *Diccionario* com base no paradigma clínico.

Acrescente-se aqui que, para o Dr. Chernoviz, não bastou elaborar um dicionário da ciência médica, inscrevendo ordenadamente a totalidade desse domínio em dois ou três volumes. A essa originalidade no âmbito dos livros de medicina autoinstrutivos publicados em língua portuguesa, o médico polonês integrou a preocupação em fazê-lo, numa “linguagem acomodada a intelligencia”²⁹⁵ do público leitor, a quem caracterizava em geral como “as pessoas estranhas á medicina”.²⁹⁶

Das operações que acomodariam a linguagem para os leitores não iniciados, duas se destacavam, uma que diz respeito aos usos comuns da língua e outra que concerne a procedimentos comparativos ou metafóricos. A primeira delas poderia ocorrer mediante traduções dos termos científicos em vocábulos de uso corrente e vice-versa. Para tanto, os reenvios se faziam um mecanismo privilegiado, auxiliando a ordenação do saber pelo agrupamento de sinônimos. Os exemplos são numerosos: “BAFO. *Veja-se HALITO*”;²⁹⁷ “CABEÇA DE PREGO. Dá-se este nome ao fruncho ou leicença. *Veja-se FRUNCHO*”;²⁹⁸ “AZEDUME. *Veja-se AZIA*”;²⁹⁹ “COMIDA. *Veja-se*

²⁹³ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 328.

²⁹⁴ “os elementos não verbais que constituem os signos tipográficos e a disposição mesma do espaço da página têm uma função expressiva e contribuem para a produção do sentido” [Tradução minha]. MCKENZIE, D. F. **La bibliographie et la sociologie des textes**. Paris: Cercle de la Librairie, 1991, p. 36.

²⁹⁵ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 3. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1862, p. XI.

²⁹⁶ Idem. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 5. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1878, p. VII.

²⁹⁷ Idem. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 176.

²⁹⁸ Ibidem, p. 286.

²⁹⁹ Ibidem, p. 171.

o artigo ALIMENTOS, Vol. I, p. 58”;³⁰⁰ “CARREGAÇÃO DOS OLHOS. *Veja-se* OPHTALMIA”;³⁰¹ “ENGULHO. *Veja-se* NAUSEA”;³⁰² “RODELLA DO JOELHO. *Veja-se* ROTULA”;³⁰³ “TRIPAS. *Veja-se* INTESTINOS, Vol. II, p. 457”;³⁰⁴ “RENDIDO DAS VIRILHAS OU RENDIDURA. *Veja-se* QUEBRADURA, Vol. III, p. 312”.³⁰⁵

A essa modalidade de aproximação, vinha agregar-se outra, que consistia no uso de procedimentos comparativos e/ou metafóricos, nos quais se acionavam referências que se supunha serem familiares de seu público. Para se ter uma ideia do trabalho sobre a linguagem realizado neste âmbito pelo *Diccionario de Medicina Popular*, proceda-se a uma comparação com outros dicionários. Tome-se o verbete CORAÇÃO.

Na obra organizada pelo Dr. Sigismond Jaccoud, o *Nouveau Dictionnaire de Médecine et de Chirurgie Pratiques*, com 40 tomos, confeccionado para a instrução dos médicos, fartamente utilizado como material didático nas faculdades de medicina brasileiras ao longo do século XIX, tinha-se, em edição de 1868, que:

Le coeur est situé dans la poitrine, immédiatement derrière la paroi thoracique antérieure à laquelle il transmet ses battements, et en avant de la colonne vertébrale dont le séparent l’aorte descendente et l’oesophage. Il occupe entre les deux poumons, qu’il contribue à tenir écartés, un espace que limitent les plèvres et qui porte le nom de médiastin.

[...]

Le coeur, vu en situation avec le péricarde ouvert et envisagé dans son aspect général, a la forme d’un cône renversé dont l’axe est oblique de haut en bas, d’arrière en avant et de droite à gauche.³⁰⁶

³⁰⁰ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 410.

³⁰¹ Ibidem, p. 290.

³⁰² Ibidem, v. 2, p. 103.

³⁰³ Ibidem, v. 3, p. 370.

³⁰⁴ Ibidem, p. 537.

³⁰⁵ Ibidem, p. 349.

³⁰⁶ “O coração está situado no peito, imediatamente atrás da parede torácica anterior à qual ele transmite seus batimentos, e na frente da coluna vertebral, dela separado pela aorta descendente e pelo esôfago. Ele ocupa entre os dois pulmões, os quais ele contribui para se manterem separados, um espaço limitado pelas pleuras e que recebe o nome de mediastino. [...] O coração, visto em situação com o pericárdio aberto, e observado em seu aspecto geral, tem a forma de um cone invertido cujo eixo é oblíquo de alto a baixo, de trás para frente e da direita para a esquerda” [Tradução minha]. JACCOUD, Sigismond. (Org.). **Nouveau Dictionnaire de Médecine et de Chirurgie Pratiques**. v. VIII. Paris: J. B. Bailliére et Fils, 1868, p. 251-252.

Já no *Diccionario de Medicina Domestica e Popular*, em edição de 1865, da pena do Dr. Theodoro Langgaard, que, assim como o Dr. Chernoviz, buscava atrair um leitor não iniciado, inscrevia-se:

CORAÇÃO. É um músculo côncavo encerrado no pericárdio; existe no peito entre os pulmões, por cima do diaphragma, sobre o qual está obliquamente situado; a sua fôrma é a de um cone, cuja ponta dirigida para a parte anterior, inferior e esquerda, corresponde ao intervalo da sexta e setima costella; achão-se na sua superficie externa gotteiras longitudinaes, transversas e obliquas, que alojão vasos sanguineos e nervos.³⁰⁷

Do dicionário organizado pelo Dr. Jaccoud para aquele assinado pelo Dr. Langgaard, observa-se algo como uma transposição sob a forma de um trabalho de síntese. Embora estivesse no horizonte desse último autor proporcionar ao seu leitor uma linguagem menos restrita e menos dura do que aquela da ciência, ele mesmo chega a confessar seus limites quanto a esta intenção: “É grandemente difícil, senão de todo impossivel escrever uma obra como esta sem usar de muitos termos propriamente scientificos. Tive, pois, de servir-me delles tambem; mas de todos os que empreguei neste meu diccionario, no lugar competente, dou uma definição exacta”.³⁰⁸

Já no *Diccionario de Medicina Popular* do Dr. Chernoviz, a descrição do órgão ganha outros contornos:

CORAÇÃO. Órgão escavado e muscular, que se acha no interior do peito, um pouco do lado esquerdo; agente principal da circulação do sangue; tem a fôrma de um pão de assucar ou de uma pyramide achatada. Seu volume, um pouco mais consideravel no homem do que na mulher, equivale pouco mais ou menos ao da mão de um homem fechada.³⁰⁹

Explicando resumidamente a localização, a função e a forma do órgão, o Dr. Chernoviz o faz com o cuidado de evitar os termos mais restritos ao campo científico, como pericárdio, diafragma etc., e ainda mobilizando referências facilmente compartilhadas por todos. Com efeito, no lugar de um cone achatado com goteiras

³⁰⁷ LANGGAARD, Theodoro J. H. **Diccionario de Medicina Domestica e Popular**. v. 1. 1. ed. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1865, p. 468-469.

³⁰⁸ Ibidem, p. IX.

³⁰⁹ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 443.

longitudinais, parecia ser muito mais simples imaginar o coração com o tamanho de uma mão fechada e com a forma de um pão de açúcar achatado.

Com uma escrita descomplicada que evoca a comparação com objetos e paisagens com que os leitores são familiarizados, o *Diccionario de Medicina Popular* abre-se para uma leitura mais palatável, com construções metafóricas que flertam com uma escrita literária. É o que se observa no verbete abaixo:

INTESTINOS. Na sua significação mais extensa, o intestino designa todo o canal alimentario desde a bocca até ao anus; mas ordinariamente esta palavra exprime a porção do conducto digestivo que existe no ventre, o qual, principiando no estomago, se estende, depois de um grande numero de circumvoluções, até ao anus; é o que se chama vulgarmente *tripas*. No homem adulto, seu comprimento varia de quatro a cinco vezes o comprimento do corpo, isto é, de vinte e cinco até trinta pés. O intestino se divide em *delgado* e *grosso*. O primeiro é formado de tres partes: o duodeno que faz a continuação do estomago, o jejuno que segue depois, e o ileo que termina a porção delgada do tubo digestivo. O intestino grosso compõe-se tambem de tres partes: o ceco que succede ao ileo, depois o colon, e enfim o recto, que acaba entre as duas nadegas, pela abertura chamada anus. Como se vê, estas partes que tomão differentes denominação, compoem um só órgão. É uma só rua, que muda muitas vezes de nome.³¹⁰ (grifos no original)

Assim como os INTESTINOS são uma só rua que muda muitas vezes de nome, a VELHICE, a despeito de todos os seus sintomas, “é a tarde de um bello dia”.³¹¹ E o *Diccionario* vai mais além. Após explicar o funcionamento do OLFACTO, o Dr. Chernoviz não resiste em escrever que “Quando os primeiros raios do sol toçã a terra, o ar, carregado das emanações das flôres, faz experimentar mui agradaveis sensações. No seio desta atmosphaera cheirosa, as idéas são mais risonhas, e ás vezes uma melancolia deliciosa se apodera de nossa alma”.³¹² Elencando as moléstias da puberdade, quando o sexo oposto torna-se um perigo, o autor confessa: “Perturbação bella, que denota uma alma que ama, mas ainda virtuosa!”.³¹³

É bem verdade que se pode atribuir a esses procedimentos comparativos, metafóricos e literários uma maior entrada do livro entre um leque amplo e variado de

³¹⁰ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 2. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 457-458.

³¹¹ Ibidem, p. 422.

³¹² Ibidem, v. 3, p. 105.

³¹³ Ibidem, v. 1, p. 91.

leitores, que, aliás, por conta disso, ampliavam as possibilidades de uso do texto, incluindo aqueles comprometidos com a fruição. No entanto, a opção do Dr. Chernoviz em desenvolver uma escrita que mescla a linguagem científica com os recursos da literatura não deve ser entendida como um mecanismo estritamente vinculado a angariar o prestígio dos leitores, embora ele possa ter tido essa consequência. Em realidade, nos oitocentos, as fronteiras entre o texto literário e o texto científico ainda não pareciam estar muito bem definidas. Da mesma forma que os romances se queriam “um ramo da fisiologia”,³¹⁴ os livros de ciência usaram aportes da ficção. De modo que, para o *Diccionario de Medicina Popular*, assim como para outros livros científicos, o “estatuto científico está presente, mas não é contraditório com um *status* literário”.³¹⁵ Em todo caso, tudo indica que o Dr. Chernoviz, comparado aos autores de livros de medicina da segunda metade dos oitocentos, soube muito bem se valer dessa ambivalência.

3.4. Imagens

Ainda com o intuito de tornar o livro mais acomodado ao que presumia ser a inteligência de seus leitores, o Dr. Chernoviz lançou mão das ilustrações. Ausentes da primeira edição, as imagens começam a aparecer a partir da segunda, de 1851, na forma de estampas e em número de cinco. De cinco passam, na terceira edição, de 1862, para 231. Na quarta edição, de 1870, alcançam o número de 422, e na edição subsequente, de 1878, chegam a 500. A última edição traz 913 figuras intercaladas no texto. O crescimento vertiginoso da quantidade de imagens testemunha a confiança do Dr. Chernoviz na sua importância para o encaminhamento da leitura.

Segundo o Dr. Chernoviz, precedidas pelos reenvios, as imagens “facilitão a intelligencia das descripções”.³¹⁶ Mais do que ilustrar aquilo que o texto informava, as imagens participariam ativamente da construção do sentido, “permittindo muitas vezes que se abreviassem as descripções, dando ao mesmo tempo uma ideia clara e recta das

³¹⁴ QUEIROZ, Eça de. Almanques (Introdução ao 1.º volume do ‘Almanque Enciclopédico’). In: Idem. **Notas Contemporâneas**. Porto: Lello & Irmão Editores, 1913, p. 527-528.

³¹⁵ CHARTIER, Roger; FAULHABER, Priscila; LOPES, José Sérgio Leite (Org.). **Autoria e história cultural da ciência**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012, p. 76.

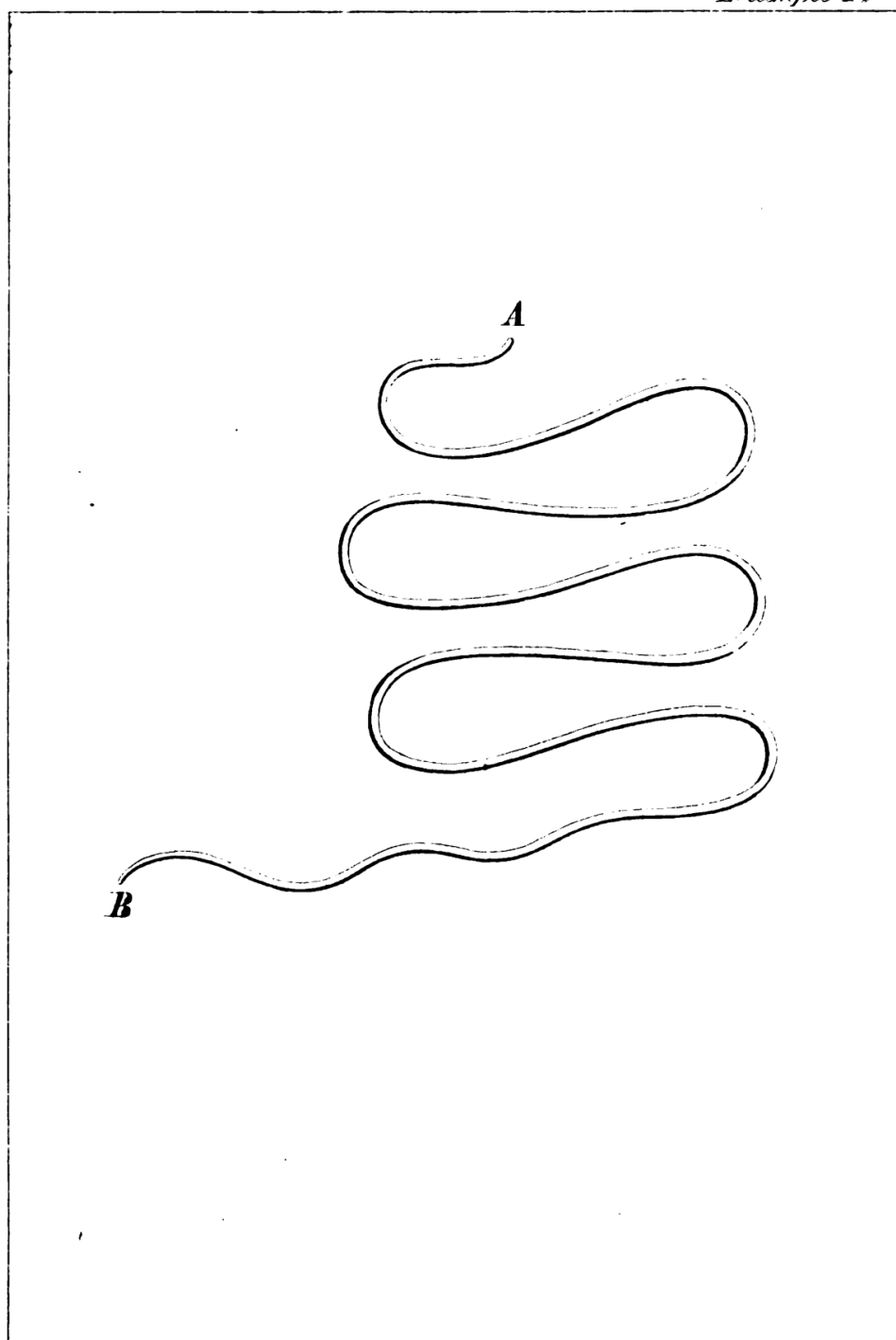
³¹⁶ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 5. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1878, p. VI.

coisas”.³¹⁷ Em todo caso, as expectativas que o *Diccionario de Medicina Popular* depositou nas relações entre as imagens e o texto concerniam a uma estabilização, espécie de universalização do objeto que a letra e a figura representavam, tentando fazê-lo o mesmo para a vasta gama de leitores. Tratava-se, pois, de uma educação do olhar. De fato, desde seu surgimento, a grande maioria das imagens recebe o encargo de, uma vez cotejadas com o texto, proporcionar ao leitor o reconhecimento dos objetos que representam – majoritariamente plantas, bichos e partes do corpo. Nessas representações, as operações que buscam aproximá-las dos objetos reais podem ser várias.

Quando aparecem pela primeira vez no *Diccionario de Medicina Popular*, na edição de 1851, as cinco imagens na forma de estampas retratam pequenos animais que provocam doenças – quatro vermes intestinais, *solitaria*, *lombriga*, *ascarida vermicular* e *trococephalo*, além de dois outros parasitas, o *dracunculo* e o *oução*. Alocadas ao lado das descrições desenvolvidas em cada verbete, algumas dessas ilustrações vinham a reforçá-las, introduzindo elemento comprometido em operar em alguma medida uma justaposição da representação com a coisa representada. Veja-se o verbete DRACUNCULO OU BICHO DA COSTA. Nele, lia-se: “bicho cylindrico, filiforme, mui alongado, de côr branca, de grossura igual em toda a sua extensão, menos na cauda, que é um pouco mais delgada e curva. [...] Seu comprimento varia de nove a dez pollegadas até seis ou sete varas, e a grossura desde a de um fio de linha até a de um barbante”,³¹⁸ a que se seguia a estampa:

³¹⁷ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 1. 6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. VI.

³¹⁸ Idem. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 2. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 64.



Dracunculo ou Bicho da Costa.
do tamanho natural, mui curto.
A. Cabeça *B. Cauda.*

Figura 21. Imagem do *Dracunculo* ou Bicho da 'Costa', presente na segunda edição do *Diccionario de Medicina Popular*, 1851. (CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, s/p.).

A legenda apontava a cabeça e a cauda, trechos com suas particularidades próprias seguindo a descrição escrita. Cientificava também que a representação do verme estava “do tamanho natural”, o que, em cruzamento com as referências da linha e do barbante, agrega um extrato de precisão à imagem, incutindo um efeito de realidade.

Iniciado pelas características de tamanho, o apreço pelo “natural” ganharia uma outra dimensão a partir de um verbete reformulado na quarta edição do *Diccionario de Medicina Popular*, de 1870. Trata-se do artigo RAIVA. Sobre ele, o Dr. Chernoviz escreve já no prefácio:

Entre os artigos redigidos de novo, chamo a atenção dos meus leitores sobre a descripção do cão damnado. É feita segundo as recentes observações colhidas na Escola de Veterinaria de Afort, perto de Pariz, e vai acompanhada de uma figura que representa um cão damnado retratado ao natural. O modelo que servio para o retrato, foi um cão damnado que se achava n’um estabelecimento de Pariz, no qual se recebem e se tratão animaes doentes. A figura que apresento differe muito das que se achão em alguns outros livros, por terem sido estas desenhadas de imaginação. O fim d’este artigo é habilitar as pessoas que o lerem, para reconhecer os primeiros signaes da raiva, antes que os animaes doentes se tornem perigosos.³¹⁹

Da mesma forma que se pensou para as imagens dos parasitas, trata-se aqui de realizar em alguma medida uma relação mais estreita entre a representação e a coisa representada com vistas a tornar mais eficaz o reconhecimento do objeto, e mais prontas as medidas de saúde que demandaria. Se, no primeiro caso, essa tarefa se efetuava pela reprodução das medidas – do comprimento, da largura, do tamanho –, para a ocorrência do cão danado, esse efeito atrelava-se às condições de produção da imagem. Assim, a revelação de que, durante o procedimento de elaboração da ilustração, o objeto encenado estava presente deveria trazer impactos sobre a maneira de encarar a imagem. Resultado daquele momento em que o desenhista esteve diante de um cão danado, o efeito de realidade se faz mais forte, quase como se houvesse algo da essência da coisa representada na representação. Efeito que se reveste de alguma necessidade quando se toma nota de que grande parte da descrição escrita do cão danado faz emergir uma sua objetivação um tanto peculiar:

³¹⁹ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 1. 4. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1870, p. VII.

Signaes do cão damnado. Fica triste, busca a solidão, esconde-se na sua casinha, retira-se para os recantos da casa, debaixo dos moveis, mas não mostra ao principio disposição alguma para morder. Obedece ainda, mas lentamente, á voz que o chama. Fica encolhido com a cabeça escondida entre as patas anteriores. Depois torna-se inquieto, muda muitas vezes de logar, e agita-se continuamente. O olhar torna-se estranho, a attitude sombria e suspeita. Vai de uma pessoa á outra, olha para cada uma d'ellas, e parece pedir um remedio ao mal que sente.³²⁰



Fig. 792. — Cão damnado em repouso, retratado do natural.

Figura 22. Imagem do *Cão damnado em repouso, retratado do natural*, presente na sexta edição do *Diccionario de Medicina Popular*, 1890. (CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 2. 6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. 879).

Ao longo de quase cinco páginas, o *Diccionario de Medicina Popular* narra a má sorte do cão danado. O verbete dá conta de todos os seus comportamentos, desde a deflagração da moléstia até seu fim triste e solitário. Não abre mão de certo veio dramático, sobretudo quando aborda o olhar expressivo do animal. Mais uma vez aqui, a narrativa científica parece se irmanar com a literária, ganhando ademais uma ilustração na composição da imagem universal e também um tanto singular do cão danado. O Dr. Chernoviz infere com veemência que a ilustração é fruto de um trabalho realizado com a presença real do objeto representado. É esse pé na verdade das coisas, na sua realidade “natural”, e não imaginada, que o autor buscava preservar concedendo, por isso, tanto destaque aos detalhes das condições de produção da ilustração.

³²⁰ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 2. 6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. 875.

Importante destacar que essas ilustrações trazidas pelo *Diccionario de Medicina Popular* buscam operar de maneira distinta daquelas presentes no *Lunário Perpétuo*. Neste último livro, as figuras pareciam não obedecer tanto a um princípio de estabilização e de reconhecimento universal. Diferente disso, tem-se a impressão de que serviam de base para o estabelecimento de múltiplas relações, inúmeros encadeamentos em consonância com as circunstâncias das leituras. Mais do que estancar uma espécie de planta ou de bicho, as imagens do livro perpétuo, sobretudo aquelas de natureza antropomórfica, promoveriam uma abertura narrativa, oferecendo elementos para a inclusão desses objetos – a cada episódio da vida ou do cotidiano ou da leitura manifestados de formas diferentes – na grande prosa do mundo.

Ao lado das funções de reconhecimento, as imagens presentes no *Diccionario de Medicina Popular* apresentavam outra, em especial a partir da quarta edição da obra, de 1870. Trata-se daquelas vinculadas à instrução de práticas ou aos manuseios de instrumentos com vistas ao restabelecimento corporal ou à cura. As imagens que serviam a essas funções eram assim mencionadas no prefácio do livro:

Ha certo numero de pequenas operações chirurgicas, ou de medicamentos usuaes, que todas as pessoas devem conhecer, afim de os poderem preparar quando são prescriptos pelo medico; taes são as cataplasmas, os sinapismos, os causticos, a applicação das ataduras, e os diversos curativos. Todos estes objectos, achão-se sufficientemente descriptos na presente edição; muitos d’elles, como por exemplo, o artigo Curativo, vão acompanhados de figuras explicativas. Os artigos Deslocações e Fracturas encerrão tambem, n’esta edição, numerosas figuras que servirão para facilitar a intelligencia do texto.³²¹

As ilustrações das técnicas médicas começam a ganhar grande número a partir dessa quarta edição, não à toa aquela em que o Dr. Chernoviz passa a assumir o leitor iniciado. Expressam o movimento dubio que doravante o *Diccionario de Medicina Popular* empreende no intuito de contemplar os leitores leigos e de elaborar mecanismos para acenar ao público profissional em tom de distinção. Tome-se um desses verbetes citados no prefácio como exemplo, aquele referente ao CURATIVO. Iniciando o texto afirmando que “É uma necessidade, e mesmo um dever, para a mãe de família saber executar estes curativos ordinarios”, o médico polonês segue pela

³²¹ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 1. 4. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1870, p. VI.

descrição de uma lista vasta de instrumentos e de técnicas acionadas para fazer-se um curativo, uma delas, as “Tiras agglutinativas, ou pontos falsos”:

Tiras agglutinativas, ou pontos falsos. Preparam-se estendendo em panno o emplasto diachylão meio derretido, e cortando depois este panno. Devem ser macias, bem que firmes, e moderadamente adhesivas. Convem tirar as margens do encerado, como se tiram as consturas do panno de que se fazem compressas ou ataduras. Para cortar as tiras rapida e seguramente, pega-se com a mão esquerda no extremo livre ou desenrolado do rolo de encerado, enquanto que um ajudante segura o proprio rolo da distancia conveniente. A tesoura, dirigida rapidamente e em linha recta, do cirurgião para o ajudante, divide então por simples pressão, e sem que seja necessario approximar as folhas da tesoura, o emplasto em tantas tiras quantas se desejam (fig. 279). Estas tiras servem como ligadura unitiva, para formar o que se chama *costura secca* ou *pontos falsos*.³²² (grifos no original)

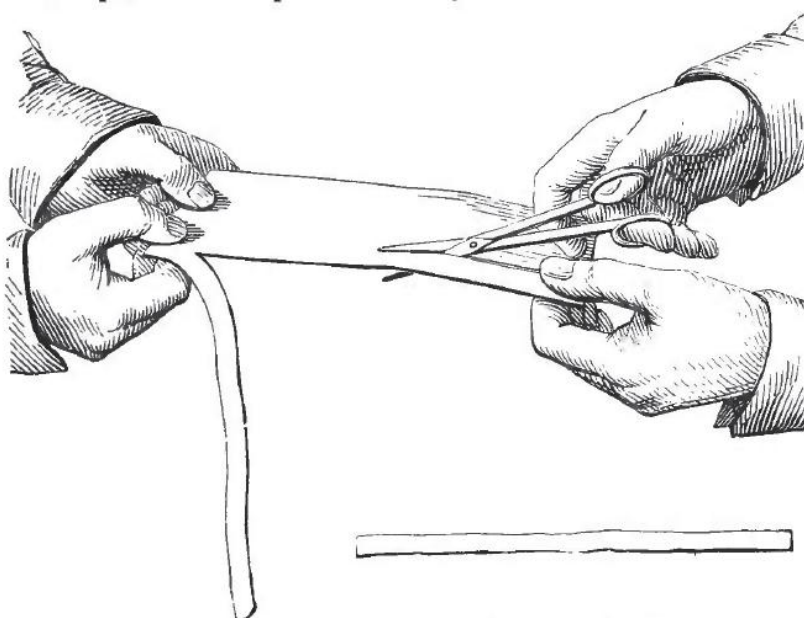


Fig. 279. — Modo de cortar as tiras agglutinativas.

Figura 23. Imagem do *Modo de cortar as tiras agglutinadas*, presente na sexta edição do *Diccionario de Medicina Popular*, 1890. (CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. 775).

Os acenos ao público iniciado, para quem, à medida que se ia chegando ao fim do século XIX, fazia-se importante definir melhor as fronteiras do campo pelo apreço a

³²² CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. 775-776.

uma linguagem mais técnica e menos literária, tornam-se mais claros. Aqui, constata-se o rareamento das comparações e das metáforas mediante referências a objetos e paisagens facilmente compartilhadas por todos. Porém, a despeito desse esboço de regime de escrita mais restrito, havia as imagens. Era a partir delas que, mesmo reverenciando o leitor profissional, o Dr. Chernoviz abria seu *Diccionario de Medicina Popular* para um público indistinto, confiando na disponibilidade de um leitor habituado a empreender por meio das imagens a transposição da leitura para outras práticas. Em outras palavras, por meio de um livro que, incluindo imagens que instruem “como fazer”, transforma a leitura em gesto, o calhamaço do Dr. Chernoviz reforça seu compromisso com uma abordagem empírica do mundo. Estabelece, então, zonas de ressonância com o *Lunário Perpétuo*.

3.5. Progresso

No texto *L'âge des dictionnaires*, Pierre Rétat descrevia uma das características mais fundamentais do gênero:

[...] le dictionnaire raisonné faisait l'inventaire total des expériences et des acquis de l'esprit humain, des pratiques et des techniques des *arts*, à un moment de la civilisation où ils avaient atteint une sorte de perfection, où s'était opéré un saut qualitatif. La conscience de s'atteindre une telle époque, de vivre une telle nouveauté inspire le *Discours préliminaire* de d'Alembert et l'article *Encyclopédie* de Diderot.³²³

A imagem, portanto, é a de um livro que, incorporando o movimento da ciência moderna, engajava-se numa marcha célere, cumulativa e pactuada com o ineditismo. Nesse movimento, mais do que a perfeição, noção geralmente associada a auras divinas, talvez seja mais conveniente falar em perfectibilidade, “um processo de contínuo e

³²³ “[...] o dicionário raciocinado fazia o inventário total das experiências e das aquisições do espírito humano, das práticas e das técnicas das artes em um momento da civilização onde eles tinham alcançado uma sorte de perfeição, onde se tinha operado um salto qualitativo. A consciência de ter chegado a uma tal época, de viver uma tal novidade inspira o *Discours préliminaire* de d'Alembert e o artigo *Encyclopédie* de Diderot” [Tradução minha]. RÉTAT, Pierre. *L'âge des dictionnaires*. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (Org.). **Histoire de l'édition française**. 2. Le livre triomphant 1660-1830. Paris: PROMODIS, 1984, p. 191-192.

crescente aperfeiçoamento”,³²⁴ uma busca pelo alcance de um estágio mais completo, mais acabado. Ambicionando uma totalidade do saber, o dicionário a expressaria enquanto ápice momentâneo de uma marcha que transbordava de suas páginas.

Filho do século XVIII, o dicionário raciocinado traduzia um processo de *temporalização* que então se desenvolvia sobretudo em meios de ciência. Tratava-se de uma nova configuração em que o tempo passa a figurar como fator de mudanças.³²⁵ Nesse tempo, das três dimensões do passado, do presente e do futuro, cabia a este último, transfigurado em progresso, o posto privilegiado. Reinhart Koselleck explica que:

O futuro desse progresso é caracterizado por dois momentos: por um lado, pela aceleração com que se põe à nossa frente; por outro lado, pelo seu caráter desconhecido. Pois o tempo que se acelera em si mesmo, isto é, a nossa própria história, abrevia os campos da experiência, rouba-lhes sua continuidade, pondo repetidamente em cena mais material desconhecido, de modo que mesmo o presente, frente à complexidade desse conteúdo desconhecido, escapa em direção ao não-experimentável.³²⁶

Progresso, aceleração e novidade constituíam a tríade que compunha essa experiência do tempo associada à modernidade e que se manifesta na sequência dos frontispícios e dos prefácios do *Diccionario de Medicina Popular* do Dr. Chernoviz. Na segunda edição da obra, de 1851, anunciava-se: “Correcta e consideravelmente aumentada”,³²⁷ Na edição seguinte, de 1862: “Mais correcta e consideravelmente

³²⁴ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto PUC-Rio, 2006, p. 317.

³²⁵ Sobre as relações entre a *Encyclopédie* e uma nova sensibilidade histórica no curso do século XVIII, Koselleck escreve: “D’Alembert e Diderot concebem a totalidade da história dentro do espectro de seus ritmos temporais imanentes. Interrogam-se pelas condições únicas dos fenômenos históricos, sobretudo das ciências e das possíveis concepções das idéias. Enfatizam a existência de homens importantes que se adiantaram ao seu tempo; para conseguir realizar seus projetos, o atraso das massas não esclarecidas se converte no tema da educação, de tal forma que o próprio empreendimento da *Encyclopédie* é concebido dentro da consciência de uma situação histórica única. Eles sabem que o tempo disponível é curto para organizarem todas as capacidades técnicas e todo o saber necessários para o agir futuro – mesmo em caso de catástrofe. Assim, a história organiza-se segundo critérios imanentes, antropológicamente fundamentados, do antes e do depois; para o passado, esses critérios já não podem ser modificados. Mas a consideração histórica evoca também um ‘cedo demais’ ou um ‘tarde demais’ para influenciar o futuro, acelerando o esclarecimento. Os enciclopedistas trabalharam, pois, com uma consciência histórica altamente sensibilizada, que desenvolveu um modelo comum para os momentos, durações e prazos: o padrão do progresso, segundo o qual toda a história pôde ser interpretada universalmente”. In: Ibidem, p. 285-286.

³²⁶ Ibidem, p. 36.

³²⁷ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, s/p.

aumentada pelo autor”.³²⁸ Publicando o livro em 1870, o Dr. Chernoviz prefaciava: “Espero que a presente edição será ainda mais apreciada, por ser mais completa”.³²⁹ Na penúltima edição, de 1878, informava: “Já a quarta edição foi consideravelmente aumentada; a presente, que é a quinta, é muito mais completa. Muitos artigos forão inteiramente redigidos de novo; outros forão reformados segundo os últimos progressos da sciencia”.³³⁰ E na última, de 1890, o frontispício garantia: “Consideravelmente aumentada, posta a par da sciencia”.³³¹

O *Diccionario de Medicina Popular* não era apenas produto dessa experiência moderna do tempo, mas igualmente buscava participar de sua produção. Assim, o Dr. Chernoviz abraçou o intuito de tornar-se pioneiro e acelerador de certas resoluções que ainda estariam por se estabelecer nas localidades por onde circularia sua obra. Entre essas resoluções, estava a introdução dos parâmetros decimais dos pesos e medidas. Na terceira edição do *Diccionario*, de 1862, o médico polonês escrevia em seu prefácio:

Tendo sido adoptado no Reino de Portugal o systema decimal dos pesos, desde o 1º de Janeiro de 1860, e sendo provavel que não deixará de acontecer o mesmo no Imperio do Brasil, julguei conveniente pôr entre parenthesis, ao lado das libras, onças, e grãos, os pesos equivalentes em kilogrammas, grammas e centigrammas. Espero pois que o Diccionario de medicina popular terá longa duração, e que cada vez mais o tempo confirmará a sua utilidade.³³²

É bem verdade que, a partir desta edição, a primeira confeccionada em Paris, realizando, pois, a travessia intercontinental rumo ao Brasil, o Dr. Chernoviz já tivesse alguma preocupação em contemplar as peculiaridades de um novo público leitor, o português. Desse modo, a adoção do sistema decimal de pesos e medidas em Portugal certamente contribuiu para que o médico polonês o inserisse no seu *Diccionario*. No entanto, a legislação lusitana concederia algumas décadas para que os parâmetros anteriores viessem a ser radicalmente abolidos, donde o caráter facultativo da adoção das novas medidas. Tendo em vista assegurar alguns públicos leitores apegados a confianças e autoridades que provinham do mais antigo, do já experimentado, muitas publicações retardariam a adesão dos padrões métricos decimais, tirando proveito das

³²⁸ Idem. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 1. 3. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1862, s/p.

³²⁹ Idem. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 1. 4. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1870, p. V.

³³⁰ Idem. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 1. 5. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1878, p. V-VI.

³³¹ Idem. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 1. 6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, s/p.

³³² Idem. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 1. 3. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1862, p. VI.

fragilidades da fiscalização oficial, como foi o caso, por exemplo, do *Lunário Perpétuo* da editora Chardron, que, em fins dos anos 1920, ainda não seguia o sistema métrico matemático. Se assim era em Portugal, onde a novidade tomava a forma de decreto, imagine-se no Brasil, cuja Lei Imperial 1.157, que estabelecia a adoção oficial do sistema métrico decimal só viria a ocorrer dois anos depois, em 26 de junho de 1862; e que, acrescente-se, ainda concedia mais dez anos para a adesão integral dos novos padrões de pesos e medidas.

Por sua vez, o Dr. Chernoviz preferiu a adoção imediata da inovação. Tudo indicava que o ingresso do sistema métrico decimal no *Diccionario de Medicina Popular* obedecia a motivações da ordem da aceleração. Tratava-se de fazer avançar o tempo, de fazer chegar um futuro já estabelecido, por exemplo, em Paris, e que deveria alcançar outras localidades. Desde logo, um paradoxo pode ser observado nesse processo, a saber, o raciocínio segundo o qual as mudanças que ainda chegariam se atrelariam a anseios de permanência do livro entre seus leitores. Por outro lado, parecia ser igualmente o desejo de continuar em voga que embasou, mesmo com a introdução dos novos pesos e medidas, a conservação das referências antigas até a quinta edição, de 1878.

De todo modo, fazer avançar o tempo significava fazer avançar *um* tempo. Ou melhor, uma experiência moderna do tempo ganharia intensificações a partir da introdução pioneira do sistema decimal de pesos e medidas na obra do Dr. Chernoviz. Nesse sentido, não parece ter sido à toa que o elemento privilegiado para operar essa aceleração do tempo tenha consistido na adoção de padrões métricos amparados na matemática, numa contabilização pela via dos números.

Tudo indica que o sistema métrico decimal foi concebido por Gabriel Mouton, vigário da Igreja de Saint-Paul, na cidade de Lyon, no ano de 1670. Na França, só veio a ser aprovado na sequência da Revolução de 1789. Ao longo do século XIX, passou a ser adotado em diversos países, constituindo um protótipo internacional importante para o andamento das produções, das compras e das vendas impulsionadas pela extensão do desenvolvimento industrial em nível global.

Em Portugal, a adesão oficial ao sistema métrico decimal viria a colocar ordem numa multiplicidade de referências de pesos e medidas reinante desde muitos séculos. A confusão entre medidas de origem árabe, como o arrátel, aquelas de origem romana, como a libra, e outras advindas da colônia nas Américas, como o vintém-de-ouro, desenvolvido nas Minas, já ganhava os contornos de verdadeiro óbice naquela segunda metade do século XIX. A desordem não era menor no Brasil, que, mesmo independente desde 1822, ainda embaralhava os pesos e medidas herdados da metrópole ao lado daqueles que surgiam em seu próprio solo. Mesmo diante desse quadro, parecia haver alguns padrões de pesos e medidas com alguma predominância – uma delas celebrizou-se pelo nome *avoirdupois*. Na seara da preparação de remédios e de outras receitas, tinha-se a impressão de que imperavam as unidades desse sistema, a saber, o grão, a oitava, a onça e a libra.

Mesmo que se use remontar as origens do sistema *avoirdupois* à antiguidade romana, pode-se aventurar a dizer algo a respeito das bases que regeram seu emprego. Nesse sentido, destaque-se desse sistema a unidade de medida denominada grão, a menor delas. Saber tomar um grão de qualquer coisa que seja diz do uso de uma medida que se afere tendo como instrumento o próprio corpo daquele que realiza a medição. Era um procedimento que poderia ser empreendido por todos, portanto, familiar e facilmente presente especialmente em ambientes rurais – embora pudesse ser dotado de algumas variações, já que o grão poderia ser de trigo, no caso mais corrente de Portugal, mas também podia ser o de arroz, o de feijão, o de milho, para algumas regiões do Brasil. É essa medição embasada no grão, cujas maiores concentrações levariam a oitavas, a onças e a libras, que passa a ser preterida em prol de um sistema de natureza decimal, cujas unidades básicas – o quilograma, o litro e o metro – não derivam diretamente das coisas que se conhecem por um contato mais direto, e sim dependeriam mais estreitamente de utensílios artificiais que fornecem referências atreladas à abstração matemática, com uma precisão compartilhada em escala universal.

Essas novas maneiras de medir as coisas do mundo incidiam mais diretamente sobre os sólidos, os líquidos e os espaços. Mas não tardariam a repercutir sobre o tempo.

No livro *Sobre o tempo*, Norbert Elias propõe uma leitura do tempo enquanto um artefato de orientação que, regulando a coexistência dos homens, proporciona a produção e a reprodução da vida social em termos de coletividade. Acompanhando o desenvolvimento desse artefato nos últimos séculos, o autor destaca a proeminência das ciências físicas, que contribuíram para a forte associação entre tempo e cronologia, levando, em última instância, a “fazer o tempo surgir como um dado evidente”.³³³ De modo que, pela consulta à disposição dos números nos relógios, as “unidades de referência adquirem a significação de unidades de tempo”.³³⁴ Essa experiência matematizada do tempo, amparada ademais pela difusão dos relógios, não emergiu de um dia para a noite, desenvolveu-se gradualmente e adquiriu os contornos de um processo civilizador, com coerções e autodisciplinas que participam das estruturas de personalidade. Desse processo, Elias infere:

Quanto mais os enclaves humanos foram ganhando extensão e autonomia relativa em favor de processos como a urbanização, a comercialização e a mecanização, mais eles se tornaram dependentes, para medir o tempo, de dispositivos artificiais, e menos passaram a depender de escalas naturais de medição do tempo, como os movimentos da Lua, a sucessão das estações ou o ritmo da maré alta e da maré baixa.³³⁵

Foi a partir dessa dinâmica de crescimento urbano, que tomou maior fôlego na Europa especialmente no século XIX, e que era ainda muito tímida no Brasil, que “Como a própria ‘natureza’, o ‘tempo’ foi cada vez mais matematizado. Veio inserir-se no meio de toda uma série de conceitos tais como peso, distância, força etc., que podiam dar margem a medições isoladas, independentemente do ‘tempo do dia’ ou do da semana, do mês ou do ano”.³³⁶ Ressalte-se que as relações entre o tempo e os números não se inauguram nesse momento; estavam presentes desde há muito. O que parece ocorrer aqui é uma associação temporalizadora, em que a experiência do tempo se atrela com os feitos humanos organizados à luz do caráter ascendente e cumulativo dos números.

O Diccionario de Medicina Popular, nesse sentido, pela via do sistema decimal de pesos e medidas, reforçava a leitura matematizadora do mundo e do tempo,

³³³ ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 8.

³³⁴ Ibidem, p. 13.

³³⁵ Ibidem, p. 36.

³³⁶ Ibidem, p. 86.

contribuindo para a emergência do processo de temporalização que, privilegiando o progresso, fazia do futuro o horizonte por excelência das experiências do tempo. Um dos corolários mais importantes desse empreendimento do calhamaço do Dr. Chernoviz foi a tendência a condenar as demais vivências temporais que não se acomodavam a esse esquema, relegando-as ao bolsão negativo do passado.

Essa espécie de degredo das experiências do tempo ditas inadequadas ao futuro intentado pelo Dr. Chernoviz se observa ao longo das centenas de páginas que compõem os dois ou três tomos de seu dicionário. Todavia, pode ser visualizado num verbete, aquele consagrado aos purgantes. Em artigo longo, de aproximadamente cinco páginas, o *Diccionario de Medicina Popular* desde logo evidenciava as inadequações que podiam acompanhar o consumo destes remédios:

Os antigos medicos acreditavão em purgantes especiaes e na possibilidade de expulsar tal ou tal humor com tal ou tal substancia; assim tinhão cholagogos, hydragogos, phlegmagogos, panchimagogos, porque pensavão que uns tinham a propriedade de expulsar a bilis, outros a serosidade, estes a pituita, e os últimos emfim todos os humores reunidos. O tempo tem acabado com todas estas hypotheses. Os líquidos serosos das evacuações são o resultado da exalação intestinal; a mucosidade provém das pequenas glandulas que se achão na superficie dos intestinos; a bilis, da secreção mais abundante do figado, etc. Todas estas excreções podem produzir modificações favoraveis ao restabelecimento da saúde; mas de nenhum modo é sua existencia considerada como causa da molestia pelos medicos de nosso dias. Não ha dous seculos que se prodigalisavão os purgantes, porque a theoria humoral que reinava então, e que dava por causa das molestias a presença de tal ou tal humor, obrigava a purgar emquanto estas molestias não cessavão. Os medicos desse tempo estavam longe da opinião que existe hoje: *não ha cousa mais nociva do que o abuso dos purgantes.*

[...]

O publico é mui inclinado a empregar os purgantes, na crença de que todas as molestias são causadas pelos humores; todas as vezes que houver evacuações, confiará na cura: não tem feito progressos na sciencia medica, e conservou a este respeito as idéas dos medicos do XVIe seculo.³³⁷ (grifos no original)

Como se observa, o Dr. Chernoviz realiza operação que aloca as terapêuticas à base dos purgantes ou purgativos no passado. Há inclusive a precisão do marco temporal, o século XVI, conferindo um destaque a essa leitura cronológica e ascendente do tempo.

³³⁷ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 3. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 308-309.

A qualidade antiga da prática de purgar se justificava por suas estreitas relações com a medicina dos humores que, pondo ênfase sobre os trâmites digestivos, articulava essas trocas empreendidas entre os homens e o mundo com a produção da saúde e da doença. Ocorrendo de forma mais visível por aquilo que entrava e saía do corpo na forma de alimentos e/ou dejetos, essas trocas tinham uma amplitude maior e se guiavam, em geral, pelas lógicas de simpatia e de compensação entre as qualidades que compunham as coisas do mundo, das quais os elementos astrológicos.

Ao realizar a transposição dos humores, de sua vasta natureza cosmológica para sua definição estritamente orgânica, com destaque para suas localizações anatômicas e suas dinâmicas fisiológicas, o Dr. Chernoviz manifestava seu compromisso com o paradigma clínico. A partir dele, a medicina moderna promovia as curas tendo por referência o tempo físico, matematicamente medido, no qual se inseria o corpo; esse tempo seria radicalmente distinto das experiências temporais ocultas suscitadas pelos remédios, como os purgativos, que conectavam os homens ao cosmos. Entre essas últimas, receberiam fortes ataques aquelas de apelo mais direto aos astros, suas rotas e emanções. Nesse sentido, o médico polonês lamentava: “Ha individuos que em cada revolução lunar, em cada mudança de estação, tomão um purgante, com a intenção de se prevenirem as molestias, e fazem isto quando as digestões são melhores, quando nem a perda do appetite, nem o amargor da bocca, nem o estado da lingua, offerecem a menor indicação”.³³⁸ Um tom de ironia também se flagra nas críticas que o *Diccionario* endereçava aos tempos astrais, promotores de doenças e de curas. Desse modo, no verbete PIOLHO, inscreve-se “Se amores impuros ou uma estrella infeliz houverem introduzido semelhantes parasitas nas regiões que temos assignalado, o meio mais commodo e mais expedito para despedi-los será uma fricção com pequena quantidade de unguento mercurial cinzento”.³³⁹ E, no artigo SOLITARIA, lê-se que o tratamento deve ser “empregado ordinariamente na época em que se reconhece a existencia do verme, salvo se fôr preciso combater primeiro os accidentes de uma inflamação

³³⁸ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 3. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 250.

³³⁹ Ibidem, p. 231.

intestinal ou de alguma febre; mas já não se espera pelo mingoante da lua, como se fazia antes, e como fazem ainda hoje as pessoas supersticiosas”.³⁴⁰

O *Diccionario de Medicina Popular* não poupou igualmente os ataques a outros tempos ocultos no consumo dos purgativos ou purgantes. Desta feita, era a ocasião de pôr em xeque os remédios secretos, em especial aqueles cujas eficácias se concentravam justamente no desconhecimento das fórmulas. Remetiam a uma experiência do tempo comungada com o mistério que sempre rondava as coisas do sagrado e de onde advinha sua potência algo milagrosa.

Os purgantes, e particularmente os mais energicos, os ‘drasticos’, são para os charlatães uma rica mina que eles não cessão de explorar. A maior parte de suas receitas são compostas de azebre, escammonéa, óleo de croton tiglium. A promptidão de seus efeitos, os resultados apparentes que maravilhão o vulgo, concorrem poderosamente para entreter a voga de todos estes ‘preciosos segredos’. Esteja entretanto a sociedade acautelada contra estes remedios activos que excitão de ordinario superpurgações perigosas. por um doente que acha nelles a cura (e tê-la-hia com meios mais brandos), quantos não achão sua perda em vez de salvação!

O ‘purgante Leroy’, de que devemos dizer aqui algumas palavras, tem tambem por base substancias drasticas. Esta droga comprehende duas receitas differentes: uma, dita ‘purgante de 4 grãos’, se compõe de uma dissolução de aguardente e em doses perniciosas destas tres substancias acres, escammonéa, raiz de turbith e jalapa, á qual dissolução se ajunta um xarope feito com senne; outra receita, dita ‘vomi-purgante’, não é outra cousa mais que uma forte decocção de senne e uma dissolução de emetico em agua e vinho branco. Os avisos das pessoas esclarecidas, os conselhos dos mais sabios medicos não podem impedir o povo de recorrer a estas preparações incendiarias, e o ‘purgante de Leroy’ não cessa ainda de fazer victimas.³⁴¹

Não à toa, a crítica aos remédios secretos se dava em simultâneo ao desvendamento de seus segredos, como a retirar sua potência pela transparência. Dessa forma, o Dr. Chernoviz demonstrava seu franco intento em enfraquecer a crença na eficácia desses expedientes de cura, associando-os mais aos melindres do embuste, mediante as imagens do charlatão e do charlatanismo, do que ao poder do mistério. Os ataques tomaram como exemplo o Purgante de Leroy, muito vendido no Rio de Janeiro e também em outras localidades, participando, segundo Antenor de Barros Leal, da lista dos remédios que não podiam faltar em sua farmácia no interior cearense de Boa

³⁴⁰ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 3. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 452.

³⁴¹ Ibidem, p. 310-311.

Viagem.³⁴² Mas alvejaram também outros medicamentos, que tiveram suas fórmulas destrinchadas como a quebrar a aura sagrada que conduziam seus efeitos: “A base do famoso ‘Paraguay-Roux’, medicamento que tem uma grande reputação em França contra as dôres de dente, é formada por agriões do Pará!”³⁴³

O tempo do segredo guardava conluíus com outros tempos, igualmente misteriosos, que regiam as curas pelas lógicas das transferências. Nelas, os feitiços, as orações, os amuletos e outras práticas conformavam muitos remédios. Também eles foram vorazmente criticados pelo *Diccionario de Medicina Popular*. No verbete COBRA, lia-se: “Devem-se tambem rejeitar todas as praticas inuteis e perigosas espalhadas pela ignorancia e tradições absurdas. Taes são os ‘pós’, ‘beberagens’, ‘orações’, ‘signaes na pelle’, e até mesmo os ‘infalliveis barretes dos curandeiros’”³⁴⁴ E no artigo PAPEIRA, havia: “Existe um grande numero de praticas mais ou menos ridiculas que gozão para com o vulgo de uma alta reputação, em primeira linha se achão os relicários, as figas, um pedaço de panno vermelho pendurado ao pescoço, etc.”³⁴⁵ O médico polonês arrematava: “Assim, o tempo e os progressos das luzes acabárão com os anneis constellados, com os caracteres magicos, com a panacea universal, com o pé do alce para a cura da gotta coral, com a pedra de aguia para facilitar o parto, com as figas, com as benzeduras e com um grande numero de formulas absurdas que se achão nos antigos formularios”³⁴⁶

Apenas iniciado em uma edição novecentista do *Lunário Perpétuo*, a tensão entre o antigo e o novo, o passado e o futuro, o tempo dos céus e o tempo dos homens atingiu consideráveis intensidades no *Diccionario de Medicina Popular*. No entanto, assim como o livro perpétuo, prezando a tradição, abriu espaço para o futuro, no calhamaço do Dr. Chernoviz, o elogio da modernidade não ocorreria sem alguma atenção a outros estratos do tempo.

³⁴² LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 147.

³⁴³ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 2. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 21.

³⁴⁴ Ibidem, p. 387.

³⁴⁵ Ibidem, v. 3, p. 171.

³⁴⁶ Ibidem, p. 253.

3.6. Outros tempos

Dos inumeráveis verbetes presentes no *Diccionario de Medicina Popular*, muitos eram de plantas, elementos que marcavam presença assídua na composição dos remédios. Observe-se um exemplo:

HERVA DE SANTA LUZIA. (*Euphorbia brasiliensis*, Linneo.)
Planta que dá nos lugares humidos do Brasil. Caule de 1 a 2 pés de altura, nodoso, contém um succo branco, levemente caustico; folhas oblongas, agudas, pequenas, contendo o mesmo succo, porém em menor quantidade; flôr miuda, branca. O sumo desta planta é empregado nas roças contra as belidas. Com as folhas fazem-se tambem cataplasmas que se applicão nas ulceras chronicas.³⁴⁷

Esse roteiro de escrita, formado pelo nome vulgar, nome científico, características e empregos medicinais, geralmente, repetia-se quando dos verbetes consagrados aos vegetais. No caso em apreço, destaque-se uma particularidade: a insinuação de que sua notícia terapêutica advinha do modo como era comumente aplicado “nas roças”. Sinaliza-se, portanto, na composição do calhamaço, uma atividade de compilação dos usos medicinais das plantas ocorridos ao largo dos espaços de produção da ciência moderna – laboratórios, hospitais etc. Essa praxe de coleta dos empregos terapêuticos correntes das plantas para compor livros comprometidos em ensinar as pessoas a remediarem-se pode ser flagrada em outras publicações do final dos oitocentos e início do século ulterior. Um exemplo seria a obra *Botânica Médica Cearense*, da pena de Dias da Rocha, publicada em 1919.

Francisco Dias da Rocha nasceu em Fortaleza no ano de 1869. Homem do comércio, passa a consagrar-se, pelo ano de 1898, aos estudos autodidatas de ciências naturais, procedendo simultaneamente a uma coleta de plantas, bichos e pedras que pouco a pouco formariam, ainda no final do século XIX, o acervo do Museu Rocha, de sua propriedade. Participou da fundação da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, no ano de 1916, fazendo parte a um só tempo do corpo docente e discente desta instituição, em cuja primeira turma, de 1917, formara-se farmacêutico. No ano de 1918, colaborou na criação da Escola de Agronomia do Ceará, da qual foi diretor e ministrou

³⁴⁷ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 2. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 375.

as cadeiras de Fitopatologia e Botânica Agrícola até sua aposentadoria compulsória, em 1929. Morre quase centenário, no ano de 1960.³⁴⁸

Uma vez farmacêutico diplomado, Dias da Rocha apresenta à Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, no ano de 1918, um trabalho a ser tomado como critério para sua aprovação ao posto de professor catedrático da cadeira de História Natural, que até então ministrava interinamente. *Botânica Médica Cearense* foi esse trabalho; e no ano seguinte ganhou forma de livro, impresso na Typografia Moderna – Carneiro & C.a, na capital cearense, com tiragem desconhecida e possivelmente às expensas próprias do farmacêutico. As primeiras folhas do livro desenhavam um autor que se construía pela inserção num campo científico, então já suficientemente desapegado de traços aristocráticos. Assim, apresentava-se como diretor-proprietário do Museu Rocha, professor catedrático da Faculdade de Farmácia e Odontologia e da Escola de Agronomia e membro de instituições como o Instituto Pasteur, a *Seismological Society of America* e a *Sociedad Entomologica de España*. Logo após a dedicatória, endereçada aos colegas da Faculdade de Farmácia e Odontologia, vinha a transcrição do *Parecer da Faculdade de Pharmacia e Odontologia do Ceará, sobre a Botanica Medica Cearense*, com avaliação positiva, assinado pelos médicos Thomaz Pompeu Filho e Odorico de Moraes, e pelo farmacêutico José Moraes Studart; em seguida, havia o prefácio do autor. Na sequência, o texto do livro se dividia em *Formulario, Therapeutica e Botanica*. Na primeira parte, figuravam em ordem alfabética os nomes vulgares das plantas, acrescidos dos nomes científicos, suas características e seus usos terapêuticos – portanto, um roteiro muito semelhante àquele seguido pelo *Diccionario de Medicina Popular*. Na segunda parte, eram os nomes das doenças que obedeciam à ordem das letras, sendo que, ao lado de cada uma, tinham-se os reenvios para as plantas cujos preparados constituíam as prescrições. E, na última parte, inscrevia-se um catálogo sistemático dos vegetais contidos no livro, organizados em grupos com privilégio dos nomes científicos, ao lado dos quais havia a tradução para os nomes comuns.

Sem muitas delongas, o prefácio de Dias da Rocha emite a motivação para a escrita do livro:

³⁴⁸ Conferir TELLES, Felipe Bottona da Silva; BORGES-NOJOSA, Diva Maria. **A coleção Dias da Rocha no Museu do Ceará**. Fortaleza: Museu do Ceará; Secult, 2009, p. 22-35.

Ao leitor

A forma irregular pela qual o povo costuma empregar as nossas plantas medicinaes indigenas, no tratamento de grande numero de molestias, dando em muitos casos resultado negativo e algumas vezes prejudiciaes, exigia um trabalho sobre o assumpto, á guisa de formulario, que o orientasse, principalmente ás nossas mães de familia do interior do Estado, tantas vezes privadas do auxilio medico ou pharmaceutico, mas rodeadas, todavia, pela nossa flora, pharmacia viva, riquissima de especies medicinaes, infelizmente abandonada e muito pouco conhecida.

[...]

Em vista do exposto, resolvi, despretenciosamente, publicar este folheto, referente ás especies que conheço até hoje. Suas applicações são hauridas dos costumes do povo, com as necessarias modificações na parte dosimetrica, não passando de um simples tentamen para um trabalho completo e perfeito, que, de futuro, algum medico ou pharmaceutico e naturalista, que se aprofunde no estudo de nossa flora medicinal indigena, venha realizar, e a torne assim conhecida, prestando um grande serviço á causa do povo.³⁴⁹

O arrazoadado não é novo. Persiste a equação que, somando a ausência dos profissionais da saúde com a inexistência e/ou ineficácia dos modos de remediar da maior parte da população brasileira, resulta na necessidade do livro. Por outro lado, o fato de o autor descrever a obra como um texto que se nutre abertamente dos saberes coletados dos usos comuns das plantas, reputando-lhes algum valor, configura uma particularidade que possivelmente estimularia credibilidades em torno do impresso. Aliado a isso, à semelhandia do *Lunário Perpétuo* e do *Diccionario* do Dr. Chernoviz, o formato in-8º, que baratearia o livro e o tornaria igualmente fácil de manusear, dizia do desejo de uma ampla circulação.

Ocorria que, além dessas peculiaridades, havia outra, a saber, a apresentação de uma obra dessa natureza como critério para angariar postos, hierarquias e mesmo reconhecimento no interior do campo científico. Ora, há que se admitir que a operação da escritura, sobretudo se empreendida em formatos de ciência, por si só transformava radicalmente um corpo de saberes que provavelmente percorria até então as sendas das tradições orais. Essa transposição mesma era já um fato de ciência, autorizando em grande medida sua circulação no campo, ainda que idealmente se visse como necessário, na sequência dessa tradução, uma outra etapa – isto é, a realização de testes

³⁴⁹ ROCHA, Francisco Dias da. **Botânica Médica Cearense**. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2008, p. 11-12.

minuciosos que comprovassem, sob os critérios científicos, as eficácias terapêuticas das plantas em estudo. Essa etapa realizar-se-ia, auspiciava Dias da Rocha, ulteriormente.

Mais uma vez, a temporalização regida pelo progresso estava patente – essa leitura do tempo em termos de passado, presente e futuro que instituía o maior valor sobre as ações humanas que ocorreriam tendo por horizonte esta última porção. É bem verdade que, para uma obra de ciência, via-se com os melhores olhos o atrelamento a um momento ápice do saber, a semelhança do que manifestava o *Diccionario* do Dr. Chernoviz. Não à toa, portanto, as ressalvas do *Parecer* da comissão julgadora da Faculdade de Farmácia e Odontologia incidiam sobre esse caráter algo incompleto do livro do professor Dias da Rocha:

Verdade é que, neste ponto, o trabalho do professor Rocha, estribado na experiencia popular, ha de forçosamente se resentir, como de facto se resente, do empirismo e das falhas dessa mesma experiencia; mas, nem por isso deixa de ser, mesmo na parte puramente medica, de grande recurso para quantos procurem as bases em que se ha de firmar a pharmacopéa patria.

Ha, de regra, na historia de cada medicamento, que distinguir a phase inicial ou empirica da phase racional que se segue ás pesquisas scientificas que, sobre o mesmo medicamento, se vão fazendo no decorrer dos tempos.³⁵⁰

A despeito dessas restrições, a obra *Botânica Médica Cearense* foi positivamente apreciada e concedeu a seu autor o desiderato que almejava. Isso parece ter ocorrido, sobretudo, em razão de uma primeira reorganização desses saberes mediante operações de escrita, mais especificamente de denominações:

De cada planta dá, o professor Rocha, ao demais da classificação scientifica, a descrição succinta, mas sufficiente, dos caracteres especificos indispensaveis á mesma classificação.

Neste ponto, a ‘Botânica Medica Cearense’, remove de vez um dos grandes obices que costumam deter o passo a quantos enveredam pelo estudo da flora medicinal brasileira e que vem a ser a confusão reinante em todo Paiz, no tocante ás denominações vulgares das plantas indigenas.

De facto: de Norte a Sul variam, não sómente as denominações populares das especies medicinaes, sinão tambem, as especies correspondentes ao mesmo nome vulgar.

[...]

³⁵⁰ POMPEU FILHO, Thomaz; MORAES, Odorico de; STUDART, José Moraes. Parecer da Faculdade de Pharmacia e Odontologia do Ceará, sobre a Botânica Medica Cearense. In: ROCHA, Francisco Dias da. **Botânica Médica Cearense**. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2008, p. 9-10.

A ‘Botanica Medica Cearense’ põe precisamente côbro a toda essa confusão, no que diz respeito á flóra medicinal do Ceará e, de tal modo que, se outro valor não tivesse, este bastaria para recommendal-a como utillissima contribuição ao estudo da Botanica Medica Brasileira.³⁵¹

É, portanto, por conferir uma única ordem a uma multiplicidade de espécies, denominações e usos que o livro de Dias de Rocha encontraria seu mais alto valor. Essa operação serviria, além disso, para traçar, mediante a restrição às ditas plantas da terra, mais uma particularidade identitária ao espaço que se usava denominar Ceará.³⁵² De todo modo, pela via desse procedimento sobre a palavra que seguia as lógicas da tradução, da nominação, da classificação, os saberes coletados pelo autor introduziam-se na marcha da perfectibilidade, iniciavam o caminho rumo ao futuro, esse protótipo maior do tempo. Na base desse raciocínio, estava a história natural.

Para Michel Foucault, a história natural emerge em contraposição a um tratamento das criaturas, vigente especialmente até o século XVI, no qual o signo e o objeto se confundiam “no interior de toda a rede semântica que o ligava ao mundo”. Uma planta, nesse sentido, era um objeto que reunia “as virtudes que se lhe atribuem, as lendas e as histórias com que se misturou, os brasões onde figura, os medicamentos que se fabricam com sua substância, os alimentos que ele fornece, o que os antigos relatam dele, o que os viajantes dele podem dizer”.³⁵³ A partir do século XVII, essa conformação cede espaço para uma outra na qual os signos não mais se confundem com os objetos, mas se tornam modos de representação. A história natural nasce desse novo arranjo. Desde então, os objetos são apreendidos por um olhar minucioso que os descreve em seus caracteres próprios. Dito de outro modo, “despojados de todo comentário, de toda linguagem circundante, os seres se apresentam uns ao lado dos outros, com suas superfícies visíveis, aproximados segundo seus traços comuns e, com isso, já virtualmente analisados e portadores apenas de seu nome”.³⁵⁴ Assim organizando o mundo, a história natural se autoatribui a tarefa de nomear, ordenar e

³⁵¹ POMPEU FILHO, Thomaz; MORAES, Odorico de; STUDART, José Moraes. Parecer da Faculdade de Pharmacia e Odontologia do Ceará, sobre a Botanica Medica Cearense. In: ROCHA, Francisco Dias da. **Botânica Médica Cearense**. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2008, p. 7-9.

³⁵² Conferir: RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O fato e a fábula: o Ceará na escrita da história**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012, p. 78-85.

³⁵³ FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 176-177.

³⁵⁴ Ibidem, p 179-180.

classificar as plantas, os animais e mesmo demais objetos que compõem esse vasto domínio que passa a receber o nome de Natureza.

Portanto, a operação fundamental realizada tanto pelo livro *Botânica Médica Cearense*, quanto pelo *Diccionario de Medicina Popular* diz respeito a uma mudança do estatuto das plantas. De modo que, a partir desse novo estatuto, um tanto isolado, torna-se mais apropriado traçar as propriedades medicinais das ervas, unificando-as numa linha do tempo que privilegia uma imagem de perfectibilidade e de aceleração materializada em descobertas científicas que propiciariam usos cada vez mais eficientes desses elementos de cura. Simultaneamente, intenta-se escamotear uma multiplicidade de empregos das ervas que se orientam por virtudes afeitas a experiências do mundo e do tempo sintomaticamente então denominadas sobrenaturais.

Alceu Maynard de Araújo, ao elencar os remédios do sertão alagoano nos anos 1950, afirma que “as plantas não curam por causa de suas qualidades terapêuticas, mas principalmente pelas suas ‘virtudes’ e para que não as percam, necessário se faz submetê-las, quando no preparo dos remédios, a certos rituais”.³⁵⁵ Segundo um “raizeiro” entrevistado pelo folclorista, desses rituais com fins a tornar as ervas virtuosas, um grande número diz respeito ao tempo:

Adiantou-nos [o “doutor das raízes”] que, conforme “os tempos”, têm mais saída uns remédios, outros menos, razão de ir à mata buscá-los só na “percisão”. Certos “aperparos” dependem da estação, por exemplo, algumas flores silvestres, frutos e sementes. Determinados paus ou cascas precisam ser tirados na lua certa, outros durante a quaresma e há causas que só terão efeito, “tiro e queda”, quando colhidas ou preparadas na sexta-feira da Paixão. A posição do Sol também deve ser observada, principalmente quando se trata de raiz, algumas requerem ser arrancadas “a pulso”, fazendo força, outras tiradas, isto é, descoberta a terra ao redor e puxada sem gemer, ora antes do Sol nascer, ora antes do meio-dia, ora na boca da noite, outras à noite de determinada lua.³⁵⁶

O acionamento das virtudes das plantas, portanto, tem a ver com seu manuseio a partir de rituais que se abrem a uma diversidade de experiências do tempo. Esse tratamento conferido aos vegetais, ressalte-se, predomina no universo do *Lunário Perpétuo*, em cujas *Memorias de remedios universaes para as enfermidades ordinárias*,

³⁵⁵ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 113-114.

³⁵⁶ Ibidem, p. 146-147.

listava-se uma série de expedientes de cura nos quais participavam “flôres de todos os mezes”,³⁵⁷ “casca de pilriteiro colhido pela manhã”,³⁵⁸ “Marmelos colhidos no mez de maio”³⁵⁹ etc. Portanto, na esfera da cura, as plantas se faziam remédios por um enredamento nos inúmeros tempos do mundo que se desdobravam em atenção às forças ocultas derivadas dos céus e das terras. Integravam a intrincada prosa do mundo que normalmente percorria os caminhos da oralidade no estabelecimento de suas relações com os astros, as cores, os santos, os homens, os contos, os animais, as profissões, os humores, os segredos e muitos outros. Suas virtudes terapêuticas, destarte, advinham das relações tecidas com todos esses componentes da existência, cujos substratos se flagram na força de permanência das denominações vulgares: a *herva de São João*, a *herva de Santa Maria*, a *herva de Santa Luzia*, presentes no calhamaço do Dr. Chernoviz. E, em *Botânica Médica Cearense*, o *Alecrim de S. José*, a *Boa noite*, a *Bons dias*, o *Cardo santo*, o *Cordão de S. Francisco*, o *Cravo de defunto singello*, a *Dona Joanna*, a *Lingua de vacca*, o *Mangericão de vaqueiro*, o *Melão de São Caetano*, o *Mororó unha de boi*, a *Orelha de onça*, o *Pé de papagaio*, o *Rabo de tatu*, a *Relógio*, a *Retirante*, a *Sabiá*... Como se vê, a potência dos nomes vulgares tende a permanecer. A partir deles, pode-se imaginar uma série de conexões que integram as plantas com os santos e seus motivos hagiográficos, os bichos e suas partes, as profissões, os vivos e os mortos e mesmo as máquinas. Vínculos que se dão a experiências do tempo que dizem muito mais de um universo anímico habitado pelos mistérios do sagrado, e pouco afeito a uma divisão demasiadamente artificial entre o natural e o sobrenatural.

Além da permanência dos nomes, essas experiências do tempo rebeldes ao imperativo do futuro se revelam em pequenos interstícios das recomendações terapêuticas que incluem as plantas. Tome-se o exemplo da alfavaca, erva cujos remédios percorrem quase todos os livros de medicina autoinstrutivos aqui consultados. No *Lunário Perpétuo* da edição de 1857, tinha-se que “A dôr de cabeça, causada da quentura, se tira pondo na testa pannos molhados com agua rosada, ou çumo de

³⁵⁷ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 220.

³⁵⁸ Ibidem, p. 218.

³⁵⁹ Ibidem, p. 233.

tanchagem, alfavaca de cobra, alface, beldroegas, e vinagre”,³⁶⁰ pois assim como na dor de cabeça, também nos problemas de sangramento no nariz era apropriado “pôr hervas refrigerantes, como a alfavaca de cobra, tanchagem, alfices, e outras”.³⁶¹ Porque composta de qualidades frias e úmidas, constituindo-se em elemento refrigerante, era a alfavaca utilizada nas práticas de cura tributárias da medicina humoral, na qual se agia por lógicas compensatórias que faziam atenção, ainda que implicitamente, entre outros tempos, aquele dos astros, cujas emanções podiam fazer prevalecer doenças procedentes do calor.

Além do tempo mais claramente astrológico, a alfavaca evocava também os tempos mágico-religiosos. Alceu Maynard Araújo escreve:

Banho é remedio quando a agua for fervida com plantas aromáticas ou de virtudes curativas e é tibia ou matada a frieza. Banho de cheiro é indispensável para o recém-nascido. Para que tenha sorte: alfavaca, capim-santo, hortelã ou cidreira. [...] Das plantas, principalmente as folhas são cozidas, coadas e depois aspergidas da cabeça aos pés, fazendo cruz, pela direita e depois pela esquerda.³⁶²

Inserida em rituais que remetem àqueles que fazem uso da água benta, em gestos que reproduzem a imagem da cruz, a alfavaca produziria a felicidade da alma e também a saúde do corpo do rebento que acaba de nascer. Era, portanto, igualmente íntima dessas experiências do tempo sagradas, da ordem do milagre e do mistério, que se empreendiam por uma forte relação com a água, numa espécie de reedição do batismo que parecia unir cura e sacramento.

Essas práticas do banho de água de alfavaca estariam também presentes no *Diccionario de Medicina Popular* do Dr. Chernoviz:

Alfavaca de cheiro. *Ocimum incanum*, *Ocimum fluminense*, Velloso. Laboadas. Esta planta é conhecida em Pernambuco por este nome, e na Bahia por Santa Maria. A sua altura regula de 60 a 80 centímetros; folhas oppostas, ovaes, serreadas; flores em espigas densas, pequenas,

³⁶⁰ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 280.

³⁶¹ *Ibidem*, p. 284.

³⁶² ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 124.

brancas, tocadas de roxo; fructo, pequena capsula preta. É aromática, emprega-se em banhos.³⁶³

Como também no livro *Botânica Médica Cearense*, de Dias da Rocha:

Alfava – *Ocimum fluminense*. Vell. Fam. Das Labiadas. Herva, com ramos quadrangulares; folhas opostas, ovaes, denteadas, de cheiro aromático e agradável; flôres em espigas, brancas, manchadas de roxo; fructo, uma pequena capsula contendo quatro sementes negras. P. us.: Toda a planta. Sudorífico e excitante. A infusão é usada contra a tosse e defluxo e o cosimento em banhos aromáticos.³⁶⁴

Ao nome vulgar, segue o nome derivado da classificação botânica da história natural. Vêm, então, as descrições de suas estruturas e caracteres e ainda os usos terapêuticos. Fala-se laconicamente no emprego na forma de banhos, sem informar como se prepara e com qual finalidade; no entanto, não se deixa de mencioná-los. Seja porque no exercício de compilação se via como necessária a manutenção de práticas que, em relação de familiaridade com o público leitor, estimulassem algum prestígio para o livro, seja por outros mais motivos, o fato é que os banhos de alfavaca, em sua bem provável remissão a remédios que operavam por tempos sagrados, permaneciam nas duas obras de ciência.

Circulando entre leitores não iniciados, o *Diccionario de Medicina Popular* e o *Botânica Médica Cearense* também alimentaram o campo científico. Assim como o calhamaço do Dr. Chernoviz participou da formação e atualização de diversos profissionais da saúde, o livreto de Dias da Rocha foi adotado como material didático na cadeira de História Natural da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará.³⁶⁵ Tinha-se, portanto, que as práticas de remediar que pela via das ervas acionavam múltiplos tempos também estiveram presentes no interior do campo de ciência. E assim, não se estranha muito que o farmacêutico J. de Figueiredo Filho tecesse o seguinte comentário a respeito da circulação de plantas entre sua farmácia e as bancas de raizeiros que pululavam nas feiras semanais das cidades do interior cearense, pelos inícios do século XX:

³⁶³ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 1. 6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. 99.

³⁶⁴ ROCHA, Francisco Dias da. *Botânica Médica Cearense*. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2008, p. 16-17.

³⁶⁵ TELLES, Felipe Bottona da Silva; BORGES-NOJOSA, Diva Maria. *A coleção Dias da Rocha no Museu do Ceará*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secult, 2009, p. 28.

Minha farmácia fica encravada em plena zona da feira do Crato. É [a feira] das principais da região nordestina. Conhecida e afamada no interior de quatro estados. Realiza-se às segundas-feiras. Ruas e praças repletas de vendas. As mais variadas possíveis. Burudangueiros expondo suas missangas (miudezas). Cereais e frutas se amontoam nas ruas. Raízes e folhas medicamentosas, tanto da terra como de fora. Velame, japecanga, cabeça de negro, ipecacuanha, batata de purga, folhas de torem, de abacateiro, sene, sabugueiro e outras variedades. Aboletam-se meus concorrentes caipiras, em minhas próprias vizinhanças. Tenho para eles a complacência natural de colega que trabalha em setor mais elevado. Não raras vezes me torno seu freguês. Compro qualquer raiz lá para casa.³⁶⁶

As plantas dos raizeiros, que participavam correntemente dos enredamentos com experiências temporais celestes, de santos e de estrelas, circulavam, portanto, nos estabelecimentos farmacêuticos que, revendendo-as ou utilizando-as para o fabrico dos remédios de botica, não se embasavam exclusivamente sobre o tempo da história natural. Tendo sido aluno do professor Dias da Rocha e leitor do *Chernoviz*, o farmacêutico J. de Figueiredo Filho pareceu ter aprendido a lição de que além do futuro, havia outros tempos.

As aberturas da temporalização do progresso a uma multiplicidade de experiências do tempo puderam se dar ao longo das páginas do calhamaço do Dr. Chernoviz não apenas no referente ao que se emitia e ao que se silenciava sobre as plantas, mas também na união incontornável do que era dito com as formas de dizer.

Nesse sentido, é possível observar, em meio à estrutura do dicionário raciocinado, a presença de trechos que obedecem a outras fórmulas narrativas, como era o caso das máximas. Assim, no verbete APPETITE, na sequência da vasta lista das coisas que comprometiam a vontade de comer, o Dr. Chernoviz escrevia: “Muito somno tira também o appetite, donde o proverbio: ‘*Quem dorme, come*’ [sic]” (grifos no original).³⁶⁷ Além dos provérbios, havia ainda outras fórmulas. Tome-se, por exemplo, um verbete consagrado a uma doença – EMPIGEM OU DARTRO. Como de praxe, ao longo de várias páginas, informavam-se as causas, os sintomas e os tratamentos da moléstia. Porém, o Dr. Chernoviz não se restringiu ao inventário enxuto dos

³⁶⁶ FIGUEIREDO FILHO, J. **Meu mundo é uma farmácia**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S.A., 1948, p. 108-109.

³⁶⁷ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 132.

componentes que ocupavam as subseções do artigo e, assim, na parte referente às causas, escrevia:

As paixões tristes da alma tem uma influencia mui consideravel sobre a producção das empingens. O Dr. Alibert cita na sua obra muitos exemplos que poem esta influencia fóra de duvida. Uma mulher foi subitamente atacada de uma affecção da pelle, em consequencia de um pezar violento, occasionado pela perda de uma criança. Um criado vio de repente seu corpo cobrir-se de empigem, pelo effeito da impressão viva que experimentou vendo ser seu amo conduzido ao supplicio durante as execuções revolucionarias.³⁶⁸

Como se observa, não bastava apenas elencar as causas, era necessário colocá-las no interior de narrativas com seus personagens e suas circunstâncias. A partir dessas pequenas histórias, constituía-se uma aproximação com uma ambiência mais empírica, mais afeita ao estabelecimento de relações com as realidades dos supostos leitores. Tratava-se de um mecanismo que inscrevia a doença no mundo, atrelando-a a acontecimentos da ordem da família, como a morte das crianças, e da ordem do trabalho, mediante os laços entre amos e criados ou, em realidade brasileira, entre senhores e escravos. Aliás, os elementos de uma sociedade rural escravocrata estavam presentes ao longo do calhamaço, que se dedicava a recomendações particulares com vistas a velar pela saúde da força de trabalho predominante. De todo modo, tratava-se de uma estratégia de escrita que buscava traduzir, confirmar e memorizar as explanações trazidas num primeiro momento sob a forma raciocinada do dicionário.

Observam-se estratégias de escrita comprometidas com o fornecimento de exemplos narrativos ou narrativas exemplares compostas de elementos aparentemente comuns nos contos e nas vidas de santos, enredos que corriam o mundo pela via da oralidade. Assim, no verbete ALIMENTOS, após enumeração dos prejuízos do excesso de comida, o Dr. Chernoviz anotava: “O Dr. Magendie refere um exemplo de um negociante de Hamburgo, que tres vezes se vio opulento, e tres vezes ficou arruinado. Logo que seus negocios ião florescendo, era affectado de areias, e apenas cahia na miseria, as areias desaparecião para tornarem a voltar com a fortuna”.³⁶⁹ A insistência numa prática que não funciona e que necessitou de uma repetição em número de três para fazer o personagem aprender a lição parece ser uma estrutura comum das formas

³⁶⁸ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 2. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 96-97.

³⁶⁹ Ibidem, v. 1, p. 74.

de narrar afeitas aos contos. Do lado dos traços que permeiam as histórias das vidas de santos, o verbete mais claro parece ser o da CATALEPSIA:

Eis-aqui outro facto deste genero, que poderá ainda offerecer maior interesse aos nosso leitores, pois que foi observado no Brasil. Extrahimo-lo das viagens do Sr. Augusto de St. Hilaire.

A irmã Germana, originaria da comarca do Sabará, em Minas Geraes, de costumes mui puros e de piedade austera, foi acommettida, na idade de vinte e quatro annos, de affecções hystericas, acompanhadas de convulsões violentas. Seu estado tornava-se cada vez mais grave, e dez annos depois, quando foi visitada pelo Sr. Augusto de St. Hilaire, estava tão fraca, que não podia sahir da cama. Dirigida por um espirito de devoção, não comia carne, recusava igualmente todas as substancias gordurosas. Doces, queijo, um pouco de pão de farinha constituição toda a sua alimentação, na dóse igual á que se da a uma criança, e ainda era preciso sollicita-la para decidi-la a comer esta pequena quantidade. ao depois quis jejuar inteiramente todas as sextas feiras e sabbados; sua mãi não queria ao principio consentir nisto, mas Germana declarou que nestes dous dias era-lhe absolutamente impossivel engulir alimento algum, e desde este tempo guardou constantemente a mais completa abstinencia nas sextas feiras e sabbados. Para satisfazer á sua devoção para com a Virgem, fez-se transportar á Serra da Piedade, cuja capella foi construida sob a invocação de Nossa Senhora da Piedade, e obteve do seu director a permissão para ficar neste asylo. Ali, meditando nos mysterios da Paixão, entrou um dia em uma especie de extase; os braços tornárão-se-lhe rijos e estendêrão-se em cruz, os pés cruzarão-se igualmente, e ficou nesta postura por espaço de quarenta e oito horas. Quatro annos antes da epoca da viagem do Sr. St. Hilaire, teve lugar este phenomeno pela primeira vez, o qual se renovava constantemente todas as semanas. A irmã Germana tomava sua postura extatica durante a noite de quinta a sexta feira, e conservava-a até ao domingo, sem proferir uma palavra e sem tomar o menor alimento. Mas ás tres horas de sexta feira, momento em que Jesus-Christo exhalou o ultimo suspiro, soltava frequentes gemidos, sua cabeça batia na cabeceira com vivacidade, e manifestavão-se movimentos convulsivos. – O boato deste phenomeno se espalhou logo nos arredores; milhares de pessoas de todas as classes forão testemunhas disto: acreditou-se num milagre; a irmã Germana foi proclamada santa, e dous cirurgiões augmentarão ainda a veneração publica, declarando que o estado da doente era sobrenatural. Entretanto, um medico mui instruido, o Dr. Gomide, julgou dever refutar a declaração dos dous cirurgiões, e em 1814 fez imprimir no Rio de Janeiro um pequeno escripto, cheio de sciencia e de logica, no qual provou que os extases de Germana erão resultado de uma catalepsia. O publico dividio-se em opiniões; mas grande numero de pessoas continuavão a subir o alto da serra para admirar o prodigio que ella possuia. Germana continuou neste estado ainda alguns annos, até que a morte finalmente veio pôr termos aos seus padecimentos.³⁷⁰

³⁷⁰ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 294-295.

Ressalte-se que não eram incomuns nesse período as iniciativas médicas de transposição das múltiplas experiências místicas que pululavam especialmente nos sertões do Brasil para o rol das doenças dos nervos, dentre as quais a histeria e a catalepsia, sobretudo em se tratando de mulheres. A despeito das mudanças do estatuto dessas vivências, então atreladas a experiências do tempo mais vinculadas a uma disfunção do organismo do que a uma dinâmica religiosa, é digno de nota que o Dr. Chernoviz não resiste à narrativa hagiográfica. Após a enumeração dos sintomas da doença, a introdução da narrativa parece intentar provocar seu reconhecimento num caso particular, utilizando para isso a história da irmã Germana. Mas, não menos importante, buscava igualmente enlaçar ou seduzir o leitor pela via dos motivos da vida de santo, consideravelmente presentes em ambientes rurais. Os elementos eram inúmeros: as ênfases sobre os hábitos do jejum e da penitência que perfaziam um martírio exemplar, o surgimento da devoção associada a um lugar, os ápices do sofrimento ocorridos nas horas graves da Paixão de Cristo etc. A presença desses traços e ainda o arremate da narrativa em tom de indecisão, já que os próprios médicos não chegavam a um acordo quanto ao diagnóstico do caso de irmã Germana, colocam em boa medida a obra do Dr. Chernoviz em ressonância com as inúmeras narrativas escritas e orais que, versando sobre mil coisas, não dispensavam os motivos hagiográficos na edificação de seus argumentos, inclusive naqueles que diziam respeito aos remédios.

Além destes recursos narrativos, o *Diccionario de Medicina Popular* caracterizou-se pelo uso de alguns nomes próprios. Dessa forma, no frontispício da segunda edição do livro, de 1851, lê-se: “Devem todos os homens ter algum conhecimento da Medicina. HIPPOCRATES”.³⁷¹ É bem verdade que a menção a Hipócrates parece responder a motivações concernentes ao reconhecimento do valor do livro por parte dos representantes do campo científico. Apresentar uma frase atribuída ao pai da medicina, a endossar a importância de propostas como a do calhamaço do Dr. Chernoviz, constituía uma postura defensiva diante das críticas que poderiam advir dos médicos que viam neste empreendimento uma ameaça a suas exclusividades profissionais.

³⁷¹ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, s/p.

No entanto, tudo indica que a credibilidade evocada pelo pai da medicina não se restringia aos homens de ciência. Ao longo do *Diccionario de Medicina Popular*, não apenas Hipócrates, mas uma série longa de nomes próprios referentes a séculos muito recuados aparecia no seio de algumas narrativas. Assim, no verbete LONGEVIDADE, pode-se ler:

Hippocrates e os philosophos do seu seculo punhão todo o segredo de uma longa vida na temperança, em um ar puro, no uso dos banhos, no exercicio, e principalmente no das fricções quotidianas. Outros davão como principaes os exercicios variados da gymnastica. Herodico, que exagerou suas applicações, pareceu assim, augmentando os esforços, triumphar até a esfalção, e Platão quasi que o critica por ter prolongado desta sorte as mais miseraveis existencias. Os preceitos de Plutarcho aos quaes elle mesmo deveu sua velhice, e que consiste em não esquecer-se do corpo pensando no espirito, e em oppôr ao principio o jejum ás simples indisposições antes de recorrer aos remedios, merecem ser ainda conservados.³⁷²

Além de Hipócrates, Heródico, Platão e Plutarco, havia Sócrates, Cícero, Plínio, Galeno, Celso e muitos outros. Boa parte deles estava presente também nas páginas do *Lunário Perpétuo*, nas quais avizinhavam Paládio, Avicena, Nicoláo Florentino, Almançor, Demóstenes, Crescentino etc. Tanto no livro perpétuo, quanto no *Diccionario* do Dr. Chernoviz, o apelo a esses nomes próprios concernia à mobilização de uma figura da autoria usualmente referida por *auctoritas*. Nela, forja-se um princípio de designação dos textos nos quais, “os nomes próprios podem ser garantias de autoridade, independentemente da produção do texto”.³⁷³ Ao percorrer uma cadeia de transmissão no interior de determinados gêneros escritos e orais, o mais importante era que esses nomes próprios funcionassem na produção de credibilidades com nase na ancianidade que evocavam.

No *Diccionario de Medicina Popular*, a irrupção de um passado eivado em positivities pela via do nome próprio não se restringiu a essas *auctoritas*. Verifique-se, nesse sentido, o caso da última edição da obra, que veio a lume em 1890, tendo-se passado nove anos da morte do médico polonês. Foi organizada pelos novos dirigentes da casa editorial fundada em Paris pelo Dr. Chernoviz, entre os quais Fernando

³⁷² CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 2. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 488-489.

³⁷³ CHARTIER, Roger; FAULHABER, Priscila; LOPES, José Sérgio Leite (Org.). **Autoria e história cultural da ciência**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012, p. 105.

Chernoviz, seu filho. Apresentava-se, como foi feito a cada edição, como uma obra mais aumentada, mais atualizada, mais comprometida com o progresso. Na que concerne a sua elaboração, o prólogo informa:

Para conservar ao Dictionario de medicina popular do doutor Chernoviz, a reputação tão merecida de que goza, encarregamos de sua nova redacção a dois eminentes doutores, um chefe de clínica do hospital da Salpêtrière, outro addido do hospital Cochin, de Pariz, que souberam desenvolver as materias novas de que trataram, em uma linguagem facil e comprehensivel de todos, não tendo elles perdido de vista, os caracteres particulares do publico para quem escreviam.³⁷⁴

Há aqui uma tensão entre o futuro e a tradição. Obra que se queria comprometida com o tempo do progresso, o *Diccionario de Medicina Popular* manteve sua atualidade mediante a escrita contratada de homens de ciência em plena atividade na capital francesa. Por sua vez, o nome próprio do Dr. Chernoviz, o único mencionado na capa, no frontispício e no prefácio do livro, não mais fazia coincidir o autor e o escritor; utilizado abertamente como expressão de verdade e de credibilidade, aparecia nessa última edição do *Diccionario de Medicina Popular* com o fito de assegurar a seus leitores uma garantia que mais parecia se orientar por razões de tradição ligadas a uma reputação construída ao longo de mais de 50 anos de atividade editorial no Brasil e na França. Agregava-se o valor do livro não exclusivamente por seu engajamento no progresso, mas por sua potência de permanência, consubstanciada, diga-se de passagem, nas várias formas narrativas que manteve em revezamento com a estrutura científica de dicionário.

Esse raciocínio parece se confirmar quando se flagram acenos ao nome próprio do médico polonês no interior do próprio *Lunário Perpétuo*. Na edição da casa Chardron, de 1927, um número grande de seções indica uma transcrição realizada do *Diccionario de Medicina Popular* do Dr. Chernoviz: *Socorro a dar as pessoas afogadas e asphyxiadas; Socorro a dar as pessoas envenenadas; Modo de curar as mordeduras e picadas dos insectos, Modo de curar as mordeduras das cobras venenodas; Modo de tratar e curar a moderdura do cão damnado; Modo de conhecer a raiva nos animaes*; e, por fim, *Remedios para algumas molestias*. Nesta ultima seção, organiza-se em ordem alfabética uma lista de doenças seguidas por uma rápida

³⁷⁴ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. VI.

descrição e pelos tratamentos adequados. A compilação da obra do Dr. Chernoviz é patente, e vem a se comprovar pela discreta alusão, em duas únicas ocasiões ao longo de mais de 150 páginas, a seu nome próprio. Primeiramente no verbete BEXIGAS CONFLUENTES: “Finalmente, diz o dr. Chernoviz, cujos escriptos nos servem de guia, chega a sêcca das bexigas, que principia pela face; diminue a inchação, forma-se uma extensa crosta escura, que cáe no quinto ou sexto dia da sua formação, a qual é substituída por escamas, que se renovam muitas vezes”.³⁷⁵ E uma segunda vez no verbete TETANO, “Diz o Dr. Chernoviz que a medicina tem numerosos medicamentos contra o tetano, mas que lhe parece serem mais proveitosos os seguintes: Extracto de opio, 5 centigram. (1 grão) [...]”.³⁷⁶ De um lado, o livro perpétuo cede espaço para a forma dicionário, com um raciocínio concatenado pelo trabalho dos reenvios, a expressar um estágio em ápice, logo pactuado com o progresso, da medicina de inspiração clínica. De outro lado, aparecendo ao longo das páginas do *Lunário Perpétuo*, dividindo espaço com Hipócrates, Plínio, Avicena, Platão, Cícero e outros, o Dr. Chernoviz tende a confundir-se com uma *auctoritas*, em força de verdade pelo apelo da tradição, pela autoridade do passado.

Se o *Lunário Perpétuo* queria se salvar da desapareição introduzindo em suas páginas a temporalização ao lado das experiências ocultas e sagradas usualmente relacionadas ao passado, o *Diccionario de Medicina Popular* trilhou um caminho inverso. Desejando durar, recorria aos tempos imunes ao progresso; tempos que se desdobravam pelos conteúdos e formas narrativas que instituía uma prosa do mundo por conexões maravilhosas, sagradas e secretas. A operação foi arriscada e radicalizou-se a ponto de ter sido o próprio Dr. Chernoviz engolido pela multiplicidade das experiências temporais aglomeradas na dita tradição. Desse modo, não apenas trouxe para seu calhamaço traços dos livros com apelos sagrados, mas ultimou por se integrar a eles.

Esses contínuos movimentos que os livros realizam entre o passado e o futuro vão ser também empreendidos pelos remédios a partir das várias experiências do tempo que decorrem dos consumos. Conjugando ritmos e rituais, os remédios viabilizam

³⁷⁵ **Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão Ltda, 1927, p. 339.

³⁷⁶ *Ibidem*, p. 465.

estratos do tempo com diferentes velocidades, durações e embasamentos que, simultâneos, se entrelaçam nos improvisos cotidianos comprometidos com a produção da saúde.

4. RITMOS E RITUAIS

4.1. De fastios a acúmulos

No *Lunário Perpétuo*, os cuidados que diziam respeito aos trâmites do baixo ventre ocupavam lugar de destaque ao longo das seções dedicadas direta ou indiretamente aos assuntos da saúde e da doença. Nas três publicações portuguesas em estudo, os trabalhos da edição mantiveram as passagens que apregoavam todo um conjunto de remédios comprometidos em “ajuda[r] a digestão, aperta[r] as carnes, tira[r] o fastio, move[r] o appetite”.³⁷⁷

A observância em torno da entrada do alimento e da eliminação dos dejetos repercutia para além das páginas do livro perpétuo. Em livro de memórias intitulado *Recordações de um Boticário*, o prático de farmácia Antenor Gomes de Barros Leal narra episódio ocorrido com certo Julião. Como de hábito entre muitos sertanejos, sempre que se deslocava ao centro mais urbanizado de Boa Viagem, Julião reservava uma visita à botica do Antenor. Depois de muito tempo sem aparecer, Julião enviou Maria, sua mulher, para ir ter com o prático:

- Seu Antenor, o seu amigo José Julião está doente; mandou dizer que está sem movimentação há 15 dias. Já tomou dois purgantes de óleo de rícino e um de óleo de carrapato (óleo de rícino impuro) e não saiu nem vento. Tomou mais de 10 pílulas do Mato, e nada.
- Está se alimentando? – perguntei.
- Sim senhor. E nem parece que está doente, não tem fastio, come carne, arroz, toma leite e chá de canela com tapioca de goma.
- [...]
- Dona Maria, o caso do Julião é muito sério e ele vai morrer se não for levado para Fortaleza. Leve enquanto pode viajar.³⁷⁸

O conselho de deslocar o enfermo para um centro onde os recursos médicos eram tidos como mais adiantados, no entanto, não foi considerado por Julião. Antenor receitou alguns remédios e ficou aguardando notícias.

³⁷⁷ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 217.

³⁷⁸ LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 49.

Depois de alguns dias volta D. Maria e com muita calma diz:
- Seu Antenor, o homem parece que está entupido ou com nó na tripa. Preparei uma lavagem intestinal para ser aplicada com irrigador e mandei continuar com os remédios.
D. Maria voltou depois de mais 8 dias.
- A lavagem intestinal de nada serviu, não entrou nada.
Estava assim uns trinta e poucos dias sem defecar e não queria mais tomar remédios. Seu desejo era tomar leite com café e fumar até morrer.
[...]
D. Maria ficou certa de mandar-me notícias porém foi obrigada a vir pessoalmente para dizer:
- Seu Antenor, a barriga do Julião estourou do lado e está saindo tudo; não tem quem agüente ficar dentro de casa.
Mandei um desinfetante ‘Benzocreol’ para ser colocado em água para lavar a casa, mais um quilo de alfazema com incenso para ser queimado no quarto. Mandei também algodão hidrófilo e hipoclorina para uso local. Fiquei aguardando a notícia de sua morte... mas não morreu!
D. Maria apareceu muito alegre.
- Seu Antenor, o buraco do Julião fechou e ele está fazendo as necessidades mesmo pelo ‘fiofó’...³⁷⁹

Antes de mais, convém pensar sobre os motivos que levaram o episódio vivido a ser transformado em episódio narrado em livro de memórias. Antenor Gomes de Barros Leal publica suas memórias em 1980. Elege suas experiências em botica do interior durante as décadas de 1920 e 1950 como assunto privilegiado de suas lembranças, elaboradas quando já estava instalado em Fortaleza, sofrendo de arteriosclerose cerebral – complicação que, com certa frequência, anuviava suas lembranças recentes e antigas. Para o autor, forjar estratégias para não se deixar esvair no esquecimento de si era a maior ofensiva que ele poderia empreender contra sua doença. Lembrar-se e curar-se eram verbos que se conjugavam juntos, e adquiriam força pela prática da escrita.

Um tom informal de conversa de calçada, repleto de hábitos e curiosidades dos matutos de Boa Viagem, invencionices, brincadeiras e gaiatices, conduz a escrita de Antenor de Barros Leal. O autor seleciona episódios que dizem respeito mais de perto a sua vida pessoal e aos seus, pontuando sofrimentos e alegrias, dificuldades e vitórias, intercorrências e acasos que o enalteciam como profissional da saúde, proprietário de terras e administrador de negócios, personalidade importante e influente de Boa Viagem, homem generoso e filantropo com o qual os despossuídos podiam contar. Tais

³⁷⁹ LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 49-50.

episódios se alocam lado a lado ou ainda confundidos com outros que buscavam expressar um veio cômico e ao mesmo tempo surpreendente, curioso. Adísia Sá, em espécie de prefácio à obra, o confirma: “há histórias gaiatas e brincalhonas, embora verdadeiras, levando o leitor, como a mim, a gostosas gargalhadas, tão cheias de detalhes interessantes elas são, onde estão mescladas a ingenuidade e a malícia populares”.³⁸⁰

Em suas memórias, Antenor de Barros Leal objetivava claramente fazer brotar o riso em seu leitor. E para isso, dentre alguns artifícios de efeito cômico, resolveu explorar, seja em detalhes de passagem, seja na forma de pauta central, certa atmosfera do baixo ventre, em especial aquilo que dizia respeito aos trâmites intestinais.³⁸¹ Ocorria, não obstante, que tanto falatório em torno da entrada dos alimentos e da saída dos dejetos, mesmo quando o escopo era fomentar o riso, não encobria os temores e expectativas suscitados por estas dinâmicas – é o que se depreende do caso de Julião.

Alceu Maynard de Araújo, em estudo sobre o município alagoano de Piaçabuçu, em meados dos anos 1950, reforça a centralidade dos assuntos da digestão nas práticas de saúde:

O ‘doutor das raízes’ faz seus diagnósticos com perguntas a respeito dos ‘fundos sujos’ ou ‘traseiros carregados’ (diarreia), ‘traseiro empitado’ (prisão de ventre), língua suja, a cor da urina, ‘barriga empedrada’, bucho fofo, malemolência das pernas, ‘bom de boca’ ou ‘mau de boca’ (apetente ou inapetente). Conforme a informação é indicado o remédio.³⁸²

Na narrativa de Antenor de Barros Leal, a conversa entre o boticário e Dona Maria sobre os trajetos da comida em Julião toca numa noção de grande importância para essas questões, o fastio. Vê-se com surpresa o fato de que o doente não apresentava fastio, matendo os mesmos hábitos alimentares, mesmo diante de um quadro de saúde

³⁸⁰ SÁ, Adísia. “Recordações de um Boticário”. In: LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 12-13.

³⁸¹ Curioso perceber zonas de convergência entre os temas recorrentes na narrativa de Antenor Gomes de Barros Leal e o chamado *realismo grotesco* de François Rabelais, analisado por Mikhail Bakhtin. A despeito de toda profundidade, complexidade, organicidade e mesmo força política que Rabelais confere à dita “cultura popular” nos períodos conhecidos por Idade Média e Renascimento, ausentes, não há dúvidas, do texto do memorialista cearense, flagra-se em diversas passagens da pena deste último, tal como conclui Bakhtin para *Gargantua e Pantagruel*, um movimento de rebaixamento corporal que, tematizando a entrada da comida e a saída dos dejetos, tomava por características “O exagero, o hiperbolismo, a profusão, o excesso” BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. O Contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 265.

³⁸² ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 167.

delicado. Designando correntemente a ausência de apetite, característica de quem é “mau de boca”, o fastio é sinal de que algo não vai bem; constitui, nas palavras do Dr. Chernoviz, “um symptoma que se encontra no maior numero das molestias”.³⁸³

Fato correlato, se a presença do fastio indicia um funcionamento mórbido da digestão, o seu desaparecimento era razão para se aventar uma boa recuperação. Assim se depreende de um outro caso de Antenor de Barros Leal, em que discorre sobre os cuidados dispensados a um morador de Boa Viagem acamado em virtude de ataque de um touro:

O animal investiu furioso e de frente, atirou-o ao longe, com o ventre perfurado e os intestinos de fora. Banhado em sangue gesticulava, chorava e gritava. Foi levado para a farmácia, com as vísceras sujas de folhas e areia, cobertas por uma bacia. Posto em cima de uma mesa, recebeu um banho de água do pote e sabão de alcatrão. Sujo e sangue não faltava da cabeça aos pés. Terminado o banho, foi embrulhado em cobertores de lã, porque tremia que ‘só vara verde’. Em seguida as vísceras foram limpas com água fervida misturada com Hipoclorina, depois com água destilada e tudo pulverizado com ‘Stopton’. Terminada a operação, recebeu uma faixa de pano cuidadosamente costurada, sendo transportado para o seu quarto. Ficou sob os cuidados de Nazaré, uma enfermeira improvisada, que, aliás, tinha muito jeito para o trabalho; só deixava seu doente, às 10 horas da noite, quando recebia a última visita dos amigos. A porta era fechada por fora, com dois ferrolhos, e, às 5 da manhã, Nazaré já estava dando pão molhado com café. Depois de apenas três dias de tratamento, já queria queijo e estando bem tratado, não teve febre e nem tão pouco fastio. O leite puro, só aceitou no primeiro dia. Depois de cinco dias mudei os curativos e a faixa. Tudo estava muito bem. Mais 5 dias, fiquei sem acreditar no que meus olhos estavam vendo, tudo sarado e perfeitamente bem.³⁸⁴

Observe-se que a cura era considerada surpreendente e digna de memória tanto mais por haver o animal atacado de forma certa região fundamental do corpo da vítima, a saber, o trato digestivo. Assim, o fato de o acidentado apresentar apetite e responder bem aos alimentos com poucos dias de tratamento, negando fastio, foi o indício mais notório de que o restabelecimento estava se encaminhando de modo incrivelmente rápido.

³⁸³ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. vol. 2. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 216.

³⁸⁴ LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 70-71.

Dava-se, não obstante, que a presença ou a ausência do fastio nem sempre diziam respeito de forma muito direta e restrita ao funcionamento da digestão. Pode-se dizer que o centro do corpo, ocupado pelos trâmites que intermediavam o comer e o evacuar, firmava comunicações com as periferias, e então repercussões sobre o apetite poderiam sinalizar, em alguns casos, problemas para além da digestão.

No romance *A Normalista*, publicado em 1893, Adolfo Caminha assim descreve como se sentia a protagonista após ter passado a noite com seu padrinho:

Logo no dia seguinte à noite do seu defloramento Maria do Carmo queixou-se de fortes dores na cabeça e nos quadris, indisposição geral, e uma ausência quase absoluta de apetite. Não podia ver comida de espécie alguma nem sentir ao menos o cheiro de guisados. Tudo a enjoava provocando-lhe náuseas. Cada vez que se lembrava de João vinham-lhe arrepios na pele e ‘agasturas na boca do estômago’.³⁸⁵

O mal estar de natureza vaga por que passou Maria do Carmo após perder a virgindade vinha à tona com diversos sintomas, sendo que aqueles que atravessavam o trato digestivo, em especial o fastio, eram dignos de menção. Aliás, no romance de Adolfo Caminha, em especial, palavras mais correntemente aplicadas para designar coisas da digestão tinham, em certas circunstâncias, seus sentidos alargados, dando conta de sensações, sentimentos ou impressões várias dos personagens. Assim, por exemplo, Maria do Carmo, descobrindo que estava grávida do padrinho, entrou num profundo desânimo e não raras vezes buscava lutar contra ele se entregando a algumas atividades. Certo dia, “num domingo, levantou-se resolvida a ir jantar com a Lídia, ao menos por desfastio, que aquela casa era um horror”.³⁸⁶ Outras vezes, “recolhia-se ao silêncio do seu quarto a costurar ou a ler o Almanaque das Senhoras por desfastio, para se distrair”.³⁸⁷ Tanto num caso como no outro, o abatimento por conta da sua nova situação social era combatido por atividades de “desfastio”, o que significava então que o desânimo mantinha relação de sinonímia com a palavra que antes, ou simultaneamente, dizia respeito à ausência de apetite.

Dos problemas que envolviam a digestão, não parece haver dúvidas de que prisões, entraves ou acúmulos duradouros no ventre eram motivos de receio. A

³⁸⁵ CAMINHA, Adolfo. *A Normalista* [1893]. Fortaleza: ABC, 1997, p. 134.

³⁸⁶ Ibidem, p. 135.

³⁸⁷ Ibidem, p. 154.

depende da duração das abstenções de evacuação, podia-se configurar uma entidade mórbida de alto risco, denominada usualmente *volvo* ou “nó na tripa” – expressão com a qual Antenor de Barros Leal intitulava a narrativa sobre Julião. A este respeito, lembre-se não apenas do conselho do prático de farmácia para que Julião fosse o quanto antes para a capital Fortaleza no intuito de receber um tratamento mais adequado à gravidade do distúrbio, mas também da atitude resignada do doente, que se pôs a esperar a hora da morte após os repetidos insucessos dos remédios que tomara.

J. de Figueiredo Filho, em seu livro de memórias *Meu mundo é uma farmácia*, publicado em 1948, também relata um caso dramático de nó na tripa enfrentado por um farmacêutico em cidade pequena do Piauí – e de que teve notícia por um médico que, tendo passado temporada naquele estado, viria, posteriormente, a participar com certa frequência da famosa roda de sua farmácia, na cidade do Crato.

Disse-me que tal boticário se tornou célebre no Piauí, pela sua cura extravagante que fez de um doente de *volvo*. O pobre estava nas últimas. Sem esperanças. O farmacêutico experimenta todos os purgantes do estoque. Sem resultado. Caso quase perdido. Naquele sertão sem recursos o doente estava inteiramente entregue aos seus cuidados. Tinha que lançar mão de todos os meios. Consultou livros. Tudo em vão. A experiência dos matutos. Mesmo fracasso. Então veio-lhe uma idéia. Mandou buscar o fole na casa do ferreiro. Aplicou-o no mesmo local onde se dão os clisteres. Tocou o fole para funcionar.

Daí a pouco o doente gritava:

- Não aperte mais seu boticário, já está saindo pela boca!

O remédio foi doído mas o doente curou-se radicalmente do nó na tripa.³⁸⁸

De uma maneira geral, os registros tendem a indicar que, ao atingir o estágio de nó na tripa, a prisão de ventre raramente era superada. Os casos de restabelecimento eram poucos e quase sempre envoltos em curas surpreendentes, como ocorrera a Julião, que teve o ventre estourado, mas incrivelmente cicatrizado, e ao enfermo tratado pelo boticário piauiense, que se viu salvo de forma inusitada e dolorosa por um fole. Eduardo Campos, em *Medicina Popular no Nordeste*, relata caso de cura desta enfermidade igualmente insólito. Em suas andanças pelo interior do Ceará, anos antes da publicação da primeira edição da obra, em 1951, o folclorista colheu a seguinte história: “Em Guaiúba (Município de Pacatuba), sabemos de um caso em que o paciente foi posto na

³⁸⁸ FIGUEIREDO FILHO, J. **Meu mundo é uma farmácia**. São Paulo: Editora Instituto Progresso Editorial S.A., 1948, p. 144.

bandeirola da porta, de cabeça para baixo, dependurado pelos pés, o que serviu – segundo testemunho de algumas pessoas – para o nó se desfazer”.³⁸⁹ A mesma sorte já não teve a maioria dos acometidos da enfermidade. O Dr. Chernoviz informa que “frequentemente os doentes lutam durante quinze dias; mas alguns succubem no fim de 24 ou 36 horas”,³⁹⁰ tal o caso de certa senhora, personagem secundária do romance oitocentista *Luzia-Homem*, de quem se diz muito rapidamente, sem maiores detalhes e sob certa resignação, que morrera de nó na tripa.³⁹¹

Com efeito, podia-se morrer por conta de acúmulos no ventre, assim como os acúmulos no ventre anunciavam a iminência de alguns decessos. No final do século XIX, Oliveira Paiva refere, no romance *A Afilhada*, a percepção do corpo da mãe da protagonista antes de vir a falecer:

- Você sabe se o Santíssimo foi para a mulher do cego João de Paula?
- Foi, inhô sim - respondeu a mendiga. Desna dont (*sic*) que ele não aparece por aqui.
- E a corna da Antônia nem se lembra dele!
- Que Antônia? A Toinha que está em casa de Siá Dona Fabiana? Não senhor, abaixo de Deus, foi quem mandou de comer para ontem e pra hoje. Porém a Chiquinha está morre não morre. Deus me salve tal lugar, mas está co'a barriga por aqueles mundos, de inchada – e arqueava largamente os braços sobre o ventre.³⁹²

E no romance *O Quinze*, publicado em 1930, e versando sobre o estio do ano que dá título ao livro, Rachel de Queiroz assim descreve o estado do pequeno Josias, pouco antes de morrer, após ter ingerido uma raiz de planta venenosa: “O ventre lhe inchara como um balão. O rosto intumescera, os lábios arroxeados e entreabertos deixavam passar um sopro cansado e angustioso”.³⁹³

As gravidades que acompanhavam a digestão depõem por sua centralidade na produção da saúde. Operação que realizava a transição do ato de comer ao ato de evacuar, a digestão ocorria no centro mesmo do corpo, como a garantir um equilíbrio entre as trocas que os homens efetuavam com o mundo. A interrupção ou o mau

³⁸⁹ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 89.

³⁹⁰ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. vol. 2. 6. ed. Pariz: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. 204.

³⁹¹ OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem** [1903]. Fortaleza: ABC, 2002, p. 75.

³⁹² PAIVA, Oliveira. *A Afilhada* [1889]. In: Idem. **Obra Completa**; introdução e pesquisa bibliográfica, Rolando Morel Pinto. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993, p. 178.

³⁹³ QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze** [1930]. São Paulo: Siciliano, 2000, p. 52.

funcionamento desse movimento, portanto, constituíam motivos de preocupação e demandavam terapêuticas particulares.

No número de setembro de 1930 da revista *Ceará Medico*, órgão oficial da associação médica do estado, narra-se o episódio em que um padre, nos idos de 1875, chegado recentemente em freguesia do interior, ocupou-se não somente de cuidar espiritualmente de seu rebanho, mas penetrou igualmente nas searas do corpo. Já no atendimento ao seu primeiro paciente, teve de lidar com um caso de inchaço no ventre.

Tratava-se de um hydropico geral, portador de verdadeira anasarca, queixando-se de fortissima dyspnéia e tal era a inchação que o doente parecia querer estourar !

Naquelle tempo, já estava em plena evidencia a fama da efficacia das pilulas purgativas do cirurgião Mattos, de Baturité, e para logo o nosso improvisado medico aconselhou que se ministrasse ao doente uma dóse das referidas pilulas, bastando cinco, que era a quantidade prescripta pela bulla que acompanhava o vidro, dóse essa, sufficiente para se obter “fortes e largas evacuações de serosidade” e de cujo effeito, o doente sentir-se-ia, com certesa, bastante alliviado, sentenciou grave e paternal o caridoso Padre.³⁹⁴

À semelhança de muitos textos escritos por médicos, o excerto acima veiculava uma apreciação negativa sobre as práticas dos agentes de cura ditos desautorizados. Nesse caso específico, flagra-se o anseio de fomentar um senso de ridículo que deveria culminar no riso. Além da conduta considerada pouco especialista, indicando um remédio afamado para resolver um caso sem que houvesse maiores atenções às particularidades da doença, este remédio eram as pílulas purgativas do Dr. Matos, então pintadas com as cores do descrédito por boa parte dos médicos da capital nos anos 1930.

Ainda nesta década, Antenor de Barros Leal conta episódio em que teve de acudir um afilhado que padecia de inchaço no ventre:

Parecia um anjo papudo, pálido e frio, magro e com o ventre volumoso. Logo à noite, o pai deu-lhe formidável purgante de óleo de rícino.

Meu pobre afilhado estava ‘entupido’ – tinha passado aqueles dias engulindo sementes de melancia.

Comecei o trabalho. O menino foi colocado em cima de uma mesa e com o dedo indicador descoberto procurei resolver a situação.

³⁹⁴ *Ceará Medico*, set.1930, p. 8-9.

De pouco a pouco fui retirando grãos, até que, em dado momento, fui banhado... Além do mau cheiro, experimentei, também, o gosto das sementes oleosas.

Nunca imaginei que pudesse ouvir tão grande saída de gases, nem ver tamanha quantidade de sementes.³⁹⁵

Para aliviar os acúmulos, para além de expedientes insólitos, como este último de que fez uso o boticário no episódio de seu afilhado, parecia ser corrente o emprego primeiro de remédios purgativos. Era o caso das pílulas do cirurgião Matos, de que lançou mão o padre oitocentista, e que eram, até pelo menos os anos 1940, segundo J. de Figueiredo Filho, “remédio empregado até o abuso pelo sertanejo”.³⁹⁶ Igualmente o óleo de rícino, extraído da planta carrapateira ou mamona, como no caso acima citado. No episódio de Julião e seu nó na tripa, lembre-se de que os dois remédios foram igualmente utilizados – o óleo de rícino, aliás, em sua versão pura e impura, neste último caso, “misturado com água, assucar e sumo de limão”.³⁹⁷

É muito provável que os purgativos tenham sido os remédios mais consumidos no Ceará desde os finais do século XIX até, pelo menos, as primeiras décadas do século XX. Não à toa, portanto, havia deles de todos os tipos: produzidos em casa, formulados nas oficinas das farmácias ou na forma de especialidades farmacêuticas, algumas delas importadas, adquiridas em drogarias ou casas depositárias. Tudo indica que haviam alçado à categoria de gênero de primeira necessidade, correntemente presentes nos domicílios e consumidos sem maiores restrições. Lembre-se de que quando o desarranjo intestinal estava deflagrado, tais remédios eram os primeiros recursos terapêuticos levados a cabo pelos enfermos. As fontes analisadas sugerem que, só algum tempo depois do consumo dos purgativos, quando estes remédios não apresentavam os efeitos desejados, é que se buscavam os conselhos de um agente de cura ou o auxílio de algum expediente mais drástico. Assim se procedia em quase todos os registros citados até agora.

³⁹⁵ LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 52.

³⁹⁶ FIGUEIREDO FILHO, J. **Meu mundo é uma farmácia**. São Paulo: Editora Instituto Progresso Editorial S.A., 1948, p. 118.

³⁹⁷ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. vol. 2. 6. ed. Pariz: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. 366.

Outro indício da larga utilização desses purgativos diz respeito à forma como eram comercializados. No final do século XIX, o Desembargador Osório, personagem do romance *A Afilhada*, fazia o seguinte comentário sobre seu amigo farmacêutico:

Se não fora a boa fama das suas drogas e preparados, ninguém se atreveria a pôr-lhe o pé na soleira. Além disso, mercava com unhas de fome. Este último distintivo deu azo até a anedota de que um roceiro, indo comprar-lhe um purgante de óleo de rícino, pediu que botasse maiorzinho, que era para gente pobre; ao que o farmacopola respondeu que aquilo não era leite batizado, se queria com lavagem, era ir ao Chico Focinho, que vendia azeite de carrapato muito bom para purgar animais.³⁹⁸

No trecho acima, a solicitação para botar “maiorzinho” do óleo de rícino insinua uma situação em que os remédios, assim como alguns gêneros alimentícios de apreço, ainda não eram comercializados em embalagens fechadas, com pesos e medidas bem fixados como decorrência de um beneficiamento de caráter mais industrial. Nessa época, em geral, produtos secos e molhados eram organizados em razoáveis estoques nos estabelecimentos de venda. Somente a partir da demanda de um cliente, estes produtos eram postos em recipientes com as quantidades encomendadas e possivelmente suscetíveis de algumas imprecisões. Fatores como a amizade, a piedade ou o dever filantrópico podiam gerar quantidades mais generosas em relação ao preço que se cobrava. Mas não para a maioria de seus comerciantes, como atesta o excerto acima.

Valendo para os preparados formulados nas oficinas de farmácias, e também para aqueles que, importados ou não, lá não se produziam, mas se vendiam, essa modalidade de venda de remédios não estava isenta de possíveis debates ou querelas referentes à qualidade dos produtos. No caso dos remédios aviados nas farmácias, se bem que as fórmulas pudessem ser as mesmas, pequenas variações nas matérias-primas, nos equipamentos e instrumentos utilizados e mesmo nas práticas de manipular podiam determinar diferenças sensíveis entre purgativos que recebiam o mesmo nome, tal o purgante de óleo de rícino, que, segundo indica o trecho do romance *A Afilhada* supracitado, poderia conhecer espécies mais efetivas e outras nem tanto.

A este respeito, J. de Figueiredo Filho rememora a seguinte ocorrência:

³⁹⁸ PAIVA, Oliveira. *A Afilhada* [1889]. In: Idem. **Obra Completa**; introdução e pesquisa bibliográfica, Rolando Morel Pinto. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993, p. 330.

Dr. Juvenal, do Serviço de Peste, já falecido, e meu antigo colega no Colégio Diocesano, às vezes sentava-se em meu estabelecimento para relatar fatos ocorridos quando trabalhava no Piauí. Clinicava em certa localidade e gostava de palestrar na farmácia, nas horas de lazer.

Estava um dia em sua palestra costumeira, quando chega freguês pedindo pílulas de Matos. O boticário abre grande frasco de boca larga e retira as pílulas, embrulha e as entrega ao freguês. Mais tarde vem outro e pede pílulas de Bristol. Novamente o dono da farmácia vende-as tirando do mesmo frasco. O fato se repetiu com pílulas de vida.

O médico intrigou-se com o caso que se passava em suas barbas.

- Que diabo é isso, você tira tudo do mesmo vidro?

- Não venha me atrapalhar, doutor. Aqui faço ³⁹⁹é assim mesmo e todo mundo se cura. Não há freguês que proteste.

As três espécies medicamentosas acima citadas incluem-se no gênero dos purgativos. Tudo indica que não eram formulados em oficinas de farmácia, apenas aí comercializadas. Não apenas a grande variedade de purgativos existentes, mas também seus armazenamentos em consideráveis quantidades nos estabelecimentos farmacêuticos vêm reforçar a venda corrente e o consumo efetivo. No entanto, pode-se imaginar o quanto poderia ser inconveniente para uma casa comercial ter em depósito vários remédios diferentes que respondiam às mesmas necessidades. Corria-se o risco de não ter um remédio mais procurado em quantidade suficiente para a demanda ou, pior, de ver sobrar e inutilizar um outro com revenda fraca.

Diante dessa situação, alguns proprietários de farmácias, como o citado acima, poderiam tirar vantagens das organizações espaciais no interior dessas casas comerciais, em que os depósitos dos remédios e ainda os processos de pesar e embalar nem sempre ficavam às vistas dos clientes, muitas vezes em espera ao balcão do estabelecimento. Nesse sentido, não estava garantido ao comprador o produto solicitado. Por outro lado, como os purgativos poucas diferenças pareciam possuir entre si, não eram possivelmente muitos os que saíam insatisfeitos.

Pode-se imaginar que alguns proprietários de farmácias tivessem feito uso dessas vantagens da organização espacial da farmácia, vendendo remédios de menor qualidade por um preço mais elevado. Engana-se, porém, quem pensa que tais atos tivessem passado despercebidos entre os compradores. Sobre o movimento de sua farmácia, J. de Figueiredo Filho escreve:

³⁹⁹ FIGUEIREDO FILHO, J. **Meu mundo é uma farmácia**. São Paulo: Editora Instituto Progresso Editorial S.A., 1948, p. 144.

Uma cena muito comum em nosso trabalho cotidiano:

– Aqui tem mezinha de óio [olho]?

– Temos, sim.

– Apois bote um tostão neste frasquim.

Entrega-nos comumente um vidro sujo. O empregado tem que lavá-lo muitas vezes. O freguês ainda recomenda:

– Traga do bom!

Quando se entrega o remédio ainda acrescenta:

– Botem uma tampinha!

Tanta coisa por um tostão acaba amolando a nossa paciência. Mas temos de atender àqueles humildes fregueses mas sempre sinceros e firmes.⁴⁰⁰

A venda de remédios a granel, como se vê, não era uma exclusividade dos purgativos, muito embora eles pareçam ter sido os mais comercializados nesta modalidade. De todo modo, importa aqui ressaltar que se o farmacêutico poderia tirar vantagens na venda dos remédios, também o consumir tinha suas astúcias. A ressalva de que exigia o remédio “do bom” parece funcionar como um constrangimento diante do vendedor, alertando-o de que a ingenuidade dali passava longe. Era possível que o comprador não tivesse como asseverar a conduta correta do farmacêutico. Ainda assim, sua postura desconfiada não perdia força. A posterior observação sobre os efeitos do remédio poderia contribuir para o descrédito do estabelecimento. E em sociedades sertanejas, como era aquela em que J. de Figueiredo Filho mantinha farmácia, não era bom subestimar a potência da palavra falada de boca em boca.

De uma maneira geral, os acúmulos, prisões de ventre e outros desarranjos digestivos se atenuavam pelo consumo de purgativos. Muito embora estes remédios operassem estimulando liberações pela via intestinal, havia deles que agiam produzindo vômitos. Chamavam-se vomitórios. A eles, se fez alusão em circunstância na qual Maria das Dores, do romance *A Afilhada*, diante da notícia desagradável concernente a Vicente, amofinou-se.

Mariinha em casa, estava prostrada. Inventou um *estalido*. E então, Santo Deus, a sua dor podia gemer alto. O Centu ia naufragar... Quando visse unicamente mar e céu, e no tenebroso da tempestade, aí o vapor afundava... Ela tapava os olhos e dava um grito. Considerava-se viúva. Ah! tornaria ao Colégio, ia ser Irmã!... Mas a congregação não aceitaria mais, ela tinha agora consigo, como a louça velha, as eivas do calor mundano impregnadas de ranço. A Fabiana trazia-lhe bochechos, e ralhava porque ela repelia o remédio:

⁴⁰⁰ FIGUEIREDO FILHO, J. **Meu mundo é uma farmácia**. São Paulo: Editora Instituto Progresso Editorial S.A., 1948, p. 162.

- Mamãe eu sinto uma agonia no estômago... não sei se engolir isso...
- É só para tomar na boca, e não se engole, filha! Arre, com os diabos, valha-me Deus! Tem efeito vomitivo. Agora, arranja-te!
- Pois deixe estar, mamãe, ora esta! respondia a menina chorando, com mágoa.⁴⁰¹ (grifos no original)

Estalido parece ser variante de “Estalecido” ou “Estalícídio” ou ainda “Estalícido”, vocábulos registrados em *Nomes e expressões vulgares da medicina no Ceará*, por Eurípedes Chaves Júnior, como sinônimos de “Rinite alérgica ou sinusite”.⁴⁰² Eduardo Campos, em *Medicina Popular no Nordeste*, informa que, para “Estalícite”, “lavam os pés e aproveitam a água para tomar ao nariz”.⁴⁰³ Donde se levanta a hipótese de que o suposto stalido de Maria das Dores tenha a ver com complicações nasais. Mas não apenas. Além do nariz, Mariinha acusava simultaneamente um desconforto no trato digestivo, importante sinalizador do estado de saúde e de doença. Não foi à toa, portanto, que sua mãe queria fazê-la bochechar um vomitório, espécie particular de purgativo que curava pela eliminação bucal de acúmulos, dejetos ou princípios mórbidos em geral.

Em *Luzia-Homem*, romance que se passa nos anos 1870, menciona-se uma rápida discussão em torno do consumo de vomitórios – também, desta feita, quando de uma afecção que não passava tão perto do trato digestivo.

- Um dia, pela manhã, [Alexandre] encontrou Luzia desanimada; a mãe passara mal a noite, inquieta, afrontada, como se lhe apertassem o peito ou não houvesse bastante ar respirável no estreito quarto.
[...]
- Mãezinha tem tido isso tantas vezes – ponderava Luzia, afetando serenidade. – Isto é puxado... Cheire este frasco...
 - Parece que tenho ar encausado... aqui... Olha, sinto uma bola... qualquer coisa que me tapa o fôlego. Abre bem a porta... Abana-me... Se eu tomasse o vomitório de papaconha...⁴⁰⁴

A leitura do romance de Domingos Olímpio não deve negligenciar certa proposta do autor de fazer contrastar práticas tradicionais, ditas “populares”, com outras, ditas, para o período, “científicas”. Difícil dizer até que ponto o autor se

⁴⁰¹ PAIVA, Oliveira. A Afilhada [1889]. In: Idem. **Obra Completa**; introdução e pesquisa bibliográfica, Rolando Morel Pinto. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993, p. 227-228.

⁴⁰² CHAVES JÚNIOR, Eurípedes. **Nomes e expressões vulgares da medicina no Ceará**. Fortaleza: Edição Centro Médico Cearense, 1985, p. 79.

⁴⁰³ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições o Cruzeiro, 1967, p. 107.

⁴⁰⁴ OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem** [1903]. Fortaleza: ABC, 2002, p. 33-34.

posiciona neste debate. Inegável, no entanto, entendê-lo como alguém que acredita nessas oposições. Assim, o apego ao sobrenatural, as consultas aos almanaques astrológicos para prognosticar a seca que constituía cenário maior da trama e ainda um sem número de práticas terapêuticas distanciadas da medicina moderna são sublinhadas e frequentemente contrapostas a seus antagonistas em seus respectivos campos de atuação. No último caso, têm-se diversas ocasiões em que a mãe da protagonista, desenhada como arauto maior da tradição, rejeita os “remédios da botica” receitados pelo médico, no qual Luzia se fia. É bem verdade que tal oposição é rapidamente enfraquecida quando se observam mais de perto as práticas de consumo dos remédios de modo geral e se verifica haver muito mais uma circulação de saberes, valores e crenças, seja nos preparados formulados em casa, seja naqueles vendidos nas boticas ou farmácias, do que propriamente uma oposição. Assim, o vomitório, apresentado por Domingos Olímpio como sendo um remédio valorizado por pessoas apegadas a tradições descredenciadas pela medicina moderna, aparece de outro modo no romance *Afilhada*. Nele, o “vomitório de puaia”,⁴⁰⁵ expressava medicamento de ampla procura, vendido em estabelecimento farmacêutico de profissional de boa reputação entre os círculos da ciência e do poder da capital cearense do século XIX.

Purgativos, vomitórios e mesmo remédios para abrir o apetite – neste último caso, destaque para o Elixir Estomacal de A. Gonzaga, indicado para “Fastios, Vomitos, Amargos na Bocca”,⁴⁰⁶ Pastilhas e Pós Paterson, “Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Arroto, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões diffíceis”,⁴⁰⁷ e ainda Pílulas Dehaut,⁴⁰⁸ purgante que elimina o fastio –, administrados sem maiores critérios, confundindo-se muitas vezes uns com os outros quando da eclosão de uma série de distúrbios nem sempre relacionados diretamente com a digestão, reforçam, por diversos caminhos, a centralidade desta dinâmica na produção da saúde e da doença. Alceu Maynard de Araújo, por exemplo, falava dos usos dos purgativos em Piaçabuçu: “Para qualquer dor de cabeça, mal-estar passageiro, lá vai purgante. ‘Há dias uma senhora sofreu uma batida sobre o supercílio esquerdo; imediatamente o olho ficou vermelho. Noutro dia para acabar com a vermelhidão do

⁴⁰⁵ PAIVA, Oliveira. *A Afilhada* [1889]. In: Idem. **Obra Completa**; introdução e pesquisa bibliográfica, Rolando Morel Pinto. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993, p. 330.

⁴⁰⁶ **Jornal do Ceará**, 16 mar. 1904.

⁴⁰⁷ **O Libertador**, 01 jan. 1892.

⁴⁰⁸ **O Libertador**, 15 fev. 1892.

olho, entrou no purgante””.⁴⁰⁹ Nesse mesmo sentido, o Dr. Chernoviz aconselhava o emprego de determinados purgativos “nos casos particulares em que é preciso obrar com promptidão e energia, e determinar sobre o canal digestivo uma revulsão capaz de desviar uma molestia fixada sobre algum órgão importante, como, por exemplo, na apoplexia, na inflamação do cerebro”.⁴¹⁰ Talvez o reclame de um medicamento, publicado logo na primeira página do jornal *Libertador*, de 15 de fevereiro de 1892, constitua um registro loquaz quanto a essa centralidade da digestão, que não apenas concentra dinâmicas corporais mais localizadas, sediadas no ventre, mas interfere e/ou repercute quando dos desarranjos em regiões diversas:

PILULAS CATHARTICAS DE AYER

Para o tratamento e prompta cura das

Molestias do estomago e dos intestinos, molestias do figado, dispepsia, indigestões, cólicas, náuseas, diarreia, prisão de ventre, falta de appetite, incommodos depois da comida, enxaquecas e dores de cabeça chronicas, rheumatismo e nevralgias, molestias da pelle, molestias periodicas das senhoras e, alem destas, muitas outras enfermidades que se classificam debaixo de uma infinidade de nomes, todas porém, oriundas da mesma causa, a saber:

Desarranjos dos órgãos de digestão e assimilação,

donde provém a impureza e o enfraquecimento do sangue, com a debilidade e congestão de todos os órgãos vitales do systema.⁴¹¹

A importância da digestão alargava-se continuamente, atualizando-se a cada episódio de doença, a cada indisposição, da mais leve a mais preocupante, fosse cutânea ou reumática. Por consequência, as circunstâncias que exigiam o acionamento dos purgativos eram igualmente numerosas; nelas os consumos poderiam manifestar diversas experiências do tempo.

Nesse sentido, o *Lunário Perpétuo* ensinava que “O melhor tempo do anno para purgar é a primavera, para os que não teem extrema necessidade. É mui perigosa a purga e ainda a sangria, como já está dito, estando a Lua em conjuncção e opposição com o Sol e isto por um dia antes e outro depois”.⁴¹² O consumo dos purgativos com atenção a marcos temporais tomados do calendário lunariano diz de uma produção da

⁴⁰⁹ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 118.

⁴¹⁰ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. vol. 3. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 307.

⁴¹¹ **O Libertador**, 15 fev. 1892.

⁴¹² **Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão Ltda, 1927, p. 216.

saúde que referencia os movimentos sol, pela delimitação das estações do ano, e aqueles da lua, de cujos ápices cíclicos advêm emanções perigosas. As atenções às dinâmicas que se passam no zodíaco implicam um universo que funciona na base de simpatias e compensações que urdem as relações entre os homens, os astros, os remédios, as estações, bichos e plantas numa única e intrincada prosa do mundo que se manifesta em experiências temporais astrológicas que não conhecem fronteiras entre o físico e o oculto, o natural e o sobrenatural.

O consumo dos purgativos pode também integrar interferências de outras forças que compartilham com a leitura astrológica um fundo sagrado. Câmara Cascudo anota que “certos remédios, notadamente os purgativos, fundamentais na antiga terapêutica, jamais seriam ingeridos fora de um horário rigoroso, evitando as *horas abertas*, ameaçadoras” (grifos no original). A caracterização das horas abertas enquanto “Horas sem defesa, liberdade para as forças malévolas”⁴¹³ sugere uma participação algo diabólica, de natureza mágico-religiosa, em determinados intervalos que se podem medir com os relógios (meio-dia e meia-noite, amanhecer e anoitecer), mas que envolvem uma espessura temporal além da orientação sequencial dos números. O consumo dos purgativos tendo em vista essa experiência do tempo de que participam o divino e o diabólico inclui esses remédios na interface dos estratos temporais astrológicos, religiosos e mágicos.

Além dos astros, de Deus e do diabo, os purgativos seriam convocados a participar de tempos mais mundanos, aqueles em que os homens passavam gradualmente a ser vistos como mais apartados das urdiduras celestes e ocultas. Enquanto entidade eminentemente orgânica, a doença e as etapas de seu curso confeririam referências para o consumo destes remédios, cujas densidades temporais passavam a ser ditadas por um tempo imanente ao corpo, pelo aparecimento de sintomas, pela etapa do curso mórbido etc. Para os doentes de volvo, por exemplo, o Dr. Chernoviz recomendava o seguinte purgativo: “Uma gotta de óleo de crotom tiglium, n’uma colher d’água fria com assucar, repetida tres vezes, de quarto em quarto de

⁴¹³ CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstição no Brasil**. São Paulo: Global, 2002, p. 446.

hora”.⁴¹⁴ Assim, mais importante era seguir os movimentos do relógio do que atentar para aqueles do sol, da lua e do diabo.

Em todo caso, no referente ao consumo dos purgativos, esses estratos do tempo constituíam simultaneidades e travavam distintas relações nos livros e nas práticas, a depender das circunstâncias, das necessidades, das disposições.

4.2. Regimentos, dietas, resguardos e regimes.

Nas três edições portuguesas do *Lunário Perpétuo* de que dispomos, há uma seção denominada *Regimento de saude muito util e necessário para conservar e alargar os dias da vida, tirado da medicina de Avicena*. Em comparação com as demais seções que abordam os cuidados com a saúde, observa-se que o *Regimento de saude...* não apenas permanece, como muda pouco – sinal de sua duradoura pertinência entre leitores de diversas gerações, de diversos lugares. Inicia enumerando três cuidados principais. Sobre o primeiro, destaca:

[...] porque muitas vezes vem a enfermar o corpo por não ter saude a alma, será bem que primeiro se dê uma regra e regimento espiritual do ecclesiastico, para que cada um possa, com o favor de Deus, conservar a saude da alma, que é a graça, meio principal para conservar a saude do corpo.

[...]

O que teme a Deus fará cousas boas, que são medicinas conservativas da saude da alma, e preservativas de muitas misérias, trabalhos e enfermidades do corpo.⁴¹⁵

Na sequência, enumeram-se os dois cuidados restantes:

A *segunda* cousa, que devemos procurar para conservar a saude do corpo, e ainda a da alma, é a quietação e socego de espírito, apartando de nós os demasiados cuidados corporaes, porque inquietam e perturbam o animo, tiram o somno e o repouso; pois, como diz Avicena, doct. 3, cap. I: Os demasiados cuidados diminuem e abreviam os dias de vida. A *terceira* cousa, que sobretudo devemos guardar e conservar, a temperança no comer e beber, a qual é causa de muitos bens, assim corporaes, como tambem espirituas; e, pelo

⁴¹⁴ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 2. 6. ed. Pariz: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. 205.

⁴¹⁵ *Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...* Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão Ltda, 1927, p. 218- 219.

contrario, a intemperança acarreta infinitos males, como são enfermidades do corpo e inquietações da alma [...].⁴¹⁶ (grifos no original)

Embora apresentados na forma de lista, os cuidados destacados não demoram a se confundir. As práticas em torno das refeições intercalam-se, entrecruzam-se e repercutem intimamente com os assuntos espirituais, sobretudo os da ordem da fé; anunciam, pois, uma fluidez de fronteiras entre o corpo e a alma. Semelhante compreensão é também partilhada pelo livro *Compendio Narrativo do Peregrino da America*, escrito por Nuno Marquez Pereira, cuja publicação veio a lume em 1728. Para este autor, a conduta

[...] espiritual, e interior, mais excellente, e levantada, consiste em reger, e governar os movimentos do nosso appetite, andando hum cada dia pelejando contra seus vicios, e más inclinaçoens; e negando-se sempre á sua propria vontade, e seu mesmo juizo; vencendo sua ira; reprimindo sua colera e impaciencia; refreando sua gula, e todos seus sentidos, e movimentos.⁴¹⁷

O vínculo que a comida compõe entre matéria e espírito se instaura especialmente pela insistência sobre a temperança: o perigo se assentava nos excessos. Nesse sentido, dos exageros, os primeiros a serem evitados concerniam às refeições. No *Regimento de saude...* do livro perpétuo, os conselhos de moderação atingiam, em princípio, as quantidades dos alimentos:

De comer o sal temperadamente nas iguarias se seguem muitos proveitos, e se evitam alguns damnos. Primeiramente ajuda a digestão, aperta as carnes, tira o fastio, move o appetite, e come-se com gosto. O sal evita a corrupção dos humores. O muito sal, ou os manjares demasiadamente salgados gastam a vida, porque dessecam a humidade dos olhos, com que ella se conserva. Causa muita comichão por todo o corpo, e gera sarna, porque o muito sal cria humor mordaz, adusto e penetrante, d'onde provém, segundo Almançor, cap. III, sarna, lepra, e males do estomago, figado, rins, intestinos e bexiga.⁴¹⁸

⁴¹⁶ **Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão Ltda, 1927, p. 219.

⁴¹⁷ PEREIRA, Nuno Marquez. **Compendio Narrativo do Peregrino da America**. Em que se tratam vários discursos espirituaes, e Moraes, com muitas advertencias, e documentos contra os abusos, que se achão introduzidos pela malicia diabólica no Estado do Brasil. Lisboa: Off. de Antonio Vicente da Silva, 1760, p. 365-366.

⁴¹⁸ **Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão Ltda, 1927, p. 221.

A lista dos benefícios da temperança e dos malefícios de seu oposto seguia longa e detalhada para diversos outros alimentos (pão, vinho, carnes etc.), ocupando mais de um terço das páginas desta seção. Das refeições, a temperança se estende para demais práticas, como aquelas do sono:

Não é bom nem proveitoso dormir sobre o jantar, ou ao menos que seja pouco, porque, se o somno é demasiado, causa danos, como são indigestões do estomago, dores de cabeça e gravissimas oppilações das veias, e, conforme Avicena, d'ahi provém febres, catarrhos, debilitações do appetite, e um cansaço, e preguiça extraordinaria de membros. Hippocrates diz, Prov. 2, que quando o somno é natural e costumado, recebido com temperança, é proveitoso; mas que o somno demasiado é danoso.⁴¹⁹

No *Lunário Perpétuo*, portanto, as relações entre as refeições e as demais práticas se dão não somente pelo fundo comum da temperança, mas também pela instauração de um encadeamento, de uma sequência. Tendo por ponto de referência os momentos da alimentação, as demais atividades – o sono, o trabalho, os lazeres, os prazeres – ganham localização, organizam sucessões e constituem frequências. Raciocínio semelhante aparece no *Compendio Narrativo do Peregrino da America*. Mas com um aditivo não se importância: a leitura. Nuno Marquez Pereira explica que

[...] se costuma nos refeitórios de todos os Religiosos mandar que se lea á mesa algum livro espiritual, ou Vidas de Santos; porque he bem, que assim como se trata do provimento temporal, participe tambem a alma do sustento espiritual; e para que se abstenhaõ os Religiosos de cahir no peccado da gula, e usem de temperança; por conhecêrem o grande estrago, que faz nos corpos, e nas almas o peccado da gula.⁴²⁰

Aconselhava-se a extensão destas práticas para todos os homens. A intenção de generalizar a inserção da leitura religiosa no rol das práticas que se organizavam em torno da refeição depõe pela comunhão entre virtude espiritual e cuidado com a saúde por meio da comida. Nuno Marquez Pereira lembra ao leitor, logo ao início de sua obra, que “tambem os livros se comem; assim o mandou Deos pelo Anjo dizer a S. João: *Accipe librum & devora illum*. (Apoc. 10.9.)”.⁴²¹ Pode-se aventar a hipótese de que o

⁴¹⁹ **Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão Ltda, 1927, p. 223.

⁴²⁰ PEREIRA, Nuno Marquez. **Compendio Narrativo do Peregrino da America**. Em que se tratam vários discursos espirituaes, e Moraes, com muitas advertencias, e documentos contra os abusos, que se achaõ introduzidos pela malicia diabólica no Estado do Brasil. Lisboa: Off. de Antonio Vicente da Silva, 1760, p. 351.

⁴²¹ Ibidem, s/p.

livro perpétuo participasse desse vínculo que unia impresso e alimento, ora fazendo confundir a leitura e a refeição, ora organizando as práticas de ler em torno das práticas à mesa. Instruía a respeito desses vínculos e neles poderia se inserir diretamente, tomando parte na ordem de cadência e assiduidade que tinha por referência os momentos da comida. Assim como outros livros religiosos, o *Lunário Perpétuo* poderia constituir, nesse sentido, um remédio.

De um modo geral, nessas recomendações, a organicidade entre múltiplas atividades com implicação sobre a saúde é o fundamento. Não à toa, essa ordenação recebia o nome de regimento, que intitula a seção permanente do livro perpétuo. Mas também poderia denominar-se dieta:

Advirta-se que aqui por dieta não só se entende do comer e beber ordinario, das horas em que cada um para isso tem deputadas, senão também das operações e exercicios corporaes, a que está acostumado. Diz mais Hippocrates, que assim de uma cousa como da outra, se um está acostumado ao trabalho e exercicio corporal, e repentinamente se dá ao ocio, lhe será occasião de perder a saude. E o mesmo diz dos que comem e bebem temperadamente, se depois se dão a comidas e bebidas demasiadas e extraordinarias.⁴²²

Como se vê, a saúde passava pela manutenção de um regimento ou dieta, esse encadeamento de atividades bem articuladas em sequência e intensidade. A despeito de o *Lunário Perpétuo* colocar certo destaque sobre as “operações e exercicios corporaes”, a noção de dieta não estava imune a assuntos da ordem do espírito. Assim é que Francisco de Melo Franco, no livro *Medicina Teológica*, de 1794, propunha uma *Dietetica Sagrada*, referindo-se a recomendações “tiradas da Escripura Santa; porque são aquellas que podem conservar nosso corpo, e alma no vigor da saude, e da justiça, segundo o uso legitimo que della fizemos”.⁴²³ Apresentando uma série de práticas concernentes aos alimentos, ao trabalho, ao sono etc., Melo Franco explanava sobre suas repercussões positivas e negativas no corpo e na alma, aconselhando um conjunto de expedientes preventivos e curativos igualmente organizados segundo uma sequência e uma frequência.

⁴²² **Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão Ltda, 1927, p. 223-224.

⁴²³ FRANCO, Francisco de Melo [1794]. **Medicina Teológica**. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008, p. 124.

As relações entre dieta, regimento e também regime com os assuntos da alma perduraram ao longo de séculos, aparecendo, por exemplo, em pequeno texto publicado no *Almanaque do Ceará para o ano de 1934*:

Mandamentos da Saúde

Em geral, tôdas as pessoas anseiam por uma vida longa, desfrutada em bôa saúde. Mas com isto só se preocupam na imaginação. Nunca adotam um regime seguro ou tomam as preocupações que a natureza exige.

Para se ter bôa saúde e, portanto, probabilidade de uma vida longa, faz-se mister observar certos preceitos, dentre os quais os dez seguintes, considerados, justamente, os 10 mandamentos da saúde:

- 1.º - Madrugar com as aves
- 2.º - Não tresnoitar com os vadios
- 3.º - Banhar-se diariamente
- 4.º - Fazer exercicios suficientes
- 5.º - Não tomar alcool e fugir das drogas e medicamentos
- 6.º - Não fazer mais de três refeições frugais, e estas devem ser em horas certas
- 7.º - Dormir 7 ou 8 horas, bem abrigado, com muito asseio e ventilação
- 8.º - Evitar a raiva, a precipitação e a tristeza
- 9.º - Empregar o dia em qualquer ocupação honrada
- 10.º - Não fazer mal a ninguém afim de ter bem tranquilo o coração e a alma

Estes mandamentos se encerram em dois. Fugir da ociosidade e do vicio, e observar sempre a higiene corporal e espiritual para assim ter o corpo são e alma sã, que constituem a maxima felicidade da vida.⁴²⁴

O tom religioso na abordagem de um amplo espectro de práticas que se fazem presentes neste regime começa pelo próprio título delegado ao texto, uma alusão aos dez mandamentos religiosos listados pela Bíblia. Aqui, os conselhos rumo à moderação, colocando num mesmo patamar as práticas do corpo e as condutas morais, umas e outras marcadas pelo horizonte da constrição, em detrimento dos excessos atrelados aos desvirtuados, ociosos e vadios, por exemplo, são conjugados com uma ordenação e uma frequência – operações que se fazem fundamentais para se pensar as noções de dieta, regimento e também regime. Por outro lado, junto a referências do tempo de ordem natural ou cósmica, como o voo ou o canto das aves, insinuam-se atenções a marcações matemáticas. As precisões de horas testemunham uma vivência mais profana do tempo, inscrevendo, em certa medida, um marco distintivo entre corpo e alma pouco vislumbrado no regimento lunariano.

⁴²⁴ *Almanaque do Ceará para o ano de 1934*, p. 216.

Dieta, regimento e regime são palavras que guardam relações de sinonímia em diversos livros, não apenas no *Lunário Perpétuo*. Para o *Diccionario da Lingua Brasileira*, por exemplo, organizado em 1832 por Luiz Maria da Silva Pinto, “Regimen; s. m. Governo, direcção. Na Medicina, Dieta”;⁴²⁵ “Regimento; s.m. Governo, direcção, modo de governar. Directorio para governo. Na Medicina, Dieta”.⁴²⁶ Por sua vez, “Dieta; s.f. Geralmente fallando significa o uso rasoavel de tudo quanto he concernente ao estado do corpo humano. Uso moderado dos alimentos”.⁴²⁷ Também alguns dicionários de medicina corroboram as semelhanças entre esses termos, embora se observe em geral a ausência do termo regimento. Na segunda edição do *Diccionario de Medicina Popular* do Dr. Chernoviz, de 1851, há que “REGIMEN. É o synonymo de dieta”.⁴²⁸ No *Diccionario de Medicina Domestica e Popular* de Theodoro J. H. Langgaard, de 1865, assim se apresenta o verbete: “REGIMEN (termo empregado, synonymo com dieta). Veja-se DIETA”.⁴²⁹

Assim como no *Diccionario da Lingua Brasileira* de Luiz Maria da Silva Pinto, também nos dicionários de medicina, a noção de dieta começa a sinalizar um sentido mais restrito aos hábitos alimentares, tal como atualmente se costuma empregar. No dicionário do Dr. Chernoviz, por exemplo, tinha-se que:

DIETA. A dieta, no sentido mais extenso, designa a maneira regrada de viver, isto é, o emprego bem ordenado e acautelado de tudo quanto é necessario para conservar a vida, quer esta se ache boa, quer esteja enferma. Entretanto, esta palavra, tomada fóra de sua accepção primitiva, é frequentemente empregada como synonymo de *abstinencia*, e significa então privação de alimentos imposta a um doente. Chama-se tambem *dieta* o uso habitual de certas substancias alimentares.⁴³⁰ (grifos no original)

E no verbete correspondente no dicionário de Langgaard:

DIETA. No estado de molestia achão-se as funcções digestivas pela maior parte violentamente interrompidas, e isto de uma maneira tão

⁴²⁵ PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira**. Outro Preto: Na Typographia de Silva, 1832, p. 913.

⁴²⁶ Ibidem, p. 913.

⁴²⁷ Ibidem, p. 372.

⁴²⁸ CHERNOVIZ, Pedro Luis Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 3. 2. ed. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1851, p. 349.

⁴²⁹ LANGGAARD, Theodoro J. H. **Diccionario de Medicina Domestica e Popular**. v. 3. 1. ed. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1865, p. 384.

⁴³⁰ CHERNOVIZ, Pedro Luis Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 2. 2. ed. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1851, p. 50.

radical, que o vomito, em caso de uma invasão rápida, desembaraça a economia das materias alimentares contidas no estomago. A dieta convenientemente dirigida é portanto o primeiro meio a que se deve recorrer nas diferentes molestias [...] do mesmo modo que a pluralidade das enfermidades provêm da intemperança e glotonia, da mesma sorte impedem e retardão o restabelecimento do doente, tanto menos deve-se consentir o seu uso; porém mesmo os alimentos da mais facil digestão são nocivos, tomados em excesso.⁴³¹

Num e noutro dicionário, diferente do que há no *Regimento de saude...* do livro perpétuo, a dieta se alarga para além dos cuidados para conservar a saúde, sendo também noção empregada para as situações de doença. Embora dicionários e *Lunários* admitam a inclusão de diversas práticas cotidianas e aconselhem ininterrupta moderação, o realce permanece sobre as refeições, endossando sua centralidade no encaminhamento dos cuidados de saúde diários.

Em todo caso, pode-se afirmar que as dietas estabelecem um trabalho sobre o tempo, fomentando sobre ele uma ordem – uma duração. Tendo por referência as reflexões de Gaston Bachelard, a duração, expressão de certa regularidade temporal, não é um dado, mas uma obra. Em linhas gerais, resultaria da captura dos instantes que, transformados em sequência, se tornam inteligíveis por uma atividade ordenadora; longe de se assemelhar a substância inerte, é produzida continuamente por um trabalho de retomada, de recomeço. Nas palavras do filósofo, “A vida, em seus sucessos, é feita com tempos bem ordenados; é feita, verticalmente, de instantes superpostos ricamente orquestrados; liga-se a si mesma, horizontalmente, pela justa cadência dos instantes sucessivos unificados numa função”.⁴³²

No interior das dietas, a inferência da captura dos instantes e de sua ordenação tendo por eixo principal as refeições, em torno das quais as diversas outras práticas se organizavam, ainda não é suficiente para estabelecer os contornos desta experiência temporal que funda as práticas de saúde propostas pelos livros de medicina autoinstrutivos. Seguindo as sugestões de Bachelard, convém pensar o que rege esta duração, de onde provém o ritmo que referencia, a partir das refeições, as retomadas que constituem a dieta.

⁴³¹ LANGGAARD, Theodoro J. H. **Diccionario de Medicina Domestica e Popular**. v. 1. 1. ed. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1865, p. 667.

⁴³² BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. São Paulo: Ática, 1994, p. 126.

Para tentar enfrentar essa questão, analise-se um causo contado por Antenor de Barros Leal:

Na fazenda ‘Veneza’, próxima à cidade de Boa Viagem, residia o Coronel Antônio Figueiredo, casado com a senhora Lidia, professora, de educação primorosa e fino trato.

[...]

Alimentava-se sobriamente dando preferência ao leite, coalhada, queijo, manteiga da-terra, mugunzá, pão de milho, tapioca e o beiju de suas próprias farinhadas. Nunca faltavam em sua mesa a batata-doce, o feijão verde da vazante do açude ou do leito do rio, o jerimum de leite e caboclo, a melancia, melão; também não faltava o canteiro de cebolas, coentro, alho, tomate e alface.

Tinha uma plantação especial de frutos de mamoeiro, de laranjeiras, mangueiras e bananeiras. O seu doce preferido era a batata da Serra Grande temperada com gengibre, cravo e erva-doce.

Pela manhã o primeiro café era gordo; pão de milho com leite, papa ou mingau de carimã com fatias de pão torradas e macacheira.

Durante a época invernosa não faltavam o milho verde cozido ou assado, a canjica e a pamonha feita com nata de leite e queijo ralado.⁴³³

As precisões quanto aos alimentos e suas combinatórias, as seleções daquilo que se comia em refeições diárias e, sobretudo, o uso do advérbio “sobriamente” para caracterizar o modo como o Coronel Antônio Figueiredo encaminhava seus hábitos à mesa evidenciam a existência de zonas de ressonância com o *Regimento de saude...* do *Lunário Perpétuo*. Um detalhe, no entanto, pode sinalizar os contornos de um possível ritmo que rege a dieta descrita: o atrelamento de determinadas comidas, aquelas preparadas à base de milho, à estação invernosa.

Com efeito, trata-se aqui de uma realidade rural cujos gêneros de necessidade mais imediata são majoritariamente produzidos nas cercanias, seja por aqueles que o consomem diretamente, seja por conhecidos, empregados, familiares etc. A produção e o consumo, o trabalho e o ambiente doméstico parecem esferas com certo teor de continuidade. Assim, come-se o que se planta e come-se quando se colhe. O tempo do trabalho, o tempo dos alimentos e, por consequência, o tempo das demais práticas comprometidas com a produção da saúde que se organizam em torno das refeições, todos esses tempos fazem parte de um só tempo que, em grande medida, é um tempo que vem do céu – das revoluções dos astros, e das suas implicações sobre as estações do

⁴³³ LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 59-60.

ano, os plantios e as colheitas, os comportamentos dos bichos etc. Essas dinâmicas parecem conferir o ritmo do cotidiano do Coronel Antônio Figueiredo, articulando seus afazeres, seus hábitos, seus cuidados com a saúde.

Na narrativa de Antenor de Barros Leal, a descrição dos hábitos alimentares do Coronel Antônio Figueiredo funciona como introdução a um caso fora do comum, por isso propriamente memorável:

Em outra ocasião Figueiredo devia viajar para Quixeramobim e o caminhão que transportava gente humilde e IMPORTANTE devia sair às sete da manhã. O despertador foi marcado para despertar às quatro e meia, mas não se sabe por ‘quantas cargas d’água’ o ‘fiel amigo’ disparou às duas da madrugada. Figueiredo, sonolento, levantou-se, lavou a carranca e foi para o curral dar início a ordenha do leite. Achou que o tempo estava carregado, muito escuro. Talvez fosse chover.

Botou um bezerro para dentro do curral, bateu no lombo da primeira vaca, que levantou-se assustada. Tirou o leite, achou pouco e não entendeu o mistério. Fez o mesmo com outras.

Terminado o trabalho botou uma rodilha de pano na cabeça e o pote de barro com o leite, marchando em direção da porteira.

As vacas, porque era ‘fora de hora’, deitaram-se novamente, e, como estava escuro, Figueiredo caiu abruptamente por cima de uma brava taurina com sangue de zebu, ferindo-se no peito e nos braços, tal foi o tropeço que sofreu.

Levantou-se zangado e foi para casa. Entrou um pouco mais calmo, olhou o relógio, que estava marcando exatamente duas e meia da madrugada.

Provou um cálice de velha aguardente e foi tomar banho, enxugando sempre o sangue que escorria dos ferimentos. Tomou café e esperou a hora certa de ir à cidade fazer os curativos.⁴³⁴

Em circunstância de viagem realizada mediante transporte coletivo e a motor, quando o que ainda parecia ser comum nos meios rurais eram as cavalgadas, o Coronel Antônio Figueiredo teve de se arranjar mediante uma outra referência temporal – não apenas os ritmos do céu e da terra, mas os ritmos dos ponteiros de um relógio despertador. Ao se guiar por este instrumento, o fazendeiro vislumbrou estranhezas no comportamento dos bichos, leu erroneamente as configurações climáticas e, por conta disso, findou por acidentarse. Máquina instauradora de uma outra ordem temporal, mecânica e dotada de uma precisão estranha a um mundo que se organizava pela cadência de ritmos ditados por céus, plantas e bichos, o despertador provocou um

⁴³⁴ LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 60-61.

descompasso ou ainda um grave contratempo no interior das práticas cotidianas de seu proprietário – o que não apenas inviabilizou seu compromisso de viagem, motivo maior da utilização do instrumento com ponteiros, como, sintomaticamente, lhe produziu desarranjos de saúde. Não há gancho mais oportuno para a conclusão de que a experiência do tempo desencadeada pela dieta de inspiração lunariana constituía um expediente de saúde, sua não observância ocasionando distúrbios das mais variadas naturezas.

O sem-número de práticas que se organizavam em função das refeições, inserindo, cada uma, um compasso no ritmo da ordem dietética do tempo, se tomava de particularidades quando era o caso não mais de prevenir, mas de remediar. Para muitos, essa configuração temporal reservada estritamente a ambições curativas ganhava um outro nome – resguardo.

Para o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, em edição de 1913, e organizado por Candido de Figueiredo: “resguardo. m. Acto ou effeito de resguardar. Precaução. Dieta. Escrupulo. [...]”.⁴³⁵ O resguardo parece entrar na roda dos nomes que não raras vezes eram estabelecidos como sinônimos – dieta, regime, regimento. Igualmente no resguardo, os vínculos entre refeições e saúde eram fortes. Alceu Maynard Araújo, no livro *Medicina Rústica*, explica que, pelos meados do século XX, entre os moradores de Piaçabuçu, “Em geral o resguardo traz uma série de proibições e, dentre elas, sem dúvida, a principal é a alimentar, daí as comidas quentes ou frias, aquelas evitadas quando há doenças do sangue (furúnculos, espinhas) e estas nos casos de resfriado, parto e convalescença”.⁴³⁶ O mesmo autor confere alguns exemplos:

Há frutas que também não servem em determinadas ocasiões, por exemplo, quando se está resfriado não se deve comer banana-prata, pinha (anona ou ariticum), pois são frutas frias, fazem mal.
[...]

A mulher menstruada não deve comer as seguintes cousas: ananás, mamão, laranja, pinha, limão, jerimum (abóbora), quiabo, maxixe, pois são comidas frias, bem como não beber nada gelado. O leite também não deve ser tomado porque produz ‘flores brancas’ ou

⁴³⁵ FIGUEIREDO, Candido de [1899]. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1913, p. 1732.

⁴³⁶ ARAÚJO, Alceu Maynard. *Medicina Rústica*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 145.

‘funções’. Não deve costurar em ‘máquina de pés’, não montar cavalos ruços e ruço-pedreses porque prejudicam a saúde.⁴³⁷

Como se vê, para além da alimentação, outras práticas são alvos de interdições, daí parece advir a denominação de resguardo, período no qual não se deveriam exigir grandes trabalhos do corpo, predominando um horizonte de calma, descanso. No caso particular das refeições, as lógicas que parecem se seguir dessa ordem temporal curativa parecem funcionar em apreço a práticas de compensação: evitar-se o leite, pois a brancura do alimento poderia espalhar-se na forma de doença para alguns recantos corporais, e preferir comidas frias para doenças quentes, refeições quentes para morbididades frias. No *Lunário Perpétuo* do ano de 1876, figurava a seguinte receita para os distúrbios do fígado, em geral associados ao calor: “O melhor que se pôde achar para temperar o calor, he usar de ordinario na panella de que comem, alfaces, azedas, e beldroegas, e beber algumas vezes agua das ditas hervas em jejum, ou agua de endívia, que refresca muito”.⁴³⁸

Além do jogo das compensações entre o quente e o frio ou o seco e o úmido, havia também as preocupações quanto a certo teor carregado dos comeres. Em receita para “dôr de pedra”, o livro perpétuo ensinava:

Tomae um punhado de grãos pretos bem lavados, e os deitareis de molho, um dia e uma noite, em duas canadas de agua, em uma panella nova, onde ferverá até ficar em uma canada, e então lhe deitarei meia duzia de raizes de salsa bem lavadas, e depois que ficar na dita canada, coareis aquelle cozimento por panno limpo em uma panella vidrada, e cada manhã tomareis isto morno por um púcaro, em que se deitará uma lasca de assucar, cada vez que o aqueitarem, e se repetirá a dita camada em seis xapores, deitando como tenho dito cada vez uma lasca de assucar branco, quando aqueitar o xarope, e se tomará pela manhã em jejum; e d’estes xaropes hade o enfermo tomar quinze, e não comerá peixe, nem ruins comeres.⁴³⁹

Em geral, nota-se que os alimentos carregados ou “ruins comeres” eram provenientes de preparações que tinham por base frutos do mar. Eduardo Campos

⁴³⁷ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 122-123.

⁴³⁸ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** [1876]. Lisboa: Vega, 1978, p. 218.

⁴³⁹ *Ibidem*, p. 234.

compila: “Mulher de resguardo não deve comer carne de peixe”.⁴⁴⁰ Alceu Maynard Araújo acrescenta: “Abóbora e maxixe não devem fazer parte da alimentação porque são comidas ‘carregadas’. Os mariscos também só depois dos 30 dias”,⁴⁴¹ e ainda: Os homens com moléstias venéreas têm um grande resguardo com comidas carregadas, assim é que evitam certos peixes, caranguejo”.⁴⁴² Parece ser também esse entendimento que, de algum modo, leva o Dr. Chernoviz a ensinar o *Modo de tirar aos mariscos as qualidades nocivas*: “Os mariscos possuem às vezes qualidades nocivas; por conseguinte é prudente de os fazer passar por uma preparação antes de emprega-los. Consiste esta preparação em mette-los por cinco ou seis horas na agua doce renovada duas ou tres vezes, então elles se desembaraçam de todas as materias nocivas”.⁴⁴³

Nos resguardos, se os alimentos que vêm dos animais que habitam as águas são considerados perigosos, aqueles preparados à base dos bichos que voam parecem ser os mais aconselhados. Eduardo Campos informa: “Mulher parida, se comer apenas carne de galinha, não deve mudar de alimentação, sob pena de quebrar o resguardo”.⁴⁴⁴ Além dele, diversos outros folcloristas enfatizam as preferências pelas carnes de pássaros nos momentos de restabelecimento corporal. Georges Vigarello toca num ponto importante a este respeito:

La chair des oiseaux l’emporte sur tout autre aliment solide : légère et vigoureuse puisque affrontant l’air et le vol, elle est souple aussi, rose, facile à couper ou à broyer, peu chargée en humidités, en viscosités. Recommandée avec insistance dans les traités d’aliments, spécifiquement réservée aux accouchées dans l’Hôtel-Dieu parisien du XIV^e siècle, la volaille s’oppose directement aux moiteurs ou aux épaisseurs d’autres viandes, à celle du sanglier, par exemple, déconseillée pour les “excréments et ordures qu’elle engendre”.⁴⁴⁵

⁴⁴⁰ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 78.

⁴⁴¹ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 176.

⁴⁴² Ibidem, p. 123.

⁴⁴³ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Formulario ou Guia Medica**. 6. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1865, p. 579-580.

⁴⁴⁴ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 78.

⁴⁴⁵ “A carne dos pássaros deve ser priorizada sobre qualquer outro alimento sólido: leve e vigorosa, já que lida com o ar e com o voo, ela é flexível, de cor rosa, fácil de cortar ou de mastigar, pouco carregada de umidades e viscosidades. Recomendada com insistência nos tratados de alimentos especificamente reservados às puerperas no Hôtel-Dieu parisiense do século XIV, a carne de pássaros se opõe diretamente às umidades e às espessuras de outras carnes, como aquela do javali, por exemplo, desaconselhada devido aos “excrementos e dejetos que engendra” [Tradução minha]. VIGARELLO, Georges. **Histoire des pratiques de santé**. Le sain et le malsain depuis le Moyen Âge. Paris: Seuil, 1999, p. 42-43.

Com efeito, a primazia conferida às aves por razões de leveza só vem a confirmar os receios despertados pelas demais carnes, advindas dos bichos que pesam, dotados de maior “carga”. Tais propriedades alimentares nefastas podem ser associadas ao que comumente se chamou, e ainda hoje se chama, de reima ou reuma. Eurípedes Chaves Junior, na obra *Nomes e expressões vulgares da medicina no Ceará*, fez uma espécie de compilação daquilo que disseram alguns estudiosos do folclore sobre termos concernentes a uma medicina dita popular, dentre os quais, a reima:

REIMA OU REUMA – “Aquilo que, ingerido, supostamente vai impurificar o sangue, tornando-o *carregado*” – escreve Oswaldo Riedel (17), pág. 27. Eduardo Campos (8) à pág. 87 complementa: “A reima a que alude o nosso homem do campo não é outra coisa senão o humor a que se referiam igualmente os antigos seguidores da teoria esposada por Galeno. É, em última análise, fator misterioso que se esconde em determinados alimentos, prejudicando a quem os ingere. Ou porque sejam realmente fortes e indigestos ou porque sejam simplesmente coincidentes em provocar achaques em mais de uma pessoa, certas carnes, certas frutas tornam-se quase que proibitivas”. Raimundo Girão (1) e Tomé Cabral (11) também registram os termos. Do grego *rheúma*, corrente.⁴⁴⁶ (grifos no original)

A hipótese de Eduardo Campos, que associa o problema da reima ou reuma aos humores não parece destituída de sentido. A medicina humoral tem raízes gregas, remontando aos escritos hipocráticos (século V a.C.). Atualiza-se com Galeno, no século II, e perdura com uma vivacidade considerável até muitos séculos depois, sofrendo, evidentemente, muitas adaptações, releituras e transformações. Parte do pressuposto de que o corpo humano constitui-se de quatro fluidos ou correntes fundamentais (sangue, cólera ou bÍlis negra, melancolia ou bÍlis amarela e fleuma), de cujo desequilíbrio decorre a doença. Modelo aberto, a medicina dos humores acolhe fluidos outros que concorrem igualmente para a potencialização ou enfraquecimento corporal. Como explica Georges Vigarello, estão todos ligados diretamente aos alimentos:

Le corps est fait de substances éminemment corruptibles, celles que tout incident rend immédiatement visibles, émergeant des ouvertures ou des incisions les plus discrètes: ce sont les humeurs, ces liqueurs fuyant aux moindres blessures, présents dans la salive, le pus, les excréments variés. Liquides mêlés, venus de l’assimilation des

⁴⁴⁶ CHAVES JÚNIOR, Eurípedes. **Nomes e expressões vulgares da medicina no Ceará**. Fortaleza: Edição Centro Médico Cearense, 1985, p. 155.

aliments, ces humeurs imprègnent l'ensemble des organes, infiltrent leurs espaces, occupent leurs cavités.⁴⁴⁷

Nesse sentido, os alimentos reimosos ou carregados se definem por perturbarem ou corromperem o equilíbrio humoral. A corrupção dos humores, aliás, é sempre um temor observado nos registros. O *Regimento de saude...* do *Lunário Perpétuo* informa que “O sal evita a corrupção dos humores”,⁴⁴⁸ e que “o vinho demasiado queima o sangue, corrompe os humores”.⁴⁴⁹ No *Diccionario de Medicina Popular*, o Dr. Chernoviz escreve que um grande número de moléstias da pele “pode ser o producto de uma diathese geral ou de uma alteração particular dos humores”.⁴⁵⁰

Convém lembrar que os humores associam-se com outras qualidades do mundo, como as estações do ano, as idades do homem, os elementos (ar, água, terra e fogo), as temperaturas (quente, frio, seco e úmido), tomando parte assim de complexas combinatórias que constituem os homens, as plantas, os astros, os bichos, as pedras etc. Assim, a produção da saúde passa pelo equilíbrio dos humores no corpo e dos humores do corpo com aqueles em evidência ao redor. A atenção a este esquema introduz maiores particularidades na produção da saúde, sobretudo a partir dos resguardos. Neles, o desafio de equacionar refeições, atividades e repousos tendo em conta as características do doente e da doença, dos planetas e das estações, dos céus e da terra, insinua um fundo sagrado na elaboração dessa ordem temporal remediadora.

Desse modo, entre alguns resguardos sertanejos, Eduardo Campos refere o seguinte: “O doente, quando se encontra em estado febril, não deve tomar leite, porque o leite – segundo ouvimos dizer – ‘apressa a febre’. O melhor é ficar de resguardo em casa, dentro de um quarto geralmente calçando meias”.⁴⁵¹ Além de acionar certas

⁴⁴⁷ “O corpo é feito de substâncias eminentemente corruptíveis, aquelas que todo incidente torna imediatamente visíveis, emergindo de aberturas ou de incisões as mais discretas: são os humores, estes líquidos que escorrem aos menores machucados, presentes na saliva, no pus, nas excreções variadas. Líquidos misturados, advindos da assimilação dos alimentos, os humores impregnam o conjunto dos órgãos, se infiltram em seus espaços, ocupam suas cavidades” [Tradução minha]. VIGARELLO, Georges. *Histoire des pratiques de santé*. Le sain et le malsain depuis le Moyen Âge. Paris: Seuil, 1999, p. 21.

⁴⁴⁸ *Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias* por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO... Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão Ltda, 1927, p. 221.

⁴⁴⁹ Ibidem, p. 222.

⁴⁵⁰ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 3. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 339.

⁴⁵¹ CAMPOS, Eduardo. *Medicina Popular do Nordeste*. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 59.

interdições da ordem dos alimentos, o resguardo para a febre aconselhava práticas de repouso e, especialmente, de proteção ou reclusão, à semelhança dos rituais mágicos que visam o fechamento do corpo, produzindo sobre ele diversos envelopes contra forças malévolas. Esta natureza oculta do resguardo é corroborada por algumas informações trazidas por Alceu Maynard Araújo, para quem,

No resguardo há sempre qualquer coisa de mágico, pois a sua inobservância pode produzir uma doença incurável. Os portadores de sequelas de certas molestias são apontados como quebradores de um resguardo [...]. No termo ‘quebra’ podemos divisar uma relação com a magia. Nesta é que há a ‘quebra dos poderes’ de uma determinada pessoa ou coisa: curador quebrado, talismã quebrado.⁴⁵²

A quebra do resguardo, tal a quebra dos poderes ou a quebra de um feitiço, infunde uma grave ruptura na ordem temporal remediadora. Quebrar o resguardo expressava mesmo um desvio de conduta que comprometia a saúde do corpo e ainda as questões da alma, e a tal ponto que poderia ter por corolário um desarranjo ainda mais sério do que aquele que se buscava vencer. Alceu Maynard de Araújo confere o exemplo ao abordar as moléstias que exigem tratamento por meio de suadouros:

Às vezes não é apenas o chazinho que serve para provocar a exsudação e sim a combinação de várias ervas, tomadas à noite e que no outro dia precisa resguardo. A quebra do resguardo, neste caso, afirmam, traz conseqüências sérias, até a lepra. ‘Quem abusa de resguardo de suadouro pode desmanchá a massa do sangue, fica co’a doença de São Lazo (Lázaro)’.⁴⁵³

Morbidade do corpo e mancha da alma, a lepra consubstanciava-se mesmo em castigo divino diante do desrespeito à instituição sagrada do resguardo, por sua vez, instaurada no limite tênue da causa e da cura, da graça e da punição. Nem sempre, não obstante, a quebra do resguardo expressava um destino definitivo para o corpo, marcado pelas sequelas do desvio, e também para a alma. Algumas doenças que advinham da quebra do resguardo, resultado da administração de comeres remosos, por exemplo, tinham remédios específicos: “Para ferida reimosa costumam praticar a orelha-de-pau (cogumelo) arrancada de uma árvore em estado de decomposição.”⁴⁵⁴ As terapêuticas

⁴⁵² ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 144-145.

⁴⁵³ Ibidem, p. 118.

⁴⁵⁴ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 58.

para a quebra do resguardo se davam também pela obediência a outras durações, mais longas:

Há também a crença de que um resguardo quebrado, que trouxe sérias consequências, de sete em sete anos estas tendem a desaparecer ou agravar-se. Daí, nessas ocasiões, certas pessoas procurarem repetir a dose de remédio tomado, observando, porém, rigorosamente o resguardo, tendo em mira eliminar a sequela da ‘quebra’ acontecida há sete anos ou múltiplo deste. Aqueles que obtêm melhores prosseguem na repetição, observando cabalisticamente os anos.⁴⁵⁵

O trecho acima põe em causa procedimentos curativos que se desenrolavam em extensas durações, expressando uma vivência dilatada da doença. Nestes resguardos, os ritmos seguiam longos intervalos de números dotados de força sagrada, sendo o número sete, de acordo com o corpus hipocrático, “definido como o número crítico para o mundo inteiro, e especialmente para a vida do organismo humano”.⁴⁵⁶

A instituição do resguardo compreendia um amplo espectro de práticas que iam da reclusão domiciliar a interdições alimentares, da realização de banhos com ervas ao consumo de algumas substâncias medicamentosas. No jornal *O Sol*, em dias de abril de 1862, o Dr. José Lourenço de Castro e Silva escrevia que, para o cólera, além de “repouzo e agasalho por alguns dias”, dever-se-ia administrar “O cozimento da casca do coco, como calmante e adstringente, bebido às meia chcaras, por hora, e tomado também em clisteres, devem ter muita efficacia na diarreia. [...] Mas; não basta qualquer remedio se não acompanhal-o com resguardo”.⁴⁵⁷ Nas primeiras décadas do século ulterior, para o resguardo da mulher parida, Antenor de Barros Leal compilou:

Depois do parto

A parturiente só tomava banho com 15 dias e outro com 30 para terminar o resguardo.

Tomava uma lavagem vaginal diariamente, durante oito dias. O bebê não tomava banho no sétimo dia e a parturiente guardava, nesse dia, repouso absoluto.

Durante os trinta dias tomava Agua Inglesa. A alimentação era galinha cozida com pirão de farinha, e quase sempre o marido ajudava a mulher nas suas refeições.⁴⁵⁸

⁴⁵⁵ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 145.

⁴⁵⁶ BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. O Contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 408.

⁴⁵⁷ **O Sol**, 27 abr. 1862, p. 3.

⁴⁵⁸ LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 156.

A integração dos remédios na instituição do resguardo, tal o caso dos preparados de casca de coco e da Água Inglesa, parece ter sido corrente, demonstrando a força desta experiência temporal que jogava com o sagrado e com a ciência. Em algumas dessas circunstâncias, assim como ocorria com os alimentos, os remédios obedeceriam à lógica da medicina humoral. Era o caso, por exemplo, de um preparado largamente procurado tanto na botica do Antenor de Barros Leal, em Boa Viagem, quanto na farmácia de J. de Figueiredo Filho, na cidade do Crato: o purgativo “4 humores”⁴⁵⁹ ou “purga de 4 *morma* (purgante de quatro humores)”,⁴⁶⁰ na tentativa do registro da palavra falada por parte do farmacêutico. Alceu Maynard Araújo, por seu turno, explana sobre a divisão empregada pelos vendedores de raízes quanto à natureza dos remédios vendidos: “*frios, frescos e quentes*. Os remédios *frios* são essências, líquidos voláteis, substâncias aromáticas, adquiridas em geral na farmácia; os *frescos* contra a ‘quentura do corpo’ ou ‘calor do sangue’, ‘papoco da pele’ (furunculose); os *quentes* são os suadouros. O raizeiro, por outro lado, jamais se esquece de mandar que se observe o *resguardo*”.⁴⁶¹ Não apenas os comeres deveriam ser classificados e ingeridos com base nessas qualidades que remontam à medicina dos humores, mas igualmente os remédios, sejam vendidos pelos raizeiros, sejam comercializados nas farmácias.

Fato importante, as práticas que compunham o resguardo apresentavam um tal grau de integração, que muitas vezes uma era tida por outra, ou ainda um componente era tido pelo conjunto maior. Assim, o consumo de remédios, os hábitos alimentares, a ordem maior de uma dieta curativa, tudo era tão intrinsecamente conectado que o todo podia receber o nome da parte, a parte o nome do todo, ou as partes tinham os nomes trocados. É o que se pode perceber do bilhete abaixo, enviado a Padre Cícero por um de seus devotos:

Meu Padrinho peço lhe por caridade que V. Paternidade mande-me adietar um remedio pois anos que soffro e uma distração na cabeça que as vezes falto com meus deveres (...) um avechame de coração e mais sintomas, que não é estranho a V.R. pois confiando na altíssima pessoa e fidelidade com que V.R. tem se prestado para com os pobres que a VE.cia implora e socorre bem assim chego as vossas preces;

⁴⁵⁹ LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 156, p. 148.

⁴⁶⁰ FIGUEIREDO FILHO, J. **Meu mundo é uma farmácia**. São Paulo: Editora Instituto Progresso Editorial S.A., 1948, p. 108-109.

⁴⁶¹ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 161.

para meu P.e adietar-me um remedio para estes incômodos assim como muitos tem consultado Meu Padrinho e meu Padrinho tem salvado a todos espero ser seu Filho e meu P.e mandar-me uma resposta que eu seja feliz um dia e ter a dita de ainda beijar a vossa manga e fazer uma visita a Nossa Senhora das Dores.⁴⁶²

“Adietar um remédio” é expressão que prevê a ingestão de uma substância para a cura, mas não apenas. Tratava-se de um consumo expresso numa ordem temporal, com frequências e ritmos particulares que se comunicavam com astros, suas forças ocultas na forma de implicações humorais, instâncias da magia e do sagrado. Aliás, a solicitação para se “adietar um remédio”, direcionada a um padre com foros de santo, já pode, por si só, sinalizar para esses trâmites fluidos entre o corpo e a alma, o pecado e a doença, o merecimento e o castigo. É esse o sentido que a instituição do resguardo parece carregar, um sentido que conecta inextricavelmente o homem ao mundo por meio de uma experiência do tempo que dura obedecendo a ritmos de espessura cósmica e sagrada.

Ao resguardo, parece contrapor-se um uso muito particular da noção de regime, especialmente, por parte de alguns homens de ciência do início do século passado. Em suas memórias, J. de Figueiredo Filho narra episódio ocorrido em meados de 1920, na localidade de Alagoinha, destino que escolhera para levantar farmácia e dar início à faina profissional.

No dia que cheguei para a visita de observação, chamou-me o escrivão da coletoria, sr. Barrinho, para ver seu filhinho, fortemente atacado de gastro-enterite. Passei-lhe poção, fermento lácteo e ensinei à mãe do garoto regime adequado ao caso.

[...]

Arranjei ponto comercial na principal praça. Voltei ao Crato em busca dos medicamentos e de minha família, compreendendo, então, Zuleica e Eneida, ainda em braços.

Ao voltar à Alagoinha para instalar-me, encontrei boa propaganda de minha competência. Parecia entrar logo com o pé direito. O filho de Barrinho melhorou, de repente, com o regime e a medicação que indicara. Não ia se repetir ali o caso de Novo-Exu. Aquela cura foi a chave que me abriu as portas da confiança da população alagoinhense. No mais curto espaço de tempo, arrumei medicamentos nas prateleiras da antiga bodega. E iniciei a luta de boticário de aldeia.⁴⁶³

⁴⁶² Apud RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Papel Passado**: cartas entre os devotos e o Padre Cícero. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011, p. 39.

⁴⁶³ FIGUEIREDO FILHO, J. **Meu mundo é uma farmácia**. São Paulo: Editora Instituto Progresso Editorial S.A., 1948, p. 91-92.

Além da cura propriamente dita, parece ter sido alvo das boas impressões a recomendação bem-sucedida de tratamento que aliava regime e remédios. Tratamento que se aproximava do repertório de práticas de saúde então vigentes nos sertões, a saber, um conjunto de hábitos alimentares em torno dos quais se conectavam demais práticas, todos organizados em sequência e frequência, obedecendo a determinados ritmos; o que comumente se chamava de resguardo. A despeito de esta narrativa configurar ocasião exemplar em que o campo científico e seu exterior ganhavam zonas de ressonância, fato era que muitos representantes da ciência moderna faziam muita questão de demarcar claramente sua diferença, como também de assinalar sua repulsa diante dessas searas não autorizadas da cura.

J. de Figueiredo Filho é um desses representantes, o que se verifica a partir do modo como se construiu como autor em seu livro de memórias. O escritor se formou na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará nos idos dos anos 1920. Sempre exerceu a profissão em localidades do interior, migrando de uma para outra até instalar-se definitivamente no Crato, sua cidade natal. Em 1948, escreve *Meu mundo é uma farmácia*, livro de memórias no qual realiza reflexões sobre sua trajetória profissional num momento em que julgava estar a profissão em crise. A ascensão da indústria farmacêutica no pós-Segunda Grande Guerra, produzindo artigos em larga escala, minava os estabelecimentos menores, que sobreviviam da manipulação realizada quase artesanalmente em suas oficinas. Na opinião de Figueiredo Filho, o farmacêutico daquela época não tinha como competir com os grandes laboratórios, sua única saída era revender os produtos industrializados. A profissão tornava-se eminentemente comercial, perdendo seu ramerrão científico. Era este último que o autor buscava lembrar e recuperar pela via da escrita. Dedicando muitas páginas ao período de sua formação na Faculdade de Farmácia, informando sobre a publicação de artigos científicos de sua pena em revistas especializadas, muitas em outros estados, descrevendo as diversas visitas que realizou ao longo da vida aos mais modernos estabelecimentos de sua área de atuação – farmácias, drogarias e principalmente laboratórios – nos maiores centros do país, além de nunca dispensar o jargão científico ao tratar de doenças e de remédios, o farmacêutico se constrói como autor mediante sua inserção no campo científico, donde retira sua legitimidade, autoridade e o caráter de veracidade dos fatos que narra.

Na escrita de J. de Figueiredo Filho, o elogio à ciência é correlato às críticas das práticas que o farmacêutico julgava passar longe dos ditames do campo. Relembrando fatos ocorridos na localidade de Alagoinha, o farmacêutico narra episódio em que um homem o procurou em seu estabelecimento em busca de um remédio:

– Oi, seu Doutô, nunca mais pude drumí sossegado pro mode dessa danada. Desabotoou a camisa mostrando-me o peito nu.
– Dê um jeitim nisso que pago bem e fico muito agradecido.
Não sei se exteriorizei minha repugnância. Parecia sua pele um misto de couro de cururu e escama de peixe. Nem sequer tentei apalpar aquela coisa feia e rugosa. Causava-me mal-estar só em vê-la. Contive-me para não quebrar a minha pose de doutor. Com o olhar percorri as prateleiras da bodega improvisada em farmácia. Finalmente deparei-me com velho vidro de carbonato de lítio efervescente. Rótulo já esmaecido pelo tempo. Enchi uma lata de pomada de Helmerick. Entreguei os dois remédios ao doente, portador de tão repugnante dermatose. Aconselhei-lhe resguardo. Nos sertões é indispensável a recomendação de certa dieta se não ninguém acredita no efeito do medicamento. E no caso de fracasso corre este por conta do ‘resguardo quebrado’. Pagou-me o preço módico que lhe cobrei.⁴⁶⁴

O tom de crítica ao resguardo só vem a reforçar a força da prática que, ao que tudo indica, era tanta que sua ausência na prescrição do farmacêutico poderia levar ao descrédito do remédio indicado e, por tabela, do profissional. E isso, num período crucial, em que predominavam acirradas disputas no domínio dos cuidados com a saúde, em especial, na esfera dos medicamentos. Nesse sentido, configura-se a primeira hipótese a respeito da recomendação do resguardo, isto é, garantir as confiabilidades sobre a figura do farmacêutico. Entretanto, entender que a prescrição do resguardo se resume a uma simples concessão à tradição para angariar créditos pode culminar por reproduzir uma dicotomia há muito prezada, principalmente pelos homens de ciência, a saber, a distinção entre medicina científica e medicina popular.

É bem verdade que, desde pelo menos meados do século XIX, o campo da medicina científica buscava afastar o corpo das conexões correntemente estabelecidas com as forças celestes e suas implicações sobre alimentos, plantas, remédios, bichos, estações etc. Os dicionários de medicina popular oitocentistas, escritos por médicos, traziam conceituações de dieta ou regime que buscavam atrelar o homem, são ou doente, não mais a ritmos de ordem cósmica, mas a ritmos mais localizados. No

⁴⁶⁴ FIGUEIREDO FILHO, J. **Meu mundo é uma farmácia**. São Paulo: Editora Instituto Progresso Editorial S.A., 1948, p. 92-93.

Diccionario de Medicina Popular, o Dr. Chernoviz advertia: “Saibamos por conseguinte moderar nosso appetite, saibamos regula-lo conforme o grão de energia de nosso estomago e das perdas que fazemos”⁴⁶⁵. As questões das refeições perdiam pertinência naquilo que concernia a seus nexos cósmicos, que ligavam o corpo a uma cadeia maior da existência, para ganhar força naquilo que se relacionava a um organismo de funcionamento mais autônomo – as capacidades do estômago, órgão localizado, interno, individual e individualizado, de funcionamento próprio, deveriam ser levadas em consideração, não mais os jogos de compensação e equilíbrio entre os alimentos, estações, remédios, idades etc.

Aliás, no próprio regime aconselhado por J. de Figueiredo Filho ao filhinho do escrivão da coletoria, os hábitos à mesa pareciam perder um pouco sua centralidade. Tudo parecia se passar como se estes objetivassem potencializar ou não atrapalhar a ação das substâncias medicamentosas, encaradas como protagonistas da cura. Dessa forma, desenhava-se uma configuração em que as refeições tinham um papel coadjuvante; não havia tanta horizontalidade a ponto de uma prática ser tomada por outra, como se viu anteriormente.

Divergia-se de uma conformação em que os remédios se integrariam a dietas, regimes, regimentos e resguardos – que ainda poderiam ocorrer nos anos 1930, por exemplo, com o pai de Eduardo Campos, para quem, no momento das refeições: “A quartinha de água ficava quase à mão, a contentar a sede. Meu pai preferia, depois de servido, tomar um copo de Hidrolitol, tipo de medicinal água mineral, preparada em casa e que, para o João, surtia o mesmo efeito da água ‘Caxambu’, servida de preferência aos convalescentes”.⁴⁶⁶ Diferente de uma prática a mais a constituir a ordem de frequência e intensidade do tempo remediador, o consumo de remédios parecia ganhar gradativamente maior protagonismo, concentrando um peso maior na produção da saúde.

Por um lado, esse maior peso sobre a ação do remédio não significava, todavia, um desligamento radical de tempos sagrados ou religiosos. Contemporâneo do

⁴⁶⁵ CHERNOVIZ, Pedro Luis Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1851, p. 74-75.

⁴⁶⁶ CAMPOS, Eduardo. *O inquilino do passado* (Memória urbana e artigos de afeição). Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa editorial, 1998, p. 33.

dicionário do Dr. Chernoviz, o *Diccionario de Medicina Domestica e Popular*, de Theodoro Langgaard, no verbete dedicado à dieta, recomendava aos doentes, além da ordenação dos hábitos alimentares em torno dos remédios prescritos pelo livro, que:

Dando-se estes trabalhos espirituales, cumpre supporta-los com uma fé robusta em Deus, que tudo dirige para o melhor, devendo submeter-nos á sua suprema vontade, e conservar o animo com a esperança de um feliz restabelecimento, pedindo ao doente que tenha confiança no tratamento, e siga escrupulosamente todos os preceitos, cuja severa observância é tão necessaria para o feliz exito da molestia, como a sua infatigavel paciencia.⁴⁶⁷

A fé em Deus e a confiança no tratamento andariam lado a lado ou poderiam, quem sabe, confundir-se. Nesses casos, os remédios apareciam enquanto recursos que concentravam boas doses de potência, convocando, em certa medida, os doentes a neles depositarem privilegiadamente a produção da cura.⁴⁶⁸ Como se observa, esse gradual isolamento e empoderamento do remédio mantinha algum fundo religioso, tanto assim que ainda não se abria mão das ordens temporais de natureza mais cósmica ou sagrada, como as dietas, os regimentos, os regimes e os resguardos.

Porém, as durações com ritmos e rituais que misturavam substratos religiosos, mágicos e astrológicos não tardariam a receber críticas, sobretudo a partir do século XIX. No *Diccionario de Medicina Popular* do Dr. Chernoviz, no verbete CONVALESCENÇA, tinha-se que:

Para accelerar o restabelecimento das forças, os medicos costumam prescrever algum amargo; infusão de lupulo, vinho de glicerina e quina de Catillon; vinho de quina, e Quinium Labarraque são as preparações que mais convem. Purgantes repetidos usáram-se por muito tempo na convalescença de quasi todas as molestias. Os progressos da medicina proscrevêram essa pratica, que não é de utilidade alguma.

Um dos principaes meios a empregar, consiste em fortificar o convalescente, dando-lhe as forças necessarias para que se enrobusteca dentro de pouco tempo.

Muitas são as especialidades pharmaceuticas que existem para esse fim; apenas citaremos aqui aquellas que mais confiança merecem e que melhores resultados têm dado na pratica:

O ferro Quevenne; as pilulas de Vallet; as de Blaud; as pilulas e o Xarope de iodureto de ferro inalteravel de Blancard; as preparações de

⁴⁶⁷ LANGGAARD, Theodoro J. H. **Diccionario de Medicina Domestica e Popular**. vol. 1. 1. ed. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1865, p. 671.

⁴⁶⁸ Conferir: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Propaganda e História: antigos problemas, novas questões. **Projeto História**. São Paulo, n. 14, fev. 1997, p. 104-105.

citrato de ferro citro ammoniacal de Robiquet; o vinho ferruginoso de glycerina e quina de Catillon; o elixir alimenticio Ducro de carne, aguardente e cascas de laranja azeda; o oleo nutritivo de Dethan, de extracto de ossos de boi; o vinho de Baudon, de antimonio phosphatado; o vinho de Bellini, de quina e colombo; as preparações de peptona de Catillon; o elixir eupeptico de Tisy, de pancreatina, dos convalescentes.

Citaremos tambem: a peptona diastasada de Trouette-Perret; o vinho de Cabanes, de lacto-phosphato de cal, ferro e quina; o vinho bi-digestivo de Chassaing; a phosphatina de Falières; o oleo de figado de bacalhão, de Bals; as preparações de Papaina, de Trouette-Perret; o vinho de quini de Labarraque e as grageas de Demazière de iodureto de ferro e cascara sagrada.⁴⁶⁹

Diferente das durações na forma de dieta, regime, regimento e resguardo, a convalescença é caracterizada pelo Dr. Chernoviz como um movimento de restabelecimento do corpo realizado pelo próprio corpo. Vislumbra-se uma circunstância em que o corpo começa a assumir uma considerável autonomia, apresentando uma capacidade própria de fazer frente às ameaças mórbidas. Flagra-se uma sensível diminuição da necessidade de negociação com o sagrado. É sintomático que, nessa configuração, os purgativos passem a perder espaço para outros gêneros de remédios usualmente denominados de tônicos. Os trâmites do comer e do beber, circunstâncias em que o corpo realizava trocas com o mundo e reequilibrava-se diante das forças cósmicas, e nas quais o auxílio dos purgativos exercia grande importância, conhecem a concorrência dos processos em que o corpo fazia uso de sua força própria, por sua vez impulsionada pela administração de preparados que propiciavam sua potência, os tônicos.

As ocasiões em que se consomem remédios para fortificar o corpo, ao invés de purgá-lo, manifestam uma experiência do tempo particular, que parece cada vez mais se distanciar do trabalho de ordenar práticas em sequências e frequências em durações. O importante passa a ser não mais o fomento de durações, mas sua diminuição: “acelerar o restabelecimento das forças” ou fazer com que o corpo “se enrobustea dentro de pouco tempo”, como assinala o verbete do Dr. Chernoviz.

A partir do século XIX, ideias semelhantes podem ser observadas em diversos registros, sobretudo algumas propagandas de remédios. Na *Gazeta do Norte*, em

⁴⁶⁹ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 6. ed. Pariz: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. 692.

número de 1887, anunciava-se a injeção Cadet, com “cura certa e infalível em tres dias”.⁴⁷⁰ No jornal *A Republica*, de 1898, dizia-se da Clauberina, uma água purgativa, que “Não produz colicas nem irritação de nenhuma especie e não exige resguardo ou dieta”;⁴⁷¹ a propaganda do “Vinho de Quina e Kola Glycero Phosphatado do pharmaceutico José Eloy da Costa, [informava] que tambem é utilissimo no rachitismo e nas longas convalescenças”⁴⁷². O *Jornal do Ceará*, do ano de 1911, trazia o anúncio da Fitina, “Reconstituente soberano em todas as convalescenças”.⁴⁷³ No *Almanaque do Ceará para o ano de 1930*, apresentava-se a propaganda do *Lombricol Jaccoud*, “um vermifugo vegetal, purgativo de effeito seguro, suave e sem nenhum perigo para as crianças. Não é irritante e não exige dieta”.⁴⁷⁴

Esses consumos de remédios comprometidos em abreviar as durações da cura ganham uma clara expressão a partir deste dito jocoso publicado no *Almanaque do Ceará para o anno de 1898*:

Um enfermo chama precipitadamente o medico.
- Que é isto, dr., pergunta-lhe.
- Nada, uma irritação passageira. Tome um banho de quarto de hora durante 4 dias.
- Diga-me, dr., retruca o paciente, e se tomasse os quatro banhos, não seria mais rapido?⁴⁷⁵

A impaciência do paciente diante do tratamento aconselhado se dava por razões de tempo. Observa-se a emergência de uma sensibilidade que abdica da composição de uma duração, doravante encarada como uma incômoda espera. Desenha-se uma prática de consumo que negligencia os ritmos e rituais de intervalos alargados, em geral tributários da ordem cósmica ou sagrada. A fé no remédio que, em certo sentido, resguardava a espera, dá lugar a uma temporalização da cura. Doravante, a produção da saúde e, sobretudo, sua aceleração passam a ser uma tarefa dos homens. Então liberados dos tempos do mundo que regiam durações remediadoras, rendem-se à celeridade das curas, nas quais os remédios se apresentam progressivamente mais comprometidos com a diminuição dos intervalos de restabelecimentos. Nas palavras de Koselleck, “se existe

⁴⁷⁰ *Gazeta do Norte*, 17 fev. 1887, p. 2.

⁴⁷¹ *A República*, 03 jan. 1898, p. 2.

⁴⁷² *A República*, 07 jan. 1898, p. 4.

⁴⁷³ *Jornal do Ceará*, 07 jul. 1911, p. 4.

⁴⁷⁴ *Almanaque do Ceará para o anno de 1931*, s/p.

⁴⁷⁵ *Almanaque do Ceará para o anno de 1898*, p. 191.

uma experiência temporal histórica, inerente ao mundo, que seja distinta dos ritmos temporais determinados pela natureza, essa, sem dúvida, seria a experiência da aceleração, em virtude da qual o tempo histórico se qualifica como tempo específico produzido pelo ser humano”.⁴⁷⁶

As práticas de remediar que se processam em atenção a durações cósmicas e sagradas, em cujos ritmos os hábitos alimentares apresentavam considerável importância, passam a abrir espaço para os consumos que emergiam sob o compromisso da temporalização, da aceleração e da autonomização dos homens, percurso aparentemente sem volta rumo à produção do indivíduo.

4.3. Almas, feitiços

No *ALMANACH Estatístico, Administrativo, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para o anno de 1930*, consultado no acervo da Academia Cearense de Letras, figura o seguinte reclame de remédio:

⁴⁷⁶ KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto PUC-Rio, 2014, p. 171.

NEURATOL
MAIS ASSOMBROSO
FORTIFICANTE

Em Verdade, Em Ver-
dade, Vos digo: Que todo
homem que, estando fraco,
fizer uso do NEU-
RATOL, jamais terá cura
salvação.



PADRE CICERO DE JOAZEIRO
NASCEU EM 1844
ORDENOU-SE EM 1870

Figura 24. Anúncio do remédio *Neuratol* (Almanaque do Ceará para o anno de 1930, s/p.).

O detalhe do acervo onde se encontra a referida publicação não é irrelevante. A consulta de outro exemplar desta mesma edição do impresso em outro arquivo, por exemplo, aquele do Instituto do Ceará, indica a inexistência do reclame. A análise atenta sobre a folha em que se encontra a propaganda revela que se trata de uma colagem. A imperfeição das bordas, o corte de trechos do texto e a superfície mais áspera do papel não deixam dúvidas: o antigo proprietário e leitor do almanaque sob a guarda da Academia Cearense de Letras recortou a propaganda de algum lugar e a colou sobre uma das folhas do periódico.

A prática de recortar trechos de um impresso e colar sobre outro não parece ter sido um fenômeno excepcional a este leitor anônimo, cujo almanaque era repleto de outras colagens, em especial de fotografias de políticos do período, como Getúlio Vargas. Em livro de memórias, Eduardo Campos, discorrendo sobre sua curiosidade diante do afamado *Formulario ou Guia Medica* do Dr. Chernoviz, informava algumas características do volume já usado que veio a adquirir:

E o tempo, em sua corrida por diante, muito à frente e quando me vi adulto, ensejou-se encontrar o ambicionado ‘Chernoviz’, pesado e lúgubre volume de consultas ancestrais, e de normal utilizado ainda hoje em minhas pesquisas a interesse da medicina popular. Cópia valiosa adquiri a um já desaparecido sebo, Livraria Gurgel. Valiosa 13ª edição, e que antes de ser meu, integrou a biblioteca do ‘bacharel em direito’ (como firmava à margem das páginas em caprichado carimbo), ilustre desembargador, Álvaro Gurgel de Alencar. Às páginas do livro o meu antecessor chegou, em colação, velhas receitas e uns tantos avisos de sua conveniência.⁴⁷⁷

A inserção de excertos sobre um impresso, segundo insinua Eduardo Campos, não dizia respeito apenas ao exercício de recortar e colar. Podia acontecer também de um leitor escrever, de próprio punho, algumas anotações que não convinha esquecer quando da consulta ao volume. Aliás, essa prática de reescrever o livro mediante a inserção, seja a partir da escrita de próprio punho, seja a partir da colagem de outros papéis, parece ganhar seu maior sentido em se tratando de obras de recorrente consulta, tal o caso do *Formulario ou Guia Medica* e do *Diccionario de Medicina Popular* do Dr. Chernoviz e, igualmente, do *Lunário Perpétuo* e dos exemplares do *Almanaque do Ceará*.

⁴⁷⁷ CAMPOS, Eduardo. **A volta do inquilino do passado** (Memória urbana e artigos de afeição). Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa editorial, 1998, p. 17.

Neste último caso, importa ter em mente determinadas características do periódico. Trata-se de uma publicação iniciada em 1870, quando veio à lume com o título de *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará*, iniciativa de Joaquim Mendes Guimarães Júnior, sob cuja direção sairia uma segunda edição, datada de 1873. Na sequência, apenas em 1895, João Eduardo Torres Câmara faria imprimir o *Almanach da Fortaleza para 1895*, sendo que no ano seguinte amplia para *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil e Industrial do Estado do Ceará para 1896*. A despeito de algumas interrupções, o periódico segue até os anos 1960, pelo menos.⁴⁷⁸ De uma maneira geral, pode-se dizer que o *Almanaque do Ceará* mantinha proximidades com alguns dos grandes temas do *Lunário Perpétuo*. Ambos, como usava acontecer entre os representantes do gênero almanaque, apresentavam preocupações acerca do tempo. Nesse sentido, o *Almanaque do Ceará* sempre iniciava seus textos com calendários que traziam dias de santos, festas móveis, feriados religiosos e cívicos, eclipses solares e lunares, indicações dos anos bissextos, tudo atrelado a considerações da ordem do clima, em especial, das secas e dos invernos. Embora presentes, a astrologia e a religião não eram uma tônica da publicação, em cujas páginas, geralmente contadas em centenas, priorizava-se um mapeamento do Ceará enquanto unidade administrativa, econômica e mesmo literária, sobretudo a partir do período republicano.

Os diversos órgãos, departamentos, repartições e subdivisões que encorpavam a burocracia do governo do estado e, principalmente, da administração da capital eram designados com seus respectivos dirigentes, suas sedes e orçamentos. Na sequência, a lista de instituições, como escolas, faculdades, hospitais, igrejas, cemitérios e estabelecimentos comerciais, e de profissionais disponíveis na capital e em algumas cidades do interior, tais como médicos, farmacêuticos, dentistas, parteiras, advogados, engenheiros e outros. Além disso, a finalização quase sempre coincidente com uma seção literária que conjugava poemas, memórias, trechos de romances, pequenas biografias, provérbios, ditos chistosos e as afamadas charadas. Tudo isso intercalado por pequenos textos informativos e reclames das mais diversas naturezas – mercearias,

⁴⁷⁸ Débora Dias acrescenta que “Com a morte do fundador João Câmara, em 1906, o *Almanach do Ceará* continua a ser editado por seu filho, Sophocles Torres Câmara, até 1932, quando passa para a propriedade de Silveira Marinho e em 1940 para Raimundo Girão e Martins Filho”. MACAMBIRA, Débora Dias. **Impressões do Tempo**. Os Almanques no Ceará (1870-1908). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará, 2010, p. 122-123.

gêneros alimentícios, livrarias, livros e periódicos, farmácias, remédios, consultórios médicos, perfumarias, artigos de beleza, máquinas agrícolas, equipamentos elétricos, seguros de vida, loterias etc.

Em linhas gerais, pode-se dizer que, diferentemente do *Lunário Perpétuo*, o *Almanaque do Ceará* constituía uma publicação de periodicidade anual – portanto, comprometida com ritmos mais velozes – que expressava um mapeamento urbano tendo por norte uma série de atividades que tendia a superar experiências temporais afeitas ao sagrado, como aquelas decorrentes da astrologia e da religião católica. Ao longo do impresso, estava clara certa tendência a uma ambiência não apenas laica, mas consideravelmente profana, já que amplamente dedicada ao mundo das ciências, das indústrias e dos negócios.

Podia acontecer, não obstante, que o leitor do *Almanaque do Ceará* não estivesse tão convencido de certas cisões insinuadas pelo impresso. A cidade e o sertão, a ciência e a religião, o profano e o sagrado não apareciam necessariamente como polos dicotômicos na organização da vida. Tanto era assim que o leitor do volume da edição para o ano de 1930 via com pertinência a inclusão em seu exemplar do reclame de um remédio que jogava não apenas com a ciência, mas igualmente com a fé. Podia ser que em algum momento este leitor tivesse a necessidade de consultar seu almanaque não somente para ver o endereço e o telefone de instituições, profissionais ou estabelecimentos comerciais, mas igualmente para, em certas ocasiões, tomar nota daquele fortificante, cuja eficácia o anúncio dizia ser tão assombrosa como um milagre.

Convém deter-se um pouco sobre algumas características deste reclame. A página do periódico é quase completamente tomada por ele, numa imagem em cujo centro se encontra a figura do Padre Cícero Romão Batista cercado de nuvens. O conjunto inspira uma atmosfera celestial, alguma dose de eternidade. Inscrito nesta ilustração, um texto repleto de acenos igualmente religiosos: “NEURATOL. O MAIS ASSOMBROSO FORTIFICANTE. Em Verdade, Em Verdade, Vos digo: Que todo aquelle que, estando fraco, não fizer uso do NEURATOL, jamais terá cura ou salvação”.⁴⁷⁹ O texto da propaganda é nitidamente de inspiração bíblica, com semelhanças incontestáveis com os Evangelhos, passagens em que Jesus Cristo era a

⁴⁷⁹ *Almanaque do Ceará para o anno de 1930*, s/p.

encarnação do filho de Deus na Terra, encarregado de pregar sua palavra, cuja consideração garantiria a salvação da alma dos homens, seu encaminhamento seguro rumo à vida eterna. Dessa forma, embora o vocábulo alma não comparecesse no anúncio, está implicitamente presente, mormente quando se tem em conta que o público a que se direcionava estava em contato corrente com narrativas religiosas que evocavam o livro sagrado.

Ademais, os fiéis sensíveis à figura do Padre Cícero pareciam ter uma particularidade. Régis Lopes explica que, nas primeiras décadas do século XX, o Padre Cícero era considerado uma ameaça à Igreja. O afamado milagre da hóstia que virou sangue nos lábios da beata Maria de Araújo em Juazeiro não foi bem recepcionado pelas autoridades eclesiásticas, que viam ali uma manifestação de fanatismo numa época em que a Igreja buscava impor uma vivência religiosa mais formal, obediente às hierarquias da instituição, intermediada prioritariamente pelos sacramentos. Dentre as diversas repreensões que o Padre Cícero sofreu, uma dizia respeito à difusão de rosários, medalhas e imagens que faziam apelo direto à sua pessoa, reconhecida como santa por grande número de fiéis⁴⁸⁰. E das imagens mais estimadas do padrinho, estava aquela que fazia parte do reclame do *Neuratol* que, então, inscrevia seus feitos e efeitos numa experiência religiosa mais específica, aquela que admitia certa eclosão corriqueira do milagre, que poderia se exprimir, por exemplo, na cura.

Essa manobra publicitária que joga com as palavras e as imagens propõe um consumo do remédio referenciado por estreitas conexões entre a salvação da alma e o estabelecimento do corpo. Associações igualmente sugeridas quando do emprego dos purgativos ou purgantes. Domingos Olímpio, no romance *Luzia-Homem*, assim descrevia a percepção que Luzia tinha de sua amiga mais próxima: “Meditava a tranqüilidade angélica de Teresinha, seminua; apenas coberta por uma leve camisa de esguião, preciosa relíquia de antiga abastança, e acreditava que lhe houvera Deus perdoado as culpas, porque era boa na essência, e as purgara neste mundo”.⁴⁸¹ Assim como um fortificante do corpo também fortificaria a alma, livrando-a, por exemplo, da fraqueza da carne, um purgativo poderia liberar os excessos mórbidos do corpo em

⁴⁸⁰ Conferir: RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Papel Passado**: cartas entre os devotos e o Padre Cícero. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011, p. 73-81.

⁴⁸¹ OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem** [1903]. Fortaleza: ABC, 2002, p. 80.

consonância com as purgações dos pecados e culpas da alma. Lembre-se a esse respeito que a purgação poderia ocorrer nesse mundo ou na passagem para o além, naquilo que a Bíblia denomina, não por acaso, de Purgatório.

Essas conexões entre corpo e alma não conheceram muitas regras. A cada situação, são sugeridas relações nuançadas, interferências distintas. Empreendendo associações entre a cura e a salvação, alguns remédios ora faziam emergir alma e corpo como uma mesma e uma substância, ora como dois elementos distintos em relação de correspondência, ou ainda em relação hierárquica, em geral a primeira governando o segundo. Se em alguns casos podem-se aventar os contornos dessas associações, noutros torna-se mais complicado. Difícil, por exemplo, entender como funcionavam esses vínculos num remédio denominado *Bálsamo Católico*, rapidamente aludido por Antenor de Barros Leal enquanto produto de grande apelo nos sertões de Boa Viagem nas primeiras décadas do século passado.⁴⁸² Em todo caso, não restam dúvidas de que o nome pelo qual essa substância era identificada e solicitada nos balcões das farmácias ou em outros estabelecimentos constitui indício suficiente para inseri-la num consumo que não desagrega a matéria do espírito.

Das operações da linguagem, as conexões entre corpo e alma repercutiram no universo dos ofícios. Nesse sentido, não parecem ter sido raros os padres que adentraram os domínios da cura. No jornal *O Povo*, de 23 de janeiro de 1928, publicava-se o seguinte texto:

No tempo em que era [...] querido vigário de N. S. da Conceição, em Guaramiranga, o saudoso padre Leorne, esse bom ministro de Christo, com o intuito de minorar os padecimentos phisicos de suas ovelhas adquiriu um tratado de homeopathia, comprou medicamentos e poz-se a tratar enfermos.

Era uma romaria, á porta do estimado cura da igreja da Conceição, todos os dias.

Certa manhã, procurou-o um velho agricultor, pedindo-lhe um remedio para sua filha.

– Que tem a menina?

– Veja, sr. vigário, veja minha filha está com um inchaço muito inchado no pescoço.

Cioso da pureza vernácula, o sacerdote palpou o abcesso que se formava na região infra mandibular da jovem e repreendeu o velho:

⁴⁸² LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 148.

- Não diga assim ! O sr. está falando errado. Ora, que disparate! ‘Inchaço inchado...!’ isso é um pleonismo, sr. Joaquim.
- Verificando, porém, que a enferma necessitava de medicação allopatha bateu paternalmente no ombro do velho e recommendou-lhe bondoso:
- Vá meu velho, vá á pharmacia do dr. Luiz Caracas e peça-lhe uma pomada para o tratamento da menina.
- Minutos depois, remoendo a palavra ‘pleonismo’, estava o agricultor diante do dr. Luiz Caracas, á procura do remedio:
- Que deseja o amigo? perguntou-lhe o pharmaceutico.
- Seu dr. eu vim aqui a mandado do padre Leorne. Venho pedir-lhe um remedio para minha filha.
- Que tem a menina?
- Ah! Seu doutor! Minha filha está com o pleonismo tão inchado, que faz medo...⁴⁸³

Fazendo troça da compreensão do sertanejo, a passagem revela que a primeira providência na eclosão da doença foi a consulta ao padre. Apenas depois de escutar o vigário, acatar seus conselhos e integrar seu vocabulário, o pai da enferma dirigiu-se ao farmacêutico. As credibilidades depositadas nos padres nas ocasiões de doenças traziam à tona formas de remediar que uniam o corpo e a alma.

Situação semelhante aparece em coluna anedótica da revista do Centro Médico Cearense, em que se mencionava episódio, nos idos dos anos 1870, no qual um padre se arvorava nos domínios da cura em pequena cidade do interior do Ceará. Voltando da capital de posse de livros e remédios, “A fama de que o Vigario teria chegado medico corraera celere de bocca em bocca e pouco tempo depois, não tivera elle mais treguas, porque essa noticia levara os matutos a procura-lo para confissões distantes da cidade, amiudadas veses, pretextando-se enfermidades graves, com fim unico de ouvir-se os seus conselhos medicos”.⁴⁸⁴ A escrita da pena de um médico revela os traços de uma perspectiva diferenciadora; divisava a seara do médico daquela do padre, aquela da saúde e aquela da salvação. Insinuando certa ingenuidade do vigário diante de demandas de seu rebanho, que supostamente preteria os assuntos da alma em proveito daqueles do corpo, o texto escamoteia experiências da doença e da cura que correntemente irmanavam corpo e alma.

As conexões entre corpo e alma desembocavam em conselhos de saúde emitidos pelos padres, mas também em certas condutas sacerdotais manifestadas pelos

⁴⁸³ **O Povo**, 23 jan. 1928, p. 1.

⁴⁸⁴ **Ceará Medico**, set. 1930, p. 8-9.

profissionais da saúde. Daí que não apenas o momento da confissão se confundia com uma sessão de consulta médica, mas também o contrário, em certa medida, poderia acontecer. Antenor de Barros Leal conta que havia, pelas primeiras décadas do século passado, em Boa Viagem, duas irmãs solteiras, sexagenárias, que viviam os dias numa fazenda afastada do centro comercial da localidade:

Não faltavam às Missas, com suas montarias e vestidos domingueiros, nas capelas da Freguesia ou na Matriz da Santa Padroeira de Boa Viagem. – Algumas vezes aproveitavam para uma ‘consultazinha’ com o seu Antenô da farmácia. Seus achaques eram revelados em segredo como se estivessem, baixinho, a rezar as contas do rosário. Nunca as duas de uma só vez. ‘Eu vou primeiro, depois será você’. Pacientemente eu ouvia e esperava, fazendo-lhes todas as vontades, como em verdade mereciam. Uma simples dor, uma tontura, um prurido, eram repetidos muitas vezes, com outros dialetos e novos exageros.⁴⁸⁵

Tratando os assuntos da alma na igreja e os assuntos do corpo na farmácia, as irmãs sexagenárias não haviam, contudo, rompido as práticas religiosas das práticas de cura. Tanto assim que, em consulta com o prático de farmácia, usavam manter a aura feita de constrição, pudor e confidencialidade, recebendo as receitas como quem recebe a lista de penitências. Uma vez mais, o tratamento dado ao corpo tem zonas de ressonância com aquele conferido à alma.

É importante ressaltar que as relações muito próximas entre consultas e confissões, remédios e penitências nem sempre se associavam exclusivamente a práticas que se passavam à distância do campo científico – ainda que, para boa parte dos médicos cearenses do início do século XX, a tendência parecia ser a de um entendimento do corpo e da alma como instâncias a muito custo conciliáveis.

Em 1794, Francisco de Melo Franco, médico brasileiro formado em Coimbra, publica, em Lisboa, o livro *Medicina Theologica ou Supplica Humilde, Feita a todos os Senhores Confessores, e Directores, sobre o modo de proceder com seus Penitentes na emenda dos peccados, principalmente da Lascivia, Colera, e a Bebedice*. Embora não se tenha muito conhecimento das trajetórias do impresso, sabe-se que ele causou polêmica entre membros da Igreja e contribuiu para uma temporada de cárcere de seu

⁴⁸⁵ LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 111.

autor na Santa Inquisição. Em linhas gerais, o livro diferenciava os remédios físicos, na forma de substâncias, e os remédios espirituais, manifestados em determinadas condutas morais. Defendia que os confessores soubessem prescrever uns e outros, pois as relações entre o corpo e a alma eram estreitas, sendo preciso considerar “sempre sua união, e mútua correspondência em todas as acções de qualquer genero que sejam”.⁴⁸⁶ Para Francisco de Melo Franco, os confessores bem instruídos

[...] sabem tambem como a alma obra no corpo, e o corpo na alma, sabem como ambos se communicão, e se firmão em suas paixões, e adquirem suas virtudes; e depois de conhecido o jogo deste mechanismo occulto, desta sympathia admiravel, tirão indicações seguras, formão juizos certos, e applicão remedios não só moraes, mas tambem fysicos, ou proporcionaõ ambos de modo que facilmente curem os peccadores de suas enfermidades espirituaes, e corporaes, e os dirigem em fim nos caminhos da saude do corpo, e da salvação da alma.⁴⁸⁷

Na opinião do autor, a confissão, momento em que o sacerdote examinava o corpo e a alma do fiel, os instruindo no sentido da saúde e da salvação, emergia como o remédio dos remédios. Esse pensamento parece ter repercutido de alguma forma em certas regiões da colônia portuguesa no século XVIII. Assim, se o sacerdote podia, ou melhor, devia se fazer médico, Márcia Moisés Ribeiro escreve que o contrário também se endossava: “as *Constituições primeiras do arcebispado da Bahia* determinavam a todos os médicos, cirurgiões e barbeiros que, antes de aplicarem as ‘medicinas’ para o corpo, tratassem primeiro da alma, estimulando o doente à confissão”.⁴⁸⁸

Com efeito, essas preocupações em torno da confissão e suas implicações nas intersecções entre padres e médicos eram um sintoma do grande debate sobre as relações do corpo e da alma no campo da medicina científica – debate avivado notadamente a partir do início do século XVIII. Enquanto de um lado havia os estritamente mecanicistas, seguidores de Descartes, a defender que o corpo era uma maquina mecânica apartada de sua *ânlma*, esta pairando em seu redor como um fantasma, de outro lado, nomes como Georg Ernest Stahl (1660-1734), fundador da escola prussiana, e Herman Boerhaave (1668-1738), anatomista holandês, admitiam um

⁴⁸⁶ FRANCO, Francisco de Melo. **Medicina Teológica** [1794]. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008, p. 11-12.

⁴⁸⁷ Ibidem, p. 16.

⁴⁸⁸ RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos trópicos**. A arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: HUCITEC, 1997, p. 99.

papel mais ativo da alma no funcionamento do corpo. O primeiro defendia que “A atividade humana dirigida para fins supõe a presença de uma alma, compreendida como poder de presidência, intervindo de modo constante, a própria quintessência do organismo [...] veículo sempre ativo da consciência e da regulação fisiológica: um guardião, um protetor contra a doença”;⁴⁸⁹ Boerhaave, por seu turno, embora convencido da presença de uma alma, se colocava numa posição mais cautelosa, defendendo que “A urgência era sobretudo apreender estruturas, processos fisiológicos e patológicos tangíveis. O estudo da alma devia ser entregue aos padres e aos metafísicos; a medicina devia estudar as causas segundas, não as causas primeiras, o *como* mas não o *porquê* nem o *para quê* (a finalidade)”.⁴⁹⁰

A obra de Francisco de Melo Franco localiza-se nesse debate, com a particularidade de ter mantido o laço forte da *ânlma* com as coisas de Deus, reforçando que a cura era operação realizada pelos homens, mas concedida pelo ser supremo – ideia que perpassa diversos consumos de remédios.

No *Lunário Perpétuo* de 1876, figurava a seguinte receita para a icterícia: “Tomae herva hepática, e pisando-a tirareis do sumo d’ella obra de uma colher, e o deitareis em um ovo, a que tirareis a clara, e o poreis a aqueitar ao lume, e estando morno o dareis a beber ao enfermo, manhã e noite, continuando nove dias, e antes d’elles acabados, com o favor de Deus, terá perfeita saude”.⁴⁹¹ Nuno Marquez Pereira, no livro *Compendio Narrativo do Peregrino da America*, instruía um homem doente que

[...] ponha toda a sua confiança em Deos, o qual ás vezes quer dar-lhe saude nessas medicinas, e outras vezes não. Assim tambem quando lhe faltar o Medico, ou as medicinas, não desconfie por isso da saude, porque quando Deos quer, isso fara. E assim quando o Medico errou a cura por não conhecer a enfermidade; ou quando o enfermeiro se descuidou; esse erro, ou descuido, ha-se de tomar por acerto de Deos: porque para com Deos não acontece cousa alguma acaso.⁴⁹²

⁴⁸⁹ PORTER, Roy; VIGARELLO, Georges. Corpo, saúde e doenças. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges [Dir.]. **História do Corpo**: da Renascença às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 466.

⁴⁹⁰ Ibidem, p. 464.

⁴⁹¹ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** [1876]. Lisboa: Vega, 1978, p. 232.

⁴⁹² PEREIRA, Nuno Marquez. **Compendio Narrativo do Peregrino da America**. Em que se tratam vários discursos espirituaes, e Moraes, com muitas advertencias, e documentos contra os abusos, que se

Veículo de ligação entre o homem e Deus, entidade gestora do corpo, depositária das virtudes e dos pecados, a alma comparecia, a partir dessas diversas nuances, além de outras, na produção da saúde e da doença. Instituíam-se uma rede complexa de práticas que conectavam e reconectavam o corpo e a alma, desmanchavam e refaziam os laços entre o natural e o sobrenatural. Nestas circunstâncias, podem ter encontrado alguma pertinência certos remédios que convocavam demais instâncias ocultas, forças misteriosas que pululavam entre o céu e a terra – espíritos, feitiços, malefícios, maus olhados, quebrantos...

No romance de Domingos Olímpio, contava-se um caso de um homem que se via definhar por conta de um feitiço:

Conheci um moço que foi enfeitado por uma rapariga, embelezada por ele. A criatura, de repente, ficou toda torta, como se lhe desse o ar... Ave-Maria; foi murchando, secando até ficar pele e osso. Parecia mais um defunto em pé, que gente viva. Desenganado de remédio de botica, foi se retirar ao padre João Crisóstomo, mandou fazer orações fortes... Foi bobagem... A felicidade dele foi topar com uma cigana que lhe deu contrafeitiço, uns pozos para beber com leite de peito... Santo remédio, menina... Uma coisa é ver, outra é dizer, como ele se levantou, já tendo os pés na cova.⁴⁹³

Estabelecer uma definição do feitiço é tarefa arriscada, já que a cada registro aparece com contornos diferentes. Pode-se iniciar por dizer que, grosso modo, diferentemente dos trâmites da alma, no chamado malefício, os homens não tinham apenas de se ver com Deus e também consigo próprios, conferindo atenção às condutas morais que os colocavam seja no caminho da virtude ou da saúde, seja naquele do pecado ou da doença. No feitiço, mediante a manipulação intencionada ou mesmo involuntária de forças ocultas, os homens podiam lançar, eles próprios, achaques, doenças e infelicidades uns sobre os outros. Tudo indica que produzir um malefício ou realizar um trabalho significava colocar em tráfego uma força negativa, direcionando-a de um lugar para outro, de um ser para o outro, o que incluía homens, animais, plantas, objetos etc. Nesses casos, a doença assumia uma propriedade transferencial, ganhava contornos de entidade caminhante, pululando de um abrigo corpóreo para outro. Nas palavras de Keith Thomas, o malefício constituía “um elemento estranho que,

achaão introduzidos pela malícia diabólica no Estado do Brasil. Lisboa: Off. de Antonio Vicente da Silva, 1760, p. 359.

⁴⁹³ OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem** [1903]. Fortaleza: ABC, 2002, p. 79.

empregando-se o procedimento adequado, poderia ser transferido de um portador para outro”.⁴⁹⁴

Diante dessas morbidades, uma primeira série de remédios se impõe, aquela que diz respeito aos expedientes que fazem expulsar a doença do corpo, endereçando-a para outro lugar. O folclorista Eduardo Campos compila um amplo inventário desses remédios:

Em Pacatuba (Município próximo a Fortaleza), é crença geral de que, se conseguir o asmático cuspir na bôca de um cará (peixe) recém-pescado, saltando-o ainda vivo na água de onde foi fígado, ficará o doente radicalmente curado. Na região do Cariri, o asmático prefere realizar êsse processo de cura, cusbindo na bôca do sarapó, outro tipo de peixe. É crença natural aos caririenses que o referido peixe é responsável pelo estado asmático das criaturas. Recenseou igualmente o Sr. Getulio César [...]: ‘Aconselham ainda ao asmático cuspir na bôca de um peixe vivo e, em seguida, soltá-lo na água’.⁴⁹⁵

O cuspir na boca do peixe parece ter sido remédio comum para os doentes de asma, citado por muitos estudiosos da dita medicina popular. Nesse expediente de cura, realizava-se a expulsão da doença pela via de uma das aberturas mais imediatas entre o corpo e o mundo, por onde trafegavam com maior desenvoltura os malefícios que entravam e saíam dos homens, e também dos bichos. Nesse sentido, no jornal *O Sol*, em edição de 23 de fevereiro de 1862, inscrevia-se o seguinte remédio: “Panaricio – Mettese o dedo na guella de uma arrã viva, e deixa-lo estar até que este animal, que tem a virtude de puchar a si o humor, fique inchado. Se incha promptamente é prova de que o humor é abundante, e então se deve repetir a operação com mais arras”.⁴⁹⁶ Os feitiços não demoram a se confundir com os humores, a demonstrar os enlaces de diversas lógicas da saúde, com suas respectivas espessuras temporais, em atuação integrada no consumo dos remédios.

Além da boca, demais regiões corporais que se abriam para o exterior, especialmente aquelas por onde passavam os dejetos, eram também acionadas pelas práticas do feitiço, que delas faziam um canal para a expulsão das doenças. O *Lunário*

⁴⁹⁴ THOMAS, Keith. **Religião e o declínio da magia**: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 163.

⁴⁹⁵ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 44.

⁴⁹⁶ *O Sol*, 23 fev. 1862, p. 3.

Perpétuo explicava uma receita *Para tirar qualquer bicho que tenha entrado no corpo*: “Quando o bicho ou cobra entrar no corpo de alguma pessoa, que estiver dormindo, o melhor remedio é tomar o fumo de solas de sapatos velhos, pela bocca, por um funil, e o bicho sairá pela parte debaixo; é coisa experimentada”⁴⁹⁷. Eduardo Campos compila que, para sezão, “Aconselham ao enfêrmo urinar em três vassourinhas, três dias seguidos. Quando morrerem elas, estará curado”⁴⁹⁸.

Além dos remédios que expulsavam o malefício pelas aberturas corporais, havia ainda aqueles que se colocavam no justo lugar do incômodo, operando a saída da doença por um contato mais localizado. Alceu Maynard de Araújo informa que, no sertão alagoano, sendo “uma pessoa qualquer afetada, por exemplo, de erisipela, basta esfregar o betráquio no local da doença que ela sarará, pois o mal passará para o sapo”.⁴⁹⁹ Eduardo Campos listou que “Passar o sapo-cururu sôbre a parte afetada [de reumatismo] é receita do sertão. A cura se realiza por ‘contacto’, passando a doença para o sapo”.⁵⁰⁰ No *Lunário Perpétuo*, ensina-se que, para os frenesis causados por febre contínua, “será bom por-lhe na cabeça o figado, ou rins de um carneiro, logo que o acabarem de matar, ou hum frangão, ou pombo aberto pelas costas”;⁵⁰¹ para a cólica, “façam esfolar um carneiro, e ponham a pelle assim fresca onde tiverem a dôr”.⁵⁰² Dos sapos aos carneiros, passavam-se também pelos excertos de porco: “Para tirar do pé a pulga do ‘ôlho branco’ (pulga-de-bicho), pega-se um pedaço de toucinho fresco, que deverá ser amarrado, a seguir, sôbre a área afetada. Dizem que a pulga-de-bicho do ‘ôlho branco’, por contacto, passa do pé para o toucinho”.⁵⁰³

Convém frisar que, se os remédios para os malefícios bebem de um catolicismo mágico europeu que pulsa das páginas do *Lunário Perpétuo*, por outro lado flagram-se

⁴⁹⁷ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** [1876]. Lisboa: Vega, 1978, p. 227.

⁴⁹⁸ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 84.

⁴⁹⁹ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 49.

⁵⁰⁰ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 82.

⁵⁰¹ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 281.

⁵⁰² Ibidem, p. 288.

⁵⁰³ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 97.

nele zonas de ressonância com alguns elementos das culturas indígenas. É o que se verifica da leitura do livro *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*, de 1844, escrito por Karl Von Martius, fruto de seus estudos e viagens entre as populações nativas do Brasil no início do século XIX. Para o autor, entre alguns povos indígenas do Brasil, as experiências com o sagrado

[...] têm por base o culto da natureza e dos espíritos que a governam. Esses espíritos, muito mal definidos, residem no céu, na atmosfera, na terra, nas montanhas, nas águas, nas coisas materiais, nos animais etc. São poderosos, bons ou maus, porém principalmente maus; causam as doenças e as desgraças.⁵⁰⁴

Entidades que trafegam pelo mundo, as doenças eram combatidas pelos brasis da virada do século XVIII para o XIX, mediante “um esforço para atrair as forças desconhecidas (os espíritos), encerrá-las dentro de uma determinada limitação (círculo mágico), retê-las, exorcizá-las”.⁵⁰⁵ Nessas operações de exorcismos e de transferência, parecia ser importante a atuação de agentes de cura especializados. Acreditava-se, em geral, que as forças, entidades e espíritos que se faziam malefícios “apenas são acessíveis a uma pequena classe de privilegiados: sacerdotes, feiticeiros, exorcistas, profetas e xamãs, com os quais entravam em comunicação”.⁵⁰⁶

O apelo que os iniciados nas artes do feitiço exerciam nas operações de cura se confirma em vários textos de folcloristas. Em geral denominados curadores, rezadores ou benzinheiros, estes agentes remediavam pela realização de orações. Inventariadas aos montes,⁵⁰⁷ estas orações ou rezas acionavam considerável número de santos, unindo

⁵⁰⁴ MARTIUS, Karl F. P. Von [1844]. **Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros**. Tradução, prefácio e notas de PIRAJÁ DA SILVA. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1979, p. 126.

⁵⁰⁵ Ibidem, p. 128.

⁵⁰⁶ Ibidem, p. 126.

⁵⁰⁷ Sobre um remédio para quebranto, Alceu Maynard de Araújo registrava: “Eis uma reza cuja finalidade é curar o quebranto. A ‘benzinheira’ sobre a cabeça da criança, fazendo gestos, diz: *Susana sua mãe te leve, sua mãe le há de criá, quem quebranto le pois, com três hei de tirá, o quebranto e mau-olhado, e a menina Susana fica sarada. Si fô nos olhos da minina, Santa Luzia é quem vai tirá, si fô na cabeça da minina, é São Pedro quem vai tirá, si fô nos ouvidos da minina, é Santa Polônia quem vai tirá, si fô no pescoço ou na garganta, é São Braz quem vai tirá, si fô na cacunda da minina, Nossa Senhora do Rosário quem vai tirá, si fô no corpo da minina, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro quem vai tirá, si fô na barriga da minina, é o Divino Espírito Santo quem vai tirá, si fô no braço ou na mão da minina, é São Sebastião quem vai tirá, si fô na bunda, no pé, na perna da minina, é São Pedro e São Paulo e os anjo do céu e o meu Padrim Cirço (Padre Cícero) e a minha Nossa Senhora Mãe dos Home e os ares quentes, os ares frio, ares de vento, ares le arrenego, em nome do Padre, da Virge, de todos os Santos, que se quebre todos os quebranto, com três padre-nosso e três ave-maria, Amém*” ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC,

então malefício e milagre, feitiço e religião. Sobre esses entrecruzamentos, Alceu Maynard de Araújo informa que

[...] muitos padres, sem o saber, se tornam os ministradores das ‘forças’ e ‘virtudes’ a muitos dirigentes de tore, candomblé ou curadores que na igreja aparecem em determinados dias com o fito exclusivo de recebê-las. O curador e o benzedor, para conservar sua força e adquirir mais, para conseguir quebrar certos encantos, para poder realizar certos ‘trabalhos difíceis’, vão à primeira missa das sextas-feiras, com três dentes de alho na boca. No momento da elevação engolem o alho: estão aptos para realizar grandes trabalhos de magia.⁵⁰⁸

Curadores, rezadores e benzinheiros, operando sobre as doenças dos feitiços, findam por estender uma rede que agrega simultaneamente igrejas e terreiros, alma e espíritos, pecados e encantos, sacramentos e rituais. Mobilizando experiências do tempo da religião e da magia, estes agentes faziam da cura um fenômeno complexo, que, tal como o corpo, acolhe mais do que interdita, mistura mais do que diferencia.

Derivam também desse jogo de tráfegos e transferências os remédios na forma de amuletos. Eduardo Campos explica que “Para evitar o ataque do espírito do mal ou prevenir-se contra a sua maléfica ação, numa tradição atávica, lança mão [o sertanejo] de amuletos, entre os quais se contam essas figuinhas encontráveis nas feiras, que, traindo a sua concepção primitiva, sugerem geralmente a forma de pênis, símbolo da força e vigor”.⁵⁰⁹ Objeto que retrata uma mão fechada, estando o dedo polegar entre os dedos médio e indicador, a figa aparece correntemente como remédio contra quebrantos ou mau-olhados, especialmente nas crianças e recém-nascidos: “Para evitar mau-olhado,

1977, p. 52-53. A partir de suas andanças pelo interior do Ceará, Eduardo Campos listou as orações mais acionadas, nas quais se observa seja uma relação mais direta com as coisas da saúde e da doença, seja uma vagueza que pode também indicar a abertura de seus usos para as ocasiões de malefícios, manifestem-se estes ou não por uma eclosão mórbida: “Embora não seja do objetivo dêsse estudo, catalogamos aqui uma relação mais ou menos satisfatória das orações mais popularizadas no Ceará, se não mesmo no Nordeste, para todos os fins: 1 – Salmo 90; 2 – Oração de São Roque (para proteger os pobres); 3 – Oração contra os inimigos (invocando Santa Catarina); 4 – Reza contra males físicos; 5 – Reza para aplacar o sangue; 6 – Oração da cabra preta (para mostrar a sorte no jôgo); 7 – Oração de São Cipriano; 8 – Oração do mar sagrado; 9 – Oração contra febres; 10 – Oração do Soldado 33; 11 – Oração para curar erisipela; 12 – Oração a São Campelo (para os que desejam ter sorte no jôgo); 13 – Oração para defumar a casa; 14 – Oração contra mau-olhado; 15 – Oração para fazer um gatuno entregar as coisas roubadas; 16 – Oração para resistir aos artifícios de certa mulher perigosa; 17 – Oração para curar sezão (maleita)”. CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 106-107.

⁵⁰⁸ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 74.

⁵⁰⁹ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 31.

colocam na camisinha do nenê uma figurinha preta”.⁵¹⁰ Nas figas e também em outros amuletos, as cores exerciam um papel importante, sobretudo o vermelho, expressão de elevação e, portanto, de um poder de cura que remonta à alquimia: “Então, tanto para feitiços, quebrantos e maus-olhados, há *defesas contra* e nada melhor do que uma fitinha ou objeto de cor vermelha para desviar os raios maléficos dos olhos maus e fortes, repletos de inveja, capazes de transmitir o mal, a doença”.⁵¹¹

Embora pudessem ser utilizados isoladamente, os amuletos podiam encontrar-se em forma de conjunto, constituindo o que Alceu Maynard de Araújo identificou, em Piaçabuçu, como um relique:

O relique é um pequeno saco de pano contendo objeto portador de força especial: por exemplo, as presas de aranha caranguejeira, por causa da eletricidade que possuem, são ótimas para curar dores de dentes; três formigas saúvas para curar asma; alho para curar tonturas; frasco pequeno com mercúrio para propiciar a queda de piolhos (*pediculus capitis* L.) e chatos (*pediculos pubis*); para dor de ouvido, guizo de cascavel. A criança pra ter bons dentes deve ter um dente de jacaré no relique.⁵¹²

Como se vê, além de destino para os malefícios liberados pelo corpo por ocasião de contatos, os pedaços de animais tinham também propriedades preventivas – e neste último caso, a lista era imensa: “Ainda para igual fim [mau-olhado], tiram de uma caranguejeira os dentes e amarram-nos em um saquitel, que deve ser prêso ao pescoço da criança”;⁵¹³ “Para a criança não sofrer na fase da dentição deve trazer ao pescoço, atado por um cordão, um dente de cutia”.⁵¹⁴ Se algumas vezes os nexos entre o porte desses excertos e o incômodo específico pouco podiam ser elucidados, havia circunstâncias em que as relações eram nitidamente simpáticas, servindo o barulhento guizo da cascavel para as disfunções nos ouvidos, e ainda o dente de jacaré ou de cotia para as questões da dentição.

⁵¹⁰ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 73.

⁵¹¹ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 190.

⁵¹² Ibidem, p. 56.

⁵¹³ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 73.

⁵¹⁴ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 60.

Também entre as populações indígenas, os amuletos foram expedientes de saúde de considerável importância. Von Martius informa que

Dão grande importância ao poder medicinal de certos ossos, bicos, garras e esporões das asas de alguns pássaros (*Parra, Palamedea*). Os dentes de onça, as unhas dos grandes tamanduás, uma rodela de concha fluvial etc., são usados como adorno e amuletos no pescoço e nas extremidades; como preventivo contra a picada de cobras venenosas trazem dependurados os dentes de jacaré; as raspas desses dentes são ingeridas com água, contra a mordedura de cobras.⁵¹⁵

Destaquem-se, nas práticas dessas populações, múltiplos usos que poderiam ser conferidos a esses excertos de animais. De propriedade preventiva mediante o porte, o dente de jacaré transfigurava-se em ingrediente de poções curativas, duplo expediente igualmente levado a cabo por uma bezinheira dos meados do século XX, em Piaçabuçu, quase centúria e meia depois do registro do naturalista alemão.

Dona Olindina uma das ‘benzinheiras’ mais afamadas de Piaçabuçu nos ensinou esta simpatia: ‘Dente de jacaré serve para mordida de cobra. Pega-se um dente de jacaré e traz-se sempre no pescoço. Uma vez, sabe, meu santo, um menino aqui foi ofendido por uma cobra e veio falá [...], e eu peguei um dente de jacaré e pus na perna, sabe meu santo. Daí dei uma capa de fumo (lasca de fumo) para o menino dissolvê na boca e adepois eu coloquei o dessolvido na mordida. [...]. Curou-se’.⁵¹⁶

Utilizadas na forma de amuletos ou compondo preparados medicinais, as concreções minerais, ósseas em maior parte, mas também de outras origens – o *Lunário Perpétuo* aconselhava, por exemplo, para evitar os abortos que a grávida trouxesse “consigo um diamante no dedo, porque esta pedra tem grande virtude para reter a creatura no ventre” –⁵¹⁷ parecem ter gozado de amplo prestígio nas práticas de remediar. Georges Vigarello explica: “C’est que ces vestiges osseux ne sont pas simples objets inertes. Ils gardent un rapport particulier avec le vivant. Ils sont à la fois ‘dans’ la vie et ‘au-delà’. Venus de la vie, ils sont imputrescibles, ils entretiennent l’inaltérable dans le

⁵¹⁵ MARTIUS, Karl F. P. Von [1844]. **Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros**. Tradução, prefácio e notas de PIRAJÁ DA SILVA. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1979, p. 147.

⁵¹⁶ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 223.

⁵¹⁷ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** [1876]. Lisboa: Vega, 1978, p. 224.

corps même, transposant les chairs hors du temps”.⁵¹⁸ Assim, aquilo que, fazendo parte da vida, consegue durar mais do que o ser vivo confere ao usuário a propriedade da resistência, seja fechando-o às ameaças, seja por ocasião da luta diante dos ataques já deflagrados.

Dentro dos reliques, ou ao lado desses saquinhos, dividindo com eles um espaço no cordão em volta do pescoço, não era impossível encontrar demais objetos, além dos excertos animais. Assim, da mãe de Luzia, no romance oitocentista de Domingos Olímpio, destacavam-se “rosários, bentinhos e medidas de santos, que lhe pendiam do pescoço”.⁵¹⁹ Eduardo Campos inventaria os seguintes amuletos portados pelas populações sertanejas, em meados do século XX: “Uma palhinha benta evita também o mau-olhado”,⁵²⁰ “A parturiente, que traz no pescoço nove rosários, descansa em paz”,⁵²¹ “Para diminuir o leite no seio, aconselham à parturiente usar ao redor do pescoço um rosário de pecíolos de carrapateira”,⁵²² e ainda “No sertão, principalmente, além das figuinhas, as crianças carregam presa às suas camisas uma medalhinha que representa os olhos de ‘Sta. Luzia’, o que garante vista boa para quem a exhibe, evitando, destarte qualquer influência maligna nos olhos”.⁵²³ Alceu Maynard Araújo oferece a imagem mais complexa do uso simultâneo desses penduricalhos dizendo dos habitantes de Piaçabuçu que “trazem presos por barbante, raramente por uma correntinha, ao redor do pescoço, medalhas de santo, figas carântulas, nominas, dente de alho, agnus Dei, breve, veneras, ‘sino saimão’ (signo de Salomão – a pentalfa), verônicas”.⁵²⁴

No amplo conjunto formado por pedaços de animais, figas, fitinhas vermelhas, prendiam-se medalhas, medidas de santo, folhas bentas, sementes na forma de rosários ou simplesmente nacos vegetais detentores de poderes mágicos protetivos. Nesse leque de amuletos, havia um certo *Ágnus-Dei*, a quem o livro perpétuo dedicava toda uma

⁵¹⁸ “É que estes vestígios ósseos não são simples objetos inertes. Eles guardam uma relação particular com o ser vivo. Eles estão simultaneamente ‘dentro’ da vida e ‘além’ dela. Advindos da vida, eles são imputrescíveis, eles mantêm o inalterável mesmo dentro do copo, transpondo a carne para fora do tempo” [Tradução minha]. VIGARELLO, Georges. **Histoire des pratiques de santé**. Le sain et le malsain depuis le Moyen Âge. Paris: Seuil, 1999, p. 26.

⁵¹⁹ OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem** [1903]. Fortaleza: ABC, 2002, p. 81.

⁵²⁰ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 73.

⁵²¹ Ibidem, p. 69.

⁵²² Ibidem, p. 72.

⁵²³ Ibidem, p. 74.

⁵²⁴ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 56-57.

seção: *Tratado, e virtude do Agnus Dei*. Explicando as origens desta barrinha de cera na qual se “imprimem o Cordeiro, figura expressa de Jesu Christo Cordeiro sem macula”,⁵²⁵ a seção lista a série de virtudes que seu porte pode oferecer: proteção contra inimigos invisíveis, remissão dos pecados, abrigo de temporais, coriscos e raios, amparo diante de fantasmas, visões, espantos e ciladas do Demônio, além de livrar “de peste, de gota coral, e de morte subita”.⁵²⁶ O *Ágnus-Dei* expressa um remédio preventivo diante de um sem-número de forças ocultas que atuam em diversas frentes, então amalgamadas. Evoca um universo de poucas diferenciações, reunindo, por exemplo, religião e magia.

De acordo com Keith Thomas, no momento de institucionalização do cristianismo, localizado no período medieval, a Igreja realizou a incorporação de diversas práticas mágicas, em geral pertencentes ao paganismo, como forma de converter e de convencer acerca de sua verdade. A própria hagiografia ganhava importância para a instituição eclesiástica não apenas por terem sido os santos exemplos de conduta moral, mas, sobretudo, porque estes “podiam ainda empregar poderes sobrenaturais para aliviarem as adversidades de seus adeptos na terra”.⁵²⁷ Com efeito, seja pela via dos santos, seja pela via dos amuletos, como o *Ágnus-Dei*, tudo indica que “a distinção entre magia e religião era de uma impossível sutileza”. Até mesmo nos anos que se sucederam às chamadas Reformas, “seria errôneo considerar a magia e a religião como dois sistemas opostos e incompatíveis de fé. Havia na religião uma sobrevivência de elementos mágicos, e aspectos religiosos na prática da magia”.⁵²⁸

Dessa forma, não se estranham as conexões que essas duas dimensões efetuaram a partir dos agentes de cura, das orações, dos amuletos e de outros remédios: “Com o dedo úmido de saliva, a pessoa que sofre de terçol deve fazer uma cruz sôbre o mesmo”,⁵²⁹ “Para igual fim [dor de barriga de menino novo] aconselham fazer uma cruz

⁵²⁵ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 265.

⁵²⁶ *Ibidem*, p. 267.

⁵²⁷ THOMAS, Keith. **Religião e o declínio da magia**: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 37.

⁵²⁸ *Ibidem*, p. 225.

⁵²⁹ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 66.

sobre o ventre da criança, com um pouco de cinza”,⁵³⁰ “[para Gastroenterite] Chá de pedaço da camisa do batizado queimada”;⁵³¹ e, por fim, o “Calor de fígado desaparece se o enfermo passar as mãos nas paredes de uma igreja”.⁵³² Os remédios que incluíam gestos e artefatos atinentes aos ritmos e rituais religiosos encontravam aqueles que evocavam as noções e os tempos da medicina astrológica dos humores e ainda os expedientes mágicos, cujas espessuras temporais são difíceis de delimitar, embora não deixem de comparecer.

4.4. Segredos

Dos remédios que embaralhavam religião e magia, havia ainda alguns que jogavam com um apelo particular, aquele do segredo. Alceu Maynard Araújo escreve:

Auxiliar indispensável nas benzeduras é o rosário; as mulheres quase sem distinção, principalmente as mais idosas, usam-no como se fora um colar. Rosário de contas azuis e brancas, nele infalivelmente é encontrada a mochilinha ou bentinho, invólucro de pano onde no interior se encontra bem dobradinho um opúsculo com orações [...], comprados nas feiras, nas bancas de raizeiros ou onde vendem literatura de cordel. As parteiras usam o rosário para com ele, ao rezar sobre o ventre da parturiente, ir fazendo cruzeiros.⁵³³

No sertão alagoano, esse amuleto pode receber um nome específico: “O *patuá* é um pequeno invólucro que contém uma oração escrita num pedaço de papel, mas que não precisa ser lida para surtir efeito, basta estar em contato com o corpo da pessoa para protegê-la, é a sua função animista”.⁵³⁴ Eduardo Campos flagra, nessa mesma época, para os interiores mais ao norte de Alagoas, práticas semelhantes:

O curandeiro, algumas vezes, em suas consultas, receitava um papelzinho com letras. Vimos alguns papéis de patuás, não eram letras, eram rabiscos. Aproveitou, e muito, as cédulas dos candidatos a postos eletivos ao governo. Assim é que recortava algumas cédulas com algumas letras e entregava ao doente, em geral, outro analfabeto

⁵³⁰ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 72.

⁵³¹ Ibidem, p. 153.

⁵³² Ibidem, p. 96.

⁵³³ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 31.

⁵³⁴ Ibidem, p. 55.

que religiosamente encapava aquele pedacinho de papel e o dependurava no pescoço, para receber o ‘mana’ de que estava impregnado.⁵³⁵

Nos três trechos, o emprego da palavra escrita não teria a ver com sua leitura, e sim com seu porte, ou seu uso na forma de objeto em gestos e operações rituais. Sua virtude não advinha da produção de um sentido. Não necessariamente veiculava uma mensagem a ser decifrada pela reunião de elementos gráficos, mas comprometia-se com a emissão de forças protetivas ou curativas a seus usuários, fossem ou não alfabetizados. Nessas práticas, o desapareço a uma função mais letrada da palavra escrita era de difícil compreensão por parte de alguns folcloristas, como Eduardo Campos, pouco disponível a outras eficiências das letras, senão aquelas derivadas de sua decodificação.

Com efeito, a força da palavra escrita que se porta não só se nutria por seu simples contato, mas, sobretudo, pelo fato de não poder ser lida, pelo seu segredo. Eduardo Campos confere um exemplo: “A própria oração misteriosa da qual o enfermo não pode se inteirar – sob pena de não se recuperar – presa ao pescoço, tem uma influência considerável em seu espírito, não passando de outra representação mágica de amuleto”.⁵³⁶ Tudo indica, pois, que a potência das palavras se conjugava a seu mistério; a verdade da cura inscrita em letras sagradas não poderia ser revelada, sobretudo, para quem deveria sofrer seus efeitos. Para aqueles que operavam as curas, não obstante, a habilidade de decifrar os signos gráficos estava autorizada ou, antes disso, poderia constituir atributo que endossava seus dons. Alceu Maynard Araújo lembra que:

Trazem as parteiras ou a própria paciente o chamado ‘breve’, isto é, a oração da referida santa presa dentro de um saquinho de pano que será preso ao pescoço por um cordão. Há ‘breve’ de São Vicente também usado nestas ocasiões. Dentro devem estar as palavras escritas: ‘ajude-me com sua capinha me despachar’. A ‘assistente’ (a parteira) na hora do parto dentre outras ‘práticas resolvedoras do despacho’ lê (é o caso de D. Didinha, ela sabe ler) a oração de Nossa Senhora do Bom Parto, utilizando-se do livro *A cruz de Caravaca*.⁵³⁷

A lógica do segredo, portanto, não se rompe diante da decifração das letras, caso esta operação ocorra em determinadas condições. Era preciso que a leitura

⁵³⁵ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 159.

⁵³⁶ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 31.

⁵³⁷ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 172.

decodificadora se entrelaçasse com atributos de intimidade com certas forças ocultas, e isso não cabia a todos, senão a uns poucos iniciados. Nesse sentido, a decifração não ameaçava os efeitos benéficos do segredo, senão os confirmava. No jogo da revelação e do mistério, a aura de sagrado em torno do escrito e também do impresso, sobretudo se fosse antigo, permanecia.

Da palavra escrita, os remédios de segredo poderiam se expandir para os gestos: o prático de farmácia Antenor de Barros Leal rememora alguns desses expedientes empregados em Boa Viagem, entre 1920 e 1950: “[para ataque de gota ou erisipela] Tirar a roupa do doente durante o ataque e limpar-lhe a barba com a dita roupa. Depois enterrar tudo na porteira do curral. Guardar o segredo”.⁵³⁸

E dos gestos, o segredo adentrava a preparo dos chás, das poções e dos medicamentos. Alceu Maynard Araújo registra: “A barata é também usada como remédio, faz-se chá. Mas a pessoa ao tomá-lo não pode saber que está tomando chá de barata”.⁵³⁹ Por sua vez, Eduardo Campos compila: “Do cabelo que se obtém da cauda de um jumento – em que se medem quatro dedos – é preparado um chá que acalma o ‘puxado’ mais rebelde. O enfêrmo, no entanto, para que o remédio surta o desejado resultado, não deve saber de sua procedência”.⁵⁴⁰ O mistério envolto naquilo que fomentava a saúde estava também presente neste registro de memória deste último folclorista, que evocava a imagem de sua avó asmática “a puxar fumaça quer de seus cigarros, quer de fedorento caximbo de barro, em cuja bacia de fumo atochava a mais não poder, e de modo tão inútil, uns tantos pós misteriosos...”.⁵⁴¹ Remédio vendido aos borbotões nos estabelecimentos farmacêuticos brasileiros das primeiras décadas do século XX, fartamente utilizado nos casos de febre, suspeitas de infecções, sobretudo, das mulheres que acabavam de dar à luz, a *Água Inglesa* ou *Água de Inglaterra* era definida pelo *Diccionario de Medicina Popular* do Dr. Chernoviz como “Preparação

⁵³⁸ LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 220.

⁵³⁹ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 140.

⁵⁴⁰ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 45.

⁵⁴¹ Idem. **A volta do inquilino do passado** (Memória urbana e artigos de afeição). Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa editorial, 1998, p. 18.

secreta de quina, e que parece ser um vinho quinado”,⁵⁴² entrando igualmente no rol dos remédios secretos.

Certa aura alquímica que perdurou em alguns círculos científicos parece ter propiciado essas zonas de ressonância entre os preparados medicinais produzidos em laboratórios ou oficinas de farmácias e os expedientes de cura operados fora do campo da ciência. Dessa forma, pela via do segredo, amalgamavam-se não apenas religião e magia, mas religião, magia e ciência – conclusão a que chegou Vera Marques sobre a medicina brasileira do século XVIII:

Se, para os homens das Luzes, já era chegado o momento de apagar todo e qualquer vestígio de ocultismo que porventura pudesse ter permanecido no território da ciência, os doentes locupletavam-se com o uso de medicinas secretas, pouco importando se eram embustes ou não, como alarmavam os médicos ilustrados. Assim, à revelia das tentativas de incorporação de uma nova racionalidade científica, os medicamentos secretos e suas propriedades ocultas são exemplares para esclarecer como magia, religião e ciência encontravam-se de mãos firmemente dadas, no Brasil do Setecentos.⁵⁴³

Nos meados do século XIX, essas poções constituíam um dos alvos mais ferrenhamente combatidos pelos médicos e outras autoridades. Embora incluísse um remédio secreto entre seus verbetes, o *Diccionario de Medicina Popular* do Dr. Chernoviz condenava veementemente a “voga de todos estes ‘preciosos segredos’”.⁵⁴⁴ No início do século ulterior, o *Regulamento da Directoria Geral de Hygiene* do estado do Ceará precisava:

Art. 92 – O pharmaceutico que quizer vender especialidades farmacêuticas e preparados officinaes de invenção propria ou alheia sob denominação especial, deverá indicar nas respectivas notícias a pharmacopéa em que se achar inscripta a formula, ou designar as dosagens dos principaes ingredientes, precedendo licença da directoria de hygiene, que determinará as declarações que devam e possam ser impressas nos rótulos e prospectos.⁵⁴⁵

⁵⁴² CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 6. ed. Pariz: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. 60.

⁵⁴³ MARQUES, Vera Regina Beltrão. Medicinas secretas. Magia e ciência no Brasil setecentista. In: CHALHOUB, Sidney et al. (Org.). **Artes e ofícios de curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas: Unicamp, 2003, p. 166.

⁵⁴⁴ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 3. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 310.

⁵⁴⁵ CEARÁ. Leis do Estado. **Regulamento da Directoria Geral de Hygiene**. Aprovado pelo decreto legislativo nº 1643 de 8 de Novembro de 1918. Fortaleza: Est. Graphico A. C. Mendes, 1919, p. 30.

Dos segredos, se queria passar para as fórmulas; dos mistérios, aos ingredientes, inclusive com o detalhamento das dosagens. E ainda a presença da palavra escrita não mais tinha sua razão de ser pela força mágica, mas, na forma de rótulos e prospectos, veiculava uma mensagem límpida, um esclarecimento do medicamento, termo que não admitia a permissividade com o sagrado, de que se faziam distintos remédios. Os constrangimentos se alargavam para aqueles que comercializam os segredos: “Art. 116 – A venda de remedios secretos é prohibida em qualquer estabelecimento, bem como nas ruas e logradouros públicos. Pena de apprehensão e inutilização dos mesmos e multa de cem mil réis e o dobro nas reincidências”.⁵⁴⁶ Fato que poderia reforçar a força do mistério. Transitando de estabelecimentos para domicílios, passando por ruas, logradouros, quintais, campos e terreiros, os remédios de segredo acionavam espessuras temporais que reuniam o sagrado à vida prática, o mistério ao conhecido e confirmado. Diziam de rituais curativos que eram feitos, desfeitos e refeitos; dando o resultado esperado, alimentavam continuamente o “espaço de experiência”.⁵⁴⁷

4.5. Excrementos

Na edição do *Lunário Perpétuo* publicada em 1857, dividiam a mesma página as seguintes seções prognósticas:

Outro juizo da enfermidade.

Escreve Guido Aretino, que se quizerdes julgar da enfermidade, se será mortal ou de vida, tomeis a ourina do enfermo, e a mistureis com leite de mulher que crie varão, e se ambas estas cousas, assim, o leite, como a ourina, se misturarem, será sinal de vida: porém se se não pudérem misturar, e encorporar, será prognostico de morte.

Outro juizo da enfermidade.

Escreve Bernardo Granullachs em sua *Chronographia* que para saber se viverá, ou morrerá o enfermo daquela enfermidade, tomeis huma gotta de sangue do mesmo enfermo, logo que se fizer a sangria, e a boteis dentro em hum vaso de agua mui limpo, e que se o sangue se for ao fundo da agua sem se desfazer, será sinal de vida, e que não morrerá o enfermo daquela enfermidade; porém que se se desfizer

⁵⁴⁶ CEARÁ. Leis do Estado. **Regulamento da Directoria Geral de Hygiene**. Aprovado pelo decreto legislativo nº 1643 de 8 de Novembro de 1918. Fortaleza: Est. Graphico A. C. Mendes, 1919, p. 34.

⁵⁴⁷ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto PUC-Rio, 2006, p. 306.

todo, e nadar por cima da água, sem ficar alguma pinga no fundo, denota perigo de vida.⁵⁴⁸

Já se tratou das inquietações em torno do tempo que virá, seja quanto a um âmbito tendente a configurações climáticas, seja no concernente às questões da saúde e da doença. Num caso e noutro, o exercício poderia se fazer em leituras dos movimentos astrais. As estrelas desempenhavam papel preponderante, emitindo *influentias* que se infiltravam nos fenômenos da terra e, por tabela, nos acontecimentos do corpo; neste último, manifestando-se na forma dos humores, fluidos corporais em que não se divisavam tão bem consistência física e substância espiritual. Alimentos, doenças e remédios tinham componentes humorais. E também os excrementos.

Fazendo parte da vida, mas destinados a abandoná-la, os excrementos habitam a linha intermediária entre o que flui e o que jaz; podiam, por conta disso, expressar informações privilegiadas a respeito do estado no qual se encontra uma existência – particularmente, se se encaminha ou não para seu fim. Fato que se observa nos prognósticos lunarianos acima citados, e que remonta a tempos mais recuados – como conclui Mikhail Bakhtin, recorrendo ao *corpus* hipocrático para explicar a ambiência quinhentista de François Rabelais:

A medicina antiga, apresentada na *Antologia de Hipócrates*, concedia uma importância excepcional às excreções de toda natureza. Aos olhos do médico, o corpo era principalmente um corpo que excretava urina, matéria fecal, suor, mucos e bÍlis. Por consequência, todos os sintomas que o doente apresenta, estão ligados aos *últimos acontecimentos sobrevividos na vida e na morte do corpo*: eles são os indícios graças aos quais o médico pode julgar o resultado do combate que travam a vida e a morte.⁵⁴⁹ (grifos no original)

Em se tratando de alguns elementos da medicina europeia dos séculos XVI e XVII, Georges Vigarello e Roy Porter inferem na mesma direção: “Não é aberrante fazer do ‘estado’ dos fluidos, indícios do ‘estado’ do corpo. A própria vida é algo que ‘corre’, flui: os fluidos e a vitalidade são do mesmo gênero”.⁵⁵⁰ Não é de todo

⁵⁴⁸ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO....** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 197.

⁵⁴⁹ BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento.** O Contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 313.

⁵⁵⁰ PORTER, Roy; VIGARELLO, Georges. Corpo, saúde e doenças. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges [Dir.]. **História do Corpo: da Renascença às Luzes.** Petrópolis: Vozes, 2008, p. 443-444.

descabida, pois, a hipótese segundo a qual os mesmos argumentos que entravam no acionamento dos excrementos em ocasiões de averiguação da proximidade ou não da morte podiam justificar seus usos como produtores da saúde, na composição de remédios.

Nas práticas de remediar, os excrementos podiam ser usados de diversas formas. Uma das mais comuns é justamente aplicá-los sobre, ou com eles lavar o local do incômodo. Eduardo Campos compila: “Observa-se, também, pedir o enfêrmo que um menino urine em suas mãos, para nela lavar o rosto [com impigem]. Afirma-se que a cura será apressada quando a urina é obtida pelo enfêrmo de uma criança de sexo oposto ao seu”;⁵⁵¹ e ainda “*RESFRIADO (defluxo, etc.) TERAPÊUTICA*: 1 – Para defluxo nôvo, usam receber nas mãos a urina de um menino e levá-la, ainda fresca, ao nariz, tomando o cheiro fortemente, até sentir a urina penetrar nas fossas nasais”.⁵⁵² No *Diccionario de Medicina Popular*, o Dr. Chernoviz aconselhava que, nos casos de picada de cobras, deve-se lavar “a ferida com alcali volatil diluido em agua salgada ou com agua pura, e mesmo com ourina”.⁵⁵³ O Dr. Helio Góes Ferreira, em texto publicado na revista *Ceará Medico*, em fins dos anos 1920, listava entre as práticas correntes utilizadas pelas parteiras ditas “curiosas”, quando eclodiam complicações oculares nos recém-nascidos, a aplicação de “agua de rosa, leite de peito, chá preto, urina, sumo de cebola”.⁵⁵⁴ Além da urina e do leite de peito, também o cuspe era utilizado como remédio tópico. Eduardo Campos indicava: “*OLHOS (afecções de...) TERAPÊUTICA*: 1 – Cuspo de jejum tem aplicação em todo o sertão, nas oftalmias. [...] ‘Se os olhos apostemarem, ‘cuspe em jejum’ é o jeito. A pessoa deve ter os dentes perfeitos’, acrescenta”.⁵⁵⁵ Antenor de Barros Leal, para a localidade de Boa Viagem, nas primeiras décadas do século passado, dizia ser comum para dor nas pernas “Esfregar cuspe misturado com sarro de cachimbo”,⁵⁵⁶ e ainda, referindo-se a uma outra excreção, dizia que para acne usava-se “Passar no rosto pela manhã o pano que foi usado durante a

⁵⁵¹ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 63.

⁵⁵² Ibidem, p. 79.

⁵⁵³ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 386.

⁵⁵⁴ **Ceará Medico**, set. 1928, p. 6.

⁵⁵⁵ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 63-64.

⁵⁵⁶ LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 151.

noite do mêsruo”.⁵⁵⁷ Alceu Maynard de Araújo anotava: “Apareceu no rosto algumas espinhas malignas, nada melhor do que as próprias fezes ainda quentes”.⁵⁵⁸

Se lavar ou friccionar o corpo com excrementos vem a indiciar uma experiência corporal que passa ao largo do que atualmente se concebe por higiene, tais diferenças tendem a se aprofundar quando se depara com registros nos quais se aconselha a ingestão desses fluidos. Antenor de Barros Leal rememora a seguinte receita para: “Tiriça (Icterícia infantil) 1.º) Chá de casca de arroz com a urina da criança. 2.º) Aparar a urina do bebê em uma casca de ovo e colocar ao sol até secar. Depois pisar e fazer o chá”.⁵⁵⁹ O Dr. Cesar Cals, em texto publicado na revista *Ceará Medico*, em setembro de 1928, mencionava não sem indignação “o caso de uma parturiente a quem fora dado a beber a urina do marido para expellir a placenta retida”.⁵⁶⁰ Alceu Maynard de Araújo registra que “Chá de excreto humano serve para fazer desaparecer as cólicas intestinais”,⁵⁶¹ e ainda, nos casos de mordida de cobra, “beber fezes humanas dissolvidas na água ou querosene e colocar ovo cozido sobre o local”.⁵⁶²

Numa tentativa de síntese dos diversos usos que um mesmo excremento poderia apresentar, Alceu Maynard de Araújo escreve:

A urina humana tem maior número de empregos na excretoterapia: cortou, feriu-se, lavar o local com a própria urina; para dor de dentes ‘a bica do remédio está a três palmos abaixo’ é só aparar e bochechar; para terçol, urina de menina, serve também para outros males da vista, pois Santa Luzia abençoou a urina, dizem; caiu, machucou-se internamente, no ventre, beber urina; abelha ou marimbondo pegou, urina misturada com fezes de galinha; para curar icterícia, urinar num trapo e colocá-lo no fumeiro ou num casco de coco e deixá-la ao sol, quando evaporar tudo, o doente estará são; espinha arruinada, lavar o rosto com urina de criança do sexo oposto ao do doente, repetir três, sete ou nove dias. A primeira urina do recém-nascido cura lepra. Para a mãe ser feliz a vida toda deve passar a fralda com a primeira urina,

⁵⁵⁷ LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 153.

⁵⁵⁸ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 119.

⁵⁵⁹ LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 152.

⁵⁶⁰ **Ceará Medico**, set. 1928, p. 10.

⁵⁶¹ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 96.

⁵⁶² *Ibidem*, p. 119.

no seu rosto. No caso de erisipela, colocar urina quente do pai ou da mãe na perna, sempre o progenitor do sexo oposto ao do doente.⁵⁶³

A partir desse excerto, pode-se tomar nota de alguns nexos que regiam, em alguma medida, o uso dos excrementos nas práticas de remediar. Advinda de uma das aberturas corporais, a urina facilmente se via participar dos expedientes contra o feitiço que se operavam pela lógica da transferência. Ao remédio para icterícia acima citado, pode-se acrescentar um outro, desta feita, à base de outro excreto, indicado por Eduardo Campos: “Para combater panarício, aconselham que se envolva o dedo afetado com um pano velho untado de fezes humanas”.⁵⁶⁴ Se no caso da icterícia se realizava uma expulsão da urina em correspondência e/ou coincidência com a expulsão da doença, para o panarício, o excreto não parecia ser o meio da transferência, senão o destino do achaque que a ele se infundia por efeito de contato.

Veículos mobilizados para expulsar a doença, os excretos podiam se portar igualmente como condutores da saúde. É o que parece atestar Eduardo Campos ao listar o seguinte remédio para os casos de picada de cobra: “O curador deve cuspir dentro da boca da vítima duas ou três vezes enquanto reza”.⁵⁶⁵ Aqui, certa lógica da transferência, muito cara aos expedientes do feitiço, se conjuga com práticas religiosas, tais as orações e demais evocações de santos, como Santa Luzia, empreendidas por agentes de cura com intimidades com as coisas do sagrado.

No *Lunário Perpétuo*, lê-se:

Para conservar a saude, convem, em se levantando da cama, passeiar um pequeno espaço, e estirar os membros, porque, conforme escreve Avicena, com este movimento, matutino e moderado se vão preparando as superfluidades da primeira e segunda digestão *ad evacuandas faces, & urinam*, e com o dito movimento se attrahem os espiritos vitaes aos membros e partes exteriores, e assim ficam robustas e fortificadas, e os espiritos do cerebro adelgaçados.⁵⁶⁶

⁵⁶³ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 119-120.

⁵⁶⁴ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 91.

⁵⁶⁵ LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 152.

⁵⁶⁶ **Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO reformado e muito acrescentado...**, Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, Lta, 1927, p. 220.

Ressoando em alguma medida com as coisas da alma, os fluidos vitais ou espíritos vitais se confundem facilmente com os líquidos humorais que correm ao longo do interior corporal e podem, em determinadas ocasiões, tomar a forma de excrementos. Não estranha, portanto, que estes últimos constituam uma espécie de instância vital que remedia. Perspectiva que se flagra na seguinte anotação de Alceu Maynard Araújo: “Vários são os remédios feitos com fezes humanas. Desde o mecônio – ‘ferrado’ dos recém-nascidos – onde o fluido vital parece ser mais forte do que os do adulto. Dos animais e aves também são utilizadas medicinalmente”.⁵⁶⁷

Substâncias que, abandonadas pelo corpo, a ele retornam e participam da produção da saúde, os excrementos constituíam importantes remédios. Retirando sua potência dessa ambiguidade, entre aquilo que não mais faz parte do ser que vive e aquilo que pode propulsionar a vida, os remédios à base de excretos não apenas historicizam as relações com os dejetos. Ao mesmo tempo, integram-se a ritmos e rituais decorrentes das conjugações dos tempos astrológicos, religiosos e mágicos.

4.6. A presença da morte

Nas páginas do livro perpétuo, nas obras de folcloristas, nos romances e nas memórias, a morte é assídua. No texto *Usos e superstições cearenses*, publicado na *Revista da Academia Cearense de Letras*, de 1910, Barão de Studart compila, de um total de 334 máximas, mais de 50 que fazem alusão à morte. Sobre a chegada da morte ao leito de um doente: “Doente que espirra é sinal que não morre naquele dia”; “Enfermo que tem a camisa às avessas fica a sofrer e só morre quando lhe desavessam a camisa”; “Doente que de antemão manda preparar a mortalha ou o caixão custa a morrer”. Dos presságios da morte, destacam-se: “Em casa em que galinha cantou como gallo haverá morte de alguém. Para prevenil-a mata-se a galinha”; “Coruja que passa gritando por cima de uma casa está cortando mortalha para alguém”. Das práticas que provocam a morte: “O uso de pente fino á noite traz a morte para os pais”; “Abrir o

⁵⁶⁷ ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977, p. 119.

chapeu de sol dentro de casa é chamar o Santíssimo”; “Dormir com os pés para a porta é agouro de morte”.⁵⁶⁸

O tema da chegada da morte, seu anúncio, sua proximidade, seu adiamento dizia dos receios e expectativas que esta realidade imprimia entre os viventes. A frequência com que se falava da morte não significava uma atitude de indiferença ou de alguma exagerada naturalidade. Os inúmeros remédios presentes nas fontes demonstram uma constante busca em vencê-la ou ao menos adiá-la – os regimentos, como o *Regimento de saúde...* do livro perpétuo, ansiavam, de maneira geral, o alargamento da vida. Contudo, a aparição contínua da morte tendia a ocorrer sem maiores constrangimentos ou sem exigir uma aura de obrigatória constrição, algo que marcava, e isso é significativo, distâncias sensíveis com o nosso mundo, com as formas como hoje lidamos com a finitude. Vale aqui a observação de Philippe Ariès que, em seu estudo sobre a morte, entre aproximadamente o século XIII e o século XX, distinguia nesse longo período duas atitudes diante da morte: “A antiga atitude segundo a qual a morte é ao mesmo tempo familiar e próxima, por um lado, e atenuada e indiferente, por outro, opõe-se acentuadamente a nossa, segundo a qual a morte amedronta a ponto de não mais ousarmos dizer seu nome”.⁵⁶⁹

Pode-se dizer que este “sentimento muito antigo, duradouro e intenso de familiaridade com a morte, sem medo ou desespero, um meio-termo entre a resignação passiva e a confiança mística”,⁵⁷⁰ materializava-se num conjunto de preocupações e preparações com vistas a uma boa morte. Antes de mais, a boa morte era vivida no interior de uma duração. Realidade anunciada, a morte teria começo, meio e fim. A morte súbita, instantânea, da qual protegia, relembre-se, o *Ágnus-Dei*, “era muito temida, não só porque nela não cabia o arrependimento, como também porque privava o homem de sua morte”.⁵⁷¹ Ademais, a boa morte deveria durar o suficiente para a realização de determinados ritos religiosos – a confissão, a comunhão e a extrema-unção.

⁵⁶⁸ STUDART, Barão de. Usos e superstições cearenses. Primeira parte. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza, t. 15, 1910, p. 30-48.

⁵⁶⁹ ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 40.

⁵⁷⁰ Ibidem, p. 98.

⁵⁷¹ Ibidem, p. 215.

Os protocolos religiosos da boa morte podiam ser aqueles que exigiam a presença de um padre e ainda aqueles dos quais participavam uma pequena coletividade; neste último caso, tratava-se de “fazer quarto”, encaminhar rezas, tenha ou não o moribundo já virado defunto. Oliveira Paiva, no romance *A Afilhada*, de 1889, confere um exemplo, relatando o velório de uma das personagens: “A cantoria engrossou, com a surpresa da tempestade, e de mistura com as preces de finados, entoou-se deprecatórias a Santa Barbara e a São Jerônimo, deitou-se palhas bentas no Domingo de Ramos no braseiro da alfazema, e rezou-se o Magnificat, por mó dos raios e coriscos”.⁵⁷² Evento coletivo, mas também público,⁵⁷³ a morte era igualmente ocasião para proximidades entre religião e magia, entre o corpo e o mundo. As práticas de defumação, em geral empregadas diante das forças ocultas, invisíveis, se mesclavam com orações, sacramentos e rituais religiosos; tudo isso, ademais, sofrendo possíveis interferências dos sinais oferecidos pelos céus na forma de tempestades, raios e coriscos. Aqui, o decesso era evento que expressava um mundo interligado, imagem de elementos imbricados, desenho com fronteiras movediças.

Essas imprecisões parecem dar cabimento a concomitâncias entre remédios para a morte e remédios para a vida. Antenor de Barros Leal Antenor de Barros Leal registra ocasião em que fora chamado às pressas para acudir um conhecido vitimado de picada de cobra. Sobre a ambiência em torno do moribundo, escreve:

De um lado e outro da rede revezavam duas respeitáveis matronas as orações dos últimos minutos de vida.

Os visitantes entravam em absoluto silêncio, pois criam que alguma voz poderia matar a pessoa repentinamente; é uma crença que parece absurda, porém possivelmente certa por causa dos efeitos do psicossomático.

Iniciei a aplicação do soro e antes de terminar a segunda ampola a matrona avisou: ‘O pulso está voltando!’

Alguns minutos mais, Abílio abriu os olhos e pouco tempo depois reconheceu-me.

⁵⁷² PAIVA, Oliveira. *A Afilhada* [1889]. In: Idem. **Obra Completa**; introdução e pesquisa bibliográfica, Rolando Morel Pinto. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993, p. 310.

⁵⁷³ Desde o período medieval, era a morte um evento público. Philippe Ariès informa que “A partir do momento em que alguém ‘jazia no leito, enfermo’, seu quarto ficava repleto de gente, parentes, filhos, amigos, vizinhos e membros de confrarias. As janelas e venezianas eram fechadas. Acendiam-se os círios. Quando os passantes encontravam o padre na rua levando o viático, o costume e a devoção ditavam que o seguissem até o quarto do moribundo, mesmo se este lhes era desconhecido. A iminência da morte transformava o quarto do moribundo em uma espécie de lugar público” In: ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 217-218.

Apliquei mais injeções e dei ordens para que fosse terminado aquele silêncio sepulcral.⁵⁷⁴

A matrona que encomenda a boa morte é a mesma que anuncia a força da vida. Preparando-se seja para um fim, seja para uma retomada, esse momento em que o doente não sabe se vai ou se fica é aberto para uma série de práticas que visam simultaneamente a morte e a vida. Além de simultâneos, os remédios para a boa morte e aqueles para alargar a vida podiam confundir-se. No romance *A Afilhada*, diante de uma moribunda, “Ele padre Ricord é verdade que havia confessado e sacramentado essa menina, mas não era pelo seu estado grave, e sim por dever de boa cristã. Bem sabia que o Santíssimo Sacramento muitas vezes servia de remédio corporal”.⁵⁷⁵ Seja no caso do padre que realiza sacramentos para a morte com esperanças de fazer viver, seja no caso narrado por Antenor de Barros Leal, sobressai a presença de desígnios sagrados com os quais os viventes tentavam jogar de diversas formas – em orações, sacramentos, silêncio austero etc. Ou já começavam a manifestar discreta ressalva. Assim, na narrativa de Antenor de Barros Leal, a aura de gravidade parecia incomodar o autor, que, a esse esquema que religava os homens ao mundo pela via do sobrenatural, imputava efeitos de uma instância “psicossomática”, mais afeita a uma profundidade subjetiva, a que mais tarde se usaria também chamar de alma.

Tornando-se, de fato, irremediável, a morte poderia, paradoxalmente, constituir uma série numerosa de remédios, expedientes de saúde derivados ou conectados do corpo transformado em cadáver. Márcia Moisés Ribeiro destaca para a medicina praticada no Brasil no século XVIII repertórios de cura que faziam uso direto ou indireto dos mortos: “Ao que tudo indica, a terapia constituída à base de cadáveres [...] era mesmo utilizada cotidianamente, não se restringindo apenas aos compêndios de matéria médica. O crânio humano aparece dentre os demais gêneros presentes na tabela de 1744, que estipulava os preços dos medicamentos vendidos no Brasil”.⁵⁷⁶ Ainda no século XVIII, Francisco de Melo Franco informava que usavam-se contra a doença da bebedice “remédios preparados também com o vinho, como os que se fazem infundindo

⁵⁷⁴ LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 86-87.

⁵⁷⁵ PAIVA, Oliveira. *A Afilhada* [1889]. In: Idem. **Obra Completa**; introdução e pesquisa bibliográfica, Rolando Morel Pinto. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993, p. 305.

⁵⁷⁶ RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos trópicos**. A arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: HUCITEC, 1997, p. 77-78.

no dito licor a palmilha suada de humas meias, ou çapatos, hum pedaço de bispote sarrento, a terra do fundo da sepultura”.⁵⁷⁷

Talvez algumas ideias advindas do realismo grotesco possam auxiliar na compreensão da morte enquanto instância de propriedades curativas, constituindo ingrediente de diversos remédios. A este respeito, infere Bakhtin:

Dentro dessa concepção, a morte é considerada uma entidade da vida na qualidade de fase necessária, de condição para a sua renovação e rejuvenescimento permanente. A morte está sempre relacionada ao nascimento, ao sepulcro ao seio terreno que dá à luz. Nascimento-morte e morte-nascimento são as fases constitutivas da própria vida, como o expressa em palavras célebres o espírito da Terra no *Fausto* de Goethe. A morte está incluída na vida e determina seu movimento perpétuo, paralelamente ao nascimento.⁵⁷⁸

A força dessa concepção de renovação, de movimento contínuo e algo circular que religa ininterruptamente a vida à morte, o corpo ao espírito parece justificar os recursos terapêuticos advindos da morte. Expedientes de saúde que, embora mais comuns ao longo do século XVIII, parecem ter continuado a fazer certo sucesso nos séculos posteriores. Câmara Cascudo coligiu, sobre a devoção ao Padre Cícero, que “a areia de seu túmulo cura doenças e é conduzida em saquitéis como amuleto”.⁵⁷⁹ Os remédios feitos de morte aparecem também em uma espécie de formulário publicado ao longo de algumas edições do jornal cearense *O Sol*, no ano de 1862: “A mão de um doente já moribundo posta e esfregada sobre os caroços das alporcas as cura por virtude oculta”. Ainda: “Sêso como se recolhe – Um pedaço de mortalha de qualquer defunto tem virtude de recolher o sêso, a quem lhe sahir fóra, limpando-se com elle, e o mesmo effeito produz a agoa em que se lavar o corpo morto”; e por fim para sezões, “Um osso de defunto atado ao pescoço dos que tem maleitas quartans ou terçans pela maior parte as tira”.⁵⁸⁰

Provavelmente, lançar um pouco de atenção sobre esse formulário pode trazer reflexões importantes acerca dos remédios até então tratados. De acordo com Geraldo

⁵⁷⁷ FRANCO, Francisco de Melo. **Medicina Teológica** [1794]. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008, p. 118.

⁵⁷⁸ BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. O Contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 43-44.

⁵⁷⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário de Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro / Ministério da Educação e Cultura, 1962, p. 180.

⁵⁸⁰ **O Sol**, 23 fev. 1862, p. 2-4.

Nobre, o jornal *O Sol*, que circulou entre 1856 e 1866, fazia parte de uma leva de periódicos que reunia “política partidária com literatura e informação geral”.⁵⁸¹ Não era raro encontrar em suas páginas pequenas notícias sobre a cidade, alguns anúncios e textos diversos, destes últimos fazendo parte o dito formulário, assim apresentado:

VAI PELO CUSTO

Minha cara avó, minha avó torta,
(Mesinheira tamanha quem seria?!)
De doentes cheia sempre tinha a porta,
Milagres vez nas curas, que fazia;
Achou-se em seu bahú – depois de morta
Um livro manuscrito, que dizia –
‘Formulario de D. Alonça Peres,’
Farás com elle as curas que quizeres
--
E eu que sou seo neto, e não desminto
O texto achado dando-o pela prensa,
Só por publical-o prazer sinto;
Pois não fiz c’o impressor alguma avença
Gratuito serviço assas distincto,
Que do povo remetto ao exame e crença
Uze lá quem quizer, do que publico,
Se acaso aproveitar, contente fico.⁵⁸²

O texto em versos é destituído de autor. Impossível checar a identidade do dito neto, a existência de Dona Alonça e ainda do próprio manuscrito. De todo modo, o texto traz importantes elementos que atuaram nos consumos de remédios. Pode-se pensar, nesse sentido, que o remediar entranha-se no cotidiano impulsionado e impulsionando práticas de leitura e ainda práticas de escrita. Além do mais, formulários como o de Dona Alonça parecem se constituir pela reunião “ao longo de toda uma vida, [de] cópias de várias proveniências que colocam no mesmo nível todos os textos dos quais reconhece e afirma o valor”.⁵⁸³ Estes cadernos continuamente escritos, lidos e consultados obedeciam, muito à semelhança de livros como o *Lunário Perpétuo* e também o *Diccionario de Medicina Popular* do Dr. Chernoviz, a exigências de ordem prática e de ordem sagrada. O manuscrito de Dona Alonça, particularmente, não somente era recheado de remédios de apelo astrológico, religioso e mágico, incluindo os expedientes de cura feitos de excrementos e de morte, como era descrito como objeto de

⁵⁸¹ NOBRE, Geraldo da Silva. **Introdução à História do Jornalismo Cearense**. Ed. fac-sim. Fortaleza: NUDOC / Secretaria da Cultura do Estado do Ceará – Arquivo Público do Ceará, 2006, p. 90.

⁵⁸² *O Sol*, 23 fev. 1862, p. 2.

⁵⁸³ FABRE, Daniel. O livro e sua magia. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009, p. 219-220.

segredos. Escondido no fundo do baú da mezinheira, traía em boa medida suas potências ao ganhar um tratamento impresso e uma difusão pública em veículo da prensa. Por outro lado, o escrito possivelmente só ganharia alguma credibilidade se investido dos valores que vigoravam nas práticas predominantes de remediar; e nesse sentido, o jornal não hesitou em inserir-se na interface do sagrado e do profano, da escritura e da cultura oral.

Em todo caso, sobressaía a força dos receios e das expectativas dos consumos de remédios que, em reverência à tradição, se regiam por ritmos e rituais que, dos astros a Deus, dos humores aos santos, passando por feitiços, malefícios e outras magias, põem em evidência experiências sagradas do tempo. Concomitantemente, não se pode negligenciar a emergência de remédios que insinuavam experiências de temporalização, sobretudo a partir de meados do século XIX. Operando pelo encurtamento das durações na forma de regimes, regimentos, dietas e resguardos, essas práticas de remediar encontrariam um terreno fértil nas circunstâncias de dor.

5. AS DORES DO MUNDO

5.1. O sofrimento do remédio

Na *Memoria de remedios universaes para as enfermidades ordinarias...*, item presente nas edições oitocentistas do *Lunário Perpétuo*, as dores são muitas. Numerosas, elas são listadas entre os achaques corriqueiros; para cada uma delas, as receitas de seus remédios. Um exemplo:

Para pontadas das costas, e das ilhargas

Tomareis tres onças de cardo santo, huma colhér de vinho branco, e seis gemmas de ovos fresquissimos, e tudo bem misturado, se dará tibio ao paciente o mais depressa que se puder ser, e he grande remedio. Tambem he bom fazer cinza, ou pó, do membro viril do boi, e dar daquella cinza ao enfermo huma drachma misturada com vinho branco, se a quentura for pouca: e se for muita, com agua de cardo santo, ou de cevada; e he singularissimo remedio. Sendo tomado tres dias continuos, tirará totalmente a dor.

O modo como se hade fazer a dita cinza, he cortar o nervo, ou membro do boi em pedaços miudos, e pollos em huma panella pequena, e nova, em fogo forte, que tenha borralho mui quente ao redor, e brazas accesas, e se hade voltar muito a miudo até que esteja todo feito em pó, que será no espaço de hum dia inteiro, não menos.⁵⁸⁴

A receita não estava muito distante das demais que compõem esta seção do livro perpétuo. Em geral, anunciavam remédios feitos de ervas, vinhos ou outros alcoóis, objetos diversos, excertos de bichos, metais etc.; ingredientes correntemente acompanhados de advertências quanto a seus respectivos detalhes da natureza do tempo – novos ou velhos, frescos ou antigos. Nesse sentido, na receita acima, atente-se que o aviso para a pronta ingestão do preparado de cardo santo, vinho e ovos possivelmente ocorre por razões de qualidades temporais de um dos componentes – os ovos deveriam ser fresquíssimos. A pressa explicava-se pelas virtudes curativas apresentadas pelo remédio em sua conexão com o tempo, e não por certa urgência em aplacar a dor. Ou melhor, a urgência, existindo, parecia ocupar um intervalo mais dilatado. A dor das costas e das laterais do corpo podia esperar a preparação do remédio à base do membro do boi, que ocorreria em torno de um dia inteiro.

⁵⁸⁴ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 285-286.

Do aparecimento da dor ao consumo do remédio, o hiato poderia ser contado em um dia, como para a dor nas costas. Dessa referência poder-se-ia recuar para a metade de um dia, e também se alargar, estendendo-se em dias e noites. Para o primeiro caso, destaque-se a receita para a cólica, para o que “Remedio importante [...] he o beber agua de macella, ou cozimento de semente de linho canamo, ou vinho, em que estivessem raizes de herva campana por dez, ou doze horas”.⁵⁸⁵ Enquanto que, para a dor de pedra, o *Lunário Perpétuo* ensinava uma receita na qual se deveria incluir “um punhado de grãos pretos bem lavados, e os deitarem de molho, hum dia, e huma noite, em duas canadas de agua”.⁵⁸⁶

Em todo caso, a dor durava. Uma vez deflagrada, tornava-se realidade constante. Figura da doença, poderia ser igualmente recurso do remédio. Nesse sentido, o *Lunário Perpétuo* recomendava: “A dor dos ouvidos remediareis, tomando azeite rosado, e hum pouco de vinagre, pondo-o no ouvido, que doe, e em cima hum molhosinho de macella, e coroa de rei”.⁵⁸⁷ Aconselhava, para quem tem névoas nos olhos ou cataratas, a tomar “hum pão de farinha rala, e estando no forno meio cozido, assim quente como sahir delle o enchereis de mel branco de enxame novo, ou virgem, que assim lhe chamão, e o mettereis em hum alambique bem limpo; e destilado, a agua que sahir se deitará a miudo dentro no olho, e posto que faça algum ardor, soffra-o, que lhe importa”.⁵⁸⁸ E para quem estava acometido de dor de dentes e gengivas, ensinava:

Farão cozimento de raizes de meimendro, com vinagre, e agua rosada, e tomarão delle na bocca de quando em quando. O mesmo fará huma cabeça de alhos assada hum pouco no borralho e amassada depois, posta em cima dos dentes, ou gengivas que doem, tão quente, que se possa soffrer; advertindo que primeiro se ha de metter huma pequena da dita massa na orelha de cuja parte estiver a dor.⁵⁸⁹

Além das páginas do livro perpétuo, o remédio feito de dor conheceu também outros registros. Eduardo Campos inventariou, pelos meados do século passado, o seguinte expediente a ser levado a cabo pelos sertanejos nos casos de dor de dente: “Amarram o dedo polegar do pé, daquele que se queixa de nevralgia, com um pedaço de

⁵⁸⁵ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 288.

⁵⁸⁶ Ibidem, p. 308.

⁵⁸⁷ Ibidem, p. 283.

⁵⁸⁸ Ibidem, p. 301.

⁵⁸⁹ Ibidem, p. 284.

barbante, em nó fortemente apertado. Explicou-nos um matuto, em Pacatuba, que a dor do dedo, sendo mais forte, empurra a dor do dente para a fora, que sai assim pro ‘etéreo’ e desaparece”.⁵⁹⁰

Narrada como uma entidade autônoma, a dor aparece como algo que invadiu uma parte do corpo, exigindo, por isso, medidas de expulsão. Algumas providências eram tomadas com o objetivo de fazê-la transferir-se do corpo achacado para um outro. Atualiza-se aqui a lógica dos malefícios, feitiços, quebrantos e mau-olhados. O *Lunário Perpétuo* oferece um exemplo, presente na receita para cólica: “façam esfolar um carneiro e ponham a pelle assim fresca onde tiverem a dôr”.⁵⁹¹ Se era necessário fazer sair, era igualmente importante evitar que chegasse. Eduardo Campos dizia, nesse sentido, que os sertanejos “Costumam ‘afugentar’ a dor [de cabeça] conduzindo dentro do chapéu que usam algumas folhas de catingueira”.⁵⁹² De todo modo, uma particularidade dessa vivência da dor era que, transferindo-se entre homens, bichos e plantas, e mesmo para o “etéreo”, esse espaço de contornos religiosos e astrológicos, tais mecanismos não apenas estender-se-iam em intervalos consideráveis, tornando constante a presença da aflição em ritmos e rituais de fundo sagrado. Além disso, a dor comportava uma travessia de restabelecimento que deveria se fazer com ainda mais sofrimento. Para curar, é preciso que doa.

A importância da aflição conecta-se a vários valores. David Le Breton descreve alguns exemplos do que denomina de “usos sociais da dor”. Alguns são ligados a uma ideia de correção, no sentido pedagógico, em que o sofrimento faz parte do aprendizado; outros, não muito distantes destes, vinculam-se a ritos de passagem, ocasiões em que a dor serve para mudar o estatuto social de um sujeito, marcando a passagem de uma idade jovem para uma idade adulta, para dar um exemplo.⁵⁹³ Nesse mesmo sentido, Denise Sant’Anna chama a atenção para o fato de que a dor:

⁵⁹⁰ CAMPOS, Eduardo. *Medicina Popular do Nordeste*. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 52.

⁵⁹¹ *O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...* Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 288.

⁵⁹² CAMPOS, Eduardo. *Medicina Popular do Nordeste*. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 55.

⁵⁹³ LE BRETON, David, *Anthropologie de la douleur*. Paris: Métailié, 2006, p. 18.

Podia exercer um papel enobrecedor: resistir bravamente à dor durante a extração de um dente, por exemplo, contribuía para a boa formação do caráter, especialmente quando se tratava do sexo masculino. Muitas narrativas que expunham as penas sofridas em cirurgias e as dores vividas em acidentes e doenças continham uma função pedagógica. Ensinavam a valorizar o ser humano, principalmente as virtudes da coragem e da persistência.⁵⁹⁴

Servindo para aprender, para amadurecer, para enobrecer, a dor que vinha por obra dos remédios ou demais expedientes de saúde guardava algo de religioso. Parecia atualizar, em boa medida, a importância do martírio. Nuno Marquez Pereira, ao publicar o livro *Compendio Narrativo do Peregrino da America*, no ano de 1728, desenvolve essa relação com base na narrativa bíblica. Em certo momento, escreve:

S. Paulo (I. ad. Cor. 13.7) diz: [...] e toda enfermidade corporal, e as mais penas, que a acompanhão, se hão de soffrer sem murmuração, nem repugancia da vontade. Porque diz S. Bernardo: Se queres ser Santo, não pôdes ser saõ; e pelo contrario, se queres ser saõ, não pôdes ser Santo. E S. Gregorio nos adverte, dizendo, que os males, que nesta vida nos perseguem, são os meynos de buscarmos a Deos.⁵⁹⁵

Livro escrito para servir de orientação entre os colonos brasileiros entregues a modos e costumes julgados impróprios diante do recomendado pelos princípios da Igreja Católica, o *Compendio Narrativo do Peregrino da America* propõe uma leitura das dores de viés fortemente religioso. De um modo geral, teoriza que a disponibilidade ao sofrimento, evidenciada nas ocasiões de doenças, e realizada pelo consumo dos remédios, constituía um importante atributo do cristão, assemelhando-o aos santos, aproximando-o de Deus. Portanto, do conjunto de exemplaridades que os santos deviam infundir, o destaque era conferido a sua trajetória de martírios. Na sequência, Nuno Marquez Pereira não hesita em citar longamente vários santos e seus tormentos – São Francisco de Assis, São Francisco Xavier, São Bartholo, São Geminiano, Santa Syncletica, Santa Liduvina, Santa Teresa de Jesus etc. Todos, afirmava o autor, inspirariam o rebanho a viver suas penas com resignação, e mesmo alguma satisfação.

⁵⁹⁴ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 38.

⁵⁹⁵ PEREIRA, Nuno Marquez. **Compendio Narrativo do Peregrino da America**. Em que se tratam vários discursos espirituais, e Moraes, com muitas advertencias, e documentos contra os abusos, que se achão introduzidos pela malicia diabólica no Estado do Brasil. Lisboa: Off. de Antonio Vicente da Silva, 1760, p. 360.

Por ocasião da cura, imitando a vida dos santos quanto à travessia dos padecimentos da carne, o cristão produziria “muitos merecimentos para sua alma”.⁵⁹⁶ A equação segundo a qual, grosso modo, fazendo pouco do corpo, fazia-se muito pela alma repercutiu entre os homens de ciência. É o que se observa no livro *Medicina Teológica*, do médico Francisco de Melo Franco, publicado no ano de 1784. Como visto anteriormente, formado em Portugal, o autor defendia que a alma e o corpo estavam intrinsecamente unidos, donde vinha um caráter duplo das enfermidades, concomitantemente temporais e espirituais. Seguindo o raciocínio do autor, para o estabelecimento da cura, necessário seria que o médico fosse confessor, ou que o confessor se tornasse médico. Explana: “por que ser Medico, quer dizer: hum sogeito que examina seu enfermo com cuidado, combina com atenção as circunstancias da culpa, julga de sua causa com inteireza, ensina com brandura tudo quanto o Penitente deve fazer para evitar seus peccados, prescreve os remedios necessarios para o curar”.⁵⁹⁷ Se a doença se atrela à culpa, os remédios não poderiam ser outros senão as penitências; ou melhor, “remedios que conservando a saude da alma, e do corpo, podem ao mesmo tempo ser praticados como punições do peccado”.⁵⁹⁸ Nesse sentido, ao longo do livro, Francisco de Melo Franco elenca os remédios que devem fazer sofrer: para os doentes do amor, “prescrevão os Senhores Confessores remedios farmaceuticos tirados ou da classe dos amargosos, ou dos azedos, porque ambos são penosos á natureza, mas apropriados a cada huma da classe dos amantes”;⁵⁹⁹ para os acometidos de saudade, devem-se privilegiar as receitas que “podem servir de materia de Penitencia pelo amargor de que sao dotadas, ou fortum nauseante de que não se privão com facilidade”;⁶⁰⁰ e para o caso dos excessos dos prazeres,

[...] as penitencias, que impõem os Senhores Confessores, não devem lisonjear os sentidos, mas sim mortifica-los, igualmente que a carne criminosa por isso sem elles tomarem cuidado do alimento podem prescrever outros remedios corroborantes tomados da classe dos amargosos que não deixarão de corroborar, nem tambem de mortificar os appetites da carne, como são a Quina, a Cascarrilha, a Centaurea

⁵⁹⁶ PEREIRA, Nuno Marquez. **Compendio Narrativo do Peregrino da America**. Em que se tratam vários discursos espirituais, e Moraes, com muitas advertencias, e documentos contra os abusos, que se achão introduzidos pela malicia diabólica no Estado do Brasil. Lisboa: Off. de Antonio Vicente da Silva, 1760, p. 360.

⁵⁹⁷ FRANCO, Francisco de Melo. **Medicina Teológica** [1794]. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008, p. 10.

⁵⁹⁸ Ibidem, p. 125.

⁵⁹⁹ Ibidem, p. 44.

⁶⁰⁰ Ibidem, p. 48

menor, a Losna, a Veronica, o Marroyo, a herva Santa Maria, e outros vegetaes que se podem prescrever em fôrma sólida, e líquida, reduzindo-se a penitencia a que as mastiguem, e engulaõ o succo huma ou duas vezes no dia.⁶⁰¹

Além dos livros que ensinam a remediar, a presença do sofrimento se estende a uma série de registros que reforça as pertinências de uma vivência da enfermidade atrelada à expiação das culpas e dos pecados. Assim, a mãe de Luzia, do romance *Luzia-Homem*, acometida de constantes acessos de asma, passava os dias quentes da seca de 1877 “sentada à rede armada a um canto do quarto, gemia a surdina, em atitude de vítima resignada ao martírio da implacável moléstia”.⁶⁰² Flagra-se também certa postura de penitente conformado em excerto do livro de memórias de Antenor de Barros Leal. O prático de farmácia rememorava os feitos e a importância do Monsenhor José Cândido para a localidade de Boa Viagem; contava de seus últimos momentos de vida, sofrendo os males de um câncer na próstata:

O enfermo não se queixava e mesmo no leito de dor, ainda conservava o espírito alegre e bem humorado.

Eu era o seu enfermeiro dedicado e acompanhei o seu sofrimento de 45 dias, sentindo que uma alma de DEUS cada vez mais se aproximava d’Ele. Eu sempre nas ocasiões dos asseios ou das extrações de urina pedia que ele desse sinais se sentisse dor e ele respondia:

- Prá que gemidos de quem tem tantas culpas?

E às 12:30 do dia 27 de novembro de 1934 faleceu o padrinho vigário, com 85 anos e 2 meses, cercado do carinho dos familiares e dos ex-paroquianos.⁶⁰³

São significativas as fontes que, do século XVIII aos meados dos novecentos, revelam uma presença constante da dor no seio dos expedientes de cura. Dilatada na vivência da doença, acionada no emprego dos remédios, ela dizia de uma conformação cultural que tendia a ver o sofrimento do corpo como sinônimo de reparação dos pecados e engrandecimento da alma. Nesse raciocínio, se a cura se confundia com a salvação, a vida terrena passada entre martírios, penitências e padecimentos tinha como horizonte o tempo eterno. A este respeito, o *Lunário Perpétuo* contava um caso exemplar, ocorrido a certa senhora da cidade espanhola de Valença, que

⁶⁰¹ FRANCO, Francisco de Melo. **Medicina Teológica** [1794]. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008, p. 71.

⁶⁰² OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem** [1903]. Fortaleza: ABC, 2002, p. 26.

⁶⁰³ LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 98-99.

[...] estando muito molestada, e atormentada de hum cancro, fez huma novena ao Bemaventurado S. Luiz Beltrão, da Ordem de S. Domingos, rogando-lhe com muita devoção lhe dêsse saude. E acabada a novena, ficou sã, e livre de todo. No fim de alguns dias, que a dita senhora esteve sã, ouvio a certo Prégador daquela Cidade, que muitas vezes os trabalhos, desgraças, e enfermidades erão occasião para muitos Christãos ganharem o Ceo. E acabando de ouvir isto a boa senhora se determinou a fazer outra novena ao Bemaventurado S. Luiz Beltrão, rogando-lhe que se aquella enfermidade, que lhe havia tirado, havia de ser occasião de ganhar ella o Ceo, lhe pedia que lha tornasse a dar: e acabada sua petição, lhe tornou o mal do cancro, que antes tinha; e dahi a poucos dias morreo, e piamente se crê que está gozando de Deos no Ceo.⁶⁰⁴

Da escrita exemplar do livro perpétuo, o tempo eterno ganha as linhas de ciência da obra *Medicina Teológica*. Dos homens, dizia a Bíblia lida por Francisco de Melo Franco, “Sua enfermidade habitual he uma vida enfadonha a que se deve antepor a morte, e a eternidade”.⁶⁰⁵ Nessa linha de pensamento, Nuno Marquez Pereira não poderia ser mais claro:

Porque sendo a vida, a respeito da eternidade, um instante; não ha creatura racional, que não deseje viver neste mundo muito tempo com saude, deleites, gostos, regálos, e contentamentos; devendo considerar, que he cousa incompativel ter contentamentos, regálos, gostos e deleites neste mundo, e querer salvar-se, sem fazer penitencia das culpas commettidas contra Deos. Isto he querer voar sem azas, nadar sem braços, e andar sem pés.⁶⁰⁶

Assim, os padecimentos envoltos nas práticas de remediar, comportando os valores do martírio e as preocupações quanto à salvação da alma, propunham uma experiência do tempo em termos de eternidade. A espessura do tempo eterno se consubstanciava nos remédios de apelo religioso, mas, sobretudo, pela vivência da dor, espécie de instrumento do sagrado que comparecia em diversas dimensões da existência, com especial ênfase sobre os momentos de doenças. De modo que a vida na terra e a vida no céu ganhariam ocasião de se realizar simultaneamente, e numa só presença, que era feita de dor e de eternidade.

⁶⁰⁴ **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO...** Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857, p. 210.

⁶⁰⁵ FRANCO, Francisco de Melo. **Medicina Teológica** [1794]. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008, p. 125.

⁶⁰⁶ PEREIRA, Nuno Marquez. **Compendio Narrativo do Peregrino da America**. Em que se tratam vários discursos espirituaes, e Moraes, com muitas advertencias, e documentos contra os abusos, que se achão introduzidos pela malicia diabólica no Estado do Brasil. Lisboa: Off. de Antonio Vicente da Silva, 1760, p. 364.

5.2. O remédio do sofrimento

As expectativas engendradas nas curas a partir do padecimento atravessaram séculos a fio. Mas não impediram, no entanto, a emergência de novas perspectivas diante da dor, sobretudo a partir dos meados do século XIX; centúria que inventou a anestesia e, na sequência, redefiniu a ciência médica como uma incansável luta contra o sofrimento humano.

O *Diccionario de Medicina Popular* constituiu uma voz oitocentista dessas novas maneiras de lidar com o sofrimento; maneiras que visavam amortecê-lo. Partidário do paradigma clínico, o Dr. Chernoviz entendia que a captura da dor passava pela redefinição de seu estatuto e de sua localização no corpo. Descrita como “sensação afflictiva sentida em qualquer parte viva”,⁶⁰⁷ a dor expressaria um atributo do corpo, então um concentrado sensível. Rompia-se, assim, com a perspectiva de que a dor se assemelhava a um eflúvio que transitava entre as coisas do mundo, exigindo dos homens medidas de proteção e de expulsão, tal como acontecia com os feitiços e humores. Diferente disso, ela emergia do próprio corpo e seguia circuitos orgânicos bem determinados no interior dos nervos, estruturas “das sensações e dos movimentos” que têm a forma de “cordões esbranquiçados, cylindricos, que partem do cerebro ou medulla contida na columna vertebral, e se dividem em ramos que se distribuem ás diferentes partes do corpo”.⁶⁰⁸ Com efeito, o fortalecimento das conexões espaciais traçadas entre a dor e os nervos foi parte integrante dessas novas atitudes diante do sofrimento, que então buscavam remediá-lo. O enraizamento nervoso das dores se explicitava na denominação de diversas moléstias, distinguindo-as, por exemplo, entre nevralgias e nevroses.

O Dr. Chernoviz nomeava nevralgias um “certo numero de molestias, cujo principal symptoma é uma dôr viva, continua ou intermittente, que segue o trajecto de um nervo e suas ramificações, sem vermelhidão, calor ou inchação”.⁶⁰⁹ Havia, nesse sentido, uma lista longa de nevralgias discriminadas a partir da localização dos nervos comprometidos: da bexiga, do coração, dos dentes, do fígado, dos intestinos, dos olhos,

⁶⁰⁷ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 2. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 56.

⁶⁰⁸ Ibidem, v. 3, p. 87.

⁶⁰⁹ Idem. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 2. 6. ed. Pariz: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. 486.

dos ouvidos, das plantas dos pés, dos seios, do útero e outras. Para todas essas dores, sintomas de uma multiplicidade de doenças, os remédios eram quase sempre os mesmos: os calmantes.

No *Diccionario de Medicina Popular*, os calmantes abarcavam um amplo espectro de substâncias, no qual o ópio e seus derivados tinham um lugar privilegiado. Em geral importado, o ópio podia chegar pronto para o consumo ou servir de matéria-prima na composição de pílulas, clisteres, injeções, cataplasmas e ainda “xaropes, tinturas, extractos, etc.”⁶¹⁰ Participava da formulação de remédios fartamente conhecidos, como o *Laudano de Sydenham* e as *Black drops ou Gottas pretas inglesas*.⁶¹¹ Também havia os preparados de morfina, esse alcaloide que compõe o ópio e que, quimicamente purificado, apresentava efeitos calmantes ainda mais fortes. A própria existência das formulações à base de morfina, especialmente quando “tomada em injeção sub-cutanea, com a seringa de Pravaz”, por intermédio da qual se “alliviam muito e rapidamente das nevralgias, dôres rheumatismas, dôres de cadeiras, etc.”,⁶¹² expressa que as intolerâncias à dor já podiam alcançar graus significativos. Quando se trata destes opiáceos, é o braço da química que se evoca; sinaliza-se que tais substâncias mais parecem habitar os laboratórios ou oficinas de farmácias, nos quais, mediante os usos de equipamentos que lidam com a condensação ou rarefação do ar, se poderia, por exemplo, formular a *Tintura de extracto de opio*, essa “Dissolução de 10 grammas de extracto de opio em 120 grammas de alcool a 60 grãos do aerometro centigrado”.⁶¹³

O Dr. Chernoviz incluía igualmente entre os calmantes uma série de remédios que derivavam das plantas. Da dormideira (*Papaver somniferum*, Lineu), se aproveitavam certa parte capsular que tinha o nome corrente de “cabeças de dormideiras”; com elas preparavam-se “decocções calmantes, que se administram ordinariamente em clisteres, gargarejos, e cataplasmas. A decocção de dormideiras prepara-se com 8 grammas de capsulas e 360 grammas d’agua”.⁶¹⁴ A decocção ou cozimento da planta em água ou outro líquido era também um procedimento que se applicava com o estramônio (*Datura stramonium*, Lineu), mais conhecido como figueira

⁶¹⁰ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 2. 6. ed. Pariz: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. 538.

⁶¹¹ Ibidem, p. 538.

⁶¹² Ibidem, p. 453.

⁶¹³ Ibidem, p. 538.

⁶¹⁴ Ibidem, v. 1, p. 879-880.

do inferno: “O decocto das folhas misturado com farinha de linhaça forma uma cataplasma calmante que se usa nas colicas e outras molestias nervosas. O decocto prepara-se com 15 grammas de folhas de estramonio e 260 grammas d’agua”.⁶¹⁵ Além destas, também instruía sobre as preparações de beladona, folhas de laranjeira, digitalis, erva cidreira, cânfora e muitas outras. Encravadas a céu aberto nos quintais, nas proximidades das casas ou expostas nas feiras semanais das cidades grandes e pequenas, estas numerosas plantas eram de fácil acesso e seus remédios, de fácil preparo. Contrastavam com os frascos de opiácios de cheiro forte que atravessavam o oceano e se escondiam da luz nos interiores das farmácias. Por meio desse amplo leque de remédios para a dor, o calhamaço do Dr. Chernoviz demonstrava as ambições de sua circulação, que poderia ir das cozinhas das residências aos laboratórios químico-farmacêuticos. Mas também, e sobretudo, conferia sua significativa contribuição ao processo de afastar o sofrimento da vida.

Desse processo, aliás, também participavam ativamente os anúncios de medicamentos que pululavam nos jornais de grande circulação de algumas capitais, como a cidade de Fortaleza. Tudo indica que, desde o fim do século XIX, das dores, aquelas que afligiam os dentes foram uma das mais prestigiadas pelos remédios. O jornal *Gazeta do Norte*, no número de 19 de dezembro de 1887, veiculava o seguinte anúncio: “Não ha mais dôres de dentes! Por meio do emprego dos Elixir, Pó e Pasta dentifricios R.R. P.P. BENEDICTINOS”.⁶¹⁶ O *Almanaque do Ceará* para o ano de 1895 estampava a ODONTINA, que “Cura rapidamente as dôres de dente”.⁶¹⁷ O periódico *A Republica*, de 5 de janeiro de 1898, trazia: “As gottas odontalgicas do pharmaceutico José Eloy da Costa e aprovadas pela inspectoría de Hygiene é o unico remedio que cura as mais fortes dores de dentes”.⁶¹⁸ Na sequência, havia os medicamentos para as nevralgias de uma maneira geral. Ainda no *Almanaque do Ceará* para o ano de 1895, informava-se que, entre as especialidades do farmacêutico A. Gonzaga, com farmácia em Fortaleza, havia o “DOMINADOR, Medicamento para uso externo contra dôres rheumaticas e nevralgias de qualquer natureza”.⁶¹⁹ O periódico *Gazeta do Norte*, em 6

⁶¹⁵ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 6. ed. Pariz: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. 1061-1062.

⁶¹⁶ *Gazeta do Norte*, 19 dez. 1887, p. 3.

⁶¹⁷ *Almanaque do Ceará para o anno de 1895*, s/p.

⁶¹⁸ *A República*, 05 jan. 1898, p. 2.

⁶¹⁹ *Almanaque do Ceará para 1895*, s/p.

de dezembro de 1900, trazia o seguinte reclame: “Com a ‘Mistura Antiblennorrhagica’ do Pharmaceutico José Eloy as gonorréas não passam de um simples encommodo passageiro”.⁶²⁰ O *Jornal do Ceará* estampava, em 18 de setembro de 1907, a propaganda da Bolaptorina, que “Combate com rapidez prodigiosa as dôres de cabeça mais atrozes e toda e qualquer nevralgia e enxaquecas, garantindo que as pessoas que a usarem obterão maravilhosos resultados”,⁶²¹ remédio disponível em Fortaleza na Farmácia Amorim. O *Almanaque do Ceará* para o ano de 1917, anunciava o “ELIXIR ESTOMACAL APERITIVO, contra os soffrimentos do estomago e intestinos”.⁶²²

Chegando às primeiras décadas do século XX, o movimento mantinha seu fôlego. O *Almanaque do Ceará* para o ano de 1931 trazia o reclame da “ACETYLYNA. Compromidos cafeinados de grande poder contra qualquer dôr. Dá allivio instantaneo nas dores de cabeça, nevralgias, dores de dentes, rheumatica, sciatica, colicas uterinas, gripes, resfriados, insomnia, máo estar, etc.”; e ainda do “LINIMENTO BELEM. Poderoso sedativo contra Rheumatismo muscular, dôr sciatica, etc.”.⁶²³ O *Album de Fortaleza*, publicado em 1931, intentando ser uma espécie de vitrine moderna da cidade, trazia o seguinte anúncio:

Em toda casa de familia deve existir:

CESSATYL:

A maior descoberta contra a dôr de cabeça ou qualquer dôr, seja qual fôr a sua causa. Maravilhoso contra a gripe, resfriados, constipações, enxaquecas, nevralgias, accessos febris, colicas do figado e dos rins, etc.

Pode ser usado pelos velhos, moços e creanças, sem o menor receio, pois nunca faz mal.⁶²⁴

No entanto, tem-se a impressão de que o grande sucesso nesse período foi a Cafiaspirina do Laboratório Bayer. Investindo pesadamente nas propagandas de seus medicamentos, a empresa alemã as infundia de motivos, imagens e textos que buscavam repercutir o universo de referência de seu público consumidor. Tome-se o exemplo do reclame abaixo, presente no jornal *O Nordeste*, de 4 de setembro de 1928:

⁶²⁰ *Gazeta do Norte*, 06 dez. 1900, p. 4.

⁶²¹ *Jornal do Ceará*, 18 set. 1907, p. 3.

⁶²² *Almanaque do Ceará para o anno de 1917*, s/p.

⁶²³ *Almanaque do Ceará para o anno de 1931*, s/p.

⁶²⁴ *Album de Fortaleza*, 1931, s/p.

-Aquí têm os Senhores, a tia "Mariquinhas"

"É' O ANJO da casa,—
diz Stellinha. Se o
papai chega preocupado,
se a mamãe está nervosa,
se a vóvó amanhece com os seus
achques, se os meninos
estão aborrecidos, logo
apparece a tia Mariquinhas
consolando-nos a todos com
seus carinhos, com suas
palavras e com o seu sorriso
mais doce do que o mel."



ANTIGAMENTE a tia Mariquinhas, para qualquer dôr, accudia logo com unguentos e cosimentos de ervas; naturalmente o resultado não satisfazia a ancia de fazer o bem com que tia Mariquinhas veio ao mundo. Mas a experiencia foi-lhe ensinando que o mais simples e efficaz que existe é a

CAFIASPIRINA

E agora, quando ha em casa uma dôr de cabeça, de dentes ou de ouvido, uma enxaqueca ou uma nevralgia, com que satisfação ella salta com uma dose de Cafiaspirina e vê em poucos minutos alliviar-se o soffrimento do ente querido!

E ella mesma, com que confiança toma os seus comprimidos de Cafiaspirina sempre que lhe atacam as dôres rheumaticas! Não sómente o allivio é instantaneo como não affecta o coração nem os rins.

A CFIASPIRINA é a melhor defesa que se pode ter no lar, contra as dôres de cabeça, dentes e ouvidos; nevralgias e rheumatismos. Allivia rapidamente, levanta as forças e não affecta o coração nem os rins.



A possôda da familia que Stellinha
vê, em seguida, apresentar-vos é
o seu querido tio Caramba. Procure-o
neste jornal e verá como elle é
sympathico.

Figura 25. Anúncio do remédio Cafiaspirina (O Nordeste, 04 set. 1928, p. 4).

Fato importante, nesses reclames, os remédios que prometem arrefecer as dores, o fazem com apelos de velocidade: curam ou combatem a doença com rapidez, promovem alívio instantâneo, resolvem em poucos minutos, redefinem os males como um incômodo passageiro etc. Diferentemente dos expedientes de cura que seguiam ritmos e rituais na forma de durações como dietas ou resguardos, embasadas nas dinâmicas do tempo cósmico e sagrado, os remédios das propagandas manifestam uma experiência temporal distinta: “a de que tudo muda mais rapidamente do que se podia esperar até agora ou do que havia sido esperado antes. A intervalos menores, no dia a dia dos afetados, introduz-se um novo componente desconhecido, que não pode ser deduzido de nenhuma experiência conhecida. Isso distingue a experiência da aceleração”.⁶²⁵ Assim, mais do que liberar-se da dor, importava fazer isso de forma rápida, imprimindo ritmos ditados pelos próprios homens, numa vivência mais autônoma e acelerada, menos sensível aos constrangimentos dos demais tempos do mundo.

Convém tomar nota de que esse estrato de tempo marcado pela aceleração não chegaria de uma vez por todas nos anúncios de remédios contra a dor. Inclusive, naqueles considerados mais modernos, como os do laboratório Bayer. Denise Sant’Anna chama a atenção para o fato de que nas propagandas de remédios, a composição de textos e imagens poderia cruzar referências modernas e tradicionais, urbanas e rurais:

Num mesmo anúncio é possível encontrar diversas narrativas que nem sempre formam um todo homogêneo, evocando ao mesmo tempo, a vida metropolitana e o ritmo de vida rural, valores regionais e sugestão de hábitos internacionalizados. Pois, tal qual a vida social, os anúncios não são, necessariamente, coerentes, sua sucessão no tempo não implica, forçosamente, o desaparecimento de valores que atravessam os séculos e as culturas.⁶²⁶

No caso do anúncio da *Cafiaspirina* da Bayer, por exemplo, o convite a uma cura em poucos minutos divide espaço com as referências a um tempo de antigamente; males advindos da agitação da vida urbana, como estados nervosos, são acompanhados

⁶²⁵ KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto PUC-Rio, 2014, p. 153.

⁶²⁶ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Propaganda e História: antigos problemas, novas questões. **Projeto História**. São Paulo, n. 14, fev. 1997, p. 96-97.

da menção a remédios na forma de unguentos e cozimentos de ervas. É bem verdade que esses cruzamentos eram decorrência de uma estratégia publicitária que buscava introduzir o medicamento numa tradição de curas realizada por outras lógicas. No entanto, sobressai o quadro de hesitação diante das novidades, sugerindo a imagem da “contemporaneidade do não-contemporâneo”,⁶²⁷ ou seja, uma conflituosa coexistência entre experiências do tempo que se pautam por ritmos diversos.

Na cruzada veloz contra o sofrimento, merecem destaque as tentativas de reformulação de alguns remédios que, indicados contra uma profusão de moléstias, tinham sua eficiência correntemente marcada por episódios de dor. Doravante, seu sucesso estaria na dependência dos desvios que seriam capazes de fazer às aflições. Assim, no jornal *O Libertador*, edição de 7 de janeiro de 1890, havia o seguinte reclame de vesicatório ou vesicante, uma modalidade de medicamento cáustico que operava por queimaduras na pele: “Nunca applique-se um vesicatorio sem ter o vesicatorio de Albespeyres, o mais efficaz e o menos doloroso de todos os vesicatorios”.⁶²⁸ Nesse mesmo raciocínio, o periódico *O Nordeste*, em 14 de setembro de 1928, anunciava o específico Mercethylin, indicado para as perturbações das senhoras. Era uma “INJEÇÃO INTRA-MUSCULAR INDOLOR DO SR. DR. ANNIBAL PEREIRA”.⁶²⁹ Caso semelhante se dava com os purgantes ou purgativos, gênero de remédios fartamente utilizado e que comumente tinha seu emprego acompanhado por boa soma de incômodos. Prescritos com o intuito de provocar evacuações, os purgativos não raras vezes produziam cólicas e espasmos. Diante do recrudescimento da tendência a atenuar os desconfortos, alguns desses medicamentos tiveram de prometer um funcionamento sem dor; inclusive uma de suas espécies mais conhecidas e tradicionais entre os consumidores sertanejos:

As PILULAS de MATTOS, como são conhecidas do nosso povo, agem beneficemente produzindo uma limpeza geral do intestino, sem irritar as suas mucosas, sem provocar peristaltismo doloroso e encommo (colicas) que fazem temidos todos os drásticos, sem

⁶²⁷ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto Editora PUC-Rio, 2006, p. 317. “Também aqui aparece a simultaneidade do assincrônico, que contém um grande potencial de conflitos. Além disso, apresenta-se nela um enlaçamento de experiência e expectativa, cuja diferença contém o desafio de ser superada de modo acelerado. A experiência destes é a expectativa daqueles”. Idem. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto PUC-Rio, 2014, p. 163.

⁶²⁸ *O Libertador*, 07 jan. 1890, p. 1.

⁶²⁹ *O Nordeste*, 14 set. 1928, p. 7.

produzir náuseas e, conseqüentemente, sem acção depressiva do organismo em geral ao qual assegura, por uma verdadeira desintoxicação, acentuada tonificação, manifestada por completo bem estar.⁶³⁰

Além das dores abdominais, os purgativos, em suas espécies líquidas, como na forma de óleo de rícino, eram correntemente associados a outros dissabores. No jornal *O Povo*, de 20 de abril de 1928, contava-se um episódio de doença ocorrido por um engenheiro estrangeiro, o Dr. Lesseps:

Era um homem forte.
Mas, de uma feita, foi acometido por um embaraço gástrico.
Cólicas violentas, febre alta, delírio – um quadro clínico apavorante.
O médico foi acudir-lo, ao terceiro dia, e encontrou o doente revoltado.
No ardor da febre, os que o cercavam haviam-lhe interdito a cerveja, que elle implorava com verdadeira ansia.
Quando o médico chegou e fez-lhe o diagnóstico, disse-lhe:
– Um purgativo de óleo de rícino, immediatamente!
– Não tomo ! – protestou o enfermo.
– Então, morrerá – retrucou-lhe o dr. Imbassahy.
– Pois morrerei ! Antes morrer do que beber óleo de ricino ! Tenho-lhe aversão a esse cheiro, a esse gosto horrível !
– Pense bem, dr. Lesseps, veja que sua vida corre perigo e não ha outro purgativo.
– Já pensei, e não tomo.
– Mas dr. o óleo não é tão ruim como o sr. pensa. Olhe, se o sr. o tomasse com cerveja, não sentiria gosto nem cheiro algum.
– Com cerveja?! – perguntou o engenheiro saltando do travesseiro – com cerveja?!
– Sim, com cerveja, não sentirá gosto nenhum.
– Tomo, dr. tomo, dê-me o óleo de ricino, dê-me a cerveja.
O médico abriu a garrafa de cerveja, encheu um copo e despejou na espuma uma garrafinha do remédio.
O doente bebeu tudo com avidez e o medicamento produzindo-lhe optimo effeito, conjurou-lhe a crise gástro-intestinal.
No dia seguinte, pela manhã, quando o médico veio fazer-lhe a visita, perguntou-lhe, bondosamente:
– Então, dr. Lesseps, como vai passando?
– Melhor, dr., melhor. Mas julgo que devo tomar hoje outro purgante de óleo de ricino...⁶³¹

É bem verdade que se pode argumentar que o paladar muda de uma configuração cultural para outra e que, desse modo, o que um estrangeiro julgava ser um gosto ruim talvez não fosse para os filhos da terra, que poderiam dispensar seu disfarce por intermédio de um outro sabor. No entanto, diversos registros do consumo dos

⁶³⁰ *Album de Fortaleza*, 1931, s/p.

⁶³¹ *O Povo*, 20 abr. 1928, p. 1.

remédios, dentre os quais os purgativos sempre estavam em boa conta, confirmam uma associação arraigada entre estes gêneros e o embaraço do paladar. Lembre-se, a esse respeito, de que o livro *Medicina Teológica* prescrevia privilegiadamente uma vasta lista de preparados amargosos e azedos. Domingos Olímpio, descrevendo a doença da mãe de Luzia, a protagonista de seu romance, falava de um “remédio, que tinha sabor mau de azinhavre”.⁶³² Também nos oitocentos, no romance *A Normalista*, de 1893, Adolfo Caminha assim dava voz à protagonista Maria do Carmo: “Nunca mais havia de tomar a tal cerveja, uma bebida selvagem, sem gosto, repugnante como um vomitório”.⁶³³ E ainda no século XX, já em seus meados, Eduardo Campos registra que os sertanejos tinham maior confiança nos “Remédios amargos, violentos, raspando as goelas”.⁶³⁴

De fato, as iniciativas comprometidas com o amortecimento do sofrimento não demorariam a integrar novas intolerâncias quanto ao gosto dos remédios, introduzindo mecanismos para arrefecer o dissabor ou mesmo transformá-lo em sabor aprazível. Para o primeiro caso, observe-se o anúncio publicado no jornal *Gazeta do Norte*, em edição de 19 de dezembro de 1887:

Capsulas de Quinina

de

PELLETIER

Hoje não ha quem ignore que Pelletier é o inventor da Quinina e que a sua marca de fabrica foi adoptada por todos os medicos por ser a mais pura e a mais efficaz contra as Enxaquecas, as Nevralgias, os Accessos febris, as febres intermitentes e paludosas, a Gotta, o Rheumatismo e os Suores nocturnos.

Cada capsula da grossura de uma ervilha, tem o nome de PELLETIER. Ellas obrão mais promptamente do que as pilulas e grageas, e engolem-se com mais facilidade do que as hóstias.

Vendem-se em frascos de 10, 20, 30, 100, 200, 500, 1000 capsulas. É o tonico mais poderoso que se conhece. Uma capsula somente representa um grande copo de vinho de quina.⁶³⁵

Além de curar uma boa lista de nevralgias, o remédio de Pelletier dizia fazê-lo com algumas conveniências: prontamente e mediante a ingestão de uma pequena cápsula que, equivalendo a um grande copo de vinho de quina, evitaria os momentos de

⁶³² OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem** [1903]. Fortaleza: ABC, 2002, p. 45.

⁶³³ CAMINHA, Adolfo. **A Normalista** [1893]. Fortaleza: ABC, 1997, p. 98-99.

⁶³⁴ CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967, p. 16.

⁶³⁵ **Gazeta do Norte**, 19 dez. 1887, p. 3.

gosto amargo em regra imputados a este preparado. Driblando o gosto do líquido pela instauração de uma deglutição sólida, e ademais escorregadia, o remédio proporcionava altos graus de discrição à prática do consumo.

Afora a conversão dos líquidos em cápsulas, pílulas e comprimidos, os desvios do sabor ruim implicaram também a busca pelo atributo do gosto bom. O *Diccionario de Medicina Popular* do Dr. Chernoviz viria a dar a sua contribuição a este respeito, propondo conselhos de formulação comprometidos em fazer com que a cura tivesse um outro paladar. Assim, por exemplo, nos casos de asma, ensinava que:

Tambem muito aproveita tanto durante os accessos como nos intervallos d'elles, o emprego do Xarope de Gelineau, de chloral e bromureto de potássio que se toma na dóse de 2 a 6 colheres, *das de sopa*, em um pouco de tilio frio e assucarado, em gemmada ou em tisana de maçã que é o melhor meio de disfarçar o gosto picante do xarope.⁶³⁶ (grifos no original)

Também os reclames de remédios publicados nos periódicos seriam fartos no concernente aos elogios ao sabor das substâncias curativas. No jornal *Gazeta do Norte*, edição de 19 de dezembro de 1887, anunciava-se o Xarope de Quina e Ferro, um medicamento reconstituente de “côr límpida e sabor agradável”.⁶³⁷ Em *O Libertador* do dia 7 de setembro de 1890, a propaganda da afamada Emulsão de Scott, que curava múltiplas moléstias, dizia ser essa substância “uma elegante mistura na forma de creme, quasi tão agradável ao paladar como o leite”.⁶³⁸ Neste mesmo número, o anúncio do Vinho Aroud de Quina, prescrito contra anemias e outras debilidades, dizia que o medicamento era “Excessivamente agradável ao palladar”.⁶³⁹ No *Jornal do Ceará*, edição de 18 de setembro de 1907, havia a seguinte propaganda: “Xarope de iodureto de potassio e cascas de laranjas amargas – do Pharmaceutico Rodolpho Theophilo. Este xarope feito com as cascas de laranjas amargas frescas é de um perfume suave e sabor tão agradável que disfarça por completo o gosto máo do iodureto de potassio”.⁶⁴⁰ Nesta mesma edição, figurava o reclame dos Pós Vermifugos: “Efficazes para a extinção completa dos vermes nas creanças. Oh! mães extremosas, não vacileis no emprego deste

⁶³⁶ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 1. 6. ed. Pariz: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. 236.

⁶³⁷ *Gazeta do Norte*, 19 dez. 1887, p. 4.

⁶³⁸ *O Libertador*, 07 set. 1890, p. 1.

⁶³⁹ *O Libertador*, 07 set. 1890, p. 4.

⁶⁴⁰ *Jornal do Ceará*, 18 set. 1907, p. 4.

maravilhoso específico, agradável ao paladar, sem consequências perigosas, não exigindo purgante nem dieta nem resguardo”.⁶⁴¹ Em 15 de agosto de 1928, o jornal *O Nordeste*, trazia o reclame do Helmitol, comprimidos da Bayer para a febre a partir dos quais se preparava “deliciosa limonada”.⁶⁴² No mês seguinte, o mesmo periódico anunciava, também do laboratório alemão, a Candiolina, remédio para os distúrbios de memória que “apresenta-se sob a fôrma de deliciosos bombons de chocolate, faceis de serem trazidos no bolso para serem tomados ao numero de 3 ou 4 por dia”.⁶⁴³

Além do mais, outros atributos vinham associar-se ao gosto bom dos remédios. Aos deleites do sabor e, por tabela, àqueles do odor, poderiam integrar-se os regalos para visão. As preocupações com a cor dos preparados, como ocorria com o Xarope de Quina e Ferro acima citado, se repetia no *Diccionario de Medicina Popular* do Dr. Chernoviz, para quem amenizar o processo do consumo dos remédios poderia significar também tornar afável sua aparência. Assim, instruindo sobre o preparo do Elixir de Gaurus, o médico polonês acrescentava: “Ajunta-se ordinariamente ao elixir uma quantidade sufficiente de tintura de açafão, para lhe dar uma côr amarella agradável”.⁶⁴⁴

Assim, além dos afagos aos sentidos, esses remédios, em especial a *Candiolina* da Bayer, atualizavam os pactos com a aceleração, com possibilidades de um consumo não somente de efeito rápido, mas realizável em qualquer circunstância. Contrariamente aos expedientes que exigiam rituais específicos, como a garantia da fresquidão de determinados ingredientes, as atenções a luas novas ou plenas, a espera pela sexta-feira etc., indicando “que a hora do remédio estava coagida, em geral, a ser uma experiência vivida em casa e não quando se está ‘em trânsito’”,⁶⁴⁵ a *Candiolina*, por intermédio do gosto bom e da portabilidade tornada possível pelos investimentos em embalagens resistentes e funcionais, infunde outras espessuras temporais, mais autônomas, discretas e céleres, expandindo também os lugares suscetíveis de sediar a produção da cura, então com foros de banalidade.

⁶⁴¹ **Jornal do Ceará**, 18 set. 1907, p. 3.

⁶⁴² **O Nordeste**, 15 ago. 1928, p. 7

⁶⁴³ **O Nordeste**, 06 set. 1928, p. 7.

⁶⁴⁴ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 2. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 79.

⁶⁴⁵ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Propaganda e História: antigos problemas, novas questões. **Projeto História**. São Paulo, n. 14, fev. 1997, p. 102.

Porém, essa transição dos remédios em sua associação com o sofrimento rumo a um consumo sem maiores incômodos, com possibilidades de rapidez, praticidade e bom gosto, não se daria de forma automática, definitiva ou ainda de uma vez por todas. Uma polêmica ocorrida no interior de um estabelecimento farmacêutico na capital cearense, retratada no romance *A Afilhada*, de 1889, auxilia a melhor compreender esse processo:

Nestas ocasiões o desembargador levantava a questão de ser necessário ou não o luxo dos remédios. O boticário acabava a contenda por dizer-lhe uma aspereza. O oficial achava que sim, que era preciso iludir os delicados sentidos de uma moça, disfarçar a brutalidade do medicamento puro, enganar como se faz aos bebês. E então o boticário, curvado no seu paletó de seda cor de palha, continuava a triturar, no almofariz, e batendo o pé em sinal de apoio, dizia encolhendo os ombros:

- A mulher é criança toda a vida, Senhor desembargador.⁶⁴⁶

Com efeito, em fins dos oitocentos, colocar a questão sobre os incômodos que acompanhavam os remédios já dizia da possibilidade, em termos de recursos científicos, de vencê-los. Por outro lado, uma cabal disponibilidade em abrir mão dos sofrimentos trazidos pelo processo de cura não se confirmava, inclusive pelos homens com alguma intimidade com a ciência, como era o caso do farmacêutico do trecho acima. Por sua vez, o desembargador Osório, mesmo sendo a favor de remédios menos drásticos, não deixava de associá-los a um luxo, conceito que congrega atributos ligados ao excesso e ao prescindível, ou melhor, ao supérfluo. Nesse sentido, sobretudo em fins do século XIX, no concernente aos remédios, a sedução diante do que era visto como supérfluo muito possivelmente levaria algum tempo para transformar-se em necessidade e, assim, atingir o estatuto de natural comodidade.⁶⁴⁷ Nessa travessia, haveria que suplantar o ainda considerável peso das dores.

5.3. De corpo e alma

Dos remédios tratados até o momento – aqueles contra as dores, aqueles sem dores e aqueles com algum prazer –, pode-se ter a impressão de que se atrelavam a uma

⁶⁴⁶ PAIVA, Oliveira. *A Afilhada* [1889]. In: Idem. **Obra Completa**; introdução e pesquisa bibliográfica, Rolando Morel Pinto. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993, p. 189-190.

⁶⁴⁷ Conferir: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. História do conforto na cidade de São Paulo. **Anos 90**. Porto Alegre, n. 4, dez. 2000, p. 162-168.

experiência exclusivamente física do sofrimento. Ocorria, todavia, que podia doer o corpo, como podia doer a alma. Para certas tradições médicas, aliás, era pela vivência da dor que o corpo e a alma poderiam mais diretamente se encontrar. Esse encontro, concluía-se, passava necessariamente pelos nervos, então sede corpórea das aflições.

Adepto do vitalismo, corrente médica em voga ao longo do século XVIII, Francisco de Melo Franco se contrapunha à visão cartesiana que enxergava o corpo humano como uma engrenagem predominantemente mecânica. Para o autor de *Medicina Teológica*, algo deveria mobilizar essa máquina. Esse algo era a alma. O corpo e a alma, portanto, estariam em íntimo conluio. Ademais, entrelaçar-se-iam de maneira mais direta em função dos nervos. Nas palavras do autor,

São as paixões humanas hum producto da sensibilidade, e movimento de seus nervos; se o homem não tivera nervos não haveria comunicação entre sua alma, e seu corpo; faltaria um sensorio commum, não chegariaõ as impressões exteriores até o espirito, nem os movimentos do espirito abalariaõ parte alguma do corpo; mas porque o homem he formado de nervos, que são outros tantos vasos delicados cheios de hum succo subtil, ethereo, e elástico, e que com este succo subtil está sua alma ligada, segue-se que toda a mudança que se occasionar em alguma destas substancias produzirá ao mesmo tempo em todas ellas sua mudança respectiva.⁶⁴⁸

Como se observa, os entrelaçamentos nervosos da alma e do corpo não ocorreriam sem a interferência das coisas que se passavam no mundo, das impressões exteriores. Dito de outro modo, o homem aparecia como criatura minimamente sensível; de forma que, pelo movimento de seus nervos, regulavam-se, no contínuo enredamento do corpo e da alma, os estímulos do derredor. Francisco de Melo Franco explica que essa regulação poderia desandar, conhecer caminhos viciosos traçados pela eclosão das paixões ou moléstias nervosas, dentre as quais se distinguiam o amor, a bebedice, a saudade ou nostalgia, os prazeres venéreos (ninfomania para as mulheres; satyriazes para os homens) e a cólera. A sentença não poderia ser mais clara: “Hum grande amor, huma grande saudade, huma grande colera, e huma grande bebedice occasionaráõ sempre symptomas nervosos os mais funestos, e horriveis. As Convulsões, a

⁶⁴⁸ FRANCO, Francisco de Melo. **Medicina Teológica** [1794]. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008, p. 34.

Cathalepsia, o Tetano, as Syncope, a Phtisica, mil enfermidades, e ainda a morte são seus efeitos mais ordinarios”.⁶⁴⁹

Todas estas doenças da paixão eram tanto mais perigosas porque desvirtuavam a alma de sua vocação primeira, que era a vocação religiosa – como insinuado em trecho anterior, pela natureza etérea da conformação nervosa. De forma que a alma, uma vez maculada pelos pecados do corpo, deveria, por meio dos remédios de penitência, retomar os caminhos da devoção. Não era à toa, portanto, que Francisco de Melo Franco fazia coincidir o médico e o padre confessor. Nessa conformação, a alma era essa instância que oscilava entre a terra e o céu, seu desenho ideal parecendo ser o de uma verticalidade que apontaria sempre para o alto, *religando*, particularmente pela via dos padecimentos corporais, os homens a Deus.⁶⁵⁰

Na segunda metade do século XIX, o *Diccionario de Medicina Popular* atualizaria, embora em outras bases, as relações entre os sofrimentos da alma e aqueles do corpo pela via dos nervos. Também aqui os múltiplos estímulos do mundo poderiam desencadear as paixões, desta feita produzindo estados da alma dominados pelo amor, mas igualmente pelo orgulho, pelo ódio, pelo medo, pela ambição, pela altivez etc. Estas paixões, levando a uma excitação exacerbada dos nervos, “desenvolvem muito a sensibilidade, e os individuos mui sensiveis não são, como se sabe, os mais felizes”.⁶⁵¹ Nem felizes, nem saudáveis, pois a flama passional, fazendo sofrer o corpo e a alma, rapidamente poderia evoluir para uma moléstia nervosa, também denominada de nevrose. Doenças cujos riscos não mais residiam nas conexões dos homens com a eternidade, mas, por conta dos desgovernos que provocavam no indivíduo, trariam consequências em seu emergente compromisso de edificar o tempo na terra.

O excesso das “paixões tristes da alma”,⁶⁵² esse desgoverno de si na forma das moléstias nervosas ou nevroses, não era pauta exclusiva do *Diccionario de Medicina Popular* do Dr. Chernoviz. Começava a aparecer também em outros registros, como a

⁶⁴⁹ FRANCO, Francisco de Melo. **Medicina Teológica** [1794]. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008, p. 35.

⁶⁵⁰ *Religio* pode derivar de “*religare*, o que liga e une o humano e o divino”. AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 66.

⁶⁵¹ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 2. 6. ed. Pariz: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. 155.

⁶⁵² *Ibidem*, p. 96.

prosa irônica de Oliveira Paiva, datada de 1889. Diante das mudanças bruscas de humor de Dona Fabiana, principia o seguinte diálogo entre seu marido, Osório, e o sobrinho Vicente:

- Ela não era assim – dizia o marido. Receio que venha dar em alienação!
 - Qual!
 - Está emagrecendo...
 - Muito pouquinho. São fatalidades da carne. Pode ser que seja a morte que comece a brocar o seu roçado. Se assim é, não há tolher. Já fê-la examinar por médicos?
 - Ela mesma os chama. Quando lhe dá na mania queixa-se de quanta moléstia há no mundo!
 - E o que dizem?
 - Receitam, e não fazem diagnóstico positivo. Também eu não tenho dado cavaco.
 - Já sei, é vítima do grande mal do século.
 - Hein?
 - Da nevrose.
- Aqui ao desembargador subiu-lhe sangue às orelhas, e dando um passo para trás, largou um prolongado:
- Com efeito!...
- O moço ficou como se houvera dito uma grande asneira.
- Pois seu Centu, você entoa com essa troça das outras terras, sem mais aquela?...
 - Está dito. Minha tia é vítima de nevrose, o grande mal do século.
 - Prá que vocês hão de ser embusteiros! Seo Cento, o grande mal do século é a Cavilação. Fabiana é uma grandíssima cavilosa, como quase todas as mulheres educadas com quindingles. Se receio pelo juízo dela, é porque seu bisavô morreu doido, e você bem sabe disso...

Vindo de outros recantos do país, o sobrinho Vicente chegara cheio de inovações que, ao que tudo indica, não eram necessariamente alvos das maiores confianças pelos seus interlocutores. Uma delas, a nevrose, aparecia aos olhos do desembargador Osório como um despropósito, sobretudo por insuflar gravidades a algumas condutas que julgava não contê-las tanto. Porém, homem fascinado pelas novidades que era, não demoraria muito para adotar o vocábulo, pouco importando se o sentido fosse enviesado. Páginas depois, na sequência de mais uma oscilação de humor da esposa, o desembargador pensa em voz alta: “[Fabiana] Não tem nada, é uma *nevrose*! Vamos ver em que isto pára”.⁶⁵⁴ Os grifos em itálico são originais, depondo pelo destaque que

⁶⁵³ PAIVA, Oliveira. A Afilhada [1889]. In: Idem. **Obra Completa**; introdução e pesquisa bibliográfica, Rolando Morel Pinto. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993, p. 225.

⁶⁵⁴ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 2. 6. ed. Pariz: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. 258.

Oliveira Paiva queria imprimir ao uso desvirtuado da palavra que finalmente não a tomava no tom sério ou severo com o qual fora apresentada ao personagem. De toda forma, as ideias em torno das nevroses pareceram circular minimamente entre esferas médicas e não médicas de algumas cidades brasileiras.

Fruto de arroubos passionais, as nevroses expressavam um sofrimento que não era, ao menos em seu início, obrigatoriamente localizável fisicamente: “Entre os indivíduos atacados de molestias nervosas encontram-se os que são chamados, talvez sem razão, doentes ‘imaginarios’, ‘scismaticos’, visto que por serem seus soffrimentos puramente moraes, nem por isso deixam de existir”.⁶⁵⁵ Em geral, porém, as paixões da alma se embasavam na “relação entre o físico e o moral, no vínculo existente entre a vida orgânica, a vida social e a atividade mental”,⁶⁵⁶ e assim, não raras vezes, descambavam para sintomas orgânicos severos, produzindo configurações mórbidas como ataque de nervos, histeria ou histerismo, asma, câibra no estômago, cólica nervosa, convulsões, enxaqueca, epilepsia ou gota coral, hipocondria, melancolia, apoplexia e muitas outras.

Seguindo o raciocínio do Dr. Chernoviz, entrelaçando as dores da alma com as dores do corpo, as nevroses atualizavam a participação dos nervos nessas conexões. Assim, centros corpóreos dos sofrimentos, os filamentos nervosos deveriam ser os alvos das terapêuticas não apenas nos casos das nevralgias, mas igualmente naqueles das nevroses; tratamentos que deveriam ocorrer majoritariamente através de remédios que visavam amortecer os sofrimentos, e não, como queria o vitalismo de *Medicina Teológica*, exaltá-los. Entravam em cena, mais uma vez, os calmantes e seus extensos formulários cujos componentes oscilavam entre *Laudano de Sydenham*, meimendro, beladona, bálsamo tranquilo, tintura de ópio, cânfora, cabeças de dormideira, cloridrato de morfina etc. Ao lado deles, havia ainda os medicamentos anunciados às pencas nos jornais de ampla circulação das capitais. Assim, o jornal *Gazeta do Norte*, do dia 19 de dezembro de 1887, trazia o reclame da *Solução Antinervosa de Laroyenne*, acompanhada das indicações do medicamento e ainda da imagem de um sujeito em convulsão. Indiciava, portanto, que mesmo combatendo os sofrimentos, os remédios

⁶⁵⁵ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 2. 6. ed. Pariz: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. 486.

⁶⁵⁶ CORBIN, Alain. O segredo do indivíduo. In: PERROT, Michelle (Dir.). **História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 438.

não se furtavam a figurar as dores.⁶⁵⁷ Além do mais, no caso particular nas nevroses, moléstias de reduzido conhecimento em algumas conformações culturais, as ilustrações contribuía para a constituição dos traços que fundavam tais entidades mórbidas:



Figura 26. Anúncio da *Solução Antinervosa de Laroyenne* (*Gazeta do Norte*, 19 dez. 1887).

Em 7 de janeiro de 1890, *O Libertador* estampava a propaganda do *Vinho de Bellini*, um “vinho fortificante, tonico, febrifugo, antinervoso, cura as Affecções escrofulosas, Febres, Nevroses, Cores Palidas, Irregularidades e Empobrecimento do Sangue etc.” No mesmo periódico, anunciavam-se as *Grageas Gelineal*, que prometiam “Cura certa da Chorea, da Hysteria, das Convulsões, do Nervosismo, da Agitação nervosa das mulheres no momento da menstruação e da Epilepsia”.⁶⁵⁸ No *Jornal do Ceará*, de 18 de janeiro de 1907, havia o reclame do *Nervino Theophilo*, preparado pelo

⁶⁵⁷ “Pois, na propaganda de outrora, não havia uma preocupação muito clara em esconder o sofrimento, a dor e os problemas causados por uma série de doenças. Ao contrário, encontramos, frequentemente, a longa descrição de moléstias que convocavam sofrimentos infernais, a ilustração de corpos disformes, de feridas, tumores, ou, ainda, a presença de testemunhos de homens e mulheres que, através de cartas, enumeravam todas as doenças que um mesmo remédio era capaz de curar”. SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Propaganda e História: antigos problemas, novas questões. **Projeto História**. São Paulo, n. 14, fev. 1997, p. 102-103.

⁶⁵⁸ *O Libertador*, 07 jan. 1890, p. 1.

afamado farmacêutico cearense Rodolfo Teófilo, e comercializado na Farmácia Pontes, em Fortaleza; sobre ele se escrevia:

É este um bom remedio para as molestias nervosas. Na propria epilepsia, de todas a mais terrivel, é de um effeito maravilhoso. Cura algumas vezes, porem sempre espaça os ataques e os modera. Conhecemos epilepticos curados com o *Nervino-Theophilo*, e outros que tinham ataques todas as semanas e depois do uso quotidiano do *Nervino* passaram a ter suas crises de seis em seis mezes. Nas palpitações nervosas do coração, nas colicas durante a menstruação, nas insomnias, na falta de respiração é de um effeito pronto.⁶⁵⁹

Também ao longo dos anos 1920 e 1930, os reclames dos medicamentos contra as dores do corpo e da alma continuavam. No jornal *O Nordeste*, edição de 4 de setembro de 1928, figurava o reclame do *Kolatol*, “O mais poderoso de todos os fortificantes Empregado nos casos de insomnia, debilidade nervosa e anemia”.⁶⁶⁰ E o *Album de Fortaleza*, de 1931, propagandeava o *Hacomalt*, “P/ os nervosos e fracos”.⁶⁶¹ Nesse período, já é possível flagrar, em especial quando eram as propagandas dos remédios fabricados pela Bayer, não apenas as narrativas dos sofrimentos, mas também aquelas que preconizavam a felicidade. O jornal *O Nordeste*, em 11 de agosto de 1928, veiculava o anúncio da *Adalina*, comprimidos produzidos pelo laboratório alemão; nele se lia: “Quem se sente nervoso, excitado e fatigado? Os comprimidos Bayer de Adalina proporcionarão um somno são e profundo, garantindo ao despertar, novas energias e nova alegria de viver”.⁶⁶² Na edição do dia seguinte, tinha-se a propaganda do *Tonofosfan*, também da Bayer, indicado para quem tem “fortes preocupações, acompanhadas de grande perda de phosphatos. Os nervos tornaõ-se tensos e irritados, sobrevindo depauperamento geral do organismo”, e continuava afirmando que a principal virtude do medicamento era “estimular e tonificar o organismo em geral, fazendo com que o individuo volte a ver tudo cõr de rosa, tornando-se alegre e satisfeito”.⁶⁶³

Os remédios anunciados para o combate dos sofrimentos do corpo e da alma traçavam e retraçavam as fronteiras e distinções entre essas duas instâncias, findando por produzir diversas espécies de dores. Nelas, os alívios derivariam de um trabalho que

⁶⁵⁹ *Jornal do Ceará*, 18 jan. 1907, p. 4.

⁶⁶⁰ *O Nordeste*, 04 set. 1928, p. 7.

⁶⁶¹ *Album de Fortaleza*, 1931, s/p.

⁶⁶² *O Nordeste*, 11 ago. 1928, p. 5.

⁶⁶³ *O Nordeste*, 12 ago. 1928, p. 5.

passava a se concentrar nas escolhas individuais. Passava a contar para essa constituição do indivíduo, mais do que seus rituais cósmicos, suas capacidades de aceleração.

5.4. As dores do indivíduo

De uma maneira geral, pode-se afirmar que, em diversas tradições médicas, os combates às moléstias decorrentes das paixões da alma visaram fazer vencer certas experiências do tempo. Para o vitalismo setecentista de Francisco de Melo Franco, as doenças do amor, reunindo os pecados do corpo e do espírito, distanciavam o homem de Deus, exigindo um encaminhamento terapêutico na forma de remédios que, fazendo sofrer, reconduziriam a alma às alamedas do tempo de espessura eterna.

Por sua vez, para o *Diccionario de Medicina Popular*, o amor revestia-se de outros perigos, não tanto celestes quanto terrenos. Acompanhe-se, nesse sentido, como o Dr. Chernoviz descreve os sintomas dessa paixão triste da alma:

Com effeito, nos amantes e nos monomaniacos observa-se isto de commum: despreção ou aborrecem seus hábitos, suas occupações, seus deveres; são absorvidos, distrahidos, indifferentes a tudo que os cerca; encontram-se frequentemente sós e mergulhados em profundas meditações, donde parecem sahir como de um somno quando se chama por elles; tudo o que os arranca á sua soledade e ás suas preoccupações os molesta ou importuna; singularidade de character, costumes, feições estranhas, espantão logo as pessoas que tem o costume de vê-los. Neste estado moral observa-se destas duas causas uma, ou discursos continuos sobre o mesmo assumpto, ou uma taciturnidade insolita. Ao mesmo tempo diminue ou foge o somno, perde-se o appetite, emmagrece o corpo; o entorpecimento, a preguiça de se mover succede á agilidade; as faculdades mentaes, principalmente a memoria e a attenção, diminuem de uma maneira sensível.⁶⁶⁴

O doente de amor experienciaria um tempo muito particular. Em geral absorto com a novidade que vive, faz desta a sua inadiável prioridade e desobriga-se facilmente de seus compromissos, afazeres e responsabilidades. Não raras vezes, não demora a tomar a figura da indiferença, da distração, da lentidão, da preguiça; “elle se esquece do

⁶⁶⁴ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 1. 6. ed. Pariz: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. 91-92.

universo, não cuida da fortuna só se ocupa em sentir”.⁶⁶⁵ Numa espécie de mística dos sentidos, assume uma outra presença, mais profunda, mais complexa e esfíngica; uma presença, todavia, que não se mede mais pelas distâncias ou proximidades de Deus. Mas, que se avalia tendo por referência as exigências fomentadas por um valor em plena ascensão no século XIX, o do progresso. Ao longo dos oitocentos, a perspectiva do progresso passa a embasar paulatinamente a vida dos homens. Estes, mediante o trabalho físico e intelectual, realizavam a crença de que produziriam eles mesmos o tempo; ou melhor, esse tempo por excelência, que passaria a ser o futuro. Koselleck explica que “o *profectus* espiritual foi substituído por um *progressus* mundano. O objetivo de uma perfeição possível, que antes só podia ser alcançado no além, foi posto a serviço de um melhoramento da existência terrena, que permitiu que a doutrina dos últimos fins fosse ultrapassada, assumindo-se o risco de um futuro aberto”.⁶⁶⁶ As inquietações, desse modo, se organizavam em torno das condições dessa fabricação temporal futurista; condições que deveriam reunir o encadeamento dos atributos da racionalidade, da acumulação e da aceleração. Em nome do progresso, os excessos dos sofrimentos e dos prazeres provocados pelo amor que vibra o corpo e a alma não seriam mais tolerados; patologizados, eles deveriam ter seus remédios.

O Dr. Chernoviz instrui que os remédios para as dores da alma, entre as quais as paixões e os amores, compreendiam diversas práticas, além do consumo de substâncias calmantes que operavam diretamente sobre o organismo depauperado – cozimento de plantas, preparados produzidos nas farmácias e ainda medicamentos importados vendidos em vários estabelecimentos. Quando da eclosão mórbida do amor, recomendava:

Importa, por conseguinte, a cada um, para seu bem-estar pessoal, fugir á sua tyrannia, fazendo-se senhor de si e fortificando sufficientemente sua razão afim de que ella possa sempre conter o sentimento que tendesse á exageração. Sem querer despir a alma da liberdade moral que constitue a sua mais bella prerogativa, é ás vezes util ajuda-la obrando directamente sobre o corpo.⁶⁶⁷

⁶⁶⁵ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 6. ed. Pariz: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. 159.

⁶⁶⁶ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto Editora PUC-Rio, 2006, p. 316.

⁶⁶⁷ Ibidem, p. 156.

Ao contrário do preconizado por Francisco de Melo Franco, para quem as paixões ou moléstias nervosas deveriam ser acompanhadas pelo confessor transformado em médico, para o Dr. Chernoviz, uma primeira avaliação destes estados da alma deve partir do próprio indivíduo, guiado pelos ditames da razão. Seguindo as reflexões de Alain Corbin, podem-se ver nessas recomendações os traços da constituição do sentimento de identidade individual. Nelas, “O desejo de esclarecimento interior, combinado com o temor do desperdício, suscita aqui uma prática que não subentende nenhum diálogo com o Criador. É em função do olhar sobre si mesmo, e dos olhares dos outros e do mundo, que se estrutura um exame permanente, obcecante”.⁶⁶⁸ Por corolário, a alma que então se esboça não mais diz respeito a uma conexão essencialmente religiosa; diversamente de uma verticalidade que aponta para cima, mirando o céu, desenham-se aqui os traços de uma profundidade que aponta para dentro, convocando os homens a um trabalho em termos de subjetividade. Nesse esquema, a alma seria instância interior que, concentrando um número infinito de sentimentos, impressões e sensações, sofreria as contenções de uma razão que idealmente findaria por encorajar o homem a *ligar-se* a si mesmo, a fazer-se senhor de si, e não mais, ao menos completamente, servo de Deus.

Pela via das doenças e dos remédios, vislumbram-se as relações entre os indivíduos e uma experiência moderna do tempo, marcada pelo progresso e pela aceleração. Nessa configuração, os investimentos sobre o amor e as demais paixões da alma integravam uma inusitada interrogação sobre si, num diálogo interior que vasculhava sentimentos, sensações e desejos. Deste relatório do indivíduo, algumas providências poderiam ser tomadas, seja o consumo de calmantes, seja a observância ou censura de algumas práticas, como aquelas relativas à leitura.

No século XVIII, Francisco de Melo Franco inventariava entre os remédios a serem prescritos para as doenças do amor, principalmente para aquelas caracterizadas pelos excessos dos prazeres, além das ervas amargas, a realização de “algum exercício penoso, como raxar lenha, cavar com huma enxada, viajar a pé, dormir em

⁶⁶⁸ CORBIN, Alain. O segredo do indivíduo. In: PERROT, Michelle (Dir.). **História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 457.

taboa dura, banhar-se em agua fria, ler livros Santos, orar de joelhos, &c”.⁶⁶⁹ Nesse universo, a leitura dos livros religiosos integraria os remédios que, transfigurados em penitências, deveriam fazer curar pelo sofrimento. Esboça-se uma prática de leitura que, geralmente caracterizada pela repetição, amortecia as paixões e seus excessos por uma aflição supostamente penosa e tediosa dos sentidos que tinha por horizonte merecimento da vida eterna. No entanto, no livro *Medicina Teológica*, além dos livros que remediavam, havia igualmente aqueles que envenenavam. Estes últimos, invertendo a lógica da cura, provocariam os prazeres, acendiam as paixões e animavam os amores; realizariam a transposição do tempo do céu para o tempo perigoso da carne. Francisco de Melo Franco os menciona por ocasião da explanação sobre a satíriase:

O Satyriazes he o ultimo gráo da lascivia dos homens, que adoeendo pelos estímulos de Venus appetecem com nimiedade todos os seus prazeres, sentindo não só aquelles movimentos da virilidade, que mostraõ a existencia da vida do corpo, mas tambem aquelles furores que os confundem com o estro dos animaes naquelles mezes do anno, em que se applicaõ á producção da sua especie. Esta enfermidade he propria da gente moça, que ha chegado á puberdade, não só com vigor, e saude, mas tambem com huma vida deliciosa passada na ociosidade, e boa mesa, sem outro cuidado que a da lição dos Romances do amor, e seu exercicio.⁶⁷⁰

Também o *Diccionario de Medicina Popular* discorria sobre os livros. Relembrando que o amor era a mais violenta das paixões, necessário seria ter em conta “os meios de manter este sentimento em justos limites”.⁶⁷¹ Um desses meios era o esquivar-se de algumas leituras, especialmente dos romances. Assim, escrevia do amor entre os muito jovens que, “Logo que fôr conhecido, a experiencia e a sabedoria dos pais não desprezarão cousa nenhuma para dirigi-lo ou annulla-lo. Primeiramente prohibir a leitura dos romances! elles alimentarião o fogo que se receia”.⁶⁷² Os cuidados com as moças deveriam ser redobrados, considerando-se que “Nesta época da vida, a

⁶⁶⁹ FRANCO, Francisco de Melo. *Medicina Teológica* [1794]. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008, p. 71.

⁶⁷⁰ Ibidem, p. 57.

⁶⁷¹ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. v. 1. 2. 6. ed. Pariz: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, p. 89.

⁶⁷² Ibidem, p. 91.

leitura dos romances é extremamente perigosa. A moça que lê romances aos onze annos terá ataques de nervos aos vinte, disse Tissot”.⁶⁷³

As ameaças trazidas pelos romances atrelam-se aos estilos de leitura que encetariam. Enquanto os livros de fundo sagrado, como aqueles de santos, o *Lunário Perpétuo* e, em certa medida, os *Chernoviz*, pareciam abraçar uma figura da leitura dita intensiva, que se realizava sobre um número reduzido de livros que reproduziam os mesmos textos, as mesmas formas ao longo de gerações, acionados privilegiadamente em circunstâncias religiosas com a marca do coletivo, os romances tenderiam a se inserir numa maneira extensiva de lidar com o impresso. Nesse caso, segundo Roger Chartier, a leitura se operava “em uma relação de intimidade, silenciosa e individualmente. É, também, leitura laicizada, porque as ocasiões de ler se emancipam das celebrações religiosas, eclesiásticas ou familiares”.⁶⁷⁴ Porque “emocionavam os sentidos e excitavam as imaginações”,⁶⁷⁵ os romances participavam das marcas do indivíduo.⁶⁷⁶ Não obstante, pactuando com as paixões e os prazeres do amor, punham em risco a saúde dos corpos e das almas.

Este julgamento médico levava a atitudes de reserva e de segredo a envolver as práticas de leitura destes livros. Observe-se como Adolfo Caminha narra o proceder de sua protagonista Maria do Carmo, quando de seus encontros com *O Primo Basílio*, no fim do século XIX:

Depois que saíra da *Imaculada Conceição* a vida não lhe era de todo má. Ora estava no piano, ensaiando trechos de música em voga, ora saía a passear com a Lúcia Campelo, de quem era muito amiga, amiga de escola, ora lia romances... Ultimamente a Lúcia dera-lhe a ler *O Primo Basílio*, recomendando muito cuidado “que era um livro obscuro”: lesse escondido e havia de gostar muito.
[...]

⁶⁷³ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 3. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 37.

⁶⁷⁴ CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009, p. 86.

⁶⁷⁵ Ibidem, p. 90.

⁶⁷⁶ José Humberto Carneiro Pinheiro Filho infere que “Falar do indivíduo moderno, urbano, de sua intimidade, de sua experiência afetiva num circuito social mais complexo e variado definiu [...] os princípios e as condições desse tipo de prosa ficcional [o romance], a sua ‘ascensão’, seus requisitos para uma escrita realista, seu ‘realismo formal’”. PINHEIRO FILHO, José Humberto Carneiro. **Um lugar para o tempo dos letrados: leituras, leitores e a biblioteca provincial do Ceará na segunda metade do século XIX**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará, 2014, p. 87.

Uma noite o padrinho quase a surpreende no quarto, deitada, com o romance aberto, à luz de uma vela. Porque ela só lia *O Primo Basílio* à noite, no seu misterioso quartinho do meio da casa pegado à sala de jantar. Que regalo todas aquelas cenas da vida burguesa! Toda aquela complicada história do Paraíso!... A primeira entrevista de Basílio com Luísa causou-lhe uma sensação estranha, uma extraordinária superexcitação nervosa; sentiu como um formigamento nas pernas, titilações em certas partes do corpo, prurido no bico dos seios púberes; o coração batia-lhe apressado, uma nuvem atravessou-lhe os olhos... Terminou a leitura cansada, como se tivesse acabado um gozo infinito... E veio-lhe à mente o Zuza: se pudesse ter uma entrevista com o Zuza e fazer de Luísa...⁶⁷⁷

Embora por vias arriscadas, a leitura dos romances participava desta dinâmica “tendente a exaltar o indivíduo, a alimentar seu diálogo interior”.⁶⁷⁸ Estimulando o desenvolvimento de uma interioridade cujo desgoverno poderia implicar na eclosão de ataques nervosos, o romance o faria pelo engajamento num tempo acelerado que remetia à vida urbana.⁶⁷⁹ Nos espaços em vias de urbanização, o romance tomava parte nos “produtos constantemente renovados”,⁶⁸⁰ constituía “representação [...] que acontecia num fluxo temporal mais intenso, ‘minuto a minuto’”,⁶⁸¹ sugerindo práticas mais emancipadas dos ritmos que agregavam os homens ao mundo.

Para Francisco de Melo Franco, os riscos dos romances residiam na abertura de uma temporalização que, autonomizando os homens em suas escolhas e em seus prazeres, os distanciaria de Deus. Na perspectiva do Dr. Chernoviz, os perigos representados por esses livros tinham a ver também com um distanciamento, no entanto não mais do *profectus* espiritual, mas do *progressus* mundano, cuja aceleração deveria correr em boa ordem. Para tanto, seria necessário evitar os romances e também

⁶⁷⁷ CAMINHA, Adolfo. **A Normalista** [1893]. Fortaleza: ABC, 1997, p. 27-28.

⁶⁷⁸ CORBIN, Alain. O segredo do indivíduo. In: PERROT, Michelle (Dir.). **História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 453.

⁶⁷⁹ “A base psicológica do tipo metropolitano de individualidade consiste na *intensificação dos estímulos nervosos*, que resulta da alteração brusca e ininterrupta entre estímulos exteriores e interiores. [...] A metrópole extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações, uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai. Nesta, o ritmo da vida e do conjunto sensorial de imagens mentais flui mais lentamente, de modo mais habitual e mais uniforme”. SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, p. 12.

⁶⁸⁰ “A leitura nos lares burgueses também foi acelerada. A leitura repetida da Bíblia e dos clássicos foi substituída pelo consumo de produtos constantemente renovados, principalmente romances”. KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Rio de Janeiro: Contraponto PUC-Rio, 2014, p. 151.

⁶⁸¹ PINHEIRO FILHO, José Humberto Carneiro. **Um lugar para o tempo dos letrados: leituras, leitores e a biblioteca provincial do Ceará na segunda metade do século XIX**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará, 2014, p. 87.

consumir remédios específicos para as dores da alma advindas do amor e de outras paixões triste da alma.

O Dr. Chernoviz não negava que havia acontecimentos amorosos que poderiam ter um desenrolar saudável: “A união dos amantes, se as conveniências permitem, é o melhor remédio do amor”.⁶⁸² No entanto, pouco se dando aos imperativos do progresso, da acumulação e da aceleração, o amor raramente era remédio. Constantemente era considerado uma dolorosa doença, a ser combatida pelos indivíduos mediante escolhas a partir de um considerável espectro de calmantes à base de ópio, dormideira, morfina, valeriana, *Laudano de Sydenham* etc.

Desde a segunda metade do século XIX, para as dores do amor, como para tantos outros sofrimentos, alguns homens puderam se colocar a questão “se adianta tomar uma aspirina ou se bate na quina aquela dor”. No livro *A educação pela pedra e outros poemas*, dos meados dos anos 1960, período em que os calmantes do Dr. Chernoviz já haviam sido divididos em múltiplas castas, a mais célebre sendo a dos analgésicos, o poeta João Cabral de Mello Neto, atormentado por enxaquecas diárias, homenageava seu lenitivo:

Num monumento à aspirina

Claramente: o mais prático dos sóis,
o sol de um comprimido de aspirina:
de emprego fácil, portátil e barato,
compacto de sol na lápide sucinta.
Principalmente porque, sol artificial,
que nada limita a funcionar de dia,
que a noite não expulsa, cada noite,
sol imune às leis de meteorologia,
a toda hora em que se necessita dele
levanta e vem (sempre num claro dia):
acende, para secar a aniagem da alma,
quará-la, em linhos de um meio-dia.⁶⁸³

Na poesia de João Cabral de Mello Neto, a começar pelos predicados da praticidade e portabilidade da aspirina, flagram-se os pactos do remédio com a velocidade. Assim, há a possibilidade de um consumo pronto, alinhado ao instante da

⁶⁸² CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851, p. 92.

⁶⁸³ MELLO NETO, João Cabral de. **Educação pela pedra e outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 253.

deflagração do sofrimento, livre de certos constrangimentos dos espaços e dos tempos, “resultado de uma conquista individual, um trabalho que não tem hora nem lugar para começar e para acabar”.⁶⁸⁴ Dados os efeitos imediatos do remédio, percebe-se o encorajamento a uma aceleração dos trabalhos do corpo e da alma que deslizam entre o dia e a noite, fazendo pouco dos marcos temporais e meteorológicos que podem divisar o momento da labuta do momento do descanso. Ao fazer coincidir a aspirina a um sol artificial, o poeta evidencia a potência estelar não naquilo que tem de grandioso e oculto, mas no resplendor trazido por um pequeno comprimido, fruto do progresso da ciência e da técnica, que provê produtividade ao corpo e, sobretudo, à alma. Consideravelmente imune ao céu, o comprimido passa a ser o próprio sol, paradoxalmente portátil e ilimitado. Ascende-se uma claridade que, fazendo pouco de quaisquer atritos, se irmana com a celeridade. Desenha-se a imagem de uma considerável liberação do indivíduo e de um tempo condenado à vontade dos homens.

A esse resultado instantâneo, prometido pelo analgésico por excelência, a saber, a aspirina, se contrapõe o longínquo século XVIII, de onde Nuno Marquez Pereira advertia: “E assim quem estiver doente, e não tiver paciência, nem soffrimento, antes estiver como desesperado; a enfermidade deste he mais do diabo, que sua; pois o diabo tira o proveito della, sahindo com Vitoria na tentação da paciência”.⁶⁸⁵ Se a eternidade estava do lado de Deus, o imediato estava do lado do diabo, com quem os homens tiveram de fazer pactos para tentar criar o tempo e vivê-lo sem dor. No fim das contas, portanto, na aspirina de João Cabral de Mello Neto, não cabia a morosidade do tempo eterno, embasado na sentença de que “a virtude não se alcança de repente, mas pouco a pouco”,⁶⁸⁶ e sim, a faustosa construção acelerada do futuro. Tratava-se da criação das condições de possibilidade para a edificação eficiente e eficaz, célere e urgente do tempo vindouro – não mais a eternidade divina, mas o futuro dos homens, que estava na dependência do único e solitário intervalo, muitas vezes noturno, de tirar uma aspirina do bolso.

⁶⁸⁴ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014, p. 119.

⁶⁸⁵ PEREIRA, Nuno Marquez. **Compendio Narrativo do Peregrino da America**. Em que se tratam vários discursos espirituales, e Moraes, com muitas advertencias, e documentos contra os abusos, que se achão introduzidos pela malicia diabólica no Estado do Brasil. Lisboa: Off. de Antonio Vicente da Silva, 1760, p. 360.

⁶⁸⁶ Ibidem, p. 369.

Emerge uma experiência moderna do tempo que marca um significativo ponto de inflexão diante da compreensão segundo a qual os remédios deveriam ser praticados em referência aos astros, a Deus, aos feitiços e demais forças sagradas, tendo por base “rituais de interação entre o doente, a fé do doente e a natureza circundante, em um ritmo litúrgico que deveria ser necessariamente respeitado”.⁶⁸⁷ Para os devotos do Padre Cícero que lhe escreviam na solicitação de remédios, homens e mulheres que podiam ser também leitores e ouvintes, público e audiência, do *Lunário Perpétuo* e do *Diccionario de Medicina Popular* do Dr. Chernoviz, a saúde e a doença atrelam-se a “muitas configurações, como o pecado, o perdão ou o mistério do destino, mas o adoentado, no final das contas, não se percebe só em seu martírio. Se o fiel não atribui a si mesmo, de modo definitivo, o ônus e o bônus diante da doença é exatamente porque a fé reside mais nos poderes da natureza e menos na capacidade de escolha”.⁶⁸⁸

Paradoxalmente, viria, em alguma medida, desses dois livros, em certos textos e em certos usos que poderiam sugerir uma temporalização, o convite sedutor para o engajamento no progresso e na aceleração. A partir de então, as dores do mundo estariam dentro e fora do corpo. Sentindo o peso das dores que religavam os homens entre si e com o mundo, a gradual liberação dos corpos dos ritmos e rituais sagrados abria o caminho para o fardo das escolhas solitárias.

⁶⁸⁷ RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Papel Passado**: cartas entre os devotos e o Padre Cícero. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011, p. 156.

⁶⁸⁸ Ibidem, p. 153-154.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concentrado de letras, palavras e frases, o *Lunário Perpétuo* propunha um uso da escritura para ensinar a fabricar e a consumir remédios. O livro perpétuo apresentava uma multiplicidade de práticas remediadoras enredadas em narrativas astrais, exemplares, fabulosas, bíblicas e hagiográficas entre outras. Desses conteúdos, ganhava relevo um compromisso com o empírico e com o sagrado. As curas eram instituídas pelo seguimento de ritmos e rituais cotidianos, que se regiam por grandes tempos – as revoluções da lua e do sol, os dias santos e de celebrações religiosas, as estações do ano, as misteriosas marcações temporais dos feitiços e outras magias. No final das contas, o livro era não somente a representação desse universo de terapêuticas, como a ele se integrava intimamente. Enquanto artefato, o *Lunário* desfrutava dos prestígios do segredo e do sagrado imputados à palavra escrita. Dessa forma, não apenas informaria, mas participaria diretamente, junto com plantas, amuletos, produtos de farmácia, bichos, astros, cores, excrementos, minerais, das liturgias cósmicas engajadas em sanar os males do corpo.

Por seu turno, o *Diccionario de Medicina Popular* era claramente inspirado no paradigma clínico. Abraçava o compromisso de instruir sobre a saúde e a doença por intermédio de uma leitura naturalista do mundo. A forma dicionário adequava-se às operações de instituir uma palavra para cada coisa, uma denominação para cada objeto, então definido em sua estabilidade no correr do tempo e do espaço. Doenças e remédios, estes últimos feitos predominantemente de plantas e substâncias químicas, possuiriam uma delimitação mais isolada, com participação discreta ou silenciada nas prosas do mundo. Os movimentos que os envolviam eram, de um lado, aqueles da ordem do progresso da ciência, que acumulava sobre eles dados, informações e invenções. E, de outro, aqueles de seus consumos mezinhas, que se faziam cada vez mais independentes dos tempos cósmicos, sugerindo ritmos mais acelerados.

A complicação do universo da cura traçado por esses dois livros não reside apenas no fato de terem sido contemporâneos, de terem circulado e terem feito circular lógicas remediadoras sensivelmente díspares no mesmo intervalo cronológico – a

segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Afora este fato, o *Lunário Perpétuo* e o *Diccionario de Medicina Popular*, assim como seus remédios privilegiados, ressoaram um nas páginas do outro.

Da mesma forma como o livro perpétuo se rendia à sedução do progresso, apresentando, em edição do final dos anos 1920, algumas divisões entre antigos e modernos, elogiando o tempo veloz dos homens de ciência e, dentre eles, mencionando e compilando o próprio Dr. Chernoviz, este último não conseguiu fugir dos ritmos mais dilatados nos quais se enrolavam e desenrolavam as prosas curativas do mundo. No discreto detalhe das terapêuticas à base de plantas, na rápida menção dos humores, na rendição a expedientes de cura, como a urina, que apenas a experiência e a tradição asseguravam, e ainda nos dispositivos narrativos na forma de exemplos, máximas, narrativas hagiográficas e recursos a *auctoritas*, o *Diccionario de Medicina Popular* relativizava o triunfo do progresso. Adentrar nas sendas dos tempos sagrados, aliás, pareceu ter sido uma condição para a celebridade que o calhamaço do Dr. Chernoviz alcançou, especialmente em regiões de vocação rural. Nelas, as reputações de livros e remédios eram tanto mais positivas, quanto demonstrassem certa “consanguinidade com o mistério das coisas”.⁶⁸⁹

Em todo caso, agrava-se a complicação do tempo. Afirmar que conteúdos tão díspares, e, principalmente, relativos às formas de experienciar o tempo, tivessem compartilhado o mesmo intervalo, os mesmos objetos e os mesmos homens nem sempre é fácil de aceitar. Pode vir pronta a acusação de anacronismo. Jacques Rancière argumenta que o anacronismo, longe de uma pecha, pode constituir uma vantagem, uma solução que garante um estatuto de verdade ao discurso histórico. Se a escrita da história não deve sucumbir à ilusão do tempo único, coincidente a si mesmo, as anacronias são bem-vindas:

Não existe anacronismo. Mas existem modos de conexão que podemos chamar positivamente de anacronias: acontecimentos, noções, significações que tomam o tempo de frente para trás, que fazem circular sentido de uma maneira que escapa a toda contemporaneidade, a toda identidade do tempo com ‘ele mesmo’. Uma anacronia é uma palavra, um acontecimento, uma sequência significativa saídos do ‘seu’ tempo, dotados da capacidade de definir

⁶⁸⁹ Do poema *Passagem das Horas*. PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987, p. 276.

direcionamentos temporais inéditos, de garantir o salto ou a conexão de uma linha de temporalidade com uma outra.⁶⁹⁰

Nesse sentido, o interessante passa a ser o tomar nota de várias linhas de temporalidade simultâneas que, conflitando ou conciliando-se, produzem, não um tempo, mas uma pluralidade de experiências do tempo. Aceitando a sugestão de que o tempo percola, que se dobra,⁶⁹¹ podem-se flagrar estratos temporais distintos que se encontram em originais enredamentos. No caso dos remédios, entrelaçam-se a medicina humoral com seus ritmos astrais, as liturgias religiosas que flertam com a eternidade celeste, os progressos que prezam pela aceleração dos homens e alguns outros.

Nesse tempo “repleto de atualidades”,⁶⁹² a ideia da coexistência não mascara os movimentos de mudanças, ao contrário, possibilita a reflexão mais consequente, menos iludida com linearidades ou rupturas definitivas. Assim, se por um lado, deixa entrever as urdiduras de lógicas díspares, por outro lado, pode incutir maior nitidez quanto às diferenças, aos distintos receios e expectativas veiculados pelos estratos temporais.

Nesse sentido, a emergência da temporalização nas práticas de remediar, estimulando curas operadas pela escolha dos indivíduos e alinhadas com o paradigma da aceleração, constitui uma expressão de autonomia do indivíduo, de liberação do corpo das sujeições dos tempos cósmicos, com suas múltiplas variáveis, suas complicadas adequações. Mas também, implica em “lidar com os novos riscos, impasses e responsabilidades que essa liberdade provoca”.⁶⁹³ Assim, a possibilidade de consumir remédios, não importa quando e nem onde, vem também acompanhada de uma ininterrupta observação de si, numa “atenção diante das especificidades de cada sintoma, exigindo que cada um se responsabilize, cada vez mais, tanto pela interpretação dos males físicos como pela escolha do médico e do medicamento”.⁶⁹⁴

⁶⁹⁰ RANCIÈRE, Jacques. O conceito de anacronismo e a verdade do historiador. In: SALOMON, Marlon (Org.). **História, verdade e tempo**. Chapecó: Argos, 2011, p. 49.

⁶⁹¹ SERRES, Michel. **Luzes**: Cinco entrevistas com Bruno Latour. São Paulo: UNIMARCO, 1999, p. 80.

⁶⁹² BENJAMIN, Walter. Teses sobre filosofia da história. In: KOTHE, Flávio R. (Org.). **Walter Benjamin. Sociologia**. São Paulo: Ática, 1985, p. 161.

⁶⁹³ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpo, ética e cultura. In: BRUHNS, Heloisa Turini; GUTIERREZ, Gustavo Luis (Org.). **O corpo e o lúdico**: ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas: Autores Associados, Comissão de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, 2000, p. 86.

⁶⁹⁴ Idem. Propaganda e História: antigos problemas, novas questões. **Projeto História**. São Paulo, n. 14, fev. 1997, p. 107.

A linha é tênue entre o *direito* de poder escolher e o *dever* de ter de escolher os próprios remédios. Para o fardo da escolha, e seu combo de ansiedade, solidão e sofrimento, parece ainda não haver nenhum remédio.

FONTES

Livros de autoinstrução e de medicina

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. 3 vol. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851.

_____. **Diccionario de Medicina Popular**. 3 vol. 3. ed. Pariz: Em Casa do Autor, 1862.

_____. **Diccionario de Medicina Popular**. 2 vol. 4. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1870.

_____. **Diccionario de Medicina Popular**. 2 vol. 5. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1878.

_____. **Diccionario de Medicina Popular**. 2 vol. 6 ed. Pariz: A. Roger & F. Chernoviz, 1890.

_____. **Formulario ou Guia Medica**. 6. ed. Paris: Em Casa do Autor, 1865.

FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral** [1735]. Organização Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Oswaldo Cruz, 2002.

FRANCO, Francisco de Melo. **Medicina Teológica** [1794]. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

JACCOUD, Sigismond (Org.). **Nouveau Dictionnaire de Médecine et de Chirurgie Pratiques**. v. VIII. Paris: J. B. Bailliére et Fils, 1868.

LANGGAARD, Theodoro J. H. **Diccionario de Medicina Domestica e Popular**. 3 vol. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1865.

Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO reformado e muito acrescentado 1.º Na computação dos tempos 2.º Nas cousas agrícolas 3.º Com as virtudes medicinaes d'algumas plantas portuguezas 4.º Com os soccorros a dar aos envenenados 5.º Com a descripção e tratamento de muitas molestias 6.º Com numerosas receitas uteis e proveitosas 7.º Com o modo de descobrir as aguas 8.º Com varios jogos de cartas divertidos, etc. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, Lta, 1927.

MARTIUS, Karl F. P. Von [1844]. **Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros**. Tradução, prefácio e notas de PIRAJÁ DA SILVA. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1979.

O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO. Emendado conforme o Expurgatorio da Santa Inquisição, e traduzido em portuguez por ANTONIO DA SILVA DE BRITO. E no fim vae acrescentado com uma invenção

curiosa de uns apontamentos e regras para que se saibam fazer prognosticos e discursos annuaes sobre a falta ou abundancia do anno, e um memorial de remedios universaes para varias enfermidades. Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1857.

O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO. Emendado conforme o Expurgatorio da Santa Inquisição, e traduzido em portuguez por ANTONIO DA SILVA DE BRITO. E no fim vae accrescentado com uma invenção curiosa de uns apontamentos e regras para que se saibam fazer prognosticos e discursos annuaes sobre a falta ou abundancia do anno, e um memorial de remedios universaes para varias enfermidades [1876]. Lisboa: Vega, 1978.

PEREIRA, Nuno Marquez. **Compendio Narrativo do Peregrino da America.** Em que se tratam vários discursos espirituaes, e Moraes, com muitas advertencias, e documentos contra os abusos, que se achão introduzidos pela malicia diabólica no Estado do Brasil. Lisboa: Off. de Antonio Vicente da Silva, 1760.

ROCHA, Francisco Dias da. **Botânica Médica Cearense.** Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2008.

Livros de memórias

CAMPOS, Eduardo. **A volta do inquilino do passado** (Memória urbana e artigos de afeição). Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa editorial, 1998.

_____. **O inquilino do passado** (Memória urbana e artigos de afeição). Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa editorial, 1998.

FIGUEIREDO FILHO, J. **Meu mundo é uma farmácia.** São Paulo: Editora Instituto Progresso Editorial S.A., 1948.

LEAL, Antenor Gomes de Barros. **Recordações de um boticário.** Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980.

Livros de folclore

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica.** 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1977.

CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste.** 3. ed. Rio de Janeiro: Edições o Cruzeiro, 1967.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário de Folclore Brasileiro.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro / Ministério da Educação e Cultura, 1962.

_____. **Superstição no Brasil**. São Paulo: Global, 2002.

CHAVES JÚNIOR, Euripedes. **Nomes e expressões vulgares da medicina no Ceará**. Fortaleza: Edição Centro Médico Cearense, 1985.

RODRIGUES DE CARVALHO, José. **Cancioneiro do Norte**. Fortaleza: Militão Bivar & Cia., 1902.

STUDART, Barão de. Usos e superstições cearenses. Primeira parte. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza, t. 15, 1910.

Livros de literatura

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo I**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

BORGES, Jorge Luis. Outras inquisições. In: Idem. **Obras completas**. v. II. São Paulo: Globo, 1999.

CAMINHA, Adolfo. **A Normalista** [1893]. Fortaleza: ABC, 1997.

CORALINA, Cora. **Estórias da casa velha da ponte**. São Paulo: Globo, 2001.

LOBATO, Monteiro. **Urupês** [1919]. São Paulo: Brasiliense, 1978.

OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem** [1903]. Fortaleza: ABC, 2002.

PAIVA, Oliveira. A Afilhada [1889]. In: Idem. **Obra Completa**; introdução e pesquisa bibliográfica, Rolando Morel Pinto. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.

PATROCÍNIO, José do. **Os Retirantes** [1889]. [Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br>> Acesso em: 30 de setembro de 2014].

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze** [1930]. São Paulo: Siciliano, 2000.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas** [1938]. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2010.

Periódicos

A República.

Almanaque do Ceará.

Ceará Medico.

Gazeta do Norte.

Jornal do Ceará.

O Libertador.

O Nordeste.

O Povo.

O Sol.

Outros

Album de Fortaleza, 1931.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. Ed. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

FIGUEIREDO, Candido de [1899]. **Novo Dicionario da Língua Portuguesa.** Lisboa: Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1913.

GIRAUD, Leopold. L'Histoire d'un livre ["Dictionnaire de médecine", de P. –H. Nysten, revu par E. Littré et C. Robin]. **Journal des villes et des campagnes.** Paris: impr. De Pillet aîné, 1er novembre 1861.

LODI, Enzo. **Os santos do calendário romano.** São Paulo: Paulus, 2001.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira.** Outro Preto: Na Typographia de Silva, 1832.

QUEIROZ, Eça de. Almanques (Introdução ao 1º volume do 'Almanaque Enciclopédico'). In: Idem. **Notas Contemporâneas.** Porto: Lello & Irmão Editores, 1913.

CEARÁ. Leis do Estado. **Regulamento da Directoria Geral de Hygiene.** Aprovado pelo decreto legislativo nº 1643 de 8 de Novembro de 1918. Fortaleza: Est. Graphico A. C. Mendes, 1919.

SILVA, Innocencio Francisco da. **Diccionario Bibliographico Portuguez.** Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858.

VARAZZE, Jacopo de. **Legenda áurea:** vidas de santos. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. São Paulo: Ática, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2010.

BELTRAN, Maria Helena Roxo. **Imagens de magia e de ciência: entre o simbolismo e os diagramas da razão**. São Paulo: EDUC, 2000.

BENDICK, Jeanne. **História dos pesos e das medidas**. São Paulo: Melhoramentos, 1953.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre filosofia da história. In: KOTHE, Flávio R. (Org). **Walter Benjamin. Sociologia**. São Paulo: Ática, 1985.

BOLLÈME, Geneviève. **Les almanachs populaires aux XVIIe et XVIIIe siècles**. Essai d'histoire sociale. Paris: Mouton & Co; École Pratique des Hautes Études, 1969.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BRAUDEL, Fernand. **História e ciências sociais**. Lisboa: Presença, 1990.

CAROLINO, Luís Miguel. **A escrita celeste: almanaques astrológicos em Portugal nos séculos XVII e XVIII**. Rio de Janeiro: Access, 2002.

_____. **Ciência, Astrologia e Sociedade**. A Teoria da Influência Celeste em Portugal (1593-1755). Porto: Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papirus, 1995.

_____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **Histoire et psychanalyse: entre science et fiction**. Paris: Gallimard, 2002.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UnB, 1999.

_____. **À beira da falésia:** a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

_____. FAULHABER, Priscila; LOPES, José Sérgio Leite (Orgs.). **Autoria e história cultural da ciência.** Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012.

_____. MARTIN, Henri-Jean (Orgs.). **Histoire de l'édition française.** 2. Le livre triomphant 1660-1830. Paris: PROMODIS, 1984.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime.** São Paulo: UNESP, 2004.

_____. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. São Carlos: Edufscar, 2012.

_____. (Org.). **Práticas da leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

CORBIN, Alain. O segredo do indivíduo. In: PERROT, Michelle (Dir.). **História da vida privada** 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

COSTA, Adalgisa Botelho da. **O 'Reportório dos Tempos' de André do Avelar e a Astrologia em Portugal no século XVI.** Rio de Janeiro: Booklink; São Paulo: FAPESP/GHTC/UNICAMP, 2007.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo:** sociedade e cultura no início da França moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos.** E outros episódios da História Cultural Francesa. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ESCOLA ANATÔMICA, CIRÚRGICA E MÉDICA DO RIO DE JANEIRO. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Capturado em 02 de fevereiro de 2015. Disponível na Internet: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/escancimerj.htm#estrutura>.

FERREIRA, Jerusa Pires. Almanaque. In: MEYER, Marlyse (Org.). **Do Almanak aos almanaques.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. Notas preliminares para uma leitura do Compendio Narrativo do Peregrino da América de Nuno Marquez Pereira. **Revista USP**, São Paulo, n. 50, jun. ago. 2001.

_____. **O Livro de São Cipriano:** uma legenda de massas. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1992.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Os manuais de medicina e a circulação do saber no século XIX no Brasil: mediação entre o saber acadêmico e o saber popular. **Educar**. Curitiba, n. 25, 2005.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **O Nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens/Vega, 2002.

GALVÃO, Rosa Maria. Almanques. In: GALVÃO, Rosa Maria. (Coord.) **Os sucessores de Zacuto**. O Almanque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 1, 1988.

GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. **Civilizando as artes de curar**: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2003.

_____. Os manuais de medicina popular de Chernoviz na sociedade imperial. **Cantareira**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, abr. ago. 2004.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. Tempos do Mundo, História, Escrita da História. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. (Org.) **Estudos sobre a Escrita da História**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

JOBIM, JOSÉ MARTINS DA CRUZ. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Capturado em 02 de fevereiro de 2015. Online. Disponível na Internet: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/jobimjmcr.htm>.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto PUC-Rio, 2014.

_____. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto Editora PUC-Rio, 2006.

LANDIM, Teoberto. **Seca**: a estação do inferno. Uma análise dos romances que tematizam a seca na perspectiva do narrador. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

- LE BRETON, David, **Anthropologie de la douleur**. Paris: Métailié, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.
- MACAMBIRA, Débora Dias. **Impressões do Tempo**. Os Almanques no Ceará (1870-1908). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará, 2010.
- MAIELLO, Francesco. **Histoire du Calendrier**. De la liturgie à l'agenda. Paris: Seuil, 1996.
- MANDROU, Robert. **De la Culture Populaire aux 17e et 18e siècles**. La *Bibliothèque Bleue* de Troyes. Paris: Imago, 1999.
- MARQUES, Vera Regina Beltrão. Medicinas secretas. Magia e ciência no Brasil setecentista. In: CHALHOUB, Sidney et al. (Org.). **Artes e ofícios de curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas: Unicamp, 2003.
- MCKENZIE, D. F. **La bibliographie et la sociologie des textes**. Paris: Cercle de la Librairie, 1991.
- MEDEIROS, Aline da Silva. Partejas 'curiosas' e o corpo aberto ao mundo. In: MEDEIROS, Aline da Silva; RIOS, Kênia Sousa; LUCAS, Meize Regina Lucena [orgs]. **Imaginário e Cultura**. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural – UFC / Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.
- MELLO NETO, João Cabral de. **Educação pela pedra e outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- MELO, Rosilene Alves de. Almanques de cordel: do fascínio da leitura para a feitura da escritura, outro campo de pesquisas. **Revista IEB**, n. 52, set. mar. 2011.
- NOBRE, Geraldo da Silva. **Introdução à História do Jornalismo Cearense**. Ed. facsim. Fortaleza: NUDOC / Secretaria da Cultura do Estado do Ceará – Arquivo Público do Ceará, 2006.
- OLIVEIRA, Caterina Maria de Saboya. **Fortaleza**: seis romances, seis visões. Fortaleza: UFC, 2000.
- PINHEIRO FILHO, José Humberto Carneiro. **Um lugar para o tempo dos letrados**: leituras, leitores e a biblioteca provincial do Ceará na segunda metade do século XIX. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará, 2014.
- PORTER, Roy; VIGARELLO, Georges. Corpo, saúde e doenças. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo 1**. Da Renascença às Luzes. Volume dirigido por Georges Vigarello. Petrópolis: Vozes, 2008.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Papel Passado**: cartas entre os devotos e o Padre Cícero. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.

_____. **O fato e a fábula:** o Ceará na escrita da história. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. O conceito de anacronismo e a verdade do historiador. In: SALOMON, Marlon (Org.). **História, verdade e tempo**. Chapecó: Argos, 2011.

RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos trópicos**. A arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: HUCITEC, 1997.

RIOS, Kênia Sousa. **Engenhos da memória:** narrativas da seca no Ceará. Fortaleza: EDUFC, 2012.

_____. O tempo por escrito: sobre lunários e almanaques. In: CARVALHO, Gilmar de (Org.). **Bonito pra chover**. Ensaios sobre a cultura cearense. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. 1. A intriga e a narrativa histórica. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ROSSI, Paolo. **A Ciência e a filosofia dos modernos:** aspectos da Revolução Científica. São Paulo: UNESP, 1992.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpo e História. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v. 1, n. 1, 1993.

_____. Corpo, ética e cultura. In: BRUHNS, Heloisa Turini; GUTIERREZ, Gustavo Luis (Org.). **O corpo e o lúdico:** ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas: Autores Associados, Comissão de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, 2000.

_____. **Corpos de passagem:** ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. História do conforto na cidade de São Paulo. **Anos 90**. Porto Alegre, n. 4, dez. 2000.

_____. Propaganda e História: antigos problemas, novas questões. **Projeto História**. São Paulo, n. 14, fev. 1997.

SERRES, Michel. **Luzes:** Cinco entrevistas com Bruno Latour. São Paulo: UNIMARCO, 1999.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SOCIEDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Capturado em 02 de fevereiro

de 2015. Online. Disponível na Internet:
<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/pdf/socmedrj.pdf>.

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Iconografia da ‘mundialização’ em frontispícios da Monarquia Católica. Notas de pesquisa. **Anais Eletrônicos do X Encontro Internacional da ANPHLAC**. São Paulo, 2012.

TELLES, Felipe Bottona da Silva; BORGES-NOJOSA, Diva Maria. **A coleção Dias da Rocha no Museu do Ceará**. Fortaleza: Museu do Ceará; Secult, 2009.

THOMAS, Keith. **Religião e o declínio da magia**: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VIGARELLO, Georges. **Histoire des pratiques de santé**. Le sain et le malsain depuis le Moyen Âge. Paris: Seuil, 1999.

_____. O ingovernável nos modelos antigos e modernos de conservar a saúde. In: MEDEIROS, Aline da Silva; RIOS, Kênia Sousa; LUCAS, Meize Regina Lucena [orgs]. **Imaginário e Cultura**. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural – UFC / Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.